

Pesquisando além-mar Dilemas metodológicos de campos realizados no exterior

ORG. CARMEN RIAL E CAROLINE SOARES DE ALMEIDA

ABA PUBLICAÇÕES

Pesquisando além-mar
Dilemas metodológicos de
campos realizados no exterior

**COMISSÃO EDITORIAL DE LIVROS
CIENTÍFICOS DA ABA – CELCA**

Coordenador

Carlos Alberto Steil (UFRGS, UNICAMP)

Antônio Carlos Motta de Lima (UFPE)
Bernardo Fonseca Machado (UNICAMP)
Nathanael Araújo da Silva (UNICAMP)
Rodrigo Toniol (UFRJ)
Tânia Welter (Instituto Egon Schaden)

CONSELHO EDITORIAL

Andrea Zhouri (UFMG)
Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp)
Carla Costa Teixeira (UnB)
Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)
Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)
Cynthia Andersen Sarti (Unifesp)
Fabio Mura (UFPB)
Jorge Eremites de Oliveira (UFPEl)
Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)
María Gabriela Lugones (Córdoba/Argentina)
Maristela de Paula Andrade (UFMA)
Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB)
Patrícia Melo Sampaio (Ufam)
Ruben George Oliven (UFRGS)
Wilson Trajano Filho (UnB)

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
DIRETORIA (MANDATO 2021–2022)**

Presidenta

Patricia Birman (UERJ)

Vice-Presidente

Cornelia Eckert (UFRGS)

Secretário Geral

Carla Costa Teixeira (UnB)

Secretária Adjunta

Carly Barboza Machado (UFRRJ)

Tesoureira

Andrea de Souza Lobo (UnB)

Tesoureiro Adjunto

Camilo Albuquerque de Braz (UFG)

Diretor

Fabio Mura (UFPB)

Diretora

Patrícia Maria Portela Nunes (UEMA)

Diretor

João Frederico Rickli (UFPR)

Diretora

Luciana de Oliveira Dias (UFG)

www.portal.abant.org.br

UNB – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa norte
Prédio do ICS – Instituto de Ciências Sociais
Térreo – Sala AT-41/29 – Brasília/DF
CEP: 70910-900

Pesquisando além-mar Dilemas metodológicos de campos realizados no exterior

ORG. CARMEN RIAL E CAROLINE SOARES DE ALMEIDA

ABA PUBLICAÇÕES

**TRIBO
ILHA**
EDITORA

Copyright ©, 2022 dos autores

Organização e Coordenação Editorial

Carmen Rial e Caroline Soares de Almeida

Revisão

Alessandro Thomé

Diagramação e Capa

Rita Motta e Ryan Dias – Ed. Tribo da Ilha

Capa

ABA/Tribo da ilha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bianca Mara Souza – Bibliotecária – CRB-14/1587

P474 Pesquisando além-mar : Dilemas metodológicos de campos realizados no exterior / organização Carmen Rial; Caroline Soares de Almeida. -- Brasília : ABA Publicações, 2023.

433 p. : Il. color.; PDF ; 19,7 MB.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-87289-25-0

1. Etnografia. 2. Etnografia além-mar. 3. Norte global. 4. Sul global. I. Rial, Carmen. II. Almeida, Caroline Soares de. III. Título.

DOI Livro 10.48006/978-65-87289-25-0

CDD 370.7

Índice para catálogo sistemático:

1. – CDD 370.7 - Educação, pesquisa e tópicos relacionados

SUMÁRIO

- 9** Apresentação
(Carmen Rial, Caroline Soares de Almeida)

Parte I

Etnografias além-mar

- 16** *Flâneries* multissitiadas etnográficas
(Carmen Rial)
- 32** Revisitando as reminiscências de uma experiência etnográfica
(La Grand-Combe, França)
(Cornelia Eckert)
- 69** Empreendedores imigrantes étnicos na Place d'Italie, Paris
(Carmen Rial, Miriam Grossi e Andrea Eichenberger)
- 105** A dupla presença Estudantes brasileiros/as
na Itália em tempo de pandemia
(Alex Vailati)
- 123** A pesquisa em movimento e a circulação de
futebolistas mulheres entre Brasil e Portugal
(Caroline Soares de Almeida)
- 138** Desafios de uma pesquisa no
escuro em *gay clubs* berlinenses
(Wagner Xavier de Camargo)
- 166** Deslocamentos, alteridades e experiência
enquanto antropóloga e estrangeira em Lisboa
(Márcia Calderipe)
- 195** Nos entremeios: reflexões sobre a espera durante uma
etnografia sobre as práticas alimentares de
brasileiros na região de Boston
(Viviane Kraieski de Assunção)

Parte II

Etnografias aquém-mar

- 210** Três formas imaginárias de um estrangeiro entre pescadores de bote a motor da Ilha de Santa Catarina (Matias Godio)
- 248** At home and at the other side of the Atlantic. Polish anthropologist among Polish diaspora (Karolina Bielenin-Lenczowska)
- 272** Genealogias e redes: pesquisando entre chineses (Franco Dani Araújo e Pinto)
- 286** Olhar para o extraordinário: desafios e possibilidades de um campo a distância (Natalia Pérez Torres)

Parte III

Etnografias Brasil-Holanda

- 321** Amsterdã: uma casa, múltiplas vozes, várias nacionalidades e o conteúdo da geladeira (Carla Pires Vieira da Rocha)
- 346** Remando nas águas de Amsterdam. Fragmentos do meu diário de campo (Cristhian Rodriguez)
- 361** De Novo Hamburgo a Amsterdã: quando o Sul estuda o Norte (Margarete Fagundes Nunes)
- 381** Vinil ou not vinil: garimpando uma pesquisa nas feiras e lojas de discos (Luceni Hellebrandt)
- 403** “Vaca, frio, Romário, PSV e Ronaldo, só sabia disso”: de quando um pesquisador calçou as chuteiras nos campos holandeses de *voetbal* (Luciano Jahnecka)
- 427** Sobre Autoras e Autores

Apresentação

Carmen Rial
Caroline Soares de Almeida

Até os anos 1990, as pesquisas etnográficas — e também as fundadas em outras metodologias — realizadas por pesquisadores brasileiros no exterior eram raras. Nossos pesquisadores e estudantes buscavam especialmente no Norte global teorias a serem empregadas nos seus objetos, situados no interior das fronteiras do país. Por exemplo, na Antropologia predominava amplamente o que se definiu como uma “Antropologia Nacional”, oposta à “Antropologia de Império”, realizada por colegas dos países hegemônicos — aqueles que ficaram conhecidos por dar aporte ao desenvolvimento de tradições intelectuais que originaram três paradigmas do pensamento antropológico e que desde seus inícios se voltaram para objetos situados fora de suas fronteiras nacionais (Roberto Cardoso de Oliveira, 1995). Cardoso de Oliveira classifica essas “escolas” como: Paradigma Racionalista ou “Escola Francesa”; Paradigma Empirista ou “Escola Britânica”; Paradigma Culturalista ou “Escola Norte-Americana”. Como destacou Mariza Corrêa (2013), há um lado irônico no desenvolvimento de tradições antropológicas nacionais no decorrer do século XX, já que essa “disciplina que se quer uma *ciência do outro*” (Corrêa, 2013, p. 35) surgiu em diferentes países via representantes dessas três escolas desenvolvidas no Norte global.

No Brasil, os primeiros departamentos de Antropologia nas universidades do país surgiram em meio a visitas de missões estrangeiras. Mariza Corrêa, ao mencionar uma fotografia de 1939 feita no pátio do Museu

Nacional, descreve a presença de Lévi-Strauss,¹ Ruth Landes e Charles Wagley ao lado de Heloísa Alberto Torres, então diretora da instituição, Luís de Castro Faria, Raimundo Lopes e Édison Carneiro:

Lévi-Strauss, e com ele muitos outros integrantes das várias “missões francesas” que para cá vieram na época, estava deixando o Brasil, logo após uma viagem de pesquisa que teria importância marcante no seu trabalho e do qual participaram dois outros antropólogos, um deles presente na foto (Castro Faria). [...] Os dois outros estrangeiros fixados pela câmera brasileira, Ruth Landes e Charles Wagley, vindos de Columbia, aparentemente atendiam a um apelo feito por dona Heloísa a Boas (Wagley, 1977)² no sentido de enviar pesquisadores treinados ao país: não eram os primeiros antropólogos norte-americanos a chegar e não seriam os últimos, mas foi nessa época que a sua vinda se intensificou. A presença de ambos — e a do professor Donald Pierson, vindo da Universidade de Chicago, que começou a trabalhar no ensino e na pesquisa em São Paulo no mesmo ano — indica uma mudança de orientação metodológica e teórica que seria decisiva para os caminhos das ciências sociais no país, e para a antropologia em particular, até meados da década de 60. Inicialmente, e em termos institucionais, Columbia e Chicago deterriam esta influência, só mais tarde compartilhada por Harvard e, depois, multiplicada (Corrêa, 2013, p. 36-37).

Assim, uma tradição antropológica brasileira só pôde ser vista entre os anos de 1960 e 1980, quando essa disciplina se consolidou como uma ciência social — sob forte influência também da Sociologia, bastante desenvolvida no país desde as décadas anteriores, sobretudo em São Paulo (Mariza Peirano, 2000). Ao mesmo tempo, foi durante esse período que começam a surgir cursos de pós-graduação em Antropologia nas universidades

¹ Claude Lévi-Strauss participou da “missão francesa” organizada para a fundação da Universidade de São Paulo.

² Corrêa faz referência ao texto *Welcome of tears. The Tapirapé indians of central Brazil*. Nova York: Oxford University Press, 1977.

brasileiras. Esse contexto teria sido propício para que “questões urbanas puderam ser vistas como legítimas em termos etnográficos, e, em seguida — para completar o caminho de volta —, o estudo da própria prática e produção dos cientistas sociais tornou-se relevante” (Peirano, 2000, p. 225).

A formação de um maior número de antropólogas/os nos programas de pós-graduação no país teve como consequência o aumento na mobilidade acadêmica de brasileiras/os para o Norte global. Nesse âmbito, grande parte das pesquisas etnográficas desenvolvidas tinha seus trabalhos de campo realizados em solo brasileiro.

A partir da década de 1990, a situação mudou radicalmente. Eventos e grupos sociais urbanos europeus e estadunidenses tornaram objetos de estudo de discentes e docentes do Brasil. Na atualidade, essa mudança ainda é mais perceptível. Hoje, dificilmente uma/um estudante obteria uma bolsa para doutorado no exterior propondo um estudo de grupos, eventos, narrativas, rituais com campos situados unicamente no Brasil. Nossas agências de fomento e a academia de modo geral entendem que a estadia no exterior deve propiciar ao candidato a possibilidade de estudar o local escolhido para sua mobilidade, ainda que seja desejável comparar com realidades brasileiras e, claro, que tenha relevância social no nosso país. As pesquisas etnográficas apresentadas neste livro elucidam parte dessa mudança.

Na verdade, os primeiros textos aqui apresentados correspondem a etnografias realizadas, ainda na década de 1980. Os capítulos abordam os contratemplos e as possibilidades dos trabalhos de campo (ou em arquivos) no exterior, com ênfase na metodologia empregada.

São investigações que de alguma forma estão vinculadas ao Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI) ou ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências (PPGICH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Esses deslocamentos foram financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio do Programa Institucional de Internacionalização (PRINT), do Programa de Doutorado-Sanduiche no Exterior (PDSE) e do convênio

CAPES/NUFFIC; e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Doutorado-Sanduíche no Exterior (SWE) e Pós-Doutorado no Exterior (PDE). Excetua-se apenas o texto escrito por Cornélia Eckert, professora titular aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sobre seu trabalho de campo em La Grand-Combe, no França, realizado para seu doutorado em Antropologia Social – Paris V – Sorbonne, concluído em 1991.

O livro é dividido em três partes. A primeira, “Etnografias além-mar”, é composto por textos que descrevem metodologias conduzidas por pesquisadoras e pesquisadores do Brasil e/ou de vinculados a instituições brasileiras, em contextos do Norte global entre as décadas de 1980 e 2020. Constituem experiências que exigiram a busca de ferramentas teóricas e metodológicas que pudessem dar conta das problemáticas empreendidas nesses deslocamentos contra-hegêmonicos, epistemológicos e territoriais. A França aparece em três capítulos nessa primeira parte: além da localidade de La Grand-Combe, pesquisada por Cornélia Eckert, está presente na pesquisa multi-sited (Marcus, 1995) em fast-foods, por Carmen Rial, e entre imigrantes-empresendedores, escrita por Carmen Rial, Miriam Grossi e Andrea Eichenberger, em Paris. Em Portugal, temos as pesquisas com futebolistas brasileiras, por Caroline de Almeida, e entre estudantes no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) da Universidade de Lisboa, por Márcia Calderipe. Em Berlim, Wagner Camargo nos leva ao interior dos dark rooms de boates gays, refletindo sobre a presença de odores e sensações tácteis a serem captadas pelo pesquisador, e a necessidade de desenho que alguns campos impõem. Na região de Boston, Viviane Kraieski nos faz pensar sobre os tempos de espera, os silêncios e as afetações de sua pesquisa sobre consumo alimentar de imigrantes brasileiros. Já o antropólogo Alex Vailati contribui com uma incursão na subjetividade dos intercambistas que circulam entre o Brasil e a Itália, com as técnicas de pesquisa possibilitadas pela internet e que a pandemia colocou no centro das investigações antropológicas atuais.

“Etnografias aquém-mar”, segunda parte desta coletânea, aborda pesquisas em contextos do Sul global, mais precisamente sobre deslocamentos a países sul-americanos. Nesses entremeios, apresentamos os capítulos do antropólogo argentino Matias Gódio sobre uma etnografia realizada entre pescadores de Florianópolis embarcados em bote a motor; e da também antropóloga e linguista polonesa Karolina Bielenin-Lenczowska com brasileiras/os de origem polonesa na Colônia Rio Claro, município de Mallet, no Paraná. Natalia Pérez Torres aborda as diferenças nos olhares de pesquisadora – da centralidade do estar lá e estar aqui – sobre três momentos em que realizou trabalho de campo em seu país natal, a Colômbia. Esse exercício metodológico de deslocar o olhar sobre questões relacionadas à territorialidade também guia o texto de Franco Dani Araújo e Pinto, que investigou as rotas e a genealogia de imigrantes chineses em Governador Valadares – cidade historicamente conhecida como centro emigratório, sobretudo pelo fluxo de valadarenses para os Estados Unidos.

A última parte, “Etnografias Brasil-Holanda”, destaca trabalhos de campo realizados por meio do convênio entre a CAPES e a agência de fomento holandesa NUFFIC, por meio da Universidade Federal de Santa Catarina e da Vrije Universiteit Amsterdam, coordenados por Carmen Rial (UFSC) e Freek Colombijn (VU – Amsterdam), desde 2012. O intuito inicial era estabelecer o intercâmbio entre pesquisadores brasileiros e holandeses das Ciências Humanas e que concentrassem seus estudos na intersecção das temáticas “resíduos sólidos” e “globalização”. Porém, os textos que fazem parte desta coletânea abordam experiências etnográficas que vão além e expõem a face de pesquisadoras/es que discutem esse fazer etnográfico a partir de uma perspectiva contra hegemônica em Amsterdam, a maior cidade de um país que tem pouca tradição de investigações sobre grupos sociais internos. Carla Pires Vieira da Rocha aborda as relações estabelecidas em uma moradia multiétnica; Cristhian Cajé fala de trabalho de campo como “estrangeiro” – na concepção atribuída à Baudelaire – em um clube de remo; a ênfase na mobilidade geográfica e sua relação com o contexto acadêmico é o tema discutido por Margarete Fagundes Nunes; já

Luceni Medeiros Hellebrandt mostra como o uso de aplicativos de localização podem auxiliar no trabalho de campo, no seu caso, na pesquisa sobre lojas que vendem discos de vinil. Por fim, Luciano Jahnecka aponta para as facilidades de ter uma identidade étnica de brasileiro e experiência na prática do futebol ao pesquisar futebolistas ‘menores’ imigrantes na Holanda.

São muitas as contribuições epistemológicas que os deslocamentos proporcionam, como a antropologia sabe desde os seus inícios. O livro aqui apresentado busca mostrar que esses deslocamentos podem ter outro sentido: o do Sul para o Norte global, o do Sul para o Sul.

Boa leitura.

Referências

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “A categoria de (des)ordem e a pós-modernidade antropológica”. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Pós-modernidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

CORREA, Mariza. Traficantes do excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos 60. In: CORRÊA, Mariza. *Traficantes do simbólico e outros ensaios sobre a história da antropologia*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013, p.35-70.

MARCUS, George. “Ethnography in/of the World System: the Emergence of Multi-sited Ethnography”. In: *Annual Review of Anthropology*, 24, 1, p. 95-117, 1995.

PEIRANO, Mariza. *A antropologia como ciência social no Brasil*. Etnográfica, v. IV (2), 2000, p. 219-232.

Parte I

Etnografias além-mar

Flâneries multissitiadas etnográficas³

Carmen Rial⁴

Flâner, flanar — o termo passou a fazer parte do vocabulário das ciências humanas depois de seu uso por Benjamin (especialmente) e por Baudelaire. Nos dois casos, trata-se de vagar pela cidade, se deixar impregnar pelas informações da cidade, pelas cores, sons, texturas; deixar a imaginação trabalhar estimulada pelo espaço da cidade, por seu movimento. Não se flana no mundo rural. Flanar metodologicamente é passar de um lugar ao outro sem fixar um território como o *locus* de uma pesquisa, é se deixar levar pelo objeto, é fazer — no nosso caso — uma antropologia “on the road”, tal como proposta por James Clifford (1997).

Algumas pesquisas que levam em conta o movimento dos interlocutores (e são feitas em movimento pela antropóloga) são mais bem realizadas se multissitiadas. Neste texto, abordo pesquisas etnográficas no exterior, resultados de flânerias, e que foram multissitiadas, tendo como objeto cadeias de *fast-food* (1988-1992) e estádios de futebol (2003-2013). Na primeira delas, o uso do corpo (tal como preconizado anos mais tarde por Loïc Wacquant (2006) foi central.

³ Agradeço à Miriam Grossi que me acompanhou na redação do meu D.E.A., no trabalho no Quick de La Défense, e cujas observações e comentários foram incorporados no trabalho final; assim como minhas grandes amigas e interlocutoras por muitos anos, no mestrado e no doutorado em Paris, Cornélia Eckert e Ana Luiza Rocha, com quem discuti metodologia, etnografia e teoria antropológica.

⁴ Jornalista e antropóloga, tem doutorado em Antropologie et Sociologie pela Université de Paris V. Professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

A pesquisa com os *fast-foods* teve como objetivo analisar o processo de globalização cultural, seus movimentos de homogeneização e heterogeneização, por meio do estudo de caso das cadeias de *fast-food*. E fornecer dados etnográficos de um lugar e uma comida que, embora sua imensa visibilidade mediática e no espaço urbano das grandes metrópoles, era até então bem pouco abordada, constituindo-se um universo (especialmente em sua dimensão de trabalho) quase desconhecido. Busquei analisar os *fast-foods* enquanto um caso exemplar e extremo de tentativa de multiplicação mundial de um padrão homogêneo (o *global standard*, como diziam os seus *managers*), sugerindo que sua lógica de disseminação planetária, onde se mescla homogeneidade e heterogeneidade, pode nos esclarecer muito sobre os processos de globalização cultural contemporâneos.

Exploro aqui as opções empregadas na metodologia: a itinerância da flâneria e dos múltiplos sítios e o uso do corpo.

A escolha do objeto: globalização cultural

Umberto Eco dizia a propósito de suas motivações para escrever *O nome da rosa* que ele tinha simplesmente vontade de envenenar um monge.⁵ Para mim, no início, escrever sobre os *fast-foods* era um modo de elaborar — no sentido psicanalítico do conceito — uma experiência bastante desagradável: minha difícil e triste condição de trabalhadora num *fast-food*, que coincidiu no tempo com a necessidade de realizar uma pesquisa para o Diploma d'Etudes Approfondis (doravante D.E.A.), primeira etapa do doutoramento, que realizei em Paris V — Sorbonne.

Quando cheguei na França, em 1983, vinda de Florianópolis, onde já era professora na UFSC, para realizar o D.E.A., contava apresentar como

⁵ Eco, Umberto *Apostille au Nom de la Rose*. Paris, Grasset, 1985, p.18.

*mémoire*⁶ de pesquisa a continuação da etnografia de um comissariado de polícia de Porto Alegre, que tinha feito quando do ingresso no PPGAS na UFRGS. Porém, o entorno de uma cidade global, os debates nos seminários

⁶ O *mémoire* é um dos três textos que compunha um D.E.A. em Paris V — Sorbonne, na época, os outros sendo um ensaio bibliográfico e um projeto de pesquisa a ser desenvolvido no doutoramento. O *mémoire* constituía-se em texto resultado de uma pesquisa. Realizei o *mémoire* entre 1983 e 1984 e a tese de doutorado entre 1988 e 1992. A escolha do objeto foi um *lucky accident* — como diria Margareth Mead —, tão recorrente entre os antropólogos. Foi realmente por acaso que resolvi pesquisar nos *fast-foods* o problema da globalização cultural, que foi minha tese de doutorado. Inicialmente, o plano era outro: desejava pesquisar um ethos ecológico entre camadas médias analisando a autoconstrução das casas na Lagoa da Conceição. Apresentei como projeto de tese no D.E.A. junto com outros dois textos exigidos: uma resenha e uma pesquisa completa. No meu caso, o projeto de tese “Les Maison écologiques” (40pp) sobre o ethos e o estilo de vida de camadas médias moradoras em casas autoconstruídas na Lagoa, a pesquisa “Manger-Show: les fast-food à Paris” (60pp), e a resenha de “Carnaval, Bandits et Héros”, um ensaio bibliográfico centrado sobre o livro brasileiro recém-traduzido, *Carnavais, Malandros e Heróis*, de Roberto Da Matta. Minha banca era formada por dois africanistas (meu orientador L.-V. Thomas e George Balandier), e por Robert Creswell, que escrevera sobre uma comunidade no interior da Irlanda. O ensaio bibliográfico não chamou a atenção da banca — nem sei se o leram. Quando chegou na discussão do projeto, Creswell começou a fazer perguntas bem distantes do que eu pretendia estudar. “Mas esses ecologistas que constroem na Lagoa, quantos metros tem esse terreno? O que eles vão plantar?” Entende-se: estudar camadas médias urbanas na França, na época, não era comum — estou falando do início dos anos 1980. Marc Augé escreveu *Um antropólogo no metro* nos anos 1990, e foi uma ruptura. Colette Pétonnet — que conheci por intermédio da Claudia Fonseca — nos anos 1980 era conhecida pelo trabalho na periferia, não por suas incursões no cemitério Père Lachaise ou nas feiras de rua. Mas apreciaram positivamente a pesquisa sobre a publicidade dos *fast-foods*, que estavam recém-começando a se instalar no país, e o diálogo com a literatura de antropologia da alimentação. Daí ter desistido de estudar as casas ecológicas, e me concentrei na tese nos *fast-foods*. A antropologia alimentar, tão desenvolvida na França, não tinha ainda dedicado aos *fast-foods* pesquisas, ainda que alguns pesquisadores o apontem como um fenômeno cultural significativo (Pascale Pynson, 1986). As pesquisas quantitativas sobre refeições “fora de casa” do INSEE não previam nenhuma categoria visando diretamente os *fast-foods* — o questionário mencionava os cafés, os restaurantes, as “cantinas” (restaurantes nas empresas) etc., mas não os *fast-foods*. Ou seja, ao lado de sua visibilidade notória que constatamos nas cidades, na mídia e junto a diversos grupos sociais, os *fast-foods* permaneciam um objeto, por assim dizer, invisível para as ciências sociais.

sobre o que chamavam de “modernidade” (e logo depois, de “pós-modernidade”), me empurravam a refletir sobre outros objetos. Manter meu interesse sobre um pequeno comissariado era difícil. “Sentia-me como uma antropóloga que, morando entre os Yanomani na Amazônia, tivesse que escrever sobre a delinquência juvenil em Berlim, mergulhada em uma esquizofrenia total”, escrevi no início do texto do D.E.A. Já estava decidida a mudar de objeto quando uma circunstância externa me fez escolher os *fast-foods* como campo de pesquisa.

De fato, como a maioria dos imigrantes que estudam na França e que contam com recursos suficientes para o aluguel e para comer, mas escassos para as despesas culturais, busquei um trabalho.⁷ Toda uma gama de *petits travaux* eram (e são) disponíveis no mercado para estudantes ou imigrantes, sem que se exija o *permis de travail*, documento necessário para acessar o mercado de trabalho formal, entre os quais, cuidar de crianças, ensinar a língua “brasileira”, como dizem os franceses, ou fazer faxinas. Como o trabalho legal só é possível depois de dois anos de residência na França, a solução que encontravam era colocar um anúncio em murais diversos — como o de lavanderias em livre-serviço, no jornal *Libération* — ou ter a sorte de encontrar uma empresa que não exigisse a carta de trabalho. Atualmente, com a ajuda da internet, oferece-se toda uma gama de serviços em blogs e nas redes sociais.

Uma colega da universidade nos indicou como possibilidade de trabalho um dos 795 pontos de venda da rede franco-belga Quick, um *fast-food* localizado no quarto andar do vasto Centro Comercial 4 Temps, na futurista La Défense, cidade colada a Paris. Foi o desinteresse pelos outros possíveis trabalhos e, sobretudo, a facilidade na contratação dos empregados que me conduziu aos *fast-foods*, onde não se exigia experiência de trabalho anterior e, o que é fundamental para uma estrangeira, as formalidades legais.

⁷ Tinha ingressado no ano anterior como docente na UFSC e, para o afastamento, consegui uma licença não remunerada. Como não tinha bolsa, contava com os recursos poupados e uma ajuda familiar mensal, durante do D.E.A (1984-1985).

A ideia de trabalhar em um restaurante (no linguajar peculiar das cadeias, os restaurantes *fast-food* são chamados de *lojas*) atiçava minha curiosidade — e a curiosidade, sabemos, é pré-condição para uma pesquisa. Tinha tido contatos com *fast-foods* em três momentos separados por intervalos de alguns anos e no curso dos quais experienciei sensações bem diversas. No primeiro contato, em 1973, tratava-se de uma cliente adolescente morando nos Estados Unidos, seduzida pela novidade; no segundo encontro, em 1982, eu era uma turista viajando pela Europa, e a emoção experimentada foi a de um reencontro — com minhas recordações de adolescente, mas também, em cada país visitado, com algo conhecido em uma multidão de restaurantes desconhecidos, com um lugar de referência e, em consequência, de repouso (Gaston Bachelard, 1990). Permito-me deter um pouco nessas experiências preliminares porque foram decisivas para o desenvolvimento da pesquisa, do campo à redação final deste texto, abrindo caminhos que foram ampliados posteriormente. Voltaremos a metodologia logo após.

O primeiro contato remonta, portanto, ao início dos anos 1970, durante minha estada por um ano na costa leste dos Estados Unidos.⁸ Os *fast-foods* se constituíam então uma das atividades de lazer abordáveis financeiramente, e várias vezes visitei *drive-ins* e restaurantes desse tipo com meus colegas de escola, brancos, judeus, de classe média. Quando penso nessa primeira experiência como cliente, não é nem o gosto nem a textura ou o aspecto dos meus primeiros hambúrgueres que me veem à mente. As imagens que meus olhos de adolescentes retiveram remetem ao assombroso do lugar: a emoção inédita de entrar em uma fila de automóveis para comer, de passar ordens por um microfone ao caixa, que as transmitia gritando à cozinha, de receber o pedido alguns metros mais adiante, através de outra janela, e de buscar, em seguida, um lugar no parking ou retomar a estrada para comer as batatas fritas rodando.

⁸ Como estudante bolsista do American Field Service na Monmouth Regional High School em New Shrewsbury, renomeada atualmente para Tinton Falls, em New Jersey.

“Como no cinema”, pensava então, tudo automático, “moderno”. Antes dessas visitas presenciais, os *fast-foods* eram parte do que eu via apenas nas telas, nos filmes norte-americanos:⁹

o mundo das luxuosas limusines stretched out climatizadas, dos fogões elétricos, das máquinas de lavar-louça, ainda raras no Brasil de então. A dimensão desse novo modo de consumo me cativava. Não exatamente a do “prato” que tínhamos diante dos olhos — os hambúrgueres, as batatas fritas, os hot-dogs eram bem conhecidos nas cidades brasileiras, vendidos em quiosques ou em camionetas remodeladas em cozinha. A novidade residia inteiramente no arsenal tecnológico que rodeava a refeição. As lembranças que guardei das visitas nos *fast-foods* nos Estados Unidos me faziam pensar sobretudo em um jogo — e a dimensão lúdica se acrescentava a uma outra, subversiva, de reversão de certas normas de civilidade que me tinham sido inculcadas desde a infância: não comer com as mãos, não comer fazendo outra atividade ao mesmo tempo, comer em mesas, comer com pratos.

Os *fast-foods*, assim, me capturaram pelo espetáculo que ofertavam. “Olha, tem uma câmara de televisão mostrando a cozinha”. “Tu vistes, eles nos serviram em dois minutos!”, dizia aos colegas. Eles me transportavam para o futuro, potencializando a sensação geral de estar em um país mais avançado tecnologicamente. Tal fascinação era bem mais forte do que a exercida sobre os meus colegas “nativos”, para quem os *fast-foods* já faziam parte da paisagem da infância. Não que o Brasil fosse totalmente privado desses restaurantes — havia o Bob’s, uma verdadeira cadeia de *fast-food*. Mas a localização do Bob’s, nos anos 1960 e 1970, se restringia ao Rio de Janeiro, situado a bons 800 quilômetros de minha cidade.

Meu segundo contato com os *fast-foods* ocorreu alguns anos mais tarde, em 1982, como turista na Europa. E foi sua homogeneidade que, então, me surpreendeu. Para mim, viajar sempre significou experimentar

⁹ Uso aqui o adjetivo “americano” para me referir aos Estados- Unidos, como se faz comumente no Brasil, e não ao continente. O correto seria usar estadunidense.

cozinhas diferentes: os alimentos guardam neles uma capacidade de *dépay-
sément* imediato, a cozinha sendo, como Lévi-Strauss (1968) bem demons-
trou, organizada enquanto uma linguagem na qual as gramáticas culinárias
traduzem inconscientemente estruturas sociais. Como, então, compreen-
der que na Alemanha como na Holanda, na Espanha como na Bélgica ou
ainda na França, o país da *haute cuisine*, eu pudesse encontrar não apenas
o mesmo hambúrguer, mas também o mesmo ambiente de quando da mi-
nha estada nos Estados Unidos? No plano racional, a ideia dessa globaliza-
ção me apavorava. E apavoravam muitos: os *fast-foods*, e em especial os da
rede McDonald's, portavam o estigma de símbolos da conquista capitalista
norte-americana no mundo. Seus luminosos plantados de modo arrogante
na Europa pareciam bandeiras de um novo império em plena expansão. No
entanto, emocionalmente, a visão desses luminosos conhecidos me traziam
uma certa serenidade: ali eu sabia exatamente o que encontraria, o quanto
pagaria pela refeição, e que entenderiam o meu pedido, não importando a
língua do país onde estava. Eles me tranquilizavam.

A experiência no Quick, no entanto, foi bem diferente dessas ante-
riores. O trabalho se mostrou desde o início pavoroso, dada a imposição de
um ritmo histérico, de uma cadência que eu não controlava, de máquinas,
e, sobretudo, pela arrogância de chefes autoritários — especialmente essa
arrogância me *afetou*, no sentido que Fravret Saad (1990) daria ao termo
décadas depois. Tinha a necessidade de “elaborar as batatas fritas”, ou seja,
o que aquela como aquele trabalho impactava corpo e espírito, e vontade de
“matar” — não monges, mas chefes. A essas angústias se acrescenta o fato
de se tratar de um trabalho manual, longe de minhas experiências de infân-
cia e adolescência, filha de classe média alta que, como é comum no Brasil,
resquíio de tempos coloniais, sempre contou com o serviço de empregadas
domésticas na família de origem.

Os primeiros dias no Quick de La Défense, o maior estabelecimento
da cadeia na França,¹⁰ foram um pesadelo. Ao voltar para casa depois de

¹⁰ Na época, o Quick contava com mais de 60 empregados e uma produção diária média de 6 mil hambúrgueres.

um dia de trabalho, sentia que o *fast-food* tomara posse do meu corpo: a luminosidade excessivamente forte do setor de batatas fritas me fazia ver, literalmente, estrelas em minhas retinas a cada piscar de olhos; meus cabelos cheiravam a gordura, e minhas mãos exibiam as queimaduras de gestos em falso. Pior ainda: os gritos dos superiores e os assobios das máquinas que anunciavam o início e o fim das operações ressoavam em meus ouvidos. Eu me sentia presa em um universo de trabalho automatizado que demandava uma tal disciplina e uma precisão de movimentos como jamais imaginei olhando a cozinha, enquanto cliente, do outro lado do balcão. Um trabalho que objetivava meu corpo como extensão da máquina, obediente às máquinas, realizando operações repetidas e cadenciadas mesmo na ausência das máquinas (por exemplo, quando devia limpar a sala da “loja”).

Há todo um segredo em relação ao que se passa por trás do balcão, embora a aparente transparência da cozinha. Dificilmente alguém conseguiria escrever sobre o trabalho no *fast-food* se não tivesse trabalhado ali, pois não teria como conhecer as categorias nativas relevantes, a vertigem da velocidade exigida em algumas tarefas.

De fato, na introdução da tese, começo descrevendo como me senti no primeiro dia de trabalho no *fast-food*: como em um *pit-stop* de uma corrida de Fórmula 1, tal o movimento, tal a correria. Colocar um copo sob uma máquina e enchê-lo de líquido, que parecia uma operação extremamente fácil, me foi explicado em detalhes pela supervisora, enquanto eu a olhava achando ridícula todas aquelas instruções para uma tarefa que me parecia óbvia. No momento que eu comecei a realizá-la, na cadência necessária, vi que caía Coca-Cola por todos os lados. Interrompi o circuito de *fast-food* com o meu desajeito criando desespero nas outras atendentes, que ficaram bloqueadas por falta de refrigerante. Aprendi que ali nada era feito como em uma cozinha comum.

Foi essencial ter trabalhado no *fast-food*, me impregnado com um cheiro de batatas fritas que não saía, não importasse quantos banhos tomasse, entrar em câmeras congeladoras a menos 50 graus centígrados e, sobretudo, suportar as humilhações e os gritos dos chefes naquela hierarquia militar que

é a de um *fast-food* como o Quick. Se eu não tivesse aprendido no corpo, vivido os sentimentos todos que aquele trabalho suscitava, dificilmente entenderia o trabalho ali. Uma etnografia carnal, diria Loic Wacquat (2006).

Há campos onde a observação passa pelo corpo de modo ainda mais intenso e penetrante. Mas penso que em todo campo, o que contamos, ao final, são as mudanças que ele produz em nós, antropólogos. E estas vão além do objetivo da Antropologia de “submeter conceitos pré-estabelecidos à experiência em diferentes contextos”, para substituí-los por outros mais adequados. Pesquisar com o corpo foi uma das lições desse campo. Assim, essa experiência que ia além da observação participante, pois me fazia mergulhar subjetivamente de tal modo naquele universo, impedindo o distanciamento exigido na observação, foi um ótimo estímulo para a escrita, esta sendo meio de elaborar as fritas e matar “monges”, no meu caso, os e as chefes.

Evidentemente, essa estadia entre os hambúrgueres ocupava as conversas que tinha com os amigos, e apercebi cedo que eles também se interessavam pelo modo de preparar um hambúrguer em série, de encher simultaneamente quatro copos de diferentes refrigerantes e pelas funções desempenhadas pelo *videur* — nome que davam ao segurança encarregado basicamente de esvaziar as mesas dos que se detinham mais do que o tempo esperado. Suas questões guiaram a divisão dos capítulos da tese.

Por quatro meses, trabalhei no Quick de La Défense, cinco vezes por semana, com uma jornada flexível que variava de duas a cinco horas, dependendo da escala determinada pela chefia. E por cinco anos — em 1984-85 e depois em 1988-92 — acompanhei, visitando lojas, entrevistando pessoas e através da mídia, a trajetória de expansão dos *fast-foods* no mundo e especialmente na França, onde residi nesses períodos.

Pesquisa multissitiada e flânerie

Metodologicamente, abordei os *fast-foods* com uma pesquisa etnográfica itinerante. Ainda que inicialmente o trabalho de campo tenha se centrado

nas cidades de Paris, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, realizei visitas e entrevistas em muitas outras cidades: Campinas, Brasília, Recife, Belo Horizonte, Curitiba e Florianópolis. Na França, observei e entrevistei em Rouen, Marseille, Nîmes, Toulouse, Reims, Grenoble, Avignon e Strasbourg. Além desses dois países que foram meu campo preferencial, realizei entrevistas com outros trabalhadores, consumidores, gerentes de lojas, diretores de cadeias, publicitários responsáveis pelos anúncios e o marketing das cadeias, além de anotações de observações feitas pelas mais diferentes atores sociais cada vez que dizia estar pesquisando os *fast-foods* em cidades como Buenos Aires, Nova York, Londres, Marraqueche, e observações em diversos outros lugares: Budapeste, Berlim, Colônia, Amsterdam, Bruxelas, Madri, Barcelona, Lisboa, Helsinque, Budapeste e Viena. Ou seja, uma pesquisa que poderíamos definir, usando um conceito forjado posteriormente por George Marcus (1995), como multissitiada geograficamente. Além disso, contei com um batalhão de caçadores de guardanapos de bandeja, pessoas próximas que me trouxeram peças publicitárias como se fossem troféus e, conseqüentemente, histórias de experiências pessoais e recortes de jornais, me mantendo atualizada com a publicidade nesses e em países como Turquia, Grécia, Austrália, Chile, Argentina, Itália e Estados Unidos. Ou seja, multissitiada (Marcus, 1995) em termos de fontes.

A pesquisa me colocou algumas questões metodológicas particulares. A primeira concerne à relação pesquisadora-objeto. Quando do trabalho de campo, utilizei dois procedimentos complementares: junto aos trabalhadores, pude me estabelecer no grupo e compartilhar uma parte do seu cotidiano, fazer o que se chama de uma *observação participante*, uma *démarche* metodológica clássica na antropologia. No entanto, junto aos “frequentadores” de *fast-foods*, um tal procedimento não teria sentido. Mais do que me enraizar em um lugar preciso, pratiquei uma *flânerie*, circulando entre um grande número de estabelecimentos.

O que existia de pesquisa em restaurantes na França (Michèle La Pradelle, 1984), por exemplo, eram trabalhos nos quais se escolhia um restaurante e ali permanecia-se, por dias e dias, estabelecendo relações de

confiança com os clientes, olhando, ouvindo, conversando. Esses bares e restaurantes eram frequentados por clientes fiéis, que retornavam ao lugar quase que diariamente, que encontravam amigos, que conheciam o proprietário. Cedo me dei conta de que não era isso o que acontecia com os *fast-foods* e não seria assim que se deveria pesquisá-los, que ali não se estava diante de clientes (*habitués*), e sim de usuários, frequentadores, consumidores eventuais, de turistas, de pessoas que transitavam entre um e outro. Desse modo, o ideal não era se plantar em um só, mas realmente transitar entre vários, participar nesse fluxo — daí a ideia de uma *flânerie*, inspirada na figura do *flâneur* de Benjamin (1997), um ser errante que vaga pelas cidades ociosamente, sem destino certo, vivendo a experiência urbana e as novas transformações no espaço, nas práticas sociais, na multidão. A multidão é atrativa para o *flâneur*, que a observa em movimento e no anonimato, e é capaz de experimentar variadas sensações — como pesquisador anônimo e como espectador desse movimento. A *flânerie* pode ser tomada como um objeto de observação — o vagar dos outros na metrópole —, e, além disso, é uma forma de manter a privacidade do pesquisador em meio ao objeto. “A multidão é um véu através do qual a cidade habitual dá uma piscada para o *flâneur* como uma fantasmagoria. Nesse véu, a cidade aparece como paisagem e como vitrine” (Walter Benjamin, 1984, p. 10).

Vagar de um *fast-food* a outro, anonimamente, como fazem seus frequentadores, foi o procedimento adotado. Ao invés da prática da coresidência, estabeleci a prática da covisita. *Nos fast-foods*, os encontros são fortuitos e efêmeros, e lugares assim requerem uma *flânerie* metodológica, uma antropologia *on the road*, em movimento, capaz de captar esse movimento.

Aprendi com Benjamin — e Baudelaire — que novos espaços requerem novos modos de olhar e ouvir. Mesmo que isso contradissesse as pesquisas antropológicas que conhecia, pesquisaria no anonimato. A cidade, para esses autores, era uma aventura, o anonimato não era visto como um problema — como em tantos estudos sociológicos posteriores,

como para a Escola de Chicago, apenas para citar alguns —, mas um *atout*, uma vantagem.

Esse vaguear entre restaurantes me permitiu uma constância no campo, tal como o famoso antropólogo polonês preconizava, ainda que tenha adaptado seus conselhos ao espaço urbano moderno, território de indivíduos anônimos em circulação. Agir de outro modo teria significado não ser capaz de captar uma das principais características do meu objeto de pesquisa e a mudança radical que introduz em relação aos espaços precedentes: sua mobilidade, a circulação constante que ali se instaura, o permanente nomadismo dos seus frequentadores. Ao contrário dos *barzinhos* brasileiros, dos *bistrots* e dos *cafés* franceses, os *fast-foods* não têm clientes propriamente ditos, e sim consumidores, frequentadores, ou seja, não têm clientes, *habitués*, mas desconhecidos que entram e saem sem criar laços com os trabalhadores ou com os outros frequentadores.¹¹ Pois os *fast-foods*, como o nome revela, são estruturados enquanto lugares de passagem rápida — os *drive-ins* incarnam o auge dessa circulação. Provisoriamente — pois a tese mostra que não é bem assim —, podemos dizer que o movimento de consumidores cria um *não lugar* (Marc Augé, 1992) nos *fast-foods*, onde prevalece o anonimato (Claude Pétonett, 1987).

“Não se vê a França da mesma maneira de uma estrada vicinal e de uma autoestrada”, constata Augé, e poderíamos acrescentar que, para compreender a França das autoestradas e a nova paisagem que elas e os trajetos dos trens rápidos, os TGVs, engendraram, é conveniente se colocar sobre as autoestradas, seguir seu “movimento”, ampliando o campo e adaptando os instrumentos de pesquisa segundo as necessidades. Daí a opção pela

¹¹ Dumazedier, em um estudo sobre os *cafés*, distinguiu quatro categorias de clientes: os abstinentes (aqueles que nunca ou quase nunca vão a um *café*); os ocasionais (aqueles que vão “em uma ocasião”, segundo um ritmo que, em média, é mensal); os regulares (aqueles que frequentam em certos dias da semana, segundo um ritmo de visitas em média semanal); e os clientes (*habitués*) (aqueles que, não importa o que aconteça, visitam quotidianamente ou quase o *café*). Cf. Dumazedier, J. e Annette Suffert “Fonctions Sociales e Culturelles des Cafés” dans *L'année Sociologique* Paris, PUF, 1962. pp.197-249.

flânerie que me permitiu fruir os *fast-foods* como faziam os seus frequentadores principais, os turistas e crianças em passeio.

A segunda questão metodológica alude as fontes da pesquisa. Dada a particularidade do objeto (presença constante na mídia), me foi possível recolher sobre os *fast-foods* um conjunto de dados bem mais amplo do que obteria se me restringisse às entrevistas e observações diretas. Pela força do hábito (sou jornalista também), realizei uma escuta flutuante (Sigmund Freud, 1996 [1912]) da televisão e/ou da rádio, que permaneceram ligados muitas horas por dia, frequentemente sem volume ou muito baixo. Isso me proporcionou informações sobre a expansão das cadeias no mundo e manifestações hostis aos *fast-foods* — passeatas contra o McDonald's, explosão de uma bomba programada por um grupo extremista em um restaurante etc. —, assim como a visualização de filmes e, sobretudo, uma multiplicidade de exemplos de *spots* publicitários. O cinema, os artigos de jornais, a literatura também trouxeram contribuições não negligenciáveis. Essa variedade de fontes, outra característica das pesquisas multissitiadas, me fez optar por explorar diferentes escalas: se em alguns momentos procurei visualizá-lo em uma “panorâmica” — como, por exemplo, quando analiso as estratégias publicitárias, para melhor entender seu caráter global e planetário —, noutros aproximei o foco, para entender os gestos de um *grilleur* na cozinha, ou/e o ouvido, para escutar a conversa de dois jovens em uma mesa.

A abundância de informações, no entanto, não significa que as práticas *fast-foodianas* sejam de fácil acesso. De fato, existe uma rica produção de informações, o que chamo de *discurso oficial*, que são produzidas por setores da empresa e que às vezes incluem outras empresas.¹² As firmas se mostram sempre disponíveis a divulgar *releases* de imprensa repletos de números e recebem os eventuais pesquisadores com um espírito de abertura profissional. Mas, por trás da gentileza, se percebem logo as barreiras

¹² Empresas de relações públicas, como a Informe, no Brasil, ou a Information e Enterprise, na França, ou a MacMillan Davies Advertising, na Inglaterra.

— diretores, publicitário, empregados são inacessíveis, e entrevistá-los é uma tarefa de detetive obsessivo. Com efeito, observei junto às empresas dois procedimentos diferentes em relação aos eventuais curiosos. Ao lado da divulgação exaustiva de informações, uma censura não explicitada no que respeita as histórias e práticas que fogem ao estabelecido como norma. Tudo funciona, então, como se ao lado de uma lógica moral, universalizante, normativa, conservadora, — o que as redes chamam de *standard global* — coexistisse uma lógica doméstica, particularista, inovadora, cujo acesso é vetado a consumidores, jornalistas e pesquisadores. Pode-se até falar, para algumas dessas práticas *domésticas fast-foodianas*, de um carácter secreto, que as torna quase esotéricas. Por exemplo, as que se desenvolvem no interior da cozinha, a mais protegida das áreas de trabalho de um *fast-food*. Foi sempre fácil obter a permissão de permanecer e observar os restaurantes, mas o acesso à cozinha me foi seguidamente proibido, sob alegações das mais diversas (“As máquinas são exclusivas, os concorrentes não podem conhecê-las”; “É proibido fotografar a cozinha, sua presença seria incômoda para o serviço”, e outras desculpas). Ou seja, teria sido impossível descrever a cozinha sem o trabalho de observação participante que fiz durante meu contrato com o Quick.

Em consequência, o tom das entrevistas realizadas com os executivos, os publicitários e mesmo os “proprietários” ou gerentes dos estabelecimentos foi formal, e só pude realizar entrevistas depois de estratégias de mediação (“Foi fulano que me indicou para procurá-lo”) e promessas (“Nada será publicado na imprensa”, “A entrevista é anônima”). O motivo de suas reticências parece ser o temor de contradizer o *discurso oficial*, aquele produzido pela empresa, mais do que o medo de revelar um segredo. O diálogo com eles terminava em frases feitas, como se repetissem uma benedição aprendida em um livro — em certo momento, descobri que no McDonald’s realmente existia um livro, grosso como uma Bíblia e ao qual se devia uma obediência fundamentalista. O imperativo da *imagem de marca* que tantas vezes me foi assinalado pelos dirigentes, ou seja, a necessidade de manter intocáveis os mitos cuidadosamente construídos pelo discurso

oficial das empresas, aparece aqui com a razão intencional do silêncio com o qual muitas vezes me confrontei.

Os testemunhos mais prolixos e completos vieram de indivíduos que já tinham rompido com a empresa: seja por decisão pessoal ou por terem sido despedidos. Se o acesso aos dirigentes foi marcado pelas formalidades, aos trabalhadores se mostrou muito fácil. Os *équipers* me falaram de suas vidas e trabalho com uma abertura de espírito remarcável — às vezes me convidando a suas casas, outras, permanecendo nos *fast-foods* depois do expediente. Entre eles, o temor era de outra ordem: o de serem flagrados em um ato de indisciplina, por isso, alguns poucos pediram a permissão de um chefe antes de me conceder a entrevista. O fato de ter tido uma experiência idêntica de trabalho foi importante para estabelecer uma cumplicidade: compartilhávamos um vivido sobre o qual podíamos dialogar sem mistérios — falávamos a mesma *língua fast-foodiana*, um vocabulário específico, acessível aos iniciados, que nos unia. Como pude constatar, quanto mais me aproximava do baixo da escala hierárquica interna, mais fácil se tornavam os contatos.

Considerações finais

Sabemos que a metodologia não é receita de bolo e que cada pesquisa antropológica acaba por criar procedimentos metodológicos próprios, adaptáveis ao objeto estudado. Por isso escrevemos por último o capítulo metodológico de nossas teses. No caso dos *fast-foods*, a metodologia que usei e que busquei mostrar aqui foi a de pesquisar com o corpo — o que vai além do ver e ouvir preconizado por Cardoso de Oliveira (1996) — a de pesquisar *on the road*, em múltiplos lugares e com múltiplas fontes, como preconizado por Clifford (1997) e por Marcus (1995), e sobretudo a de pesquisar nas cidades, flaneando.

Referências

- AUGÉ, Marc. *Non-lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Paris: Seuil, 1992.
- BACHELARD, Gaston. *Terra e os devaneios do repouso*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- CLIFFORD, James. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1997.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. “Être Affecté”. In: *Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie*, 8, pp. 3-9, 1990.
- FREUD, Sigmund. Edição *standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1912].
- LA PRADELLE, Michèle. “Economies de marché : le commerce des personnes”. In: ALTHABE, Gérard *et al.* (Orgs.). *Urbanisation et enjeux quotidiens: terrains ethnologies dans la France actuelle*. Paris: Ed. Anthropos, 1984, pp. 181-193.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *L’origine des manières de table* (tomme II: Mythologiques). Paris: Plon, 1968.
- MARCUS, George. “Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography”. In: *Annual Review of Anthropology*, 24, 1, pp. 95-117, 1995.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. *Revista De Antropologia*, 39, 1, pp. 13-37, 1996.
- PÉTONNET, Colette. *L’anonymat ou la pellicule protectrice. Le temps de la réflexion VIII (La ville inquiète)*, 1987.
- PYNSON, Pascale. *Le Four e le Snack – essai sur os mutations des sensibilités alimentaires en France, 1960-1980*. 1986. Doutorado (Sociologia), École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.
- WACQUANT, Loïc. *Body & Soul: Notebooks of an Apprentice Boxer*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

Revisitando as reminiscências de uma experiência etnográfica (La Grand-Combe, França)

Cornelia Eckert¹³

Germinal, o início de um projeto acadêmico

Em 1983, eu entreguei um projeto de mestrado de Antropologia na UFRGS (Porto Alegre, Brasil) para meu orientador, Ruben George Oliven. O tema tratava da luta de trabalhadores rurais e das manifestações de cunho religioso dos sem-terra. Ruben explicou que ele se considerava um antropólogo urbano e que preferia orientar sobre grupos urbanos (Ruben Oliven, 1983), já que outros colegas eram especialistas em movimentos rurais, e me desafiou: traga seus trabalhadores para a cidade, e eu oriento. Intrigada com o desafio, considerei muita coincidência estar, naquele momento, lendo *Germinal*, de Émile Zola (publicado em 1885), e ter uma amiga que morava em Charqueadas (RS), cidade de mineração de carvão, que eu visitava esporadicamente e que certamente poderia me ajudar, hospedando-me.¹⁴

Estava muito emocionada com a leitura do romance que tem como contexto uma vila mineira no Norte da França. Zola havia convivido um breve período com as comunidades de trabalhadores e trabalhadoras nas

¹³ Doutora em Antropologia Social, Paris V, Sorbonne, França 1992. Professora titular aposentada do Departamento de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁴ Residi na casa de Miriam Muller Andriotti e sua mãe por cerca de dois anos, entre idas e vindas de Porto Alegre para Charqueadas, uma viagem de ônibus que durava uma hora.

minas de carvão para conhecer profundamente suas condições de vida e trabalho e a evidente exploração da força de trabalho pelo patrão, que esgotava até a morte seus/suas empregados/as em nome do lucro do capital. O enredo acontece no século XIX e retrata as péssimas condições de trabalho sob o jugo de uma companhia exploradora do carvão. O livro é impactante, e creio que todos que leram ficaram embasbacados com o drama e o sofrimento dos personagens trabalhadores como Boa-Morte, de Montsou, na página 10, que conta que havia sobrevivido a três acidentes nas minas. No tempo retratado, homens, mulheres e crianças ainda trabalhavam nas minas, e as leis trabalhistas mal davam seus primeiros passos. Entre lampejos de *Germinal*, de Zola, de *O Capital*, de Karl Marx, da dissertação de mestrado intitulada *O Vapor do Diabo*, de José Sérgio Leite Lopes (1976), do conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu (1972), do mundo simbólico, seguindo o conceito de fato social total, de Marcel Mauss (1985), e de identidade social, de Claude Lévi-Strauss (1955, 1983), fui armando o arcabouço teórico para a ação etnográfica. Apresentei para o meu orientador um novo universo de pesquisa. Ruben G. Oliven agora aceitara o projeto, dizendo: “Você conseguiu trazer os trabalhadores para a cidade.”

Para o mestrado, pesquisei em duas cidades gaúchas próximas de Porto Alegre (capital do Rio Grande do Sul, Brasil) que produziam carvão, uma no passado, Arroio dos Ratos, e outra na atualidade de então, Charqueadas, onde os mineiros eram empregados pela Copelmi, uma companhia privada de mineração. O resultado foi um estudo que chamei de *os Homens da mina, um estudo das representações e identidade social de uma comunidade mineira de carvão*, defendida em 1985. Na época da defesa da dissertação, eu já havia prestado concurso público e era professora de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Programa de Pós-graduação de Antropologia Social dinamizava-se a passos largos, em especial graças a um programa de intercâmbio com a França, Capes-Cofecub. No âmbito desse projeto de internacionalização, pude, então, desenvolver meu programa de doutoramento na Universidade

de Paris V, na Sorbonne, em Paris, orientada por Jacques Gutwirth e por Antoine Prost, este último um historiador de movimentos sindicais. Expliquei que meu projeto era retornar ao Brasil para a pesquisa de campo em Arroio dos Ratos. Prost desafiou-me a pesquisar em uma cidade de mineração na França, afinal, era o que não faltava naquele país. Sugeri que eu mudasse a minha intenção de pesquisar a crise das cidades industriais e das comunidades de mineiros de carvão no Brasil para a França. Aceitei o desafio.

O estrangeiro, viver no tempo com o Outro

O estrangeiro é o título de um estudo de Georg Simmel (Evaristo Moraes Filho, 1983, p. 182). Este, um sociólogo alemão nascido em Berlim, em 1858, foi o responsável por proliferar ideias sobre o individualismo moderno, a subjetividade e a teoria das formas e conflitos sociais. No âmbito de sua teoria, sua concepção de estrangeiro difere do senso comum e rompe com a perspectiva etnocêntrica do viajante. Ele fala do viajante que chega, fica, interage e compartilha o tempo vivido no novo contexto. Sentimentos de estranhamento e familiarização fundem-se no processo de deslocamento no espaço, no tempo e na hierarquia social, como preconizou Claude Lévi-Strauss (1955, p. 92), “é uma forma específica de interação”, “um tipo específico e positivo de participação”, com objetividade e liberdade, especificaria Simmel (*in* Moraes Filho, 1983, p. 183).

Estudar na França não consistia, em realidade, em inserir-me em um universo muito diferenciado do Brasil. Conhecemos muito bem o quanto somos atravessados pelos valores ocidentais e pela cultura francesa. Mas mergulhar no contexto particular de um grupo a ser estudado implicava ter maior domínio da língua e empenho em interagir e ser recebida nesse contexto. Viver em Paris, minha morada de estudos no primeiro ano de doutoramento, significou a oportunidade de estudar em universidades de qualidade, como a Sorbonne e a Escola de Altos Estudos. Sempre tive inteira consciência desse privilégio, sustentado por uma bolsa de estudos

brasileira, e a cada dia o esforço era responder a esse acordo educacional, superando as dificuldades que um programa de estudos em país estrangeiro possa supor como o enfrentamento à burocracia e, claro, a conquista de uma rede de relações, o que não é muito difícil para quem começa, como eu, interagindo com estudantes dos mais diferentes países do mundo em um curso de línguas para aperfeiçoamento do francês e residindo na cidade universitária.

Esse foi um tempo de participação em muitas disciplinas, algumas obrigatórias, outras optativas, no qual o acesso às matérias com professores notórios e a nomes renomados internacionalmente foi possível (Alain Touraine, Michel Maffesoli, Maurice Godelier, Marc Augé, além de conferências com Pierre Bourdieu, Mary Douglas, Françoise Héritier etc.). Ter aula de introdução ao doutoramento com Georges Balandier, por exemplo, era algo que me emocionava. Ele pedia que trabalhássemos em grupo ou em pares para realizar os exercícios, ocasiões em que pude tecer uma amizade com uma colega libanesa para a vida. O projeto de pesquisa a ser aprovado foi elaborado nesse momento, resultado de muitas leituras orientadas pelos professores. O francês impecável do projeto foi graças a Claude Boustany, minha amiga que dominava vários idiomas. Mas faltava o universo de pesquisa. Eu estava à procura do destino para um enraizamento mais longo para a pesquisa de campo.

Les mineurs de Carmaux, a descoberta de uma aventura

Na minha primeira reunião de orientação (foram somente três, em cinco anos) com Antoine Prost, ele pediu que eu lesse imediatamente *Les mineurs de Carmaux*, 1848-1914, da historiadora Rolande Trespé (1971); dois tomos de mais de mil páginas, sua tese de doutorado a partir de pesquisa sobre as minas de Carmaux, nas proximidades da cidade de Albi, no Tarn. Essa obra estupenda me permitiu mergulhar, a exemplo do romance *Germinal*, nas entranhas do trabalho mineiro de carvão francês. Durante essa leitura, a ênfase nos binômios cidade e trabalho, condições de vida e

família, cultura e crenças ia se complexificando e, cada vez mais, desvendava um estudo que implicaria um dos fundamentos da Antropologia moderna, a análise de um fato social total, como ensinara Marcel Mauss e tal como outros autores sugeriam (Oliver Schwartz, 1990; André Fortin, 1987).



FOTO 1: TIVE A OPORTUNIDADE DE CONHECER ROLANDE TREMPÉ EM UM SIMPÓSIO DE PESQUISADORES SOBRE CIDADES CARBONÍFERAS “MONDE DE LA MINE” EM NORD-PAS DE CALAIS, ABRIL DE 1989.

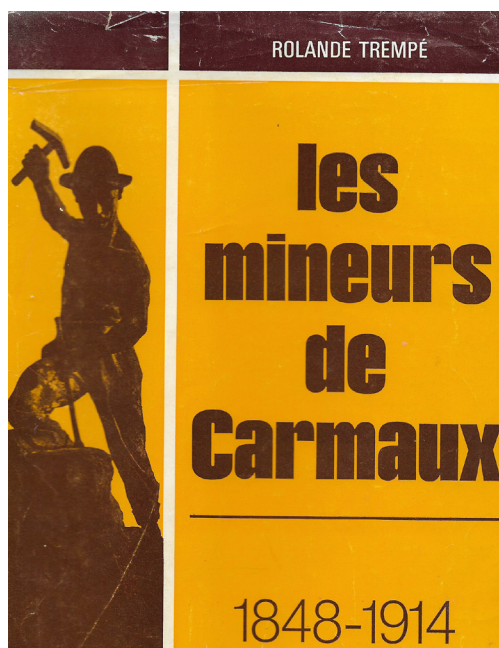


FOTO 2: CAPA DO LIVRO *LES MINEURS DE CARMAUX*.

Na leitura dessa tese, familiarizei-me com o sistema de produção de carvão no século XIX e início do século XX, e não raro a autora se referia ao vínculo entre a cidade e a companhia, no sentido foucaultiano da relação disciplinar (Michel Foucault, 1975), ou goffmaniano da relação total (Erving Goffman, 1983). Na página 262, Tomo I, Treppe trouxe a informação de uma cidade que havia sido criada por uma companhia de mineração na região do Gard. Mais do que qualquer outro lugar, a companhia havia fundado uma cidade com a mesma razão social, La Grand-Combe, e desenvolvido um sistema de companhia com vila operária de grandes proporções. Traduzindo, a autora diz que não somente essa companhia havia se ocupado de construir alojamentos para seus operários, como havia criado toda a infraestrutura econômica e administrativa da comuna de La Grand-Combe, edificando ainda as igrejas, os templos, as escolas, as praças etc. Mencionava o autor de referência de sua citação, Puech, escritor de uma monografia

de 1901. Lembrei-me de Arroio dos Ratos, no Brasil, que vivera no século XIX esses aspectos, e senti que havia encontrado a cidade onde eu queria pesquisar. Descobri na biblioteca da Sorbonne a obra de Puech e cada vez mais me sentia afetada por essa indicação. Além do mais, a região era ao sul da França, embora eu ainda não soubesse que se situava em uma das territorialidades mais belas que tive a oportunidade de conhecer na vida, Cévennes. Eu falo, neste caso, da região, e não da cidade que eu acabara de escolher para estudar.

Finalizei meu projeto de pesquisa com a perspectiva de estudar nesse lugar, a 800 km de Paris. Iniciava-se, então, a organização de como chegar a esse lugar, como morar lá e como entrar na comunidade.

A la une, nos jornais franceses

No processo de me organizar para a aventura antropológica de pesquisa na França profunda, e não mais retornar ao Brasil para a pesquisa participativa (fiquei cinco anos sem retornar ao Brasil), mais uma ou duas surpresas se anunciavam, mesmo ainda estudando em Paris: a grande frequência com que o tema do fechamento das minas de carvão, do destino de trabalhadores do carvão tecnicamente aposentados e da política energética ocupava os jornais franceses. Este tema, não raro, era também grudado à política estatal de estímulo do retorno de imigrantes cooptados no passado, em especial após a Segunda Guerra Mundial, para o trabalho na mina por duas ou mais gerações, para o retorno aos países de origem, como Marrocos e Argélia. Tal política era chamada de retorno ao país (de origem), desenvolvida pelo Estado francês, que objetivava, assim, diminuir o número de trabalhadores imigrantes africanos, que criava um evento crítico (Veena Das, 1995) para os filhos e filhas nascidos na França, pois, excluídos e estigmatizados na França, eram também, da mesma forma, estigmatizados nos países de origem de seus pais ou avós, instaurando um impasse para essa geração de jovens que vivia “entre lugares”, segundo Homi Babha (1998), por nem pertencerem à França nem aos países de origem.

No Brasil, o fechamento das minas esgotadas era um tema pouco publicizado, e eis que, ao comprar o *Le Monde* ou o *Libération*, os jornais que lia cotidianamente, eles traziam uma imensidão de notícias desse porte. Outra notícia frequente era a de o que fazer com as cidades que haviam vivido mais de século da extração do carvão, e que políticas de revitalização os municípios conseguiam operar. Um tema, sobretudo, vinculado ao Ministério das Cidades ou ao Ministério da Cultura, que fomentava a transformação das antigas minas e patrimônio construído pelas companhias em museus do trabalho, museus do carvão, museus tecnológicos, museus da pessoa e revitalização de espaços decadentes com vistas ao consumo turístico de parques, restaurantes, lojas e mercados.

Por fim, mais uma surpresa. Antoine Prost havia sugerido a leitura de algumas biografias de trabalhadores mineiros aposentados. Indicou um romance e uma biografia que comprei na livraria Gilbert Joseph. Mas o espanto foi conhecer uma infinidade de biografias de mineiros de carvão caracterizando um gênero de destacado consumo pelos franceses, seja na forma romaneada, seja na estilística biográfica. Era impossível ler toda essa produção biográfica, mas logo entendi que a literatura biográfica e/ou as narrativas de si (Paul Ricoeur, 1996) não poderiam ser negligenciadas na elaboração da tese.

Golpes de sorte

Chegar no contexto de investigação onde desenvolveria três anos de pesquisa etnográfica, de 1988 a 1990, implicou uma sequência de boas sortes. Residir em casas universitárias, como a Casa do Brasil, em Paris, supunha dividir a cozinha disponível em cada andar. Não raro, apenas se diz bom dia, boa noite, mas, às vezes, o encontro frequente leva à construção de amizades e, finalmente, à partilha de uma refeição coletiva. Foi assim que conheci um técnico agrícola, estudante da Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil). Conversa vai, conversa vem, ele pergunta sobre meu tema de pesquisa. Conteí a ele que estava decidida a pesquisar em La Grand-Combe, que

ainda não conhecia. Ele me surpreendeu, dizendo que acabara de retornar de lá, de um estágio laboral no qual fora recepcionado por uma equipe de técnicos agrícolas de Alès, a capital da região, a 7 km de La Grand-Combe. Não podia acreditar no que estava ouvindo. Perguntei se ele poderia me ajudar a conhecer alguém da região, dar-me indicações de onde morar e por onde começar para me aproximar do grupo a ser pesquisado.

Na mesma hora, ele se dispôs a telefonar para a técnica agrícola que o recepcionara, Béatrice Ladrage. No velho orelhão da casa do Brasil, ligamos para Alès. Era um domingo, e meu mais novo amigo explicou para a técnica, no outro lado da linha, o meu pedido. Ela quis falar comigo, e eu expliquei, ainda insegura com a língua francesa, meu pedido de ajuda. Ela me respondeu para ir para lá e ficar na casa dela. Foi assim que parti para minha primeira viagem à La Grand-Combe. Descobri que a viagem era com trem de alta velocidade até Avignon; para Nîmes, um trem, digamos, normal e, por fim, o trecho para Alès em um velho trem. Estava nervosa para saber como encontraria Béatrice. Não me passou pela cabeça escrever um cartaz com o nome dela. Chegando a Alès, Béatrice me aguardava na estação com um cartaz com meu nome escrito e me levou para sua casa. Por um mês, fiquei hospedada na sua casa, buscando me inserir no campo de pesquisa, conhecer as primeiras pessoas que poderiam me ajudar a me aproximar da comunidade. Eu passei a chamá-la de madrinha de inserção na pesquisa, e ela ria muito do apelido.

Béatrice logo me apresentou a um historiador especializado na região. Pedi uma entrevista com ele, e ele não somente veio ao meu encontro na casa de Béatrice para a entrevista, como me levou para conhecer a região carbonífera. Cotidianamente, passei a viajar para La Grand-Combe em um trem nada rápido. Procurei um lugar para alugar em La Grand-Combe, mas não encontrei. Os dois hotéis da cidade estavam fechados, e ninguém me soube dar alguma informação a respeito de aluguel de quarto. Finalmente, pelo jornal de Alès, consegui encontrar uma pequena peça para morar, em uma casa que pertencia a um casal, ela francesa e ele de origem espanhola, Monsieur e Madame Vuez. A partir dessa solidez, foi possível mudar-me

para um período longo de pesquisa. A viagem de retorno para Paris, agora, foi para buscar meus pertences e acomodar-me na nova morada.



FOTO 3: CASA DE BÉATRICE, MINHA PRIMEIRA MORADA EM CAMPO (ALÈS, MARÇO 1988).



FOTO 4: PARTICIPANDO DE UM FIM DE TARDE COM A FAMÍLIA VUEZ, PARA TOMAR O FAMOSO E TRADICIONAL APERITIVO (ALÈS, JUNHO, 1988).



FOTO 5: PEÇA ALUGADA PELA PESQUISADORA NA RESIDÊNCIA DOS VUEZ (ALÈS, ABRIL 1988).



FOTO 6: VISITA DE BÉATRICE NO MEU LAR TEMPORÁRIO (ALÈS, MAIO 1988).

Em Alès e em La Grand-Combe, o deslocamento doravante era predominantemente feito a pé. Em Alès ainda era possível contar com ônibus urbano, apesar de o ponto ser um pouco distante. Mas, chegando a La Grand-Combe, descobri que não havia nenhum sistema de transporte público e que todo deslocamento seria agora a pé. Pensei em conseguir uma bicicleta, mas a paisagem montanhosa do lugar me desanimou desse empreendimento, e eu não tinha carteira de motorista para pleitear o aluguel de um carro. Mas caminhar implicava enfrentar o vento Mistral, que não raro trazia a areia que diziam vir do norte da África. Emagreci bastante caminhando contra o vento e por longas horas.

Mais um último importante golpe de sorte: a filha da senhora onde eu alugara a peça para morar em Alès trabalhava e morava em La Grand-Combe, e seu marido, Ramón, era jardineiro na prefeitura. Além da entrada com o historiador que me abriu várias portas na cidade pesquisada, também esse funcionário da prefeitura me levou para conhecer alguns bairros operários e seus pais de origem espanhola, que vieram trabalhar na mina, entre outras famílias. Dessa forma, consegui entrar em uma rede de relações em La Grand-Combe e Alès, que eu cuidaria de fomentar e documentar sem cessar.

A rotina em campo

Logo estabeleci uma rotina para a pesquisa de campo que implicava aumentar a rede de relações no âmbito de famílias de mineiros, todos aposentados por tempo de serviço ou compulsoriamente, em face do fechamento das minas. Meus movimentos diários eram ou de buscar uma instituição oficial para questionar e pesquisar dados (prefeitura, escola, biblioteca municipal, empresa etc.) ou de caminhar pelos bairros operários, tentando a aproximação casa a casa. Embora as primeiras famílias com as quais interagi e para quem solicitei o consentimento para entrevistar me tivessem sido apresentadas pelo funcionário da prefeitura ou pelo historiador, eu também busquei o porta a porta. No primeiro dia solitário em que caminhei por

volta de 8 km até chegar a um conjunto de casas de mineiros de carvão na montanha Santa Bárbara, estava decidida a tentar entrar em uma casa (família) de maneira mais informal possível, sem a mediação de funcionários da prefeitura. Aproximei-me do conjunto de casas onde predominavam aquelas de um andar com pequeno jardim na frente e quintal nos fundos. Um pouco mais distante, eu podia ver outro tipo de habitação, as chamadas casernas, que eram caracterizadas por serem um edifício de no máximo um pavimento, onde uma moradia equivalia a um apartamento no térreo ou no primeiro andar.



FOTO 7: RESIDÊNCIA FAMÍLIA COURDEC, CASAS GEMINADAS COM JARDIM NA FRENTE E PÁTIO NOS FUNDOS.



FOTO 8: MONSIEUR E MADAME COURDEC LA GRAND-COMBE (1988).



FOTO 9: MADAME COURDEC MOSTRA O CARVÃO QUE ALIMENTA O FOGÃO.



FOTO 10: CASERNAS DO INÍCIO DO SÉCULO VIZINHAS A RESIDÊNCIA DA FAMÍLIA COURDEC.



FOTO 11: VISTA AÉREA DE LA GRAND-COMBE.

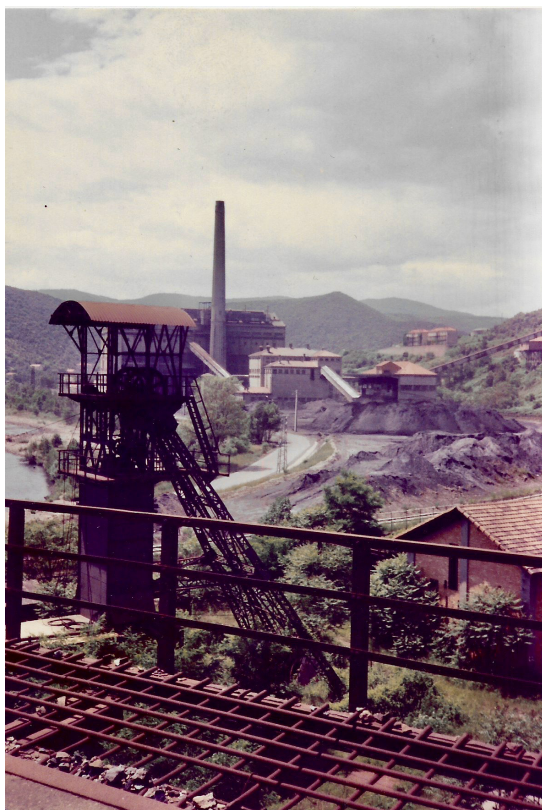


FOTO 12: VISTA DE UMA TORRE DE EXTRAÇÃO (DESATIVADA) A PARTIR DAS CASERNAS DE SANTA BARBARA.

Caminhando, avistei um senhor sentado em um banco e dirigi-me a ele, perguntando algo, como se fosse uma turista, que bairro é este, por exemplo. Mas era um senhor surdo e mudo. Agradei, sem jeito, e me afastei. Bati à porta da segunda casa geminada e fui atendida por uma senhora. Expliquei que era uma pesquisadora e que buscava conhecer o bairro e seus habitantes para tratar do trabalho mineiro e da vida de seus familiares. Sorrindo, ela pediu para que entrasse e me apresentou seu marido, sentado na cozinha. O mineiro pediu para eu sentar e perguntou o que eu gostaria de saber. Muito nervosa, quis saber se poderia gravar, pois ainda não domina-

va bem o francês para lembrar do diálogo. Ele me respondeu: “Claro, pode gravar; estou acostumado com gravações. Aliás, já fizeram um filme sobre mim, e a *National Geographic* também já me entrevistou.” Ria muito. Perguntei se ele tinha o filme, se eu podia vê-lo. Ele respondeu que não, que isso havia acontecido uns nove anos antes.

Sentados perto do fogão a lenha, percebo que ele tem problemas de locomoção. Pergunto sobre o filme em que ele havia sido protagonista. Era a história da decadência da mina. Ele havia sido uma importante liderança sindical, e o entrevistaram. “Eu fiquei famoso”, ele dizia, zombando de mim, ainda nervosa com a minha primeira entrevista em que gravaria. Eu estava atrapalhada em colocar pilhas e a fita para gravar no pequeno aparelho. Queria dar impressão de espontaneidade, mas conhecer um mineiro descolado com entrevistas deixou-me constrangida e envergonhada. O incidente foi o início de uma longa e sólida amizade com a família Courdec. As visitas ao casal, quase sempre em casa, devido à dificuldade de deslocamento, tornaram-se cada vez mais frequentes. Seu Courdec também me permitiu que eu praticasse a técnica da bola de neve, pois esse mineiro e sua esposa me indicavam a outras famílias para entrevistar.

Nos intervalos entre uma e outra entrevista, meu escritório foi a praça principal, e meu banheiro, a estação de trem. Nos dias de feira, comprava um pedaço de queijo *chèvre* ou outra iguaria da região. Em La Grand-Combe não havia supermercado ou restaurantes. Por isso, na hora do almoço, buscava uma padaria a uma quadra da praça para comprar um pão ou um croissant. A minha alimentação mais forte seria somente à noite, já no meu apartamento, em Alès. Por vezes, criava coragem e pedia um cafezinho no bar próximo à prefeitura. Por que coragem? Por ser um local predominantemente masculino e porque não me sentia à *laise* (à vontade) para confrontar olhares curiosos.¹⁵

¹⁵ Somente um ano depois, quando recebi a visita de um casal de amigos de Paris, entramos e nos sentamos no café. Conseguimos ouvir os cochichos da outra mesa, onde diziam que eu era uma professora que estava sempre na prefeitura para pesquisar.

Ao ficar sentada na praça, eu podia observar o movimento na igreja, na prefeitura, na escola, nas feiras semanais, o jogo de *pétanca*¹⁶ dos idosos e os encontros de tantas pessoas que passavam por ali. Fotografei várias vezes o movimento na feira, mas também nos dias de não feira. Nesses dias, o movimento era pequeno. Aos poucos percebi que vários idosos costumavam caminhar na praça, no ir e vir incessante e diário. Um funcionário da prefeitura, que viria a conhecer logo depois, disse-me que a praça era a rádio oficial da cidade e que por ali toda novidade era repassada e toda notícia, espalhada.



FOTO 13: FORTE SOCIABILIDADE FEMININA NO DIA DE FEIRA.

¹⁶ Petanca — *pétanque* (com os pés juntos), em francês. Jogo cujo objetivo é atingir (ou chegar o mais próximo possível) de uma bola menor, com bolas ocas de metal e posicionado de pé dentro de um círculo. É semelhante ao jogo de bocha praticado no Brasil. (Nota da revisora)



FOTO 14: FORTE SOCIABILIDADE MASCULINA NO DIA DE FEIRA.



FOTO 15: ACOMPANHO AQUI UMA INTERLOCUTORA NAS COMPRAS NA FEIRA.



FOTO 16: A FEIRA NA PRAÇA PRINCIPAL. NO FUNDO, A PREFEITURA E A ESCOLA MUNICIPAL.

De fato, na prefeitura, meu esforço de buscar dados foi apoiado por um alto funcionário concursado que era especialista em projetos sociais e que se tornou mais um uma pessoa que muito ajudou, apresentando famílias locais e permitindo consulta aos livros de registro dos habitantes. Essa mediação foi muito eficaz, e tive acesso a muitas informações sobre políticas públicas e sociais voltadas para a população local.

Por fim, outro importante local de consulta foi um antigo escritório da empresa mineradora que ainda cuidava do processo do fechamento e tombamento do patrimônio industrial. Ali tive acesso a antigas fichas dos trabalhadores, que me foram úteis para conhecer as diferentes funções de trabalho na mina.

Contudo, o mais importante era a conquista de cada família com quem pude conviver; algumas se tornaram famílias com quem pude tecer uma amizade com visitas frequentes, convites para aniversário ou festas locais. O hábito de fotografar e de obter sempre uma cópia dupla permitia a estratégia de retornar para presentear a pessoa entrevistada com uma foto do último encontro, algo que desencadeava, não raro, um sistema de reciprocidade, mais confiança e motivação para a continuidade do convívio.

Hora do aperitivo

Todos os dias, com exceção dos muito chuvosos, eu saía cedo de Alès para La Grand-Combe. Caminhava até a parada do ônibus que me deixava na estação ferroviária. De modo geral, eu não bebia nada durante o dia, para evitar a necessidade de ir ao banheiro. Nas famílias mais conhecidas, já ou-sava pedir para usar o sanitário, mas, de modo geral, evitava essa demanda.

O melhor horário para visitar as famílias que me abriam as portas sempre foi difícil de reconhecer. Não podia ser em dia de feira, pois não encontraria ninguém em casa. Não podia ser muito cedo nem muito perto do horário do almoço, para não os constranger em ter que me convidar. Aliás, nessas circunstâncias, eu dava uma desculpa de que logo teria outra família para visitar e me dirigia para o “meu escritório” (a praça) para um lanche.

O horário da meia tarde, desde que meu possível entrevistado não fosse um aficionado do jogo da petanca, era o melhor turno. Não podia chegar logo após o almoço, pois era hora da *siesta*. O ideal era a partir das 15 horas, tornava-se o horário mais profícuo para uma visita, mas, não raro, era também o tempo do *apéro* (do aperitivo), e, em várias ocasiões, não pude me furtar de aceitar beber o aperitivo, que era uma mistura de álcool destilado aromatizado com anis, chamado *pastis*.

Em uma ocasião, a família me esperava com bolos, doces e *pastis*. A mistura de comidas doces com essa bebida, com cujo gosto eu não conseguia me acostumar, teve um efeito complexo no meu organismo. E foi uma longa tarde de contenção fisiológica para uma entrevista superprodutiva, mas que me deixou doente por alguns dias.

Aos poucos, comecei a recusar a forte bebida, argumentando problemas de saúde para que a situação vivida não se repetisse. Mas não foram raras as ocasiões em que pude corresponder a um convite para almoço ou jantar. Dependendo da nacionalidade de origem, o prato podia ser algo bem

simples, como salada, uma galinha e pão, uma *paella*¹⁷ ou até o meu predileto: café com pão e queijos.

Acompanhar algumas interlocutoras na feira também era prazeroso; ajudava a carregar as compras e podia participar do ritual de convívio dos cidadãos com os camponeses que vinham de regiões de plantio próximas e, muito frequentemente, da vizinha Ardèche, conhecida por seus produtos agrícolas.

Pesquisa em Alès

Chovia pouco em Cévennes, mas, quando chovia, eu evitava ir para La Grand-Combe e ficar exposta à chuva nos meus deslocamentos. Eu aproveitava para fazer pesquisa em Alès, conhecida por sua importante universidade de Engenharia de Minas. Assim, bibliotecas bem-organizadas permitiam pesquisar materiais sobre as minas, seu funcionamento e sobre a política do carvão. Igualmente, o que restava das hulherias regionais tinha sede em Alès, onde pude ter acesso à documentação. Outrossim, importava estudar a cultura regional cévenol, na qual a gíria patoá é parâmetro linguístico importante. As referências aos movimentos de resistência ao fechamento das minas eram frequentes, e precisava entender esse processo, pesquisando nas bibliotecas e conversando com o historiador local, autor de várias obras sobre o tema.

Para apreender esse processo, é necessário entender que, no tempo da nacionalização das minas, após a Segunda Guerra Mundial, há uma operação de regionalização das minas, que tendem a se modernizar sob a razão social Houillères du Bassin des Cévennes. A referência a uma companhia paternalista, “no tempo da Companhia” (do século XIX até o ano de 1945), estava superada, e o movimento sindical crescia, sobretudo, em torno do Sindicato

¹⁷ Prato típico espanhol, originário do sudeste desse país, cuja base é arroz cozido com diferentes carnes, dependendo da região onde é preparado. Se no litoral (*paella marinera*), com frutos do mar; se no interior (*paella campera*), com diferentes tipos de carnes de caça ou de criação (porco, coelho, gado etc.). (Nota da revisora)

Operário (C.G.T) e/ou do Partido Comunista (P.C). As minas, até então sob jugo privado, são nacionalizadas e gerenciadas por uma estrutura pública. Esse sistema tinha pela frente a missão de recuperar economicamente o estado francês pós-guerra, conjuntura que foi denominada de “a batalha do carvão”, “nos tempos da nacionalização”. Trabalhadores da Europa e do Ultramar são convocados para essa batalha. As convocações prometiam condições de aposentadoria, residências, escola etc., e os *cards* espalhados nos jornais e colados em postes anunciavam o mineiro herói da pátria. O país dependia dessa força de trabalho; prometiam melhores condições de trabalho e a aprovação do estatuto dos mineiros. La Grand-Combe e a região extratora do carvão dobravam seu número de habitantes, uma população recebida com uma narrativa de heroicidade e de apego à cultura regional.



FOTO 17: CAPA DO LIVRO A BATALHA DO CARVÃO.



FOTO 18: CAPA DO LIVRO AS TRÊS BATALHAS DO CARVÃO: MINEIROS, A SORTE DA FRANÇA ESTÁ NAS TUAS MÃOS.

Do centro do mundo para o desencantamento com os tempos modernos

Nesses tempos de nacionalização, a produção chegou ao seu pico tanto quanto ao esgotamento da força de trabalho.

Em um livro técnico das hulherias da Bacia Cévenol, deparei-me com um mapa da França que marcava uma única cidade, La Grand-Combe. Desse ponto, raios dourados eram irradiados, simbolizando a riqueza econômica do país pela exploração do carvão. Pensei mesmo em fazer dessa imagem a capa da minha tese. Mas como o conceito-chave do meu estudo

era o tempo lembrado e vivido pelos interlocutores da pesquisa, optei por uma imagem que reproduzisse os tempos que eu estava testemunhando, o do fechamento das minas, o da partida de grande parcela da população jovem em busca de trabalho ou mesmo de mineiros na ativa, transferidos para outras atividades públicas, como o trabalho com energia elétrica ou com saneamento básico.

Escolhi como capa da tese a ilustração feita pela artista Malu Rocha, de uma torre de extração de carvão, que é uma imagem forte como patrimônio industrial e, em alguns casos raros, preservadas como interesse museológico. Embaixo dessa representação imponente, mais quatro quadros em que a mesma imagem vai sendo desenhada com traços cada vez mais fracos, até o último quadro ser apresentado vazio.

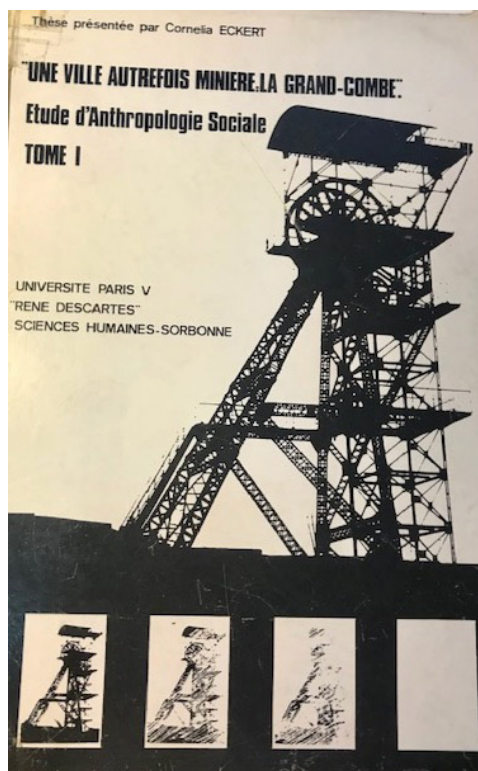


FOTO 19: CAPA DA TESE DA ARTISTA MALU ROCHA.



FOTO 20: MINEIROS APOSENTADOS JOGAM PETANCA TODOS OS DIAS COM SOL.

O processo de nacionalização recuperou de fato a economia francesa, mas a um custo de vida muito alto para os trabalhadores. Além disso, não só o esgotamento dos corpos se acentuava, mas o desgaste das minas se intensificava, e a nova energia do petróleo vinha substituir seu valor tecnológico. Agora era mais lucrativo fechar as minas, manter a importação de minas em locais onde a mão de obra não exigia direitos trabalhistas, como em alguns países africanos e na China.

A situação era extremamente complexa e contraditória para os recém considerados heróis, que agora estavam sendo rechaçados. As greves se sucedem, mas a agonia do mundo do trabalho de extração do carvão já estava selada. Em face dessa nova realidade, um forte movimento de oposição ao fechamento das minas por parte dos trabalhadores organiza-se, sobretudo pela segurança econômica de seus filhos, já que, como aposentados do Estado, a sua geração era a última com direito à renda e a benefícios de saúde do Estado-providência¹⁸.

¹⁸ *L'État providence* é o título da obra de François Ewald (1986).

É um tempo de resistência ao fim do trabalho nas minas que se mistura à alma cultural do ser pessoa cévenol, identificados por um dialeto comum, o *patois*, e por valores regionais compartilhados. Organizados por sindicatos fortes e por movimentos culturais da região, falavam de um tempo de crise e de recessão e se opunham à opulência de políticas econômicas da França central e capitalizada.

A modernidade nos traiu

As falsas promessas de ganho individual atravessaram os anos 1950 e 1960, e as greves não paravam de se reproduzir. Testemunhei, no meu prolongado campo etnográfico (1987-1990), a recessão e os impasses, mediante uma cidade esvaziada de população ativa jovem, com um patrimônio construído em grande parte, abandonado e vetusto. A nostalgia de um tempo de uma cidade efervescente economicamente não era, entretanto, uma narrativa sem contradições. Esta vinha atravessada de culpas e frustrações, por um desejo de modernização, de autonomia econômica e pela conclusão de que haviam sido enganados por esse desejo. Era um tempo de luto pela morte da mina e do trabalho mineiro que haviam interiorizado como prioritário para a economia francesa e eterno em seus valores.

Lembro-me do impacto que senti ao vivenciar uma cena nostálgica. O professor Wienón (o historiador local a que me refiro no início do texto) havia me acompanhado em uma das visitas para a vila Champclauson, um ponto de extração do carvão na região. Wienón e eu abordamos um mineiro que ele conhecia vagamente e passamos a conversar por algum tempo nas proximidades da banca de jornal de onde o trabalhador saía, segurando um jornal local. Ele contou sobre a situação de abandono na vila, que não dispunha de transporte público. Alguns dias depois, voltei de carona a essa localidade para fotografar e realizar mais uma entrevista. Logo que cheguei, perguntei na banca de jornal onde poderia encontrar o mineiro que havíamos entrevistado. O comerciante respondeu-me que o velho costumava ir ao clube do sindicato, apontando-me a direção. Ao chegar lá, encontrei o

velho mineiro solitário, jogando cartas; não havia nenhuma outra pessoa no momento. Senti que ele ficara constrangido por ser flagrado na solidão, mas me recebeu para uma conversa sobre a história sindical.

A situação de ser uma atividade estatal garantia, de qualquer forma, condições de vida para a última geração de mineiros que puderam comprar suas casas ou novas moradas, abandonadas por funcionários de maior poder aquisitivo, por preços módicos, em face de um parque imobiliário desvalorizado. Não raro, os filhos e filhas desempregados/as seguiam residindo na casa do pai com a renda da aposentadoria, mediante um cenário local de desemprego. Outro fenômeno que se acentuava era o de estigmatização desses jovens desempregados, de modo geral, filhos de trabalhadores magrebinos.

Ao certo, havia muitos projetos sociais do governo francês em atenção a esses fenômenos de racismo e à população mais velha, em que predomina o apoio a clubes de terceira idade de teatro e dança, de música, de excursões, de petanca etc. São tempos de recessão, atravessados por inovações globais tanto quanto de movimentos sociais internacionais, como o da elaboração do estatuto do idoso, de direitos humanos, de questões ecológicas etc.

A cidade em busca de uma nova vocação

Enfatizo, na última parte da minha tese, esses ritmos letárgicos na vila deserdada, atravessada por esses ares globais de valorização do lazer, do turismo, do consumo de tecnologias domésticas e de novas formas de sociabilidades. Chamo essa dinâmica do esforço de reencantamento na trama da vida cotidiana. Estava em debate o que fazer da cidade em crise e como revitalizá-la. A prefeitura propõe um plebiscito, colocando em discussão o que os habitantes gostariam que a cidade se tornasse, quais as novas vocações. O debate era polêmico. Eu entrevistara tanto habitantes que queriam que tudo fosse demolido e que a cidade começasse do zero quanto mineiros e seus familiares que desejavam manter ao máximo o patrimônio industrial, seja para receber novos empreendimentos, seja para tombar um importante número de prédios para criar um parque museológico da indústria do carvão, colocando em destaque o trabalho mineiro.

Em sua grande parte, o patrimônio construído, pertencente à empresa regional, foi demolido, como antigas casernas, antigos pavilhões e usinas, atingindo o centro da cidade e bairros espalhados. Nessa época, aproximei-me de uma liderança pelo movimento de transformação de parte do parque industrial em área tombada para a museologização do lugar. Já estava no final do meu trabalho de campo em 1990, quando voltei a procurar um mineiro que havia entrevistado e encontrado em diversas ocasiões. Dessa vez, eu o procurava por saber, pelo jornal local, que ele havia se posicionado contra o projeto do novo prefeito, que pretendia transformar o vale negro do carvão em vale verde, para a construção de um clube internacional de golfe.

Posso dizer que, nos meses finais da minha pesquisa de campo, o mineiro aposentado Pezon e sua esposa se tornaram uma importante referência de apoio e de solidariedade para a fase final da minha pesquisa. Pezon apresentou-me a vários mineiros que tinham em suas casas objetos, vestimentas e outros rastros do trabalho mineiro. Um, entre eles, havia transformado uma peça de sua casa em um minimuseu. Todos esperavam pela revitalização dos antigos escritórios da companhia para serem transformados em museu da mina de La Grand-Combe. De fato, o principal prédio administrativo terminou por abrigar o museu do mineiro.

Com vistas ao ritual de defesa

Em 1991, precisava retornar ao Brasil para assumir disciplinas na universidade, mas queria defender a minha pesquisa antes do retorno previsto para julho daquele ano. A tese estava quase finalizada e revisada por um profissional; faltava um último capítulo e a montagem do tomo de imagens (Tomo III). Tentei impor um ritmo acelerado de trabalho em janeiro, visualizando defender em março. Mas, infelizmente, adoeci de tal maneira que não conseguia mais sustentar as longas horas de concentração. Lembro-me ainda hoje de quando deu um estouro dentro da minha cabeça e, a partir desse momento, a sensação de vertigem. Busquei ajuda médica, que avaliou um acentuado estresse. Comprei todos os medicamentos e vários suportes para

sustentar minha coluna e a região do pescoço. Contudo, debilitada, resolvi retornar ao Brasil e assumir as disciplinas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre, fiquei residindo na casa da minha irmã Clarissa. Com o apoio familiar e de amizades, logo me recuperei e finalizei a escrita da tese. Mais uma vez, recorri a uma segunda revisão da língua francesa por um profissional residente em Porto Alegre. As cópias obrigatórias a serem entregues na secretaria da Sorbonne foram levadas pela colega Ondina Fachel Leal, que viajara para Paris para um estágio-trabalho, portando duas cópias de três tomos da minha tese em sua mala.

Retornei para a França em março de 1992, para a defesa. Aproveitei a ocasião para levar cópias da minha tese com o propósito de doá-las à biblioteca da escola, à prefeitura e ao museu da mina de La Grand-Combe. Visitei a família Pezon e fomos juntos conhecer o museu. Deixei uma cópia da minha tese para o museu. Pouco tempo depois, Monsieur Pezon enviou-me uma carta com recortes de jornais que diziam que a doutora brasileira havia defendido tese na Sorbonne sobre La Grand-Combe e doado exemplares para instituições locais.

Aliás, seu Pezon e familiares estavam presentes na minha defesa de tese na Sorbonne, em Paris, e ele reagiu à crítica do meu orientador, Antoine Prost, que reclamava que eu devia ter dado mais atenção ao movimento de resistência durante a Segunda Guerra, em La Grand-Combe. Seu Pezon não teve papas na língua e opôs-se, dizendo que isso não era verdade, que não houvera movimento de resistência importante na La Grand-Combe e que a reclamação era injusta. Como na França a pessoa que defende fica de costas para o público e de frente para o júri avaliador, não resisti em me virar e agradecer ao Sr. Pezon.

O famoso *pot* (aperitivo após rituais de encerramento), deu-se em um bar na praça da Sorbonne, acompanhado pelos orientadores, Prost e Gutwirth, e por amigas brasileiras, como Carmen Rial, Ana Luiza C. da Rocha, Sandra Pesavento, Isabel Malmann, Silvia Petersen, Sônia Maluf, Erickson Gavazza.

La Grand'Combe et la Brésilienne

■ Arrivée à Paris en 1986 pour écrire une thèse, la Brésilienne, Cornélia Eckert fit son choix sur «une ville autrefois minière, La Grand'Combe». Professeur d'anthropologie sociale à l'université du Rio Grande Do Sul, où s'extrait du charbon (sans aucune aide sociale pour les mineurs !), Cornélia souhaitait enquêter sur le travail minier traditionnel et moderne, puis disparu... comme cela peut arriver dans sa patrie.

Le 2 mai, elle regagnera Porto Alègre et son poste d'enseignante, un mois après avoir soutenu en Sorbonne/Paris V, sa thèse de doctorat d'état reçue avec mention très honorable. Plus de mille pages, en trois tomes, furent les résultats de quatre années de travail, d'enquêtes aux écoles des Mines de Paris et d'Alès et auprès des «gueules noires» de chez nous.

Logiquement, parce qu'elle agissait dans le cadre d'un accord franco-brésilien d'échanges d'étudiants et d'enseignants, elle offrit les deux tomes rédigés de ses recherches aux archives municipales d'Alès (Fort-Vauban), et à la bibliothèque de La Grand'Combe.

Désormais, ceux qu'intéressent le passé minier ou qui veulent approfondir un des points traités pourront consulter ces écrits, (le troisième tome difficile à reproduire comprend des cartes et des graphiques) concernant le changement rapide des paysages, la disparition d'un métier et d'une culture : patrimoine historique et paternalisme, nationalisation et modernisation, souffrance devant la crise et la léthargie de la cité.

Félicitations à Cornélia et merci pour ce don précieux à nos archives.

FOTO 21: ARTIGO NO JORNAL LOCAL.



FOTO 22: VISTA DE LA GRAND-COMBE, AINDA EM 1989.



FOTO 23: FOTO TIRADA POR SILVIA PETERSEN EM FRENTE A UNIVERSIDADE DE PARIS V, SORBONNE, ABRIL DE 1992.



FOTO 24: COMEMORAÇÃO DA DEFESA DE TESE COM AS AMIGAS CARMEN RIAL E ANA LUIZA CARVALHO DA ROCHA, PARIS, ABRIL 1992.

Dos retornos e continuidades

Em 2001, por ocasião de um pós-doutoramento na França voltado à especialização em Antropologia Visual, pude retornar a La Grand-Combe, acompanhada das amigas Carmen Rial e Miriam Grossi. Ainda encontrei madame Courdec, mas seu marido já havia falecido; também seu Pezon e o funcionário da prefeitura que me havia ajudado haviam falecido. O vale negro que cortava a cidade havia sido substituído por um misto de parque verde, uma praça cimentada onde se encontravam aparelhos para lazer infantil.

A visita fora rápida, e não retornei mais para La Grand-Combe. Alguns cartões que mandava para famílias amigas tornaram-se cada vez mais raros. Ainda tive a oportunidade de rever Béatrice, desta vez em Paris, antes de retornar ao Brasil, no final de 2001. Depois disso, perdi o contato. Sempre busco reencontrá-la e descobri no Google que fora eleita vereadora por um partido de esquerda em Alès. Escrevi para a Câmara de Vereadores, mas ainda não obtive um retorno.

Fiz ainda vários esforços para publicar a tese na França, buscando apoio das câmaras de comércio da região, mas sem sucesso, embora no relatório da defesa estivesse recomendada a publicação da tese tal como ela havia sido apresentada e defendida. Enfim, retornava ao Brasil e para o trabalho acadêmico na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tive a oportunidade de publicar vários artigos e capítulos sobre a tese e, finalmente, um resumo da pesquisa na forma de livro, em 2012, com o título *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)*, que eu mesma financiei, publicando pela Appris (Curitiba).

É interessante receber de vez em quando alguma repercussão da tese de algum novo estudante que volta ao tema, dando continuidade à saga da antropologia da classe operária na França ou no Brasil. No Brasil, tive a oportunidade de orientar uma dissertação que retomava minha pesquisa de mestrado e dava continuidade ao tema, agora na cidade vizinha de Minas

do Leão, com base na extração de carvão em companhia estadual. Conheci Marta Cioccarri como aluna de mestrado na disciplina de Metodologia, e ela me contou que fizera uma reportagem premiada (por ser jornalista) sobre os mineiros de Minas do Leão. Conteí para ela minha experiência no Brasil e na França. Tempos depois, ela decidiu abandonar seu tema original e pediu que a orientasse na pesquisa sobre Minas do Leão. Perguntei o que a havia feito mudar de tema, e ela respondeu-me que tivera um “sonho de iniciação”, no qual ela via um par de botinas de couro marrom escuro, em cuja parte posterior estava escrito *Charbon*. As botas haviam sido emprestadas por mim. De fato, todas minhas caminhadas em La Grand-Combe foram feitas com uma botina marrom, e Marta e eu ficamos impressionadas com o sonho que a motivara a mudar de tema e de grupo de pesquisa.¹⁹

Também foi benéfico ver um grande placar com a fotografia da tese, exposta no 25 aniversário do acordo Capes/Cofecub, comemorado no Rio de Janeiro em 2004, ocasião em que recebi uma medalha de reconhecimento de um programa de doutoramento bem-sucedido. Na realidade, muitos e muitas colegas puderam beneficiar-se desse acordo, que ainda persiste como política de internacionalização dos estudantes brasileiros.

No momento em que escrevo, esse intercâmbio está interrompido devido à grave crise sanitária mundial, a pandemia causada pelo vírus Covid 19. Há mais de um ano, a universidade em que trabalho se encontra fechada, e todas as atividades ocorrem de forma remota. Mas não somente essa crise embala estes tempos de lembranças e de escrita; vivemos um tempo de desgovernança no país, sob o regime de um mandatário inescrupuloso.

¹⁹ Marta Cioccarri narra este e outro sonho de iniciação em artigo intitulado “Reflexões de uma antropóloga ‘andarina’ sobre a etnografia numa comunidade de mineiros de carvão”, publicado na *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 217-246, jul.-dez. 2009. Marta também seguiu com o tema sobre os mineiros de carvão em Minas do Leão em sua tese de doutorado, agora orientada por José Sérgio Leite Lopes, passando um período sanduíche na França, na cidade de Creutzwald, que abrigou a última mina de carvão no país, fechada em 2004.

Não menos importante é destacar a desgovernança no estado e na cidade onde moro, Porto Alegre, com destaque para uma ameaça atual, a da exploração de veias de carvão na superfície (mina a céu aberto), a 900 metros do rio Jacuí. É uma região próxima a muitas cidades e à capital. Tal situação foi gerada pela aprovação da proposta de mudança sugerida pelo atual governador, Eduardo Leite, do Código Estadual Ambiental do Rio Grande do Sul. Segundo Flávio Tavares, esse código foi “elaborado durante dez anos, ouvindo todos os setores da sociedade — porque, afinal, meio ambiente envolve toda a sociedade. A partir dessa alteração no Código, a situação é cada vez pior, porque as questões ambientais, por parte do poder público, deterioram-se. É como se estivéssemos brincando com o meio ambiente, como se o planeta fosse um brinquedo” (Tavares, 2021), colocando em risco a qualidade do ar, a sustentabilidade das águas dos rios próximos, ameaçando de desapropriação populações quilombolas e indígenas que moram nas adjacências da área a ser explorada, além de tornar o rio Jacuí um “lixão químico”, palavras do professor da UFRGS, Rualdo Menegat (2019), e, como principal afluente do lago Guaíba, que abastece a reunião metropolitana, transformando-o em um “lago podre”, nas palavras de Flávio Tavares (2021)²⁰. Os tempos de crise não dão trégua. Resta o trabalho de resistir, superar e seguir nas rítmicas da duração.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique précédé de Trois études d'ethnologie kabyle*. Genève, Droz, 1972.

²⁰ Carvão, aqui não. https://www.observatoriodocarvao.org.br/na-contramao-energetica-rio-grande-do-sul-discute-nova-usina-a-carvao/?fbclid=IwAR1tc6plrLdl92w-6q8XYdB7FOPsUoQpqVE36vzpn_QP_gju14c9y8urqDU

CIOCCARI, Marta. “Reflexões de uma antropóloga ‘andarina’ sobre a etnografia numa comunidade de mineiros de carvão.” *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 217-246, jul/dez 2009.

DAS, Veena. *Critical Events. An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Nova Delhi, Oxford Univ. Press, 1995.

ECKERT, Cornelia. Os homens da mina: um estudo das representações e condições de vida dos mineiros de carvão de Charqueadas RS. *Dissertação de mestrado*. Orientador: Ruben Oliven. Porto Alegre, PPGAS IFCH UFRGS, Ano de Obtenção: 1985.

ECKERT, Cornelia. Une ville autrefois minière: étude anthropologique La Grand-Combe France. *Doctorat*. Volumes I, II, III. Paris V, Sorbonne, Université Renne Descartes. Orientador: Jacques Gutwirth Coorientador: Antoine Prost. Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Paris, 1992.

ECKERT, Cornelia. *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)*. Curitiba, Ap-
pris, 2012.

EWALD, François. *L'Etat providence*. Paris, Bernard Grasset, 1986.

FORTIN, André. *Histoires de Familles et de Réseaux*. La sociabilité au Québec d’hier à demain. Montréal, Les Éditions Saint-Martin, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: Naissance de la prison*. Paris, Ed Gallimard, 1975.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva 1983.

LEITE LOPES, José Sérgio. *O Vapor do Diabo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Tropiques*. Paris, Librairie Plon, 1955.

LEVI-STRAUSS, Claude. *L’identité*. Paris, Quadrige/PUF, 1983.

MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*. Paris, Quadrige/PUF, 1985.

MENEGAT, Rualdo. <http://www.ihu.unisinos.br/591209-mina-guaiba-e-o-sucateamento-da-fiscalizacao-ambiental-entrevista-especial-com-rualdo-menegat>. 2019. Consulta 31 de julho 2019.

MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). O estrangeiro. In: *Simmel. Sociologia*. São Paulo, Editora ática S.A., 1983. P. 182-188.

OLIVEN, Ruben G. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis, Vozes, 1983.

PUECH. La Compagnie de La Grande-Combe. Société Anonyme – Capital 6.375. Paris, Ecole Nationale des Mines, 1901. Tome I, II, III. *Manuscrit*.

RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris, Points, 1996.

SCHWARTZ, Olivier. *Le monde privé des ouvriers, hommes et femmes du Nord*. Paris, PUF, 1990.

TAVARES, Flávio. Projeto Mina Guaíba revela sociedade de consumo que leva à perda de valores essenciais e aos retrocessos. Entrevista especial com Flávio Tavares. A partir do projeto que quer minerar carvão nas margens do rio Jacuí e quase dentro de Porto Alegre, jornalista reflete sobre fissuras no tecido social que gera degradação humana e ambiental. <http://www.ihu.unisinos.br/611820-projeto-mina-guaiba-revela-sociedade-de-consumo-que-leva-a-perda-de-valores-essenciais-e-aos-retrocessos-entrevista-especial-com-flavio-tavares>. Consulta 10 agosto 2021.

TREMPE, Rolande. *Les Mineurs de Carmaux, 1848 – 1914*. 2 vols., Paris, Editions Ouvrière, 1971.

WIENIN, Michel. *Le pays d'Alès*. Alès, Saber, 1986.

Empreendedores imigrantes étnicos na Place d'Italie, Paris²¹

Carmen Rial²²

Miriam Grossi²³

Andrea Eichenberger²⁴

Paris como cidade global

Paris é uma cidade global desde o século XIX. Segundo Saskia Sassen (1991), uma cidade global é um espaço onde se encontram fluxos midiáticos, financeiros, culturais e uma população multiétnica, contando sua economia com uma mão de obra de imigrantes. Os 87 quilômetros quadrados que muitas vezes são chamados de *Paris intramuros* incluem cada vez menos

²¹ Esta é uma versão revista e atualizada de capítulo de livro publicado em inglês em Vailati; Rial 2017.

²² Jornalista e antropóloga, tem doutorado em Antropologie et Sociologie pela Université de Paris V. Professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina

²³ Professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Anthropologie Sociale et Culturelle – Université de Paris V.

²⁴ Doutora em Antropologia pela Universidade de Paris 7 – Sorbonne Paris-Cité, em cotutela com a Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisadora do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC).

moradores de baixa renda devido à gentrificação,²⁵ que expulsa para a periferia nativos franceses e imigrantes estrangeiros que não podem pagar os altos aluguéis na capital cultural da Europa, uma cidade com a elevada densidade populacional de mais de 20 mil habitantes por quilômetro quadrado, comparável apenas a Nova York e algumas cidades asiáticas (Manila, Mumbai, Dahka entre elas).

Estudos demográficos oficiais sobre a composição da população de Paris usam o termo “imigrante” para se referir aos residentes da França metropolitana que não nasceram em Paris, que podem ou não ter nacionalidade francesa.²⁶ Em escala nacional, de acordo com o Institut National de la Statistique et des Études Économique (INSEE),²⁷ aqueles definidos como imigrantes compõem 20% da população francesa atual, uma porcentagem não superior à de 1930. Em 2011, a população de Paris era estimada em 2.249.975 (dos quais 456.105 eram imigrantes), inferior aos 2.900.000 de 1921, ano em que a cidade teve seu maior número de moradores, e ao número de habitantes de 2022, que diminuiu para 2.140.00 habitantes.²⁸

²⁵ O custo de compra de um metro quadrado em Paris em 2008, quando realizamos a pesquisa deste artigo, era de cerca de 6 mil euros ou menos nos 10^o, 12^o, 18^o, 19^o e 20^o *arrondissements*, e 8 mil euros ou mais no 1^o, 4^o, 5^o, 6^o, 7^o, e 8^o *arrondissements*. No bairro estudado, estava na faixa de 6 mil a 7 mil euros por metro quadrado (Pinçon e Pinçon-Charlot 2008: 98). Em julho de 2022, o preço médio do m2 em Paris é de 11.488 euros, sendo que no bairro estudado, no 13^oème o preço médio é de 10.716 euros por m2 (<https://immobilier.lefigaro.fr/prix-immobilier/paris/ville-75056>). O preço dos aluguéis acompanham essa divisão. Em julho de 2022, o preço médio de aluguel em Paris é de 35 euros por m2, e no 13^oème, é de 32 euros por m2.

²⁶ Desde o início do século XIX, a emigração interna na França por moradores das “províncias” para a capital, reconhecida na expressão *monter à Paris* (“subir para Paris), foi e continua sendo amplamente representada na literatura, no cinema e em outras formas de expressão artística como uma experiência relacionada à alienação, sofrimento e realização. Trata-se de um *topos* da vida social francesa, geralmente ligado a uma experiência da juventude e relacionado à importância que a cidade de Paris teve até o final do século XX como centro estudantil, político e econômico.

²⁷ <https://www.insee.fr/fr/statistiques>

²⁸ <https://www.statista.com/statistics/1046125/population-of-paris-france/>

Com uma população estimada de 2.132.577 habitantes em 2022,²⁹ para uma área de 10.540 hectares, Paris é a quarta maior cidade da União Europeia. Sua densidade é, portanto, de 20.544,8 habitantes/km,² tornando-se a sétima cidade mais densamente povoada do mundo,³⁰ só sendo rivalizada na França pelas comunas que circundam a cidade, porque todas as outras cidades francesas têm densidade inferior a 10 mil habitantes por quilômetro quadrado.³¹

No período entre as guerras, a grande maioria dos imigrantes na França veio de países da Europa Central, enquanto no pós-Segunda Guerra Mundial houve forte imigração do sul da Europa (Portugal e Espanha) e do norte da África (Argélia, Tunísia e Marrocos), fluxos incentivados por políticas estatais que procuraram estimular o crescimento industrial e que estiveram também vinculadas à situação colonial francesa. No século XXI, os imigrantes mais visíveis e os mais discriminados são aqueles que emergem dos processos pós-coloniais contemporâneos e dos fluxos de mobilidade (Tim Creswell, 2009) com causas diversas. Este estudo enfoca esses imigrantes cujas identidades são etnicizadas por suas origens africanas, asiáticas ou latino-americanas, enquanto aqueles que eram “estrangeiros” na década de 1930 agora se tornaram “europeus” na recente integração dos países do sul e leste da Europa na comunidade europeia.³² Assim, reconhecemos que as políticas estatais moldam o fluxo e as identidades dos migrantes (Lee Beyer; Mechteld Venken; Idesbald Goddeeris, 2009).

²⁹ Dado estimado a partir do censo de 2019, onde Paris tinha seus 2.165.423 habitantes.

³⁰ Manhattan tem uma densidade de 24.200 por km²; a de Londres é inferior a 8 mil, e a de Moscou, inferior a 10 mil (Pinçon e Pinçon-Charlot 2008: 8).

³¹ Uma densidade que inclui os bosques de Boulogne e Vincennes, sem a qual seria ainda maior: 33.400 habitantes por km² (Pinçon e Pinçon-Charlot 2008: 26).

³² Julia Kristeva (1991) analisou o comportamento dos europeus em relação àqueles entendidos por eles como estrangeiros, ou seja, o estranho, o forasteiro, o estrangeiro. Para ela, ao estudar a noção no contexto europeu ao longo dos séculos, a produção do “outro” está intimamente relacionada à produção do “eu”. Ela argumenta que produzir o estrangeiro é o mesmo que produzir a si mesmo e que significa construir uma fronteira de cidadania e civilidade.

Como mostrou Bernard Marchand, em 1886, Paris era a cidade francesa com mais moradores do interior da França: apenas 36% dos parisienses haviam nascido lá naquela época, enquanto 56% nasceram em outro lugar, no departamento de Sena³³ ou no interior, e 8%, em outros países (1993, p. 134). No final do século XX, o número de parisienses nascidos em Paris era ainda menor. Em 1999, apenas 31% dos residentes haviam nascido na capital, e 14,5%, no resto da Île-de-France, enquanto 32% vieram do interior, e 23% nasceram em outros países (Michel Pinçon; Monique Pinçon-Charlot 2008:29). Como vemos nessas estatísticas, a imigração de estrangeiros quase triplicou em um século.

Enquanto hoje muitos imigrantes são de origem estrangeira, no século XIX, a imigração para Paris era constituída por pessoas do interior francês — os chamados *provinciaux* —, que se mudaram para a capital, especialmente de Limousin, Bretagne e Auvergne. Esses imigrantes estão localizados em espaços bem definidos no interior dos bairros — nos chamados *quartiers* —, que assumem ares de suas regiões de origem: os bretões são encontrados perto da Gare de Montparnasse e os de Auvergne, perto do Faubourg Saint-Antoine.

Assim como os imigrantes do interior, os estrangeiros também se localizam em lugares específicos da cartografia da cidade, o que marca esses lugares étnicamente. Assim, a porção leste do 13^o *arrondissement* é o lugar de escolha de asiáticos (vietnamitas, cambojanos, chineses) sendo a

³³ O departamento agora é chamado Île de France.

Chinatown parisiense,³⁴, o *quartier* da Goutte d'Or no 18^o *arrondissement* é ocupado por africanos, enquanto a comunidade tâmil do Sri Lanka e outro étnicos indianos situam suas lojas na Avenue de la Chapelle entre a Gare du Nord e a estação de metrô La Chapelle no 10^o *arrondissement*.

Foram sucessivas as ondas de chegada de imigrantes estrangeiros e a ocupação desses espaços: primeiro os belgas e poloneses, depois espanhóis (o grande êxodo causado pela derrota dos republicanos frente às forças de Franco), portugueses e italianos, e depois trabalhadores das ex-colônias francesas na África e na Ásia. Uma visita ao chamado Museu da Imigração,³⁵ inaugurado em 2008 no prédio do Museu de Artes Africanas e da Oceania (que havia sido criado após a exposição universal de 1931 como Musée des Colonies), revela a existência de cerca de 200 nacionalidades identificadas em Paris. São muitos e de diversas origens: em 2010, residiam em Paris cerca de 306 mil

³⁴ Um bairro “chinês” que dá visibilidade, por meio de restaurantes e outras lojas étnicas, a uma forte presença de imigrantes asiáticos em Paris. A etnicização do bairro começou na década de 1970 por meio de um projeto arquitetônico para a modernização urbana de Paris, que envolveu a destruição de casas tradicionais da classe trabalhadora do século XIII para a construção de edifícios altos conhecidos como *tours*, com vinte a trinta andares. Esse processo de reformulação urbana do governo Pompidou levou à chegada massiva de refugiados vietnamitas e cambojanos à cidade, instalados com apoio estatal — por meio de programas para refugiados políticos — nesse espaço urbano. Ali foram projetados um conjunto de arranha-céus com dezenas de edifícios. A polêmica que se seguiu a essa construção acabou por reduzir o número das torres drasticamente. As torres do 13^{ème} são presentes na literatura — o polêmico Michel Houellebecq habitava ali e as descreveu em seus romances — e no cinema, com *Les Olympiades*, de Jacques Audiard (2021). No início dos anos 1970, refugiados políticos latino-americanos também chegaram a Paris, fugindo de regimes totalitários no Brasil, Chile, Uruguai e Argentina — um grupo etnicamente menos marcado que rapidamente se integrou à sociedade francesa.

³⁵ O Museu das Colônias foi construído para a exposição colonial de 1931 e foi projetado como um edifício *art déco* por excelência. Os murais e afrescos são montagens alegóricas da França no exterior, altamente representativas do domínio colonial e do racismo. Em 1935, o museu tornou-se o Musée d'outre-mer, levando adiante a missão de educar o público sobre as colônias. Em 1960, tornou-se Musée National des Arts d'Afrique et d'Océanie (Museu de Artes Africanas e Oceânicas (Maao) e depois, em 1990, Museu Nacional de Artes da África e Oceânia. A partir de 2007, passou a chamar-se Cité nationale de l'histoire de l'immigration (Cidade Nacional da História da Imigração).

estrangeiros, ou seja, 9,4% do total de 3.200.000 estrangeiros na França — os parisienses representam apenas 3,4% da população total do país.

Os estrangeiros que habitam Paris o fazem, como vimos, em locais preferenciais. Os distritos em que encontramos taxas de estrangeiros acima da média são aqueles em que o preço da residência é mais barato (18°, 19° e 20° *arrondissements*), os do centro e leste (2°, 3°, 10° e 11° *arrondissements*) e, surpreendentemente, nos locais onde os valores imobiliários são os mais elevados da cidade (8° e 16°, Pinçon; Pinçon-Charlot, 2008, p. 30). Essa presença estrangeira nos bairros nobres da capital se explica bem menos pela aquisição de apartamentos de luxo por milionários ingleses, árabes e asiáticos, ou pela presença dos funcionários de nível superior de muitas das embaixadas da região e uma população estrangeira de elite, e mais pelo fato de espanhóis, portugueses e marroquinos prestarem serviços em apartamentos privados, cuidarem dos edifícios e viverem no local — nas chamadas *loges de concierges*.

Como em tantas cidades globais, quer vivam ou não “dentro dos muros” de Paris, a presença desses imigrantes é essencial para a força de trabalho da cidade e a prestação de serviços. Eles estão atrás dos balcões de lojas e supermercados, como trabalhadores ou lojistas, limpando ruas e escritórios, cuidando de crianças e idosos e garantindo, assim, a existência da cidade.

É no contexto dessa situação da imigração em Paris que realizamos a pesquisa deste texto. Ao contrário de outros estudos sobre imigrantes na França, que se concentram em uma análise da exploração e da desigualdade, como os realizados por Colette Pétonnet (1979) ou Pierre Bourdieu e sua equipe (1993), nossa pesquisa focalizou outro tipo de imigrante, aquele que deixou para trás as circunstâncias de exclusão criadas pela situação da imigração e se tornou seu próprio patrão, abrindo pequenos negócios. Alguns (mas não todos) desses negócios “assumem seus significados e qualidades

distintivos através da codificação de pessoas, práticas e objetos como especificamente ‘étnicos’” (Jonathan Everts, 2010).³⁶

A vizinhança

Na Place d’Italie, não surpreendentemente, somos confrontadas com algumas presenças étnicas e algumas ausências — a presença de norte-africanos, asiáticos, latino-americanos e a ausência de judeus (cujos negócios se concentram tradicionalmente no *quartier* do Marais, no 3º e bretões, entre outros. Segundo dados do INSEE,³⁷ em 2018 eram de mais 183.632,

³⁶ Usamos a categoria de etnicidade para reconhecer as diferenças culturais. No entanto, evitando noções essencialistas, também reconhecemos que as práticas individuais definem identidades étnicas. Como observa Alleyne, as comunidades étnicas não são entidades estáticas e devem ser vistas “como uma rede de agentes com projetos em constante mudança, em vez de uma tapeçaria de pessoas com raízes compartilhadas” (2002: 622).

³⁷ População por ano

1968 - 158.280

1975 - 163.313

1982 - 170.818

1990 - 171.098

1999 - 171.533

2008 - 179.500

2013 - 183.713

2018 - 180.632

Densidade média (hab/km²) por ano

1968 - 22.137,1

1975 - 22.841,0

1982 - 23.890,6

1990 - 23.929,8

1999 - 23.990,6

2008 - 25.104,9

2013 - 25.694,1

2018 - 25.263,2

• Os dados fornecidos são estabelecidos com a mesma abrangência geográfica, na geografia vigente em 1º/01/2021.

• Fontes: Insee, contagens de RP1967 a 1999, fazendas principais de RP2008 a RP2018.

sendo essa a última estatística disponível. Trabalhamos com os dados de 2011, quando realizamos a etapa mais densa da pesquisa. A população do 13º era então de 183.260 habitantes, incluindo 38.671 estrangeiros, que é a mesma proporção de estrangeiros de Paris, ou seja, 21,1% do bairro. A maioria desses estrangeiros provém dos países do norte da África (Argélia, Marrocos e Tunísia), que somavam 9.113 imigrantes em 2011, seguidos de europeus, com 8.828 habitantes (principalmente portugueses, italianos e espanhóis), 6.916 de outros países africanos e 14.417 de outros países.

As ruas escolhidas na pesquisa fazem parte administrativamente do que é considerado como um dos espaços mais cobiçados do 13º *arrondissement*, entre a Place d'Italie e a Butte aux Cailles.³⁸ A Place d'Italie tem um grande shopping center e é um espaço de alta circulação urbana, devido ao número de metrô e ônibus que para ali confluem. A Butte aux Cailles é historicamente conhecida por sua resistência anarquista durante a Comuna de Paris, de 1871. Hoje é um bairro com muitos restaurantes e uma dinâmica vida noturna parisiense, atraindo um público jovem, e habitado por artistas e intelectuais de classe média.

Essa área foi transformada acompanhando a gentrificação geral da cidade e, como algumas outras regiões, sofreu mudanças ainda mais profundas. Tradicional bairro boêmio, de “esquerda”, com associações anarquistas que remontam ao século XIX, é passagem para a Chinatown, localizada, como dissemos, no 13º, porém mais próxima ao Boulevard Périphérique, onde os donos das lojas, também mantidas por imigrantes, têm uma origem étnica mais homogênea, sendo quase todos asiáticos: vietnamitas,

³⁸ A Butte aux Cailles era uma colina perto do rio Bièvre, batizada em homenagem a Pierre Caille, que a comprou em 1543 e que ali localizou vários moinhos de vento. Durante o século XVII, foi local de pedreiras de extração do calcário e diversas atividades (tapeçaria, tinturaria, lavagem de roupa e talho), que sujavam a região. Em 1784, foi construída uma muralha onde hoje se ergue o Bd. Auguste Blanqui, bairro que pertencia à comuna de Gentilly, na fronteira com Paris, parte da qual foi incorporada à cidade em 1860. Dado o subsolo frágil, do qual se retirou o calcário, não se autoriza a construção de edifícios pesados, e assim o Butte mantém o ar de uma aldeia até hoje.

cambojanos ou chineses. Com a conclusão da Biblioteca Nacional François Mitterrand, transferência para o 13º de universidades como a Université de Paris 7, por uma década da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS),³⁹ mais recentemente pela instalação da sede parisiense da Universidade de Boston, toda a região ao redor do Boulevard Vincent Auriol foi transformada: houve a restauração dos antigos *moulins*, os moinhos industriais de farinha, a construção de novos edifícios de uma arquitetura modernista e a instalação, especialmente na Av. de France, de um comércio intelectual com livrarias, cinemas, lojas de artigos esportivos.

Embora localizada mais próxima da Place d'Italie e a cerca de 1 km do novo *quartier* da grande biblioteca, a rue du Père Guérin também viu suas características mudarem profundamente. O que hoje é uma rua agradável, com belas vitrines, restaurantes, pequenos comércios, apartamentos com flores nas varandas, iluminação elegante e ciclovias, no final do século XX tinha uma atmosfera empobrecida que refletia um certo abandono do governo: lixo nas calçadas, carros estacionados em ambos os lados da rua estreita e prédios antigos com quartos pequenos, alguns com banheiro no corredor,⁴⁰ muitos dos quais tinham sido no início do século XX hotéis para trabalhadores manuais. Como muitos desses trabalhadores eram imigrantes homens, a composição demográfica era mais masculina do que é hoje. O que mudou radicalmente: segundo o censo de 2018 para o bairro 13º, o número de moradias habitada por uma mulher sozinha (27.071) supera a de homens só (18.663), ficando atrás de casais com crianças (61.648) e de casais sem crianças (35.455).⁴¹ Esses números provavelmente são diferentes

³⁹ École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, o principal centro de educação em ciências sociais na França, ficou localizada no 13º por um período de alguns anos antes de ser estabelecida em 2020 no Campus Condorcet, ao norte de Paris, em Aubervilliers.

⁴⁰ Como descrevemos em outro artigo (Grossi & Rial 2000), os apartamentos de baixo custo em prédios antigos em Paris não tinham banheiro privativo. Havia banheiros coletivos nos corredores ou escadarias, e os banhos eram tomados fora da casa, no espaço público dos banhos públicos.

⁴¹ <https://www.insee.fr/fr/statistiques/2011101?geo=COM-75113#chiffre-cle-1> (consultado em fevereiro de 2022).

nas ruas pesquisadas. Dada a predominância de apartamentos de uma só peça (os *studios*), temos a hipótese de que as moradias habitadas por mulheres ou homens sós seja superior à média do bairro.

Os espaços residenciais também mudaram substancialmente. Por exemplo, na rue du Père Guerin, onde antes havia uma pensão de baixa renda e um restaurante marroquino especializado em pratos como cuscuz e tagines, hoje há um edifício HLM⁴² com apenas cinco grandes apartamentos. Onde havia uma movimentada associação de trabalhadores portugueses,⁴³ e mais tarde, por um curto período, um restaurante africano, agora há uma loja de calçados infantis (Aimée la Fée) de proprietários franceses. Onde antes havia uma costureira, agora há um salão de beleza movimentado, de proprietários chilenos, filhos de exilados. Essas mudanças dão prova da dinâmica social de gentrificação e mobilidade dos espaços do bairro e correspondem ao que ocorre na cidade como um todo.

Aos finais de semana e à noite, os restaurantes da Butte-aux-Cailles atraem uma clientela de jovens profissionais parisienses de alto poder aquisitivo — os chamados *bobôs*, na gíria local — e, mais recentemente, também turistas, dando um ar animado ao bairro, com pequenas aglomerações em frente aos bares e cafés, especialmente nas noites dos finais de semana. Essa exuberância tornou-se até fonte de forte conflito entre moradores tradicionais e os bares e restaurantes, com queixas de barulho, lixo e outros

⁴² HLM é a sigla para *Habitation à Loyer Modéré*, habitação de aluguel moderado em tradução literal. HLMs constituem 16% de todas as habitações na França. Existem aproximadamente 4 milhões dessas residências, abrigando cerca de 10 milhões de pessoas. O padrão de vida nos conjuntos habitacionais HLM é muitas vezes o mais baixo do país, mas não em todos os bairros, especialmente na periferia. Setenta e dois por cento dos HLMs franceses construídos antes de 2001 (e 95% daqueles construídos entre 2001 e 2011) são pequenos edifícios ou casas individuais. O tamanho médio dos edifícios é de vinte apartamentos. A construção do HLM é financiada principalmente por fundos arrecadados no Livret A, um tipo de caderneta de poupança regulamentada pela Caisse des dépôts et consignations.

⁴³ Não por acaso, os portugueses são uma das maiores comunidades de imigrantes do bairro 13o.

inconvenientes criados pelos clientes.⁴⁴ De fato, durante a semana, nos restaurantes, os clientes preferenciais não são turistas, mas funcionários dos escritórios de bairro, especialmente do prédio do grande shopping Paris 2. Isso se reflete nos menus, que oferecem uma refeição a preço fixo com entrada, prato principal e sobremesa a um custo que corresponde ao valor de um vale-restaurant (em 2011, inferior a 10 euros), que, segundo a lei, os trabalhadores das empresas que não dispõem de cafetaria devem obrigatoriamente receber como parte do salário. Esses funcionários que comem na hora do almoço, segundo os donos dos restaurantes, também frequentam os restaurantes à noite, pagando os preços padrão.

Práticas diárias e domésticas

A pesquisa adotou um foco micro na tentativa de compreender os processos migratórios a partir das práticas cotidianas e domésticas dos agentes, sejam indivíduos ou grupos familiares, residentes na França, e que tenham uma relação atual ou historicamente forte com um país estrangeiro. Apesar de apresentar diversos vínculos com seu país de origem, nem todos poderiam ser classificados como imigrantes transnacionais (Rainer Bauböck; Thomas Faist, 2010). O estudo incidiu mais precisamente sobre um grupo de imigrantes que atuam no espaço urbano selecionado, um grupo que se caracteriza por serem donos de seus negócios, ou seja, como *imigrantes empreendedores*. A partir de suas biografias, buscamos analisar as motivações de seus movimentos migratórios, seus projetos de mobilidade social e como sua situação familiar influenciou suas condições empresariais, tendo como foco analítico o lugar central que a constituição de uma pequena empresa tem sobre a vida deles.

⁴⁴ Um artigo no *Journal du 13ème* (de novembro de 2011) relata as negociações entre as associações de moradores e os lojistas e a mediação do governo municipal local para manter a “vocalização artística e turística” do Buttes aux Cailles e descreve como as políticas públicas locais sustentam o caráter cosmopolita do bairro.

Optámos por estudar 500 metros ao longo da rua du Père Guerin e do Moulin des Près, observando como as pequenas empresas de imigrantes parecem ter uma forte presença espacial e figurativa nesse espaço da cidade, nomeadamente através do impacto visual dos letreiros dos sete restaurantes “étnicos” localizados nesse espaço urbano (dois indianos, um mexicano, um chinês, um italiano, um tailandês e um vietnamita), além de uma mercearia sul-coreana e uma lanchonete turca que vende kebabs, localizados nas proximidades. Nesse pequeno trecho, encontramos, além dos restaurantes mencionados, dois chaveiros (um de um cambojano e outro de um argelino), duas casas de massagem (de uma chinesa e de uma tailandesa), um antiquário (de uma brasileira), um consultório de dentista (de um asiático), um salão de beleza (de um chileno), uma lavanderia (de um tunisiano), uma mercearia (de um tunisiano), um alfaiate (de um turco) e uma padaria (de uma argelina-kabyle).⁴⁵

Há também lojas na área do estudo pertencentes a franceses não imigrantes: na rue Père Guerin, há uma loja de calçados infantis; um consultório de três parteiras que atendem gestantes, com ioga; uma loja especializada em chocolate; e outra lavanderia. Na rue du Moulin des Près, há uma loja de bebidas, uma franquía da rede de vinhos Nicolas, uma papelaria-livraria, uma oficina de conserto de eletrodomésticos, um grande café, outra loja de chaves, uma agência de viagens, uma imobiliária e um reciclador de cartuchos de impressão.

Metodologicamente, essa foi uma pesquisa a seis mãos: o estudo foi conduzido por três antropólogas brasileiras, duas das quais tiraram fotografias. Tanto a câmara quanto nossa origem étnica tiveram um papel importante, ajudando a “abrir portas”, processo que, no caso da câmara, já foi

⁴⁵ Atualmente, em 2022, pertence a tunisianos.

suficientemente analisado para merecer nos determos aqui.⁴⁶ Vale analisar brevemente o fator étnico como “abridor de portas”.

Cada uma das pesquisadoras se apresentou como “brasileira”, o que auxiliou nos contatos, tornando os interlocutores mais abertos ao diálogo. Muitos dos interlocutores expressaram uma opinião positiva sobre o Brasil, que variava — e às vezes era contraditória —, mas sempre agradável e girava em torno dos topos carnavalescos, futebol e praias, e imagens de um país hospitaleiro. Para citar alguns:

- “Ah, eu amo o futebol brasileiro. Você tem grandes jogadores, há muitos jogadores brasileiros na Turquia”, comentou o alfaia-te turco, que também disse ser fã do Fenerbahçe de seu país de origem.
- “Conheço o Brasil, estive em Campina Grande, Recife, Salvador... As praias, as pessoas, tudo é maravilhoso”, disse o dono do restaurante mexicano que trabalhou em hotéis no Brasil.
- “O Brasil é um país pacífico, não há guerras lá”, disse o chaveiro cambojano, que indicou ser assombrado por imagens do genocídio de sua família pelo Khmer Vermelho. Quando mencionamos alguns momentos sangrentos da história brasileira, como a Guerra do Paraguai, ele ainda manteve sua visão de um país cordial: “Talvez 100 anos atrás, mas não agora. Vocês não querem guerra, como outros lugares querem.” E também citou o carnaval como uma característica brasileira que ele admirava.

Mas além dos clichês comuns sobre um país pacífico, feliz e tropical, ficamos surpresos ao ver a importância que o governo Lula teve para a ampliação das representações positivas do país. “Lula fez um bom trabalho.

⁴⁶ Uma câmera facilita os contatos entre o pesquisador e os estudados, como notaram vários antropólogos visuais. A observação é legitimada por sua presença, e os sujeitos geralmente mostram coisas “para a câmera” que talvez não em um contato inicial. Serve, assim, como uma forma de mediação que, na maioria dos casos, facilita o contato, embora às vezes possa ser motivo de constrangimento. Ver Collier Jr. 1986; Rial 2001.

Quando os americanos lhe disseram para boicotar o Irã, ele respondeu: ‘Tenho negócios lá, vou continuar’, enfatizando as boas relações do Brasil com os países árabes.”

O outro chaveiro, argelino, também compartilhou uma imagem positiva do Brasil, ainda que inversamente, enfatizando a posição firme de Luiz Inácio Lula da Silva em relação à política dos EUA em relação aos países árabes. A admiração pelo ex-presidente Lula, sua independência na política externa e, principalmente, sua capacidade de falar não se estendia a Dilma Rousseff, pelo menos não da maneira que ela aparece publicamente. “Falta *massou* em Dilma”, disse ele, usando um termo árabe que significa falta de molho ou sabor.

Assim, mesmo evocando diferentes topos estereotipados, a imagem do Brasil foi sempre positiva, o que facilitou o contato inicial, criando uma disposição solidária e rapidamente estabelecendo uma cumplicidade também porque compartilhávamos um status comum de estrangeiros.

Interlocutores

Os estudos de migração mostraram que não são os imigrantes mais pobres que partem em aventuras migratórias (Maxime Margolis, 1994; Carmen Rial, 2008). Mas a ênfase nas questões econômicas como motivação é mantida na literatura desde a famosa declaração do economista J. K. Galbraith definindo a migração como “a mais antiga ação contra a pobreza” (*apud* Rajović, 2013, p. 1), e nas narrativas acusatórias e xenófobas contra os imigrantes que são discurso comum na mídia e de políticos na Europa. No entanto, entre os pequenos empresários estudados, nenhum mencionou fatores econômicos como motivo de sua saída de seu país de origem, enfatizando outras questões para justificar seus planos de migração. Identificamos três categorias de imigrantes, de acordo com a motivação inicial: imigrantes culturais, imigrantes políticos e imigrantes pós-coloniais.

Imigrantes culturais

Imigrantes culturais são aqueles que foram à Paris para estudar ou expandir seus conhecimentos por meio do contato com uma cidade global cosmopolita que oferece várias oportunidades intelectuais maiores do que as encontrariam em suas terras de origem, segundo nos disseram. Entre os motivos de sua imigração está a busca de contato com uma maior “modernidade” (que se poderia traduzir como liberdade individual e maior possibilidade de consumo cultural e material). Em geral, no início de sua estadia na França, para se sustentar, envolvem-se em trabalhos que exigem menos capital cultural, como o trabalho em restaurantes ou fast foods, considerando que priorizam o estudo. Com o tempo, a atividade de sobrevivência, que antes era secundária, pode se tornar central. Isso geralmente ocorre por meio da compra ou formação de uma pequena empresa.

Esses imigrantes sentem-se à vontade em outros países, como na França, sem deixar de se identificar com a sua nação de origem. Porém, com o tempo, a distância do país de origem cresce. À medida que adquirem um ethos mais individualista, passam a se identificar mais com um ethos francês e a lhes parecer excessivos a hierarquia e o “holismo” (Louis Dumont, 1972) presentes em suas sociedades de origem.

A literatura sobre cosmopolitas (Ulf Hannerz, 1990) tem apresentado o cosmopolita típico como uma pessoa ocidental e branca, com recursos financeiros, que viaja para países exóticos para saciar uma curiosidade cultural e experimentar novos sabores e ambientes. Pensamos, porém, que os imigrantes culturais aqui apresentados podem ser considerados cosmopolitas, capazes de viver em outros países e ali ascender socialmente, apesar de um perfil diferente. São o que Kwame Anthony Appiah (1998) chamou de “patriotas cosmopolitas”, cujos pais, geralmente de classe média em sua nação de origem, abrem possibilidades educacionais e culturais para os filhos, que se tornam cosmopolitas sem perder seus vínculos nacionais, ou, nas palavras de Appiah, suas raízes:

O patriota cosmopolita pode entreter a possibilidade de um mundo no qual todos são cosmopolitas enraizados, têm todos um lugar seu, com suas particularidades culturais, mas sentem prazer em estar com os outros, diferentes, lugares que são de outras, diferentes pessoas. O cosmopolita também imagina que em um mundo assim nem todos acharão melhor ficar em sua pátria natal, de modo que a circulação de pessoas entre localidades diferentes envolverá não apenas turismo cultural (de que o cosmopolita admite desfrutar), mas imigração, nomadismo, diáspora. (1998, p. 618)

Podemos dar dois exemplos de imigrantes culturais que encontramos na Place d'Italie. O primeiro, de uma jovem artista coreana de classe média que veio a Paris para estudar escultura e acabou comprando uma pequena loja de outro coreano onde ela faz e vende comida coreana. Ela não pensa em voltar para a Coreia do Sul, onde seus pais têm negócios. O segundo, de uma brasileira, de 55 anos, que também morou alguns anos no bairro, onde estabeleceu uma rede de amigos e clientes para os serviços da empresa familiar que realiza restauração, pintura e decoração em casas e apartamentos da elite. Ela veio para Paris no início de 1980 para continuar seus estudos universitários em linguística e literatura francesa. Com o tempo, e após a união com um francês, que na época estudava arqueologia, mudou seu interesse para uma área de serviços com maior oportunidade no mercado de trabalho local, junto com seu marido francês, que passou a trabalhar com marcenaria. Seu caso representa um dos modelos cosmopolitas de imigração no bairro, em que casamentos interétnicos entre estrangeiros e franceses garantem residência na França aos primeiros e ampliam também o universo de relações profissionais por meio de redes sociais mais globalizadas e com maior capital cultural.

Refugiados políticos

Classificamos como refugiados políticos os imigrantes que têm o estatuto legal de refugiados ou que, mesmo que não o tenham, vieram para a

França para escapar de situações aterradoras nos países de origem. Esse grupo mantém uma relação mais ambígua e complexa com o seu país de origem, uma vez que não podem (ou não puderam durante um longo período) regressar a ele devido ao seu estatuto de refugiado ou às condições políticas nacionais adversas.

É o caso de um homem cambojano, de uns 45 anos, dono da loja de chaves. Ele deixou o Camboja depois de seu pai, que era enfermeiro, e todo o resto de sua família terem sido massacrados pelo Khmer Rouge. Embora na França há 17 anos, ele fala com um forte sotaque e claramente tem dificuldades com⁴⁷ a língua francesa. A guerra é recorrente em sua conversa. O fato do Camboja permanecer sob o regime comunista é um dos elementos que o afasta do país e enfraquece seus laços com sua terra natal, por razões ideológicas. Ele só voltou uma vez ao Camboja e não quer voltar novamente. “Minha vida é aqui, não tenho outro lugar.”

Outra refugiada política que encontramos é a proprietária de um restaurante indiano, uma mulher do Sri Lanka que escapou da perseguição do movimento guerrilheiro Tamil Tigers. Ela mostrou ter uma visão mais positiva de sua vida parisiense. Depois de entrar na França como refugiada, tentou vários empregos, mas, por causa das dificuldades em aprender francês, acabou no ramo de alimentos, com ajuda de fundos familiares e “muito trabalho”. Em seu relato, as memórias da guerra e da perseguição não são tão severas quanto as do cambojano, e seus laços com seu país natal foram restabelecidos com o fim dos conflitos étnicos e políticos no Sri Lanka. Assim, a categoria de migrante transnacional se aplica ao caso dela, e não ao fabricante de chaves cambojano, que, como diz o ditado espanhol, “queimou seus navios” e não tem mais contato com a pátria.

O negócio de alimentos, o trabalho em restaurantes ou como *traiteurs*, é um campo em que as marcas étnicas, longe de serem impedimentos,

⁴⁷ Seu caso aponta para as tensões decorrentes de seguidos projetos de lei de imigração na França que desejam implantar prova de conhecimento de língua francesa como um dos pré-requisitos para a obtenção de visto de residência.

tornaram-se uma vantagem no mercado de cidades globais. A segunda geração de imigrantes políticos revela novas facetas da experiência dos refugiados na França: inserção em outras esferas econômicas e maior domínio da língua e das práticas sociais locais.

É o caso do cabeleireiro de 35 anos, filho de chilenos que escaparam do regime de Pinochet. Ele veio para a França ainda criança e teve toda a sua educação e laços afetivos no país estrangeiro. Estimulado pelos pais a ter um negócio próprio e boa inserção na vida local, fala francês com perfeição e em poucos anos conquistou uma clientela fixa no bairro, majoritariamente de franceses. O sucesso do negócio permitiu-lhe incorporar o costume das empresas francesas de tirar férias e fechar o salão de beleza (onde emprega a irmã) no mês de agosto, revelando a sua clara inserção no ethos francês de valorização das férias e tempo de lazer — o que não aparece tão claramente nos outros imigrantes da primeira geração que também mantêm negócios na rue du Père Guérin.

Observamos neste grupo de imigrantes vivendo no bairro diferenças que surgem quando há mudanças nos regimes políticos em seu país de origem. Foi o que ocorreu com um casal de psicanalistas argentinos, sem filhos, que vieram como refugiados políticos da ditadura militar nos anos 1980 e puderam retornar ao país em 1997. A possibilidade de retorno é vista de forma diferente, dependendo do tempo que moram na França, de suas idades e das idades de seus filhos, quando os têm. Em geral, a existência de filhos adultos casados e de netos impede os planos, mesmo que o imigrante tenha desejado por muito tempo de retorno ao país.

Imigrantes pós-coloniais

Nesta categoria, que tem o maior número de imigrantes, encontramos aqueles que vêm principalmente de países mediterrâneos, do norte da África, do chamado *Magreb*: marroquinos, argelinos, tunisianos e da Turquia. Eles saíram de seu país para se instalar em outro que julgam próximo do seu, dadas as relações históricas de colonização. A sensação de proximidade

entre os moradores da ex-colônia com a ex-metrópole francesa decorre principalmente do domínio da língua francesa, que muitas vezes é a principal língua ensinada nas escolas em sua nação de origem.

Para esses imigrantes, as fronteiras não são impermeáveis. Ao contrário, há uma grande proximidade entre o país de origem e o de destino, um vaivém mais constante, e, para alguns, o país de origem é quase uma outra região da França.

Um desses imigrantes, turco, trabalha em uma alfaiataria há anos, ou seja, em uma profissão altamente valorizada na França, muito competitiva e uma das poucas que permaneceu em solo francês, não tendo se “deslocalizado” para lugares onde a mão de obra tem menor custo, por conta de processos do capitalismo global. Ele nos contou, com uma ponta de orgulho, que costura para o estilista Yves Saint-Laurent, entre outros, e que recentemente participou de uma equipe que criou cinco ternos feitos a mão para o então recém-empossado presidente François Hollande. Conversamos com ele durante seu mês de férias, quando estava substituindo um amigo turco que é o dono da *retoucherie*⁴⁸ onde o encontramos.

Dono de um comércio de chaves, um dos argelinos entrevistados está na França há 28 anos e tem uma loja há 6. Com um francês impecável, ele explicou: “Eu trouxe o francês na minha bagagem.”⁴⁹ Ele foi casado por 2 anos com uma francesa, que o deixou, segundo suas palavras, “para viajar”, e agora está casado com uma argelina com quem tem um filho de 11 meses. O filho nasceu ao mesmo tempo em que comprou uma nova loja, o que não foi mera coincidência. Quando estava prestes a ter o filho, fez um empréstimo bancário e comprou um espaço comercial por 80 mil euros. A relação com seu país de origem se estende às conversas diárias com sua família por telefone e à celebração, na Argélia, de eventos marcantes, como o nascimento do seu filho e seu casamento.

⁴⁸ Costureiro que faz ajustes em roupas já prontas.

⁴⁹ “J’ai amené le Français dans la valise.”

No mesmo grupo de imigrantes pós-coloniais, encontramos dois tunisianos que possuíam lojas na rue Moulin des Près: um deles tinha uma mercearia (vendida em 2020 para uma rede de pequenos supermercados de bairro que reabriu um minimercado agora gerenciado por um casal de indianos) e o outro uma loja de internet e xerox e uma lavanderia automática que continuam em funcionamento sob os mesmos proprietários. Em ambos, o trabalho dos filhos nos empreendimentos se revelou bastante importante.

Pequenas empresas: uma “economia de parentesco”

Os negócios estudados estão inseridos em uma “economia de parentesco”, seja pela presença de familiares ou pela participação da família no capital inicial. A importância econômica da família tem sido bastante invisibilizada nas teorias migratórias de enfoque economicista que retratam os homens como produtores e as mulheres como reprodutoras. Como argumentam Beyers, Venken e Goddeeris:

Na maior parte do século 20, mulheres e crianças estavam entre esses migrantes menos visíveis, e os estudos de migração reproduziram essa invisibilidade ao privilegiar os homens e seus papéis públicos como objetos de estudo. (Beyers, Venken; Goddeeris, 2009, p. 128)

De fato, como afirma Kofman:

Apesar de ser o modo de entrada legal dominante nas últimas duas décadas nos estados da União Europeia, o estudo da migração familiar tem sido marginalizado teórica, metodologicamente e empiricamente. (Eleonore Kofman, 2004).

As mulheres migrantes sempre estiveram presentes no mercado laboral, mas eram invisibilizadas também por exercerem trabalhos não remunerados em empresas familiares, ou mal remuneradas como trabalhadoras domésticas em setores como o de manufatura de roupas. De fato, o

status das mulheres imigrantes sofreu profundas mudanças nos últimas décadas, tendo, segundo as Nações Unidas, aumentado em número⁵⁰ e assumido diferentes posições no mercado de trabalho:

Há vinte e cinco anos, as mulheres migrantes eram distribuídas por todo o espectro de empregos “feminizados”, mas foram em grande parte confinadas aos setores manuais de empregos “femininos” ou pelo setores de menos prestígio de determinados tipos de trabalho, como enfermagem. Sua posição sempre foi a de “primeira a demitir e última a contratar”. Os níveis de desemprego são ainda muito mais elevados para as mulheres migrantes quando comparado com as mulheres em geral (SOPEMI 1998). Ainda assim, quando falamos de “mulheres migrantes” na Europa de hoje, estamos a olhar para uma imagem diversificada. Há mulheres mais velhas da primeira geração que se mudaram do trabalho de fabricação para o de serviços e algumas fornecem a espinha dorsal do trabalho em empresas. “familiares”. (Eleonore Kofman *et al.*, 2000)⁵¹

Como destacamos, os restaurantes estão entre os negócios que, em sua maioria, incluem membros da família como trabalhadores — e foi o que constatamos entre os imigrantes que lidam com comida na Place d’Italie, com destaque para a presença de mulheres. Todos os restaurantes “étnicos”

⁵⁰ “Embora a maioria das populações migrantes internacionais seja equilibrada em termos de gênero, variando entre 47% e 53% do sexo feminino (Donato & Gabaccia 2015), em algumas regiões, os homens superam as mulheres como migrantes internacionais, e, em outras, as mulheres superam os homens” (Ferris *et al.*, 2020). “Although most international migrant populations are gender balanced, ranging between 47 and 53 percent female (Donato & Gabaccia 2015), in some regions, men outnumber women as international migrants and, in others, women outnumber men.”

⁵¹ Twenty-five years ago migrant women were distributed across the spectrum of “feminized” jobs, but were largely confined to the manual sectors of “women’s” jobs or the least prestigious sectors of certain types of work, such as nursing. Their position has always been one of “first to fire and last to hire”. Unemployment levels are still far higher for migrant women when compared with women generally at a different and diverse picture. There are older first generation women who have moved from manufacturing work into services and some into providing the backbone of labour in “Family” businesses.

estudados dependem do trabalho de mulheres, assim como as lojas de conveniência, diferentemente do que observamos no caso dos restaurantes franceses da Place d'Italie. O salão de beleza também é administrado e conta com a mão de obra de uma mulher, a irmã do proprietário, e a pequena mercearia contava com o trabalho regular da esposa do proprietário e o esporádico de filho e nora.

Há uma dívida moral intergeracional que leva os filhos a se inserirem nos negócios dos pais por uma obrigação implícita nas relações de parentesco que implica também na manutenção econômica da família. Mesmo o trabalho infantil encontra-se, aqui, fora de uma lógica estritamente capitalista. Aparece como uma forma de assistência, um *contradom* (Marcel Mauss, 2003) das crianças ao custo de sua educação e/ou uma forma de treinamento para que no futuro possam assumir o negócio.⁵² Para além da família nuclear e extensa, existe uma rede que circunda cada um dos negócios, formada por “amizades” que se estabelecem regularmente por laços étnicos ou nacionais e que podem envolver trabalho laboral ou *contradativa*, como vimos no caso do alfaiate.

Os recursos familiares, capital e/ou trabalho têm um papel central no estabelecimento e sobrevivência dos pequenos negócios (Sue Baines; Jane Wheelock, 1998; Wheelock e Baines, 1998). Aqui, como em outros estudos sobre “empresas familiares”, encontramos uma ligação entre o ambiente doméstico e o empresarial; e a responsabilidade (Finch e Mason, 1993) sentida pelos membros da família em relação à empresa de propriedade de um parente. Esse é um papel semelhante ao da rede étnica, que muitas vezes funciona como uma família extensa. No entanto, nem todos os imigrantes contactados tinham a mesma quantidade de recursos financeiros de suas famílias de origem ou rede social étnica, e seus negócios dependiam

⁵² Um *contradom* é uma dívida devolvida em troca de um presente anterior, geralmente com um lapso de tempo considerado. Como afirmam Godbout e Caillé (1991: 32), “qualificamos a dívida como a prestação de bens ou serviços, sem garantia de retribuição, para criar, sustentar ou recriar relações sociais entre as pessoas”.

de formas diferentes do trabalho familiar. Essa é uma situação comparável à descrita por Catarino e Oso (2013) ao analisar a literatura sobre negócios étnicos, que nos permitimos citar mais longamente:

Os estudos sobre os “negócios étnicos” também reconheceram o papel da família como uma espécie de capital social, no quadro dos recursos étnicos a que os migrantes costumam recorrer ao montar um negócio. Por exemplo, Raijman e Tienda (2003) destacam a maneira como os coreanos em Chicago têm uma tendência muito maior de abrir um negócio do que os mexicanos, devido às diferenças de acesso à capital através de fontes étnicas e familiares. Como Ram *et al.* (2001) afirmam que a maior parte da literatura que aborda a questão da família no âmbito dos negócios étnicos destaca o fato de que as diferenças culturais impactam na dinâmica empresarial. Consequentemente, algumas comunidades imigrantes parecem beneficiar de maiores facilidades na criação e manutenção de empresas, fruto de solidariedades, ideologias familiares ou culturais que promovam a atividade empresarial, como é o caso dos sul-asiáticos. (Jeremy Boissevain; Hanneke Grotenberg, 1987; Robert Boyd, 1990; Nazli Kibria, 1994; Enzo Mingione, 1999; Jimmy Sanders; Victor Nee, 1996; Pnina Werbner, 1990; Monde Ram *et al.*, 2001; Cristhina Catarino; Laura Oso, 2013)

Vejamos mais de perto. O ingresso em uma profissão é muitas vezes apresentado pelos interlocutores como tendo ocorrido “por acidente”, e não como uma decisão consciente previamente planejada. O argelino explicou que foi “por acaso” que aprendeu a fazer chaves, assim como surgiu a oportunidade de adquirir o seu local (embora já estivesse a poupar havia anos para ter o seu próprio negócio), a coreana queria ser uma artista plástica, mas acabou cozinhando pratos que sua mãe lhe ensinara, e a brasileira que estudava para ser professora de línguas acabou se especializando em pintura e decoração de interiores

A compra do local de trabalho surgiu como uma segunda fase no itinerário profissional desses imigrantes. Na primeira fase, trabalhavam como

empregados de outro empresário, geralmente da mesma origem étnica. Para comprar o próprio negócio precisavam de uma soma considerável de dinheiro, que é maior nos bairros de elite (16^o_{ème}, 8^o_{ème}, 7^o_{ème} e 5^o_{ème}) e menor nos bairros populares (19^o_{ème} e 20^o_{ème}). Nossos interlocutores estavam localizados na Place d'Italie, no 13^o_{ème}, que tem uma faixa de preço mediana, mas que subiu com a alta geral de preços na cidade, e em maior proporção, dada a recente gentrificação da região.

Ter uma residência que coincida com o local de trabalho no início do negócio ajuda a economizar. Outros estudos de “empresas familiares” (Everts, 2010) mostram essa necessidade de coincidir a residência com o local de trabalho. A separação da residência de uma loja ou restaurante indica a passagem para outro momento, de maior conforto, na vida desses empresários imigrantes.

Outro sinal de sucesso empresarial é o emprego de trabalhadores assalariados. Da dependência de mão de obra própria e familiar, passam à utilização de trabalhadores assalariados, empregados que têm geralmente a mesma origem étnica, sem com isso prescindir da mão de obra própria ou da família. Essa é uma etapa que depende do sucesso e da natureza do negócio. Não encontramos em empresas no bairro funcionários que, pela quantidade de clientes, pudessem ser facilmente atendidas por uma pessoa. Apenas os encontramos nos restaurantes mais bem-sucedidos e em padarias.

Estudos também indicam a necessidade de que o trabalho familiar se some ao capital familiar, pelo menos nos estágios iniciais da empresa. Alguns estudos sobre negócios étnicos mostram que esse uso de mão de obra familiar está mais presente em algumas grupos étnicos do que em outros. No entanto, Zimmer e Aldrich (1987), em suas pesquisas que compararam lojistas asiáticos e britânicos na Grã-Bretanha, não encontraram diferença entre empreendedores locais e estrangeiros e concluíram que “estudos examinando apenas imigrantes podem encontrar o que parecem ser características distintivas, mas, na verdade, muitos traços são comuns a todos os proprietários de pequenas empresas, dado o ambiente turbulento que enfrentam” (1987, p. 443).

Mesmo se tendemos a concordar, de modo geral, com Zimmer e Aldrich, e também com Rekers e Van Kempen (2000), que apontam que trabalhar longas horas e empregar mão de obra familiar não são traços particulares de empresas étnicas, mas de pequenas empresas em geral, os resultados de nosso estudo revelaram diferenças significativas entre a forma como os locais, i.e., franceses, e os estrangeiros administram seus negócios. Um indício da diferença entre o imigrante e o empresário francês é o horário que cumprem durante a semana, nos feriados e nas férias. Na extensão da jornada de trabalho, vemos uma diferença significativa entre locais e estrangeiros. Durante uma das fases da nossa pesquisa de campo, em julho de 2012, a maioria das lojas com proprietários franceses estava fechada para as férias de verão, permanecendo apenas as lojas de imigrantes abertas em horário normal, que em geral apresentam uma jornada mais longa do que as lojas de lojas francesas. Os estrangeiros geralmente não fazem pausas aos domingos ou segundas-feiras, que é o dia comum de descanso para comércio e serviços na França. Essa diferença na extensão da jornada de trabalho tem, evidentemente, reflexos na perspectiva econômica, no estilo de vida, na saúde e no consumo.

Relação com a França

Segundo dados do INSEE:

Em 2021, 7,0 milhões de imigrantes vivem na França, ou seja, 10,3% da população total. 2,5 milhões de imigrantes, ou 36% deles, adquiriram a nacionalidade francesa. A população estrangeira que vive na França é de 5,2 milhões de pessoas, ou 7,7% da população total. É composto por 4,5 milhões de imigrantes que não adquiriram a nacionalidade francesa e 0,8 milhão de pessoas nascidas na França de nacionalidade estrangeira.⁵³

⁵³ <https://www.insee.fr/fr/statistiques/3633212>

A imigração na França, como em muitos países europeus, tem sido ideologicamente apresentada por partidos políticos de direita e grande parte da mídia como um problema social considerável. Como em muitos outros países do Norte global, os imigrantes são retratados como uma ameaça econômica (“eles tiram nossos empregos”) e uma ameaça à segurança pública.

Buscamos saber o que pensam os empresários imigrantes da Place d’Italie em relação à política de imigração da França e como veem outros imigrantes. Compartilham eles o imaginário de medo e repulsa em relação a outros imigrantes, ou são a eles solidários? Ao contrário do que pensávamos, muitos dos empresários imigrantes da Place d’Italie aprovam políticas imigratórias restritivas e repetem em suas falas uma aversão aos novos imigrantes. Para a maioria deles, o outro a temer não é o cidadão francês, mas o imigrante de determinadas nacionalidades ou grupos étnicos. Como nos disse um dos chaveiros, a importância de ter uma porta blindada em nosso apartamento se justificava por causa da presença de “delinquentes” em Paris, que ele nomeou como “ciganos e romenos”.

Outro tópico que tratamos sob a ótica dos empresários foi a relação dos imigrantes com o país de origem, que tem sido uma preocupação bastante presente nos estudos de migração transnacional. Aqui, buscamos abordá-la considerando que as leis de imigração francesas e suas formas de aplicação são objeto de amplo debate no país há algumas décadas. Embora a maioria de nossos interlocutores não pretenda retornar ao seu país de origem, salvo raras exceções, alguns mantêm, ao menos discursivamente, uma vida entre lugares, em uma condição de transnacionalidade.

Foi o caso do argelino que falava e vivia como se a fronteira geográfica não existisse. Talvez a França não tenha para ele ares de país geograficamente distante pela relação colonial. No entanto, mesmo neste caso, percebe-se que ele aponta claramente o distanciamento nas práticas culturais: “Na nossa cultura, quando nasce menino, se faz uma festa maior do que para uma menina”, disse, reconhecendo o maior valor atribuído aos homens que é específico de sua “cultura” e não faz parte dos valores sociais franceses. Mesmo que não tenha planos de retornar ao país de origem,

podemos classificá-lo como transmigrante, dada a onipresença da Argélia em seu cotidiano: “Transmigrantes são imigrantes que vivem suas vidas além das fronteiras nacionais, participando da vida cotidiana e dos processos políticos de dois ou mais Estados-nação” (Glick Schiller, 1997, p. 158).

A presença de familiares no país de origem, bem como a memória dos bons momentos ali vividos têm um papel importante na manutenção desse vínculo e da condição de transnacionalidade. Em contraste, uma experiência traumática pode causar uma ruptura. De todos os imigrantes que entrevistamos, o cambojano foi o mais enfático ao dizer que seu país agora é a França e que não pensa em retornar ao Camboja.

Ainda quando não haja uma situação traumática, a distância pode ser sentida aos poucos, por um distanciamento do ethos e da rede de amigos e conhecidos dos imigrantes antes da mobilidade. No caso da coreana, a distância é menor que a do cambojano, mas notamos uma alienação em relação ao seu país de origem, pois ela reclamava da obrigação de ir a festas todos os dias, ver amigos coreanos quando visitava seu país. Assim, a proximidade com a França e a distância simbólica que se mantém com o país de origem independem de uma distância geográfica.

Relações de gênero

Até meados da década de 1970, a imigração não europeia em Paris era predominantemente masculina e relacionada com a situação colonial francesa (Georges Balandier, 1957), com a vinda de homens, jovens, do Magreb (Noroeste da África), que deveriam suprir as necessidades de mão de obra industrial e na construção civil decorrentes da reconstrução do pós-guerra e do boom econômico do pós-guerra. A partir de 1974, quando a economia industrial passa a declinar, trava-se a imigração laboral e passa a ser permitida a imigração familiar. Desde essa data, a participação das mulheres nos fluxos imigratórios aumentou, seja para o que pela legislação de imigração se chama de “reagrupamento familiar” ou de forma individual. Em 2021, 52% do total de imigrantes são mulheres, em comparação com 44% em

1975 e 45% em 1946. Observam-se novos fluxos de imigração para além dos já presentes da África Subsaariana (também preferencialmente uma imigração pós-colonial), do Vietnã, da China e do Camboja.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (INSEE), de modo geral, a população imigrante na França vem aumentando em número e como porcentagem da população total desde 1946. Em 2021, ela corresponde a 10,3% da população que vive na França, em comparação com 7,4% em 1975 e 5% em 1946. A distribuição do total de imigrantes vivendo na França nascidos em outro continente mostra que a maioria provém da África (47,5%), seguido de países da Europa (32,2%) e da Ásia (14,4%), ficando as Américas e a Oceania agrupadas com a menor porcentagem (5,8%).

A estatística mais recente foi prejudicada pela crise sanitária da pandemia do Covid 19, que provocou o fechamento de fronteiras e, consequentemente, um declínio em 2020 de 21% da imigração na França em relação ao ano anterior. Em 2020, os fluxos migratórios continuaram vindo majoritariamente da África (41%, com a predominância do Marrocos, Argélia, Tunísia, mas onde já aparece em seguida a Costa do Marfim e o Senegal), da Europa (32%, com a predominância da Itália, Espanha, Reino Unido, Romênia e Bélgica), da Ásia (16,1%, a ampla maioria da China, vindo mais atrás a Índia e a Turquia, e, em decorrência de guerras, do Afeganistão e da Síria), ficando a América e a Oceania com apenas 10,9%. Destaca-se nesse grupo a predominância do Brasil,⁵⁴ seguido pelo Haiti, Estados Unidos e Colômbia.

Mais recentemente, famílias e mulheres desacompanhadas cresceram em número nas estatísticas. A migração na França tornou-se mais feminina, seguindo uma tendência global ligada aos trabalhos de cuidado com crianças e idosos.

Estudos mostram que a experiência da migração transnacional dos países do Sul para os países do Norte transformou as relações de gênero, tanto em seus países de origem quanto na França. Por um lado, a

⁵⁴ 2,1% dos imigrantes que chegaram à França em 2020 nasceram no Brasil.

independência econômica das mulheres migrantes e os recursos enviados às famílias em seus países de origem tem permitido maior agência das mulheres em situações familiares tradicionalmente mais conservadoras. Essa independência das mulheres imigrantes empreendedoras também foi encontrada entre os empresários da Place d'Italie, apesar de relatos de que as tradicionais desigualdades de gênero apareciam quando retornavam aos seus países de origem para férias ou eventos familiares importantes, como casamentos, aniversários, funerais etc.

Por outro, a presença de mulheres migrantes em atividades de cuidado, limpeza e restauração revela desigualdades entre mulheres francesas e imigrantes, sendo que as primeiras se beneficiam dos serviços domésticos de baixo custo que são realizados por mulheres migrantes etnicizadas (Françoise Verges, 2021). Paira, todavia, nos discursos produzidos por nossos e nossas entrevistadas, uma visão homonacionalista (Jasbir Puar, 2013) sobre relações de gênero, que colocam países europeus, como a França, em uma escala superior no que diz respeito à equidade de gênero.

Na Place d'Italie, a presença ou não de mulheres nos pequenos negócios parece estar diretamente relacionada ao tipo de trabalho envolvido e ao tipo de imigração (política, cultural ou pós-colonial). Entre os imigrantes culturais, notamos uma incorporação mais rápida de valores individualistas franceses que fazem com que as mulheres tenham mais autonomia financeira, sendo em muitos casos elas próprias as donas. Situação um pouco diferente para o grupo de imigração pós-colonial cuja própria estrutura migratória se constitui como um projeto familiar, no qual o “futuro dos filhos” é seguidamente colocado como a principal razão da imigração.

Considerações finais

Os estudos de imigração têm se concentrado predominantemente na faceta do trabalho manual mal remunerado. No entanto, ao lado de trabalhadores não qualificados que se submetem a condições de trabalho precárias, existem outros fluxos de emigrantes, como os comerciantes da Place d'Italie,

que se estabelecem em outros países temporária ou permanentemente, em condições econômicas mais favoráveis. Muitos deles eram trabalhadores imigrantes que iniciaram seu processo migratório em empregos mal remunerados e ascenderam socialmente ao longo do tempo, abrindo estabelecimentos comerciais, como restaurantes étnicos, faxineiras, lojas de internet, chaveiros etc., de consumo na França.

O estudo mostrou que há uma grande concentração de empresários imigrantes em Paris. Encontramos todos os casos relatados ao longo de apenas algumas centenas de metros em duas ruas. Uma das fortes características dos empresários que entrevistamos é que eles são donos de seus negócios, ou, em outros termos, são donos dos meios de produção (os equipamentos e espaço), o que os coloca na categoria de pequenos empresários, uma importante categoria social e profissional na França. Nós os classificamos em três grandes modelos de imigrantes: imigrantes culturais, refugiados políticos e imigrantes pós-coloniais. Cada um desses grupos está inserido no mercado de trabalho e nas relações com suas famílias e países de origem de forma diferenciada.

Em um contínuo do processo de integração, verificamos que, por um lado, os imigrantes culturais aderem mais rapidamente ao ethos individualista que caracteriza sociedades moderno-contemporâneas, enquanto, por outro, os imigrantes pós-coloniais mantêm laços mais fortes com as suas famílias de origem, em que prevalece um ethos holístico e obrigações de reciprocidade estabelecidas pelo “enriquecimento” envolvido com o processo migratório.

Esses empreendedores estão inseridos no mercado de trabalho por meio de uma rede de outros imigrantes da mesma origem étnica. De fato, a genealogia das localizações de negócios mostra uma tendência de transmissão de uma localização a outros imigrantes da mesma nacionalidade. Esses empresários imigrantes também são a principal fonte de trabalho para o negócio, geralmente em conjunto com o trabalho de membros da família, como cônjuges e filhos. No caso dos restaurantes, esse trabalho familiar é complementado pelo trabalho dos empregados — que também são

imigrantes na trajetória inicial da imigração — que exercem funções subalternas, com baixa remuneração e que geralmente trabalham na cozinha e na limpeza.

A origem étnica dos imigrantes tem sido vista como um fator importante na determinação da facilidade de abertura de um negócio — na América do Norte, os asiáticos são apontados como aqueles que mais contam com apoio familiar, capital familiar, plano familiar e rede de solidariedade, por causa de seus valores culturais. De fato, identificamos essa facilidade entre alguns grupos asiáticos, embora também tenha sido encontrada em outros — como os latino-americanos —, de tal forma que essa facilidade parece estar fortemente relacionada ao capital familiar (cultural e econômico) mais do que a uma ideologia que dá maior valor ao trabalho ou qualquer outra característica “étnica”.

Como vimos nos exemplos aqui apresentados, em Paris, a etnicidade constitui importante capital cultural para alguns negócios, em particular os relacionados com a alimentação, em que o fator étnico ocupa um lugar importante na vida dos parisienses. Os empreendedores imigrantes devem ser vistos em relação às suas origens culturais, mas também dentro de diversos contextos e situações que podem desempenhar um papel com importância semelhante à da origem étnica.

Referências

ALLEYNE, Brian. “An Idea of Community and Its Discontents: Towards a More Reflexive Sense of Belonging in Multicultural Britain.” *Ethnic and Racial Studies*, 25, 2002, p. 607-627.

AMIN, Ash. Ethnicity and the Multicultural City: Living With Diversity.” *Environment and Planning A*, 34, 2002, p. 959-980.

APPIAH, Kwame Anthony. Patriotas cosmopolitas. In: *Revista brasileira de Ciências Sociais*, 13,36, 1998, p. 1-17.

BACH, Linda; SCHILLER, Nina Glick; Blanc C. S. "Transnationalism: A New Analytic Framework For Understanding Migration." *Annals of the New York Academy of Sciences*, 645, 1992, p. 1-24.

BACH, Linda. *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. Amsterdam: Gordon and Breach Publishers, 1997.

BAINES, Sue; WHEELOCK, Jane. "Working for Each Other: Gender, the Household and Micro-Business Survival and Growth." *International Small Business Journal*, 17, 1, 1998, p. 16-35.

BAUBÖCK, Rainer; FAIST, Thomas. *Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods*. Amsterdam: University of Amsterdam, 2010.

BEYERS, Leen; VENKEN, Mechteld; GODDEERIS; Idesbald "Families, Foreignness, Migration." *History of the Family* 14, 2009, p. 125-131.

BLOCH, Françoise; BUISSON, Monique. "Du don à la dette: La construction du lien social familial." *Revue du MAUSS* (special issue "Donner, recevoir et rendre, l'autre paradigme") 1, 1, 1991, p. 54-71.

BOISSEVAIN, Jeremy; GROTENBERG, Hanneke. Ethnic Enterprise in the Netherlands: The Surinamese of Amsterdam. In: R. GOFFEE; R. SCASSE (Eds.). *Entrepreneurship in Europe*. London: Croom Helm, 1987, p. 105-130.

BOURDIEU, Pierre (Ed.). *La misère du Monde*. Paris, Seuil, 1993.

BOYD, Robert. "Black and Asian Self-Employment in Large Metropolitan Areas: A Comparative Analysis." *Social Problems*, 37, 1990, p. 258-274.

CAILLÉ, Alain. *Don, intérêt et désintéressement: Bourdieu, Mauss, Platon et quelques autres*. Paris: La Découverte, 2005.

CASTLES, Stephen. "Guest Workers in Europe: A Resurrection?" *International Migration Review*, 40,4, 2006, p. 741-746.

CATARINO, Cristhina; OSO, Laura. The Transmission of Labour Commitment within Families of Migrant Entrepreneurs in France and Spain. In: Albert KRALER; Eleonore KOFMAN; Martin KOHLI; Camille SCHMOLL (Eds.). *Gender, Generations and the Family in International Migration*. Amsterdam. Amsterdam University Press, 2013, p. 163-192.

CLIFFORD, James. "Diasporas." *Cultural Anthropology* 9, 3, 1994, p. 302-338.

COLLIER Jr., John. *Visual Anthropology: Photography as Research Method*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1986.

CRESWELL, Tim. "Seis temas na produção das mobilidades." In: Renato Miguel CARMO; José SIMÕES (Eds). *A produção das mobilidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009, p. 25-40.

DONATO, Katharine; GABACCIA, Donna. *Gender and International Migration*. New York: Russell Sage Foundation, 2015.

DONATO, Katharine *et al.* "A Glass Half Full? Gender in Migration Studies." *International Migration Review*, 40, 1, 2006, p. 3-26.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus*. London: Palladin, 1972.

EVERTS, Jonathan. "Consuming and Living The Corner Shop: Belonging, Remembering, Socialising." *Social & Cultural Geography*, 11, 8, 2010, p. 847-863.

FERRIS, Elizabeth G.; DONATO, Katharine M. *Refugees Migration and Global Governance: Negotiating the Global Compacts*. London, NY: Routledge, 2020.

FINCH, Janet; MASON, Jennifer. *Negotiating Family Responsibilities*. London: Routledge, 1993.

GODBOUT, Jacques; Alain CAILLÉ. "Le don existe-t-il (encore)?" *Revue du MAUSS* (Edition Spéciale "Donner, recevoir et rendre, l'autre paradigme") 11, 1991, p. 11-32.

HANNERZ, Ulf. "Cosmopolitans and Locals in World Culture in Theory." *Culture & Society*, 7, 1990, p. 237-251.

KAPLAN, David; LI, Wen. Introduction: The Places of Ethnic Economies. In: D. Kaplan; W. Li (Eds.) *Landscapes of the Ethnic Economy*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2006, p. 1-14.

KIBRIA, Nazli. "Household Structure and Family Ideologies: The Dynamics of Immigrant Economic Adaptation among Vietnamese Refugees." *Social Problems*, 41, 1994, p. 81-96.

KLOOSTERMAN, Robert; RATH, Jan. Introduction. In: KLOOSTERMAN, Robert; RATH, Jan, Eds.). *Immigrant Entrepreneurs: Venturing Abroad in the Age of Globalization*. Oxford: Berg, 2003, p. 1-16.

KOFMAN, Eleonore “Family-Related Migration: A Critical Review of European Studies.” *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 30, 2, 2004, p. 247-249.

KOFMAN, Eleonore et al. *Gender and International Migration in Europe: Employment, Welfare and Politics*. London, NY: Routledge, 2000.

KÖNIG, Mareike; OHLIGER, Rainer. “Facing Migration History in Europe: Between Oblivion and Representation.” In: KÖNIG, Mareike; OHLIGER, Rainer. (Eds.). *Enlarging European Memory. Migration Movements in Historical Perspective*. Ostfildern: Jan Thorbecke Verlag, 2006, p. 11-19.

KRISTEVA, Julia. *Strangers to Ourselves*. Trans. Leon S. Roudiez. New York: University of Columbia Press, 1991.

LEE, Everett S.. “A Theory of Migration.” *Demography*, 3, 1, 1966, pp. 47-57.

LEY, D. Explaining Variations in Business Performance among Immigrant Entrepreneurs in Canada.” *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 32, 2006, p. 743-764.

MARCHAND, Bernard. *Paris, histoire d'une ville, XIXè-XXè siècle*. Paris: Seuil, 1993.

MARGOLIS, Maxime L. *Little Brazil: An Ethnography Of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MINGIONE, Enzo. “Introduction: Immigrants and the Informal Economy in European Cities.” *International Journal of Urban and Regional Research*, 23, 2, 1999, p. 109-111.

PEREZ, Rosa Maria. Como uma estrela de Bollywood: filmes, deusas e mulheres na Índia rural. In: Silvia Arendt; Carmen Rial; Joana Pedro (Eds.). *Diásporas, mobilidades, migrações*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011, p. 293-307.

PÉTONNET, Collette. *On est tous dans le brouillard*. Paris: Ed. Galilée, 1979.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. *Sociologie de Paris*. Paris: La Découverte, 2008.

PUAR, Jasbir. Rethinking Homonationalism. *International Journal of Middle East Studies*, 45 (2), 2013, p. 336–339.

RAIJMAN, Rebeca; TIENDA, Marta. “Ethnic Foundations of Economic Transactions: Mexican and Korean Immigrant Entrepreneurs in Chicago.” *Ethnic and Racial Studies*, 26, 5, 2003, pp. 783–801.

RAJOVIĆ, Goran. “Some Socio-Geographic Characteristics of Modern Labor Migration from Serbia and Montenegro to Denmark: Social Life and Social Relations Migrants.” *International Letters of Social and Humanistic Sciences*, 2, 2003, p. 1–17.

RAM, Monde *et al.* “Making the Link: Household and Small Business Activity in a Multi- Ethnic Context.” *Community, Work and Family*, 4, 3, 2001, p. 327–348.

REKERS, Ans; VAN KEMPEN, Ronald. Location Matters: Ethnic Entrepreneurs and the Spatial Context. In: Jan Rath (Ed.). *Immigrant Business: The Economic, Political, And Social Environment*. New York: Palgrave MacMillan, 2000, p. 54–56.

RIAL, Carmen S. de M. “Contatos Fotográficos.” *Antropologia em Primeira Mão*. 7, 2001, pp. 2–48.

RIAL, Carmen S. de M.. “Rodar: The Circulation of Brazilian Football Players Abroad”. *Horizontes antropológicos*. vol. 4. Selected edition. 2008. Disponível em: http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100007&lng=en&nrm=iso

RIAL, Carmen Silvia de Moraes; GROSSI, Miriam Pillar. Vivendo em Paris: Velhos e Pequenos Espaços numa MetrÓpole. *APM* 5, 42, 2000, p. 2–46.

SANDERS, Jimmy; NEE, Victor. “The Family as Social Capital and the Value of Human Capital.” *American Sociological Review*, 61, 1996, p. 231–249.

SASSEN, Saskia. *The Global City. New York, London, Tokyo*. Princeton. Princeton University Press, 1991.

VAILATI, Alex; RIAL, Carmen (Eds.). *Rich Migrants*. NY: Routledge, 2017.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

WERBNER, Pnina. “Renewing an Industrial Past: British Pakistani Entrepreneurship in Manchester.” *Migration*, 8, 1990, pp. 17–41.

WHEELLOCK, Baines. Creating Your Own Job: The Behavior of Micro-Business Households in the Risk Society. In: J. Michie; A. Reati. (Eds.). *Employment, Technology and Economic Needs: Theory, Evidence, and Public Policy*. Cheltenham, UK; Northampton, MA: Edward Elgar, 1998, p. 199–228.

ZHOU, Min. “Revisiting Ethnic Entrepreneurship: Convergencies, Controversies, and Conceptual Advancements.” *International Migration Review*, 38, 2004, p. 1040–1074.

ZIMMER, Catherine; ALDRIC, Howard. “Resource Mobilization through Ethnic Networks Kinship and Friendship Ties of Shopkeepers in England.” *Sociological Perspectives*, 30, 4, 1987, p. 422–445.

A dupla presença Estudantes brasileiros/as na Itália em tempo de pandemia

Alex Vailati⁵⁵

Introdução

O estudo da circulação de pessoas sempre foi um tema muito presente na literatura antropológica, declinado por meio de várias lentes epistemológicas. Se por um lado o campo de estudo da antropologia se constitui através da experiência da viagem, que, desde a afirmação da pesquisa de campo, é considerável como um traço marcante do trabalho etnográfico, por outro lado, precocemente a antropologia voltou a própria atenção aos processos de circulação de pessoas, primeiramente focando sobre as dinâmicas de urbanização e, em seguida, procurando encontros com pessoas que circulavam internacionalmente, entre contextos em muitos casos extremamente distantes.

Mais recentemente, a partir dos anos 1990 (Ulf Hannerz, 1996), a antropologia e o campo mais amplo dos estudos sobre as migrações incorporaram outras categorias de pessoas, que, nas pesquisas mais clássicas, focadas principalmente sobre os assim chamados fluxos de migrantes provenientes de países economicamente desvantajados rumo a um Norte global, eram parcialmente excluídas (Alex Vailati; Carmen Rial, 2016). Pensamos aqui em sujeitos que podem ser considerados como ricos, do ponto

⁵⁵ Antropólogo e documentarista, tem doutorado em Antropologia e Etnologia pela Università degli Studi di Torino. É professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco. Esta pesquisa pesquisa foi financiada pela Università di Torino (UNITO)

de vista econômico, mas também contemplando as várias tipologias de capitais que tornam um sujeito alguém que se diferencia dos outros, que compõem a maioria. Neste capítulo, irei abordar um campo importante deste panorama, que é constituído da circulação de estudantes de nacionalidade brasileira na Itália e em particular nas faculdades da cidade de Turim, localizada no norte do país.

Estudar ou morar no exterior historicamente foi uma experiência voltada aos ricos no Brasil, como já foi destacado pelo Gilberto Velho (1998) em uma das primeiras etnografias voltada às classes médias altas brasileiras. O autor, convivendo com jovens da própria classe social, mostra como, na época da Ditadura Militar, “ter vivido ou viajado pelo exterior [era] um importante símbolo de prestígio” (Velho, 1998, p. 26). Podemos acrescentar como historicamente o “sonho do exterior” foi algo constitutivo das classes altas brasileiras, como já foi destacado pelo Gilberto Freyre (2008) ainda na década de 1930, segundo o qual as elites “iluminadas” eram aquelas voltadas, pelo menos quando se fala de instrução, ao exterior, categoria esta que é utilizada para se referir geralmente aos Estados Unidos ou à Europa. Este dado pode ser considerado ainda hoje em termos de colonialidade, como observo, sendo um italiano residente na cidade de Recife, quando a mim é perguntado, geralmente por membros de camadas altas que ostentam uma incompreensão das minhas escolhas, se, como europeu, “realmente gosto de morar nesta cidade”.

Se a minha trajetória acadêmica, que parte da Itália para transitar muitos anos na África do Sul e depois se estabelecer no Brasil, claramente posiciona a minha subjetividade como um dado a ser observado, este capítulo é um primeiro resultado de uma etnografia, desenvolvida seja em modalidade virtual seja em presencial, que visa abrir uma janela sobre as subjetividades dos/as intercambistas que circulam entre o Brasil e a Itália. As entrevistas foram realizadas entre 2020 e 2021, em um período fortemente marcado pelas políticas de isolamento ligadas à pandemia e pelas dificuldades de circulação resultantes do fechamento das fronteiras nacionais. Depois de propor um quadro geral das pessoas envolvidas nesta pesquisa,

iremos aprofundar nesta sede o impacto da pandemia sobre alguns aspectos das subjetividades delas, em particular focando a infraestrutura de comunicação, que se tornou tão relevante nos períodos de isolamento. Por meio disso, poderemos refletir sobre o papel da circulação internacional na formação de futuros pesquisadores e, de modo mais geral, sujeitos críticos.

Entre Brasil e Itália

A possibilidade de estudar no exterior foi evidentemente influenciada pelas transformações dos sistemas de financiamento para estudo superior e pesquisa. Um marco fundamental no Brasil é constituído pelo programa Ciência sem Fronteiras, que, iniciando em 2011, foi o primeiro programa estrutural voltado a financiar estudos superiores no exterior e que se encerrou, pelo menos em relação à graduação, em 2017. Em relação à Itália, e em particular à cidade de Turim, um olhar sobre as estatísticas da faculdade Politécnico, que historicamente foi a instituição de ensino que na cidade teve um maior poder de atração de estudantes, encontra um progressivo crescimento nos números de alunos e alunas brasileiras a partir de 2001, com um incremento gradual que toca o seu ápice em 2013, com 220 matrículas, considerando o ano de ingresso na Politecnico. O índice de renda dos/as estudantes tem andamento levemente decrescente desde 2012, todavia, os dados disponíveis não permitiram uma análise mais aprofundada, mas uma consideração possível é a de que a renda das famílias de intercambistas teve poucas variações ao longo dos anos. Estes dados quantitativos, em particular o número de intercambistas, não obstante não serem o foco principal desta pesquisa, permitem pensar que esse tipo de circulação, embora propulsionada em específicos momentos pelo investimento público, é geralmente algo que se relaciona ainda hoje com jovens de camada alta.

Focando o contexto que recebe os intercambistas, podemos destacar que a cidade de Turim, depois de ter sido a primeira capital da Itália no século XIX, se tornou um dos principais polos industriais do país, devido à implantação, ainda no final do mesmo século, da indústria automobilística,

a mesma que propulsionou a implantação da já citada faculdade Politécnico, uma universidade voltada às ciências exatas e aplicadas e às engenharias. A cidade se tornou receptora de migrantes, em primeiro lugar vindos do sul do país e sucessivamente, a partir dos anos 80 do século passado, de países do Sul global. Atualmente, é a quarta maior cidade da Itália e hospeda, além da Politécnico, uma segunda faculdade pública, que é a Università degli Studi di Torino (Unito). Ambas as instituições, na última década, desenvolveram, em paralelo a uma integração com os outros países da União Europeia, uma política de internacionalização marcada pela abertura de cursos de graduação e pós em inglês, voltados a um público local e internacional. Não dispomos de estatísticas anteriores a 2016, mas a partir daquele ano, a presença de brasileiros/as na Unito é também relevante, com uma média de sessenta estudantes matriculados por ano.

Do ponto de vista socioeconômico, a maioria dos entrevistados pode ser considerada parte da classe alta brasileira, pois declarou abertamente que não recebe nenhuma bolsa de estudo — e, na contemporaneidade, em particular com a alta do euro, isso seria possível só pertencendo a famílias com alto capital econômico, que se podem permitir uma despesa mensal para educação no exterior de pelo menos 7 mil reais. Nesse espectro de renda, encontramos estudantes que realmente pertencem às elites, com um passado de férias na Flórida, e também outros/as que pertencem a famílias de profissionais liberais, para as quais estudar no exterior é um custo razoável, mas plenamente justificado. Quanto à composição do gênero, encontramos uma presença masculina significativamente maior na Politécnico e uma distribuição paritária de gênero na Unito, faculdade que hospeda cursos voltados às humanidades e às ciências puras, sociais e aplicadas. Do ponto de vista racial, a quase totalidade de estudantes é branca, enquanto nenhum dos entrevistados citou conhecer estudantes negros/as ou indígenas que cursavam na Itália.

Enfim, podemos propor um dado voltado à geografia, que resulta de um mapeamento maior, que abrange todo o território italiano e que foi possível a partir da criação de grupos ligados à infraestrutura do aplicativo

e rede social WhatsApp, que irei aprofundar na parte sucessiva deste capítulo. É interessante destacar como a circulação de estudantes tem como polos a região Sul e Sudeste do Brasil e a região Norte da Itália, considerando que ambas são as regiões que mais concentram capitais e infraestruturas. Essa polarização, que reflete os desequilíbrios socioeconômicos de ambos os países, é, todavia, emblemática para refletir sobre a seletividade da possibilidade de estudar no exterior, que não depende somente dos recursos econômicos, mas também do contexto envolvido nela. Claramente a presença de descendentes italianos nas regiões Sul e Sudeste do Brasil influencia esse processo, seja do ponto de vista burocrático, devido à obtenção da dupla cidadania, seja por uma ambição de “busca do meu passado”, como destacou um entrevistado.

Esse dado é também refletido pela literatura socioantropológica sobre a circulação de estudantes brasileiros/as na Itália, que somente contempla esse trilha mais batido, pessoas que saem de São Paulo ou Porto Alegre para estudar nas faculdades italianas (Roberta Rangel Batista; Mariana Bonomo, 2016; Juliana Rossa, 2014; João Carlos Tedesco, 2007; 2014). Neste sentido, não obstante esta literatura se enquadrar na linha da circulação de um Sul global, se torna necessário problematizar e pluralizar essa categoria de sul, incorporando novos trajetos, como, por exemplo, a circulação de estudantes do Norte ou Nordeste do Brasil no exterior, que se torna aqui um objetivo programático para futuras pesquisas. Se, por um lado, a circulação de estudantes brasileiros/as na Itália pode ser considerada do sul para o norte, por outro lado, considerando a perifericidade do contexto acadêmico italiano em relação ao mundo anglófono e o alto capital dos/as brasileiros/as envolvidos/as neste estudo, esses termos se reconfiguram, quase invertendo estes polos geográficos. Novamente, como em muitos casos que encontramos na literatura, a etnografia da migração nos leva a desafiar “a ordem nacional das coisas” (Liisa Malkki, 1995), nos levando a pensar sobre o quanto as categorias identitárias de nacionalidade influenciam nossa interpretação e produção de conhecimento.

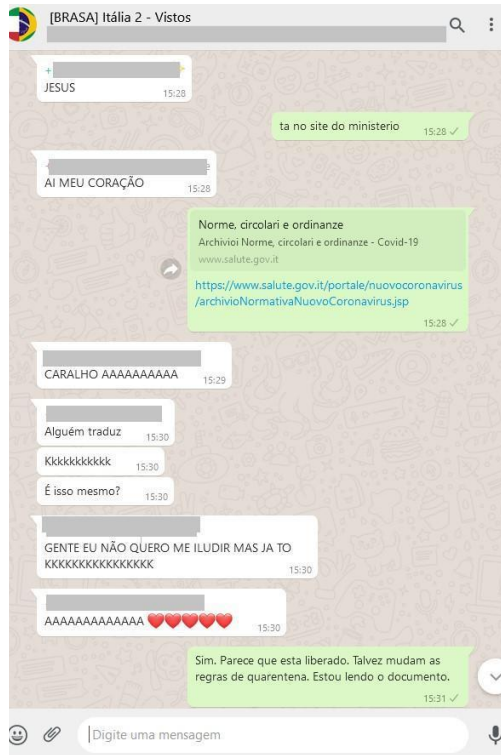
O campo da pandemia

Abdelmalek Sayad é um dos mais importantes teóricos sobre migrações internacionais e propôs, ainda no final dos anos 1990, o conceito de “dupla ausência”, formulado cruzando a própria experiência de migrante argelino na França com o estudo da presença de pessoas oriundas do norte da África no mesmo país. O migrante, na concepção de Sayad, seria um sujeito que enfrentaria uma ausência física do contexto que deixou migrando e uma ausência simbólica, ligada às dificuldades de ter uma atuação social no lugar no qual reside (Abdelmalek Sayad, 2014). Esta reflexão se contextualiza em uma outra temporalidade, quando realmente os meios de comunicação e os transportes não permitiam um contato ou uma presença que hoje em dia definimos como transnacional (Nina Glick Schiller et al., 1992). O contexto que observamos na contemporaneidade e a particular conjuntura da pandemia, na qual foi realizada esta pesquisa, é um panorama totalmente diferente. A infraestrutura da migração, ou seja, “the systematically inter-linked technologies, institutions, and actors that facilitate and condition mobility” (Biao Xiang; Johan Lindquist, 2014, p. 123), por um lado, levantou novas fronteiras como nunca observamos na história recente, e por outro, permitiu aberturas de espaços de contatos virtuais inéditos.

Devido ao descaso, em particular do establishment político federal, o Brasil se tornou rapidamente, em nível global, uma “zona de não retorno”, ou seja, um lugar que, uma vez visitado, deixaria o viajante impossibilitado de entrar em outros países. Se as fronteiras do Brasil permaneceram quase totalmente abertas entre os anos 2020 e 2021, a Itália, similarmente a outros países, fechou as próprias fronteiras, em particular aquelas aéreas, chegando a prolongar em março de 2021 a proibição de entrada no território nacional para pessoas de qualquer nacionalidade, incluindo a italiana, que tivessem estado no Brasil nas semanas antecedentes. Neste sentido, além do impedimento de entrada na Itália para estudantes brasileiros/as, concretizou-se a dificuldade de voltar ao Brasil para quem estava já na Itália, pela possibilidade concreta de não poder regressar novamente ao país.

Como muitos entrevistados destacaram, esta normativa, que poderia ser também driblada por meio de estadias temporárias em outros países, em um contexto de extrema insegurança sanitária, levou a um congelamento de qualquer plano de viagem.

Em paralelo, a virtualização do ensino e da vida social se tornou cotidiana para os/as alunos/as com os/as quais conversei nesta pesquisa, que foi caminhando na mesma direção. Se os meus planos iniciais eram de desenvolver uma pesquisa presencial ao longo de 2021, como aconteceu para muitos/as estudantes brasileiros/as, não tive a possibilidade prática de viajar. A estratégia de pesquisa, então, se voltou necessariamente à pesquisa virtual, que foi realizada de forma participativa e em modalidade somente observativa. Esta última foi voltada ao acompanhamento das atividades das pessoas nas redes sociais e em grupos de WhatsApp populados por brasileiros que planejavam partir ou que estavam já na Itália. A dimensão participativa foi desenvolvida por meio de entrevistas online, com estudantes que estavam cursando em Turim, mas também mediante a minha inclusão, como “sujeito viajante”, nas atividades dos grupos virtuais que estavam voltadas a enfrentar as restrições para viajar, em particular no período de melhora das condições sanitárias.



CAPTURA DO GRUPO WHATSAPP. 28-08-2021

Essa captura é um exemplo dessa participação, que envolveu problemas éticos e metodológicos de vários tipos. Ela mostra uma troca de mensagens na qual eu mesmo socializo, em um grupo de 160 membros, a normativa por meio da qual a entrada de estudantes brasileiros foi liberada e as reações consequentes. Naquele momento, eu já tinha entrado em contato e entrevistado as organizadoras do grupo e tinha recebido a autorização para utilizá-lo como uma plataforma para coletar contatos e observar os debates. Todavia, eticamente, as redes sociais virtuais são complexas, porque requerem, para a realização da etnografia, o consentimento de todos/as os/as participantes. A estratégia adotada foi, então, anonimizar quem não foi contatado pessoalmente e explorar, através das outras redes sociais vir-

tuais, tais como Facebook, Instagram e Twitter, as atividades e as redes de contatos de quem foi entrevistado e autorizou esse tipo de pesquisa.

Esses grupos, que se criaram a partir das dificuldades de obter vistos devido às restrições de viagem, se tornaram espaços sociais muito heterogêneos, permitindo trocas sobre vários assuntos ligados à circulação na Itália, além de serem um suporte para as dificuldades subjetivas ligadas às incertezas sobre as possibilidades de viajar. Os grupos serviram literalmente para a constituição de comunidades de pessoas que se encontram até presencialmente, uma vez chegadas na Itália. Esse dado é totalmente contrastante com o registrado entre os estudantes que estavam já na Itália em tempos pré-pandêmicos. A totalidade destes declarou quase não ter relações com outros/as brasileiros/as, além de terem contatos definidos como periféricos nas redes de sociabilidades.

A virtualização da socialidade, que claramente causou o sofrimento devido à ausência de contatos presenciais, pode ser considerada, todavia, também uma componente da infraestrutura que, além de ter consequências negativas sobre a circulação e a sociabilidade das pessoas envolvidas, foi um suporte importante para enfrentar o processo. Como declarou uma aluna, estudante de administração, refletindo sobre as diferenças entre modelos de sociabilidades entre Brasil e Itália, com a virtualização, “Consegui ter uma relação melhor, [com colegas italianos] no período de pandemia, do que com o contato físico”. As dificuldades ligadas ao contato com a sociabilidade mais tímida e expansiva dos colegas italianos, por meio de WhatsApp e WebEx,⁵⁶ pareciam ser menores, permitindo, assim, um contato que anteriormente não era possível.

⁵⁶ WebEx (www.webex.com) é um software para conferências virtuais, desenvolvido pela Cisco e adotado como plataforma para didática na Università di Torino.

Estéticas do isolamento

Se os desdobramentos da pesquisa de campo poderiam ser múltiplos, neste capítulo irei focalizar a dimensão transnacional que a virtualização da sociedade trouxe, ligada às possibilidades que a internet proporciona na contemporaneidade de conseguir informações e que, a partir dos dados coletados na pesquisa, se tornou uma das características mais relevantes das vivências sobre a pandemia. E novamente se torna útil considerar como a infraestrutura da mobilidade, em relação aos aspectos da comunicação transnacional, tem contribuído para determinar as temporalidades da pandemia e a sua dimensão estética, entendida aqui como uma materialidade experienciada que “não se refere à apreciação mental de uma obra de arte, mas à reação do corpo à realidade vivida” (Brian Larkin, 2020, p. 46).

A estética da narração sobre a pandemia é, então, pensada como um conjunto de formas sensíveis, mobilizadas para materializar as lembranças sobre o que estava acontecendo. A primeira consideração é sobre os objetivos que foram levantados como fundamentais premissas para um projeto de estudar no exterior. Muitos reportaram motivações pessoais, como laços com pessoas que já viviam na Itália, mas também foi comum, independentemente das posições políticas que poderiam ser lidas entre as linhas, uma percepção da sociedade brasileira como problemática por assuntos que iam, só para citar alguns, desde a competitividade acadêmica, a falta nas políticas educacionais voltadas à infância até uma deterioração do mercado financeiro, que, nas palavras de um entrevistado oriundo de uma família com alto capital econômico, “não [lhe] permitiria de ter logo uma independência financeira”.

A pergunta sobre como essas reflexões foram se estruturando ao longo das trajetórias individuais levou a uma consideração do próprio percurso migratório e das temporalidades que a infraestrutura de comunicação utilizada na pandemia proporcionou. Muitos estudantes fizeram comentários sobre o tempo passado e sobre possíveis futuros que iriam se desdobrar, cruzando a própria experiência de mobilidade internacional com

a imobilidade que as quarentenas impuseram. Quem experienciou a pandemia na Itália destacou como a pandemia se tornou o termo de comparação fundamental entre os dois países. Podemos pensar que, aos olhos do mundo ocidental, a Itália foi o primeiro país atingido pela covid-19, por ser interpretado o contexto chinês como algo ainda exótico e longe da própria cotidianidade. “No começo, os meus amigos no Brasil achavam que era brincadeira”, reporta um aluno, para contextualizar um comparativismo que irá acompanhar todas as fases da quarentena. Uma aluna de doutorado destacou as dificuldades dessa dupla presença, de estar nos dois contextos contemporaneamente, justificando que “é muito ruim para você ficar preocupado com a situação de dois países diversos” e refletindo também as preocupações da própria família no Brasil: “A minha família era preocupada, me ligavam toda hora.”

Um aluno, oriundo do interior de São Paulo, problematizou em profundidade essa comparação destacando, em uma entrevista realizada no meado de 2021, como, paradoxalmente, “aqui [na Itália] a questão é sanitária, e aí [no Brasil], é política”. Ambos os países foram envolvidos em práticas reprováveis de gestão da pandemia, que, todavia, se tornaram, pelo menos em nível federal, permanentes e oficializadas no Brasil. O que chega a esse aluno, por meio da infraestrutura midiática e comunicacional, são duas temporalidades distintas, vivenciadas em contemporaneidade, em modalidade quase totalmente virtual. Nessa situação, o exercício de imaginação, que muitos estudos sobre a migração destacam (Liisa Malkki, 2012), é necessário não só para pensar o próprio país de origem, mas também o exterior, no qual fisicamente se está morando. Exercício de imaginação que em vários casos se torna insustentável, exemplificados nas palavras que destacam que “foi muito estressante, no ponto que eu decidi não ler as notícias”.

A dificuldade de imaginar o outro lugar dependia também da impossibilidade de viajar, destacada em particular nas entrevistas realizadas até maio de 2021, no período anterior às aberturas consequentes à vacinação, processo já avançado na Itália em outubro de 2021, momento no qual este texto está sendo escrito, mas ainda repleto de incertezas no Brasil. Uma

pós-doutoranda, em abril de 2021, comentava: “Agora estou preocupada porque vou voltar para o Brasil em novembro. E eu não faço ideia de como é que vai ser. [...] Eu vou ter medo de como vai ter alguns meses sabáticos na minha cidade natal.” Uma outra fala destaca o estranhamento em relação às diferenças de políticas e comportamentos adotados: “Na época da quarentena, aqui não podia sair de casa, e lá, a minha mãe estava indo na praia.” Não se trata somente da impossibilidade de viajar, mas também de uma dificuldade de imaginar como poderiam se reconfigurar as relações, em um contexto de distanciamento e de atitudes estéticas radicalmente diferentes em relação ao lema da pandemia.

Im-mobilização virtual

Enquanto estava explorando as subjetividades dos/as estudantes por meio de entrevistas, realizei um mapeamento da presença de grupos de brasileiros na Itália e de redes de estudantes brasileiros no exterior. Esse processo teve um momento importante, como geralmente acontece em qualquer pesquisa etnográfica, no qual literalmente me tornei um sujeito participante das vicissitudes que quem estava planejando a própria viagem à Itália estava enfrentando. A partir de 2021, tentei viajar para a Itália, para realizar a parte presencial desta pesquisa, mas, devido às restrições que me contemplavam, como italiano residente no Brasil, não pude realizar a estadia de um ano, como planejava inicialmente. Similarmente aos meus interlocutores, fui monitorando constante e freneticamente múltiplos sítios virtuais, em relação às portarias emitidas, e fui procurando, devido à impossibilidade de ter informações suplementares por órgãos institucionais italianos, sugestões de pessoas na minha mesma situação. Foi assim que, em resposta a um post em um grupo de brasileiros/as na Itália, uma pessoa me sugeriu entrar num grupo de WhatsApp de estudantes que estavam planejando viagem para Itália, e a partir daquilo, soube de muitos outros grupos similares.

Um primeiro dado relevante é relativo à existência mesmo desses grupos. Considerando que as entrevistas não tinham destacado a importância

das redes sociais como plataforma de comunicação entre estudantes na Itália, a consistência numérica dos participantes nos grupos que encontrei me deixou surpreendido. Para entender mais sobre a gênese desses grupos, entrei em contato com as administradoras e consegui marcar conversas com elas. O primeiro grupo nasceu por meio de um contato com a Associação Brasileiros no Exterior (Brasa),⁵⁷ fundada em 2014 e originariamente mais voltada à circulação nos Estados Unidos, mas que em época de pandemia se tornou um guarda-chuva de redes voltadas também a outros contextos nacionais.

Rapidamente a rede no WhatsApp teve um crescimento notável do número de participantes, levando à necessidade de criar grupos paralelos, devido à limitação numérica de participantes em um mesmo grupo. Essa rede de estudantes se estruturou, segundo a palavra de uma coordenadora, como “um movimento” voltado ao enfrentamento político das falhas da infraestrutura normativa da migração para a Itália,⁵⁸ que realmente impossibilitaram as viagens do Brasil, em períodos nos quais este país já não era um dos mais impactados pela pandemia. Por um lado, o grupo foi descrito como base de uma mobilização fundamentada para a divulgação dessa situação nas redes sociais, para a escrita de cartas voltadas a políticos e para o contato com a mídia. O Instagram, segundo as organizadoras, se tornou a rede social mais relevante, por meio da qual foram divulgados conteúdos e realizados flash mobs virtuais. Todavia, a frequência e a assiduidade de utilização dos grupos de WhatsApp tornaram essa plataforma um “grupo de apoio” fundamental, onde as trocas de mensagens eram voltadas geralmente a temas burocráticos, mas com um tom extremamente afetivo.

⁵⁷ <https://www.home.gobrasa.org/>

⁵⁸ Os estudantes, para pedir visto de estudo, dependiam de uma autorização do Ministério da Saúde italiano. Eu mesmo tive que pedir essa autorização e consegui somente um dia antes da minha viagem, depois de dezenas de e-mails enviados. Esse atraso, que era a norma, criava múltiplos problemas aos estudantes, de natureza jurídica, por não conseguir visto no tempo; econômica, por ter que remarcar a passagem; e emotiva, por acrescentar incertezas em um panorama já complexo por causa da pandemia.



CAPTURA WHATSAPP. 08-11-2021

Sucessivamente, a partir do grupo principal, foram criados subgrupos, que literalmente associavam estudantes que iam morar na mesma cidade ou estudar na mesma faculdade. Essa captura mostra alguns destes, neste caso, voltados à cidade de Milão e às suas principais faculdades. Nesses grupos, observei a mesma atenção e suporte aos processos da viagem, com suas dificuldades burocráticas, mas também muitos comentários sobre a vida na cidade, os hábitos locais e, enfim, várias chamadas a encontros e comemorações presenciais, no período de relaxamento das restrições ligadas à pandemia. Esse dado é particularmente relevante, em comparação ao levantado por meio das entrevistas, nas quais, em pouquíssimos casos, foram citadas práticas de sociabilidades entre estudantes brasileiros/as.

A dupla presença

Uma categoria que pode ser útil para amarrarmos os dados etnográficos aqui descritos é aquela do cosmopolitismo, que foi declinada em muitos modos na história das ciências sociais, mas sobre a qual um ponto de partida é o importante trabalho de Paul Rabinow. Ele definiu o cosmopolitismo, ainda na década de 1980, como “um ethos de marcointerdependências, com uma consciência aguda (muitas vezes imposta às pessoas) das inescapabilidades e particularidades de lugares, naturezas, trajetórias históricas e destinos” (Paul Rabinow, 2016, p. 354). O autor utilizava essa definição para contextualizar as elites coloniais que estavam estudando na Argélia, mas também para se posicionar no campo, como intelectual e antropólogo. Ele se sentia mais confortável em estudar criticamente quem está “em cima” dele, em vez de dar voz a grupos marginalizados, incluindo-se, por meio de uma complexa estratégia textual, no campo etnográfico que estava descrevendo. De modo similar, neste estudo aqui apresentado, que investiga elementos pontuais dessas redes de associações que parcialmente percorremos, claramente a trajetória individual do pesquisador se entrelaça àquelas das pessoas que se envolveram na pesquisa.

Rabinow, com a sua ideia de cosmopolitismo, foi um ponto de partida para esta pesquisa, que evidencia algo que vai além das proposições ligadas ao transnacionalismo, que é, hoje em dia, considerável como uma interdependência dos contextos e que, no período de pandemia e isolamento social, se tornou uma dupla presença, em dois lugares contemporâneos, cujas particularidades eram mediadas por uma infraestrutura de comunicação. Nesse mesmo sentido, esta pesquisa se tornou algo que problematiza a ideia mesmo de etnografia multissituada (George Marcus, 1995), considerada a presença do pesquisador em contextos diferentes e interdependentes, permitida a partir de uma abordagem mediada por infraestruturas virtuais de comunicação.

Em nível crítico, esta proposta quer se encaixar na trilha que o presente volume propõe, na qual a ideia de pesquisar no exterior, partindo do

Brasil, pode ser um ponto de partida para problematizar assuntos de diferentes escalas. Em primeiro lugar, a dimensão nacional da produção do conhecimento, que é algo ainda muito vinculante para os mesmos pesquisadores e que ainda se reflete muito nos estudos sobre a circulação de pessoas. Os/as estudantes aqui considerados/as, pelos seus estatutos sociais e sua próspera condição econômica, implicitamente desafiam a associação à nacionalidade, destacando como mais relevante para definição da própria subjetividade a própria condição econômica. Neste sentido, ir do sul rumo ao norte é uma ideia que tem que ser necessariamente problematizada por meio de um foco sobre a classe social dos envolvidos. Cabe destacar que esta reflexão se liga provavelmente ao recorte racial encontrado no campo, que é composto por pessoas brancas e que, na palavra de várias delas, “facilmente poderiam ser percebidas como italianos/as”.

Em segundo lugar, a categoria de cosmopolitismo me ajuda a problematizar o tema que foi introduzido na primeira parte deste capítulo, ou seja, a relevância da formação no exterior para as classes altas brasileiras, que se torna um assunto muito delicado, em particular em relação a pesquisas embasadas na etnografia. O que encontrei, além claramente da aquisição de competências específicas relativas a futuras profissões, é, em particular em tempo de pandemia, a aquisição de habilidades que permitam viver temporalidades diferentes e o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre isso. O sofrimento ligado a essa condição, que não foi objeto de análise neste capítulo, é claramente colateral a essa circulação, mas os dados claramente mostram como essa dupla presença permitiu, em muitos casos, conseguir superar dificuldades, sejam subjetivas, seja coletiva, como mostra o caso da mobilização contra as restrições de viagem.

Enfim, cabe pensar que, como sugerido na introdução, cada etnografia é necessariamente ligada a uma experiência de deslocamento, físico ou epistêmico. Neste sentido, as experiências dos/as estudantes brasileiros na Itália podem ser consideradas um espelho para os/as pesquisadores/as que atuam ou atuaram no exterior, que, além de resultados específicos ligados a cada pesquisa, implicitamente se tornam sujeitos que adquirem habilidades

para refletir criticamente sobre os contextos nos quais circulam, e que, dependendo do empenho e da duração dos trânsitos, tornam-se, em muitos casos, permanentemente presentes em dois ou mais contextos.

Referências

ABBINK, J.; SALVERDA, Tijo (Eds.). *The Anthropology of Elites: Power, culture, and the complexities of distinction*. 1. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. Ed., 10. reimpressão. Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil 1. São Paulo: Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. 4. ed., rev. São Paulo: Global, 2008.

GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. “Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration.” *Annals of the New York Academy of Sciences* 645, n. 1 (1992): 1-24. <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.1992.tb33484.x>.

HANNERZ, Ulf. *Transnational Connections: Culture, People, Places*, 1996. <https://www.routledge.com/Transnational-Connections-Culture-People-Places/Hannerz/p/book/9780415143097>.

LARKIN, Brian. “The Politics and Poetics of Infrastructure.” *Annual Review of Anthropology* 42, n. 1 (2013): 327-43. <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-092412-155522>.

MALKKI, Liisa H. *Purity and Exile: Violence, Memory, and National Cosmology among Hutu Refugees in Tanzania*. University of Chicago Press, 2012.

MALKKI, Liisa H. “Refugees and Exile: From ‘Refugee Studies’ to the National Order of Things.” *Annual Review of Anthropology* 24, n. 1 (1995): 495-523. <https://doi.org/10.1146/annurev.an.24.100195.002431>.

MARCUS, George E. “Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography.” *Annual Review of Anthropology* 24, n. 1 (1995): 95-117. <https://doi.org/10.1146/annurev.an.24.100195.000523>.

RABINOW, Paul. “Representations Are Social Facts: Modernity and Post-Modernity. In: *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*, 234-62. Berkley: University of California Press, 1986.

RANGEL BATISTA, Roberta; BONOMO, Mariana. “Representações Sociais de Brasil e Europa para Brasileiros Migrantes na Europa.” *Argumentum* 8, n. 1 (2016): 191. <https://doi.org/10.18315/argumentum.v8i1.11416>.

ROSSA, Juliana. “Representações de regionalidades e identidades em *blogs* de brasileiros residentes na Itália,” 2014. <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/491>.

SAYAD, Abdelmalek. *La double absence: des illusions de l’émigré aux souffrances de l’immigré*. Points 743. Paris: Éd. Points, 2014.

TEDESCO, João Carlos. “‘Exportação de pés’. Jogadores brasileiros de futsal na Itália e redes transnacionais.” *Campos – Revista de Antropologia* 15, n. 1 (2014). <https://doi.org/10.5380/campos.v15i1.35784>.

TEDESCO, João Carlos. “Fios que tecem o processo migratório internacional: trabalhadores brasileiros na Itália.” *Pensamento Plural* 0, n. 1 (2007): 89-112. <https://doi.org/10.15210/pp.v0i1.3762>.

VAILATI, Alex; RIAL, Carmen. “Introduction.” In: Alex Vailati and Carmen Rial (Eds.) *Migration of Rich Immigrants: Gender, Ethnicity, and Class*. 1-11. Palgrave Studies in Urban Anthropology. New York: Palgrave Macmillan US, 2016. https://doi.org/10.1057/9781137510778_1.

VELHO, Gilberto. *Nobres & anjos: Um estudo de tóxicos e hierarquia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

XIANG, Biao; LINDQUIST, Johan. “Migration Infrastructure.” *International Migration Review* 48, n. 1_suppl (2014): 122-48. <https://doi.org/10.1111/imre.12141>

A pesquisa em movimento e a circulação de futebolistas mulheres entre Brasil e Portugal

Caroline Soares de Almeida⁵⁹

Ao completar três anos da minha banca de doutorado, depois de refletir com o distanciamento do tempo, abordo neste texto alguns pontos relativos à metodologia empregada na tese. Talvez seja pouco tempo — ou demasiadamente pretensioso da minha parte — para falar em revisitação. O movimento de releitura veio de dois convites. O primeiro da professora Carmen Rial, minha orientadora desde o mestrado, para escrever um capítulo que abordasse metodologicamente meu trabalho de campo com futebolistas brasileiras em Portugal — o que aconteceu entre março e julho de 2017.⁶⁰ O segundo, de Cristhian Cajé, que coordenou uma mesa intitulada *Trabajo de campo y cuestiones de género* no Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 e me chamou para compor o debate. Assim como eu, Cristhian também é pesquisador do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC).

O universo futebolístico não é novidade entre pesquisadoras/es do NAVI. Muitos colegas se lançaram ao trabalho de campo em diferentes clubes brasileiros e estrangeiros. Fernando Bitencourt (2009), por exemplo,

⁵⁹ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (Bolsista PDCTR CNPq/FACEPE).

⁶⁰ Estive em Portugal durante quatro meses, como bolsista CAPES/PDSE no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Durante o deslocamento, recebi orientação da Dra. Cristiana Bastos. A conclusão do doutorado em Antropologia Social (PPGAS/UFSC) ocorreu em 2018.

permaneceu semanas em uma arquibancada do Centro de Treinamento do Atlético Paranaense até ser notado por jogadores e equipe técnica. A curiosidade sobre aquele que acompanhava atento os treinos, mas não fazia parte da imprensa, ajudou a diminuir o distanciamento entre antropólogo e interlocutores. A entrada em campo de Luciano Jahnecka (2018) junto a jogadores que atuavam no que chamou em sua tese de “futebol menor”, também conhecido em alguns espaços por amador, foi mais “ativa”. Jahnecka aproveitou a experiência futebolística adquirida no curso de Educação Física e no trabalho em escolinhas para realizar seu campo entre futebolistas brasileiros nos Países Baixos. Essa relação metodológica usando o corpo como instrumento de pesquisa, em consonância à de Lõic Wacquant (2002), também foi parcialmente vivida por Mariane Pisani (2018) durante sua pesquisa de doutorado realizada em uma equipe de futebol praticado por mulheres em Guaianases, Zona Leste de São Paulo. A antropóloga alterna a sua observação participante, ora fora do gramado, fotografando os treinos e jogos, ora dentro das quatro linhas, treinando com as jogadoras. Ainda no mestrado, Pisani (2012) acompanhou o Foz Cataratas Futebol Clube, na época campeão da Copa do Brasil. Nesse trabalho, por exigência dos dirigentes, a pesquisadora precisou submeter o projeto ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina, situação nem sempre usual em pesquisas etnográficas no país.⁶¹

Carmen Rial, coordenadora do NAVI e orientadora do grupo, buscou nos romances de Agatha Christie a personagem para as idas ao campo com

⁶¹ O Comitê de Ética nas Ciências Humanas da Associação Brasileira de Antropologia entende que a pesquisa etnográfica compreende um tipo de pesquisa que é realizada com seres humanos — não em seres humanos. Isso implica na compreensão de “que as pessoas abarcadas pelos estudos são verdadeiros interlocutores, estabelecendo uma relação ativa com o pesquisador” (Soraya Fleischer; Patrice Schuch, 2010, p. 14).

futebolistas brasileiros na Europa, estrelas de clubes globais⁶² (Rial, 2008). Assim, Miss Marple⁶³ foi recriada na versão de Carmen para a observação participante, tão comum ao *métier* antropológico. A simpática personagem permitia a aproximação entre antropóloga e jogadores sem denotar o usual assédio de mulheres e de fãs. A construção dessa intersubjetividade circunstancial, no sentido atribuído a Hélio Silva (2009), durante a relação etnográfica permitiu uma profunda reflexão sobre o sistema futebolístico, no qual as grandes estrelas circulam.

Conforme nos adverte Mariza Peirano (2014, p. 5), “os métodos (etnográficos) podem e serão sempre novos, mas sua natureza, derivada de quem e do que se deseja examinar, é antiga. Somos todos inventores, inovadores. A antropologia é resultado de uma permanente recombinação intelectual”. Assim, sem grandes pretensões de descobrir uma nova metodologia que pudesse revolucionar a tradicional observação participante malinowskiana, criei meus próprios métodos para entrar nos diferentes campos — e para me relacionar com os diversos atores sociais — constituintes da minha pesquisa de doutorado. Falo no plural porque foram diferentes ambientes. Algo que remete ao *multi-sited* de George Marcus (1995), já bastante difundido nos estudos em Globalização Cultural.

⁶² Carmen Rial (2008) introduz o termo em analogia ao conceito de Saskia Sassen de “cidades globais”. Assim, os “clubes globais” estariam associados às cidades globais pertencentes ao sistema futebolístico vigente: “Diria que as cidades globais no sistema futebolístico de hoje, as que abrigariam os clubes globais são Madri, Londres, Milão e Barcelona; e que cidades de pouco destaque político-econômico, como Sevilha, Eindhoven e Munique, apresentam uma importância muito maior no sistema futebolístico do que Nova York, Paris, Berlim ou Los Angeles. Como as cidades globais, as cidades globais futebolísticas são nódulos de fluxos que atravessam as fronteiras de Estados-nações, e não mais unidades territoriais localizadas no interior” (Rial, 2008, p. 30).

⁶³ Miss Jane Marple é uma personagem criada pela escritora Agatha Christie em 1930 para o romance policial *Assassinato na casa do pastor*. À primeira vista, Miss Marple é uma anciã comum. Solteira, é descrita frequentemente tricotando e cuidando do jardim. No entanto, essa senhora acompanha doze romances da escritora, auxiliando na solução de casos devido a seu profundo conhecimento das lógicas que permeiam as cenas criminosas, adquirido por meio da atenta observação do ambiente em que o crime foi cometido.

Diante de todas as problemáticas apresentadas e das leituras realizadas, minha pergunta de tese procurou identificar de que forma estavam configuradas as carreiras de futebolistas brasileiras. Para encontrar a resposta, frequentei diferentes espaços transitados por pessoas que têm suas carreiras associadas ao Futebol Feminino⁶⁴. Assim, minha interlocução no campo envolveu jornalistas, agentes de carreira, dirigentes, corpo técnico, profissionais da saúde e, obviamente, as futebolistas. Ao mesmo tempo, levei para esse campo o pacote teórico lido, relido e discutido durante os anos passados nos bancos universitários — além das experiências de minhas/meus colegas navistas.

Entre Campos:⁶⁵ de Araraquara a Lisboa

Como já mencionado, minha pesquisa pretendia buscar um panorama sobre a carreira de futebolistas brasileiras. Assim como o observado entre os homens, as profissionais do futebol também circulam — ou “rodam”, para utilizar a categoria trabalhada por Carmen Rial (2008) — por diferentes clubes. Havia acompanhado uma equipe do interior de São Paulo, a Associação Ferroviária de Esportes (AFE), durante a temporada de 2016, em que foram disputados os campeonatos Paulista, Brasileiro e a Libertadores da América. Entre 2016 e 2017, período integral de minha pesquisa de campo, 45 atletas passaram pelo clube. Do total, apenas 14 permaneceram na equipe até o final da temporada seguinte. Sobre as demais, 3 encerraram a carreira, 14 deixaram a Ferroviária para defender outros clubes brasileiros e 15 foram jogar no exterior — 4 para Portugal, 2 para Israel, 1 para a Argentina, 3 para os Estados Unidos, 1 para a Islândia, 3 para a Espanha e 1 para a Inglaterra.

Em 2017, participei do Programa de Doutorado Sanduíche da CAPES. Fui contemplada com uma bolsa para estudar quatro meses em mobilidade

⁶⁴ Uso “Futebol Feminino” em letras maiúsculas quando faço referência à modalidade institucionalizada. Do contrário, utilizo futebol praticado por mulheres.

⁶⁵ Entre Campos também é o nome da estação de metrô mais próxima ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

acadêmica no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa. Além das disciplinas e dos seminários, também acompanhei algumas dessas jogadoras que estavam atuando no futebol português. No ICS, fui recebida no Grupo de Investigação Identidades, Culturas, Vulnerabilidades,⁶⁶ na época coordenado pela Dra. Cristiana Bastos — que orientou minha mobilidade na ULisboa. Participar desse Grupo de Investigação foi muito importante para o desenvolvimento da minha pesquisa, sobretudo para pensar as relações entre circulação laboral, corpo e corporalidades, e, nesse sentido, a orientação da professora Cristiana teve papel fundamental. A temporada de 2016/2017 do campeonato português contou com quatro futebolistas brasileiras. Três delas já haviam passado pela Ferroviária e atuavam no Sporting Clube de Braga. A quarta era defensora do Clube Futebol Benfica, conhecido em Lisboa por Fofó.⁶⁷ Ao contrário do ocorrido em Araraquara, decidi não contatar as diretorias dos clubes. Queria acompanhar as futebolistas fora das instituições futebolísticas oficiais, nas arquibancadas e pelo contato direto, a fim de diminuir a influência de outros agentes. Assim, vali-me da origem compatriota, o que facilitou a aproximação. Obviamente que, por não ter a autorização dos clubes para a pesquisa etnográfica, o contato presencial com as futebolistas que estavam em outra cidade aconteceu de forma mais superficial em função da rotina de treinos e viagens — ao que Rial (2008) chamou de “bolha institucional” — e do retorno próximo ao Brasil

⁶⁶ Além da Dra. Cristina Bastos, que me orientou nesse processo, também fazem parte do GI o professor Nuno Domingos, que tem um extenso trabalho sobre futebol e colonialismo português em Moçambique, e a professora Chiara Pussetti, que tem se debruçado a pesquisas que relacionam a ideia de capital corporal e biotecnologias. O contato com a produção — e, no caso de Pussetti, com as classes — de ambos contribuiu muito para refletir sobre o trabalho de campo desenvolvido até então. Em 2019, participei da composição do dossiê “Desporto e nacionalismos” com o texto “Mulheres futebolistas: debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro”, organizado por Nuno e por Victor Pereira (Université de Pau et des Pays de l’Adour; UPPA), pela Lusotopie.

⁶⁷ O Clube Futebol Benfica foi fundado em 1895 na freguesia de Benfica, em Lisboa. O apelido Fofó é uma ressignificação. A rivalidade local com o Sport Lisboa e Benfica, internacionalmente conhecido, fez com que os torcedores desse time chamassem o pequeno clube de Fofó.

— o final da temporada/contrato estava próximo. Assim, minha principal interlocutora acabou sendo aquela que estava mais próxima e que chamo na tese de Sara.⁶⁸ Com exceção de Sara, que havia emigrado com a família, todas as outras foram contratadas por intermediários.



ESTÁDIO FRANCISCO LÁZARO, SEDE DO CLUBE FUTEBOL BENFICA
(FOTO: CAROLINE DE ALMEIDA, 2017)

A Taça de Portugal Feminina é a maior competição da modalidade no país. A temporada compreende em torno de oito meses, sendo formada por seis etapas. As duas primeiras são compostas pelos Campeonatos de Promoção do Futebol Feminino, dos quais participam 45 clubes, divididos em 3 regiões geográficas: série norte, série centro e série sul. Classificam-se 20 equipes, juntando a essas para a próxima etapa os 12 clubes que fazem parte da Liga de Futebol Feminino. As próximas etapas correspondem a oitavas de final, quartas de final, semifinal e final.

⁶⁸ Em referência a Sara Custódio, futebolista brasileira que atuou em diferentes clubes da cidade do Rio de Janeiro na primeira metade da década de 1980.

No ano de 2016, as equipes do Sporting Clube de Braga e do Sporting Clube de Portugal ingressaram na competição. O que por um lado trouxe mais competitividade e atraiu maiores investimentos, por outro gerou protestos entre participantes, em virtude da estreia de ambos acontecer já na segunda fase da Liga — em vez de disputarem os Campeonatos de Promoção, como seria o usual. A polêmica fez com que o Sport Lisboa e Benfica, ao anunciar a criação de uma equipe de Futebol Feminino para a temporada seguinte, frisasse a intenção de entrada no Campeonato de Promoção como forma de ascender à Taça. A entrada de clubes fortes e tradicionais do Futebol Masculino também abriu o país para o mercado do Futebol Feminino. Apesar dos baixos salários na época, existiam outras motivações que atraíam as futebolistas aos gramados portugueses. O primeiro refere-se a uma questão geográfica: é um país europeu, por conseguinte, filiado à União das Associações Europeias de Futebol (UEFA). Nesse sentido, disputar a *Liga dos Campeões da UEFA* é uma importante vitrine para futuros contratos em equipes que jogam campeonatos mais fortes e rentáveis. O segundo diz respeito às facilidades com a língua, a comida e os costumes, que não são totalmente desconhecidos entre as brasileiras. Por último, está o fato de Portugal ser considerado um dos países mais seguros do mundo, atraindo pessoas pela qualidade de vida que é oferecida.

Trajetória de vida, projeto e campo de possibilidades: lições de Gilberto Velho

O conceito de carreira para futebolistas, que busquei como conceito central para a tese, perpassa pelo referencial teórico Gilberto Velho e de suas categorias de análise: trajetória de vida, projeto e campo de possibilidades (Velho, 2003). O antropólogo atribuiu à sociedade urbana moderno-contemporânea a tendência de constituição do *self* a partir de um intenso jogo de papéis sociais que são adaptados a experiências e a níveis de realidade diversificados, podendo, ou não, apresentar conflitos ou contradições. Essa problemática, constituída de forma bastante complexa na

intensa mobilidade material e simbólica do mundo globalizado, define a trajetória de vida do indivíduo: “O que está em jogo é um processo histórico abrangente, e a dinâmica das relações entre os sistemas culturais com repercussões na existência de indivíduos particulares” (Velho, 2003, p. 39). O campo de possibilidades constitui um espaço sociocultural, o qual permite a consciente formulação e reformulação de projetos:

Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultados de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée*. (Velho, 2003, p. 28)

A viabilidade de realização dos projetos depende da capacidade de negociação do indivíduo com outros projetos individuais (ou coletivos), bem como da natureza e das dinâmicas presentes no campo de possibilidades: “Os projetos, como as pessoas, mudam; ou as pessoas mudam através de seus projetos; a transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente” (Velho, 2003, p. 48). As experiências de minhas interlocutoras mostraram que, no decorrer de suas trajetórias, os projetos de carreira estão em constante reformulação. Posto isso, apresento o exemplo de duas jogadoras brasileiras que defendiam clubes portugueses na temporada 2016/2017.

Como já falei, meu universo de pesquisa em Portugal compreendeu quatro atletas. Três delas tinham contratos assinados com o mesmo empresário que geria as suas carreiras — e que havia conseguido incluí-las no elenco de um dos principais clubes do país. As três tinham uma rotina bastante rigorosa de treinos e de alimentação, supervisionada por profissionais especializados na modalidade. Dessa forma, não conseguiam despende muito tempo

para lazer. Em certa ocasião, havíamos marcado um encontro em Lisboa. Falaram que gostariam de conhecer a cidade e que teriam um dia livre. No entanto, acabaram cancelando, porque a pessoa que iria acompanhá-las não pode ir junto. O clube tinha uma boa “infraestrutura” (Nina Tiesler, 2012), com academia própria, refeitório, alojamento etc. Já haviam jogado juntas no Brasil e dividiam o mesmo apartamento na cidade portuguesa.

Sara, por outro lado, havia deixado o Brasil para trabalhar no café de uma prima na região de Lisboa. Além dela, dois primos também moravam na cidade. Sua irmã emigrou mais tarde, mais ou menos no período em que eu estava acompanhando seus treinos. Encontrei Sara na página oficial do clube no qual era integrante. Dali, eu procurei seu perfil no Facebook e encontrei em contato. Marcamos um encontro em um restaurante próximo ao local onde ela morava. Por estarmos ambas fora do Brasil, tornou-se fácil a aproximação, e posso dizer que criamos uma relação bastante pessoal, de modo que frequentávamos uma a casa da outra. Sara jogava futebol no Brasil, e quando chegou ao novo país, foi indicada por um amigo do primo à equipe. Fez um teste e começou a treinar. Embora fosse considerado um clube de bairro, a equipe tinha bastante tradição no Futebol Feminino, tendo conquistado duas vezes a Taça Portugal.

Apesar de o mercado da bola português ser um dos espaços mais concorridos por empresas de gestão de carreiras no futebol (Almeida, 2018) e do agente mais influente entre as futebolistas brasileiras na época ser de Portugal, o contrato com jogadoras portuguesas era um campo pouco explorado em 2017. Quando perguntei à Sara se ela já havia sido abordada por alguma/um agente, respondeu que isso ainda não era muito comum entre suas companheiras de equipe. Contudo, as informações divulgadas na página da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) apontavam para a existência de 315 intermediárias/os registradas/os atuando no país nesse mesmo ano. É importante considerar que, no mesmo período, no Brasil, um país vinte vezes mais populoso, tinha 237 intermediárias/os a mais. Em termos clubísticos, para cada clube português existem quase dez brasileiros. Esses números mostram que a atividade no país ibérico era bastante intensa.

A história de Sara representa a de muitas imigrantes brasileiras em Portugal. Além da motivação econômica, a atleta dizia querer viver em um lugar melhor, ter mais oportunidades e, também, iniciar uma graduação. Revelou que, quando a prima a convidou para trabalhar em Lisboa, não pensou duas vezes e, assim que conseguiu dinheiro suficiente para as passagens, embarcou. O futebol não estava em seu projeto inicial. O capital futebolístico (Damo, 2005) de Sara possibilitou a negociação com o inesperado — nesse caso, a oportunidade de jogar futebol no clube lisboeta. Mas, ao mesmo tempo, dizia que queria investir apenas mais dois anos na carreira de futebolista. Caso não conseguisse se manter do futebol, estudaria. Assim, Sara conciliava o trabalho na cafeteria e a rotina diária de treinamento. Os treinos aconteciam à noite, das 21h às 23h, e o estádio ficava distante de seu trabalho e de sua casa. Diante disso, utilizava uma motocicleta como meio de locomoção. Gostava de sair à noite. Frequentava danceterias e bares com o primo, a irmã e/ou com as companheiras da equipe. Durante os campeonatos, esses momentos de lazer ficavam mais escassos, já que uma noite mal dormida poderia interferir no desempenho em campo.

A trajetória de Meg,⁶⁹ uma das brasileiras que atuavam no clube fora de Lisboa, diferia bastante. A futebolista deixou o Brasil para jogar em uma equipe portuguesa, tendo o contrato de seis meses assinado com o clube por intermédio de agente. Disse que um dia essa pessoa a abordou depois de uma partida. Perguntou se teria interesse em jogar no exterior e que poderia representá-la, caso a resposta fosse positiva. Era a primeira vez que defendia um clube estrangeiro. Dizia não se sentir só, pois havia muito morava em alojamentos distantes da casa de seus pais. Além disso, havia outras brasileiras no grupo, e todas moravam na mesma casa. A rotina de treinos e jogos era intensa, sobrando pouco tempo para frequentar bares e/ou danceterias em Portugal. Estava no país para jogar futebol.

Diante dos pressupostos de Gilberto Velho (2003), essas duas trajetórias mostradas aqui não representam apenas dois “projetos” diferentes,

⁶⁹ Referente à Margarete Pioresan (Meg), goleira da Seleção Brasileira entre 1989 e 1996.

mas maneiras distintas de colocar esse projeto em prática. São dois “campos de possibilidades” e duas formas de negociar com a profissão e com o país estrangeiro. Meg já tinha o futebol como profissão. Defendia um clube com alta infraestrutura (Tiesler, 2012). Tinha a moradia e a alimentação custeadas por esse clube e recebia salários previamente acertados por um contrato temporário. Seu agente a auxiliava diante de alguma dificuldade. Tinha seu tempo controlado pela instituição que representava e, assim que o campeonato teve fim, retornou ao Brasil. Meg não conheceu muito do país onde morou durante esses seis meses. Nem mesmo se relacionou com pessoas locais, fora do convívio do clube. Além disso, dependia de outras pessoas para as viagens durante as folgas.

Sara, por sua vez, ainda não tinha o futebol como profissão. Trabalhava oito horas no café, onde dividia o balcão com a prima. Quando fechavam o local, voltava para sua casa. Descansava alguns minutos e enfrentava o trânsito até o estádio onde aconteciam os treinos. Treinava duas horas por dia. Quando retornava à casa, perto da meia-noite, dizia só dar tempo para jantar, tomar um banho e dormir. No café, era conhecida por jogar futebol. Das vezes em que estive no local, várias/os clientes conversaram com ela sobre o campeonato em andamento.

Durante os jogos, na arquibancada do estádio, era celebrada pela pequena torcida que acompanhava as partidas. Lembro-me de um jogo em que estava a mãe de uma das jogadoras da equipe. A mulher utilizava um megafone para puxar os gritos da torcida e se comunicar com as atletas em campo – e para advertir a arbitragem também. No intervalo, ela veio conversar comigo. Percebeu que não pertencia ao grupo habitual e quis saber o que eu fazia naquele local. Conteí a ela sobre minha pesquisa e que acompanhava Sara. Ela prontamente passou informações sobre a brasileira: disse que era muito simpática e focada. Havia esperado pacientemente no banco por quase três anos, mas agora estava na melhor fase.



EQUIPE DO FOFÓ (FOTO: CAROLINE DE ALMEIDA)

A interação social de Sara com pessoas que vivem em Lisboa, bem como com a própria cidade, era muito mais intensa: tinha amigos lisboetas, percorria vários espaços da cidade, viajava por outras regiões do país e frequentava locais para além daqueles que têm relação direta com o clube que defende. Não era tão dependente da bolha institucional (Rial, 2008) como as demais brasileiras. Por outro lado, a jogadora não tinha contrato de trabalho. Para alguns jogos, ganhava uma pequena ajuda de custo para as despesas de trajeto. O transporte e a alimentação nos dias de jogos “fora de casa” eram providenciados pela FPF, via clube. Quando foram campeãs nacionais, ganharam da Junta de Freguesia do bairro onde se localizava o clube uma viagem a uma reserva ambiental próxima a Lisboa. Dentro dessa perspectiva, as relações de poder (Foucault, 1979) às quais Sara se encontrava submetida eram bem mais brandas do que as que envolviam Meg e as demais. Porém, ambas se enfrentaram em campo pelo mesmo campeonato.

Considerações finais

Diversas/os antropólogas/os, ao longo de mais de um século de existência da disciplina, vêm chamando a atenção para o desafio da pesquisa etnográfica. Estar em campo e narrar essa relação entre pesquisadora e interlocutoras, que nem sempre se constitui harmoniosa, tornou-se, para mim, um exercício bastante complexo. Enquanto historiadora de formação, relutei em me colocar abertamente em um texto, e, de fato, esse foi meu primeiro trabalho de campo no sentido clássico. Sempre me senti mais à vontade no meio dos arquivos, talvez também por introversão de minha parte. No entanto, o que acabo de apresentar nestas páginas é parte resultante desse desafio, o de tornar o trabalho de campo um texto atraente à leitura e de fazer algo digno e que seja o mais próximo possível do universo vivido por minhas interlocutoras. Tratou-se, portanto, de uma tentativa de balancear minha subjetividade, o campo, a teoria antropológica e os objetivos da pesquisa revisitada. Por outro lado, a escrita dessa experiência etnográfica, não somente neste capítulo de uma coletânea que discute diferentes abordagens metodológicas em campos estrangeiros, mas na minha própria tese defendida há quatro anos, também é considerada uma construção coletiva em que levei comigo múltiplas vozes: as concepções de mobilidade transnacional e circulação desenvolvidas por minhas orientadoras Carmen Rial e Cristiana Bastos – de Carmen também utilizei todo o aparato teórico-metodológico etnográfico sobre o universo futebolístico; as ferramentas de Gilberto Velho para pensar a constituição das carreiras de futebolistas mulheres a partir da relação destas com os espaços que transitam e pessoas que interagem; as experiências de colegas dialogadas nos corredores da universidade; além do conhecimento antropológico gentilmente compartilhado por professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC) e do Instituto de Ciências Sociais (ICS/ULisboa)

Referências

ALMEIDA, Caroline Soares de. *Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras*. (Tese) Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS), Florianópolis, 2018.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. *No reino do quero-quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido* (Tese) Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS), Florianópolis, 2009.

DAMO, A. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França* (Tese). Doutorado em Antropologia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2005.

FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice. Antropologia, ética e regulamentação. In: FLEISCHER, Soraya. SCHUCH, Patrice (Orgs.). *Ética e regulamentação na pesquisa antropológica*. Brasília: Letras Livres/ Editora da Universidade de Brasília, 2010, p. 9-23.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

JAHNECKA, Luciano. *Regimes de visibilidade: a constituição de futebolistas em um futebol menor*. (Tese) Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH), Florianópolis, 2018.

MARCUS, G. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, n. 24, p. 95-117, 1995.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PISANI, Mariane da S. *Foz Cataratas Futebol Clube: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol*. (Dissertação) Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS). Florianópolis: 2012.

PISANI, Mariane da S. “Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. (Tese) Universidade de São Paulo (PPGAS). São Paulo: 2018.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v.15, n.32, jul./dez., 2009.

TIESLER, Nina. *Um grande salto para um país pequeno: o êxito das jogadoras portuguesas na migração futebolística internacional*. Futebol Português – política, género e movimento. Porto: Editora Afrontamento, 2012.

VELHO, Gilberto. Cultura enquanto heterogeneidade: biografia e experiência social. In:VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. *Mana*, v. 17, n.1, 2011, p. 161-185.

WACQUANT, Löic. *De corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz do boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Desafios de uma pesquisa no escuro em *gay clubs* berlinenses

Wagner Xavier de Camargo⁷⁰

Introdução: as tramas que me levaram a Berlim

*But I see your true colors
Shining through
I see your true colors
And that's why I love you
So don't be afraid to let them show
Your true colors
True colors are beautiful
Like a rainbow
(Cyndi Lauper)*

Era uma tarde de julho de 2006 no hemisfério norte e eu estava de férias em Chicago, Estados Unidos. O show que assistia era de Cyndi Lauper, notória artista dos anos 1980-90, que ali cantava o sucesso “True Co-

⁷⁰ Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. É também membro-fundador da Rede Brasil-Alemanha de Internacionalização do Ensino Superior (REBRALINT), colaborador permanente do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (Deutscher Akademischer Austausch-Dienst - DAAD) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Atualmente é vinculado ao Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte da Universidade Estadual de Campinas.

lors” e encerrava a sétima edição dos Gay Games. A cerimônia colocava um fim nos 10 dias de competições esportivas, em mais de 30 modalidades, que arregimentaram mais de 12 mil pessoas, entre atletas e voluntários (estadunidenses e também estrangeiros), de várias partes do mundo. Tínhamos vivido dias intensos e também de consagração do orgulho de “ser GLBT” no esporte.⁷¹

Eu, um corredor de atletismo que participava pela primeira vez de um evento de tal natureza, começava a pensar em uma estratégia para investigar antropologicamente tal certame, possivelmente em sua próxima edição quadrienal. Enquanto aquelas curtas frases me tocavam sentimentalmente, *don't be afraid* (não tenha medo), *true colors are beautiful* (cores verdadeiras são belas), uma bandeira vermelha com dizeres em letras brancas descia tremulando de um mastro no palco principal: *See you in Cologne 2010* (veja você em Colônia 2010). Ali foi meu primeiro vislumbre sobre a possibilidade de pesquisar no exterior, ou mais propriamente, na Alemanha.

De volta ao Brasil, pensava em como resolver um dilema: deixar a condição de professor celetista de faculdades particulares e reingressar no meio acadêmico por meio de um programa de pós-graduação. A canção de Cyndi Lauper e a emoção que tinha vivido nos jogos de Chicago me fizeram crer que pesquisar questões acerca da sexualidade em um evento esportivo como o Gay Games seria a porta de algo pioneiro – inclusive do ponto de

⁷¹ O acrônimo GLBT, que logo vai se derivando em outras formas (LGBT, LGBTTT, LGBTQI+ etc.), não parou de se transformar até hoje. Vale lembrar que o programa “Brasil Sem Homofobia” (2004), lançado no primeiro mandato do Governo Lula (2002-2006), foi um dos responsáveis pelas discussões acaloradas da I Conferência Nacional GLBTT, ocorrida em Brasília em fins de 2008, que decidiu, entre muitas coisas, antecipar o “L” na sigla a fim de não continuar invisibilizando mulheres *lésbicas*, do mesmo modo que ocorria com mulheres heterossexuais na sociedade (Fernandes, 2011). Em termos esportivos, o recém-criado Comitê Desportivo Gay (ou CDG), nos anos seguintes, vai se adaptar à demanda do movimento, trocando o solitário termo “gay” por “LGBT”.

vista pessoal. Vivendo ainda no “armário da sexualidade”,⁷² sem ser completamente hétero ou homossexual, isso impactava não apenas minhas relações familiares, como também as profissionais.

Em março de 2008, ingressei como doutorando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), sob orientação da antropóloga Carmen Rial e coorientação do sociólogo Alexandre Vaz. Meu projeto já previa uma etapa de pesquisa fora do país, exatamente em Colônia/Alemanha, dois anos mais tarde. Porém, até aquele momento, não sabia exatamente como isso aconteceria. Vivíamos outros tempos, em que as políticas de formação de pós-graduandos fora do país se consolidava pelos mecanismos institucionais do Partido dos Trabalhadores (PT), que re-dimensionava programas de bolsas de pesquisa e mesmo investimentos no ensino superior via Ministério da Educação e agências.⁷³

A possibilidade veio no fim daquele ano, quando o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (*Deutscher Akademischer Austausch-Dienst* – DAAD) abriu seu processo seletivo para 2009 de estágio doutoral na Alemanha. Como minha pesquisa de campo tinha data e lugar para ocorrer e eu dispunha de certo conhecimento de alemão, acreditei ter pontos favoráveis à candidatura. A aquisição da bolsa foi meu passaporte para a pesquisa internacional. Desembarquei na capital alemã poucos dias antes da comemoração dos vinte anos da Queda do Muro de Berlim.

Minha vinculação se deu junto à Universidade Livre de Berlim (*Freie Universität von Berlin*), no Instituto Latino-americano (*Lateinamerika Institute* – LAI), cuja pesquisadora teuto-brasileira Ísis Fernandes Pinto foi

⁷² O armário é uma estrutura epistemológica pesada e consequente, segundo Sedgwick (2007). A autora demonstrou como há uma paradoxalidade aí, pois não se está totalmente dentro do armário, nem totalmente fora, dependendo da perspectiva e do ponto de vista de quem o considera.

⁷³ Havia bolsas de estudos do REUNI, disponibilizadas pelo Governo Federal para apoio e permanência de estudantes de pós-graduação nas universidades federais e mesmo um incentivo progressivo de verbas para pesquisas. Além disso, logo se materializaria o programa “Ciência Sem Fronteira”, que incentivava parte da formação acadêmica no exterior e fora criado no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2010–2014) (Pereira, 2015).

a intermediadora, à época, junto à docente Ingrid Kummels, que se constituiu como tutora oficial do estágio doutoral. Ísis havia estado no Brasil, sob orientação de Carmen Rial, alguns anos antes e acabou sendo meu principal contato no Instituto. O primeiro desafio metodológico que enfrentei foi me inserir nas atividades acadêmicas do LAI para criar diálogos com pesquisas internas. Como meu projeto não estava sob tutela das linhas de pesquisa do Instituto, acabei ficando à margem, do mesmo modo que via acontecer com outros estudantes estrangeiros. Nesse sentido, o contato com Ísis foi fundamental para driblar ausências de informações, direcionamentos quanto aos procedimentos das disciplinas e mesmo para me colocar em contato com outras pessoas e docentes.

A pesquisa etnográfica, por sua vez, começou antes do evento esportivo propriamente dito, e é sobre isso que tratarei neste capítulo. Atletas amadores com os quais tomei contato ainda em Berlim, que eram membros de entidades como a Vorspielen (entidade que oferecia esportes a pessoas LGBTQI+ na cidade), mostraram-me um circuito de festas frequentado por eles, cuja temática tinha o esporte como foco.⁷⁴ Conjuntamente a isso, intensifiquei o mapeamento de bares de socialização comunitária desses grupos e uma catalogação de algumas publicações, distribuídas gratuitamente em tais lugares, como as revistas *Siegessäule* e *Blu*.

Nesse momento se iniciaria meu segundo desafio metodológico do estágio doutoral no exterior, qual seja, não apenas o mapeamento dos lugares de circulação da população-alvo (na capital alemã e no circuito europeu), mas também o “encontro etnográfico” (Mariza Peirano, 1986) com os atores sociais. Particularmente, um dos desafios com que me deparei foi entender o “alemão da rua” (*Umgangssprache* ou gíria) para dialogar com eles e mesmo ler materiais distribuídos em bares e casas noturnas. Não

⁷⁴ Os contatos com interlocutores foram sendo construídos a partir de diferentes lugares, e explico melhor a arquitetura dessa rede na tese doutoral (Wagner Camargo, 2012). Neste capítulo, não trago falas de interlocutores porque objetivo tratar dos dilemas metodológicos de realizar uma pesquisa de campo no exterior.

bastava saber *Hochdeutsch* (alemão oficial); tinha que saber manejar nesse outro linguajar, que me deixou prostrado durante algumas semanas, até que comecei a entender a lógica daquela construção discursiva.

Meus interlocutores e os colaboradores da pesquisa eram homens que mantinham relações homoafetivas e homoeróticas com outros homens (Isadora Lins França, 2012) e praticavam esportes. Eles foram me apresentando outros contatos, principalmente nas festas temáticas que frequentavam. O desafio, a partir daí, era construir uma rede que me servisse de base para investigação, e mesmo para a inserção de outras pessoas na competição esportiva que ocorreria em Colônia. Posso adiantar que possivelmente esse foi o terceiro e maior desafio metodológico de fazer pesquisa fora do país: construir uma rede de contatos, com interlocutores estrangeiros, em outra cultura e língua, a qual pudesse me fornecer dados para uma etnografia multissituada.⁷⁵

Neste texto, tratarei do cenário das festas temáticas, não previsto no projeto original, mas que se revelou importante no “percurso etnográfico” (Mariza Peirano, 1995). Tomei contato com ele a partir do mapeamento da circulação desses atletas amadores — e a rede cresceu a partir de amigos de amigos que me foram apresentados. A seguir, trago um detalhamento desse campo e apresento, logo depois, o desafio máximo de pesquisar nele: o escuro e a tarefa de desenvolver uma etnografia mais tátil e olfativa do que propriamente visual e dialógica com os sujeitos.

Como a Antropologia, em geral, privilegia a premência da linguagem e da visão em suas investigações, me inspiro em Maria Benítez (2007) e Camilo Braz (2012) no sentido de tentar etnografar outras sensações no escuro e na penumbra para entender como isso pode ser potente ao permitir conhecimento antropológico sob outro registro. E, então, a partir desses

⁷⁵ A etnografia multissituada foi realizada em eventos esportivos LGBT internacionais, além do Gay Games Chicago-2006: os II World OutGames, em Copenhague-2009; os VIII Gay Games, em Colônia-2010 e os II North American OutGames, em Vancouver-2011. De 2009 a 2011, a cidade de Berlim foi a base a partir da qual pude acessar esse circuito maior de eventos LGBT, nos quais meus interlocutores circulavam (Camargo, 2015).

“tipos não visuais de percepção” (Nils Bubandt, 1998, p. 49), tomo os cheiros que me afetaram para abrir novas considerações sobre este trabalho de campo realizado.

Festas com temas esportivos⁷⁶

As festas a que me refiro aqui estavam associadas a bares e clubes específicos em Berlim e eram lugares de socialização de homens que mantinham relações homoeróticas/homossexuais, locais que nomeei de “playground de adultos”, aproveitando expressão de Lins (2007). Acabei considerando as ocasiões festivas no cômputo da etnografia dos eventos de esporte, uma vez que elas apareceram como elementos constituintes de uma agenda de meus interlocutores e, nesse sentido, importante de serem etnografadas.

Apresento a seguir *flyers* de propaganda de duas festas do circuito cidadão da capital alemã: dos clubes GMF e Locker Room. Lidando com públicos de classes sociais distintas, suas programações temáticas demonstram a tentativa de atrair um público não usual para os locais, como atletas de esportes amadores. De modo semelhante, os *flyers* ilustram corpos muscularmente definidos e trazem elementos do mundo esportivo (bermudas, tênis, a bola, o corpo seminu). Ao passo que o clube GMF atraía um público de homens brancos, de classe social privilegiada, consumidores de produtos importados (roupas, perfumes) e viagens internacionais, aspectos notáveis nas vestimentas, nas conversas e mesmo nos pequenos grupos junto ao bar que falavam muito disso, a casa noturna Locker Room agregava grande número de estrangeiros (asiáticos latinos, africanos) e se colocava como um lugar “mais diverso e plural”.⁷⁷

⁷⁶ Importante registrar que parte do conteúdo aqui trabalhado já foi publicado em Camargo (2017).

⁷⁷ Poderia continuar falando sobre os traços de distinção de classe social encontrados nesses grupos, resgatando os apontamentos de Bourdieu (2007), mas penso que não é o propósito deste texto.



FOTO 1: FLYER DE FESTA TEMÁTICA DE ESPORTES NO CLUBE GMF.

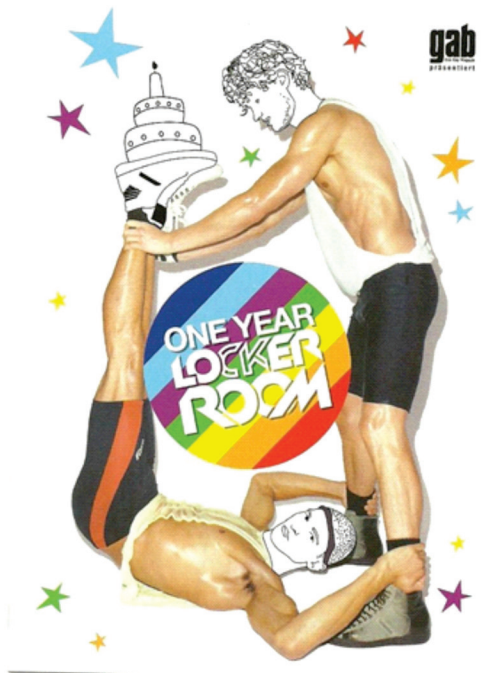


FOTO 2: FLYER COMEMORATIVO DE UM ANO DE EXISTÊNCIA DA CASA NOTURNA LOCKER ROOM.

A partir do conhecimento dessas festas e de seus motes temáticos, passei a desenvolver uma taxonomia dos locais (clubes ou bares) e acompanhar as festas que ocorriam no período das competições esportivas (Wagner Camargo, 2012). Esses lugares e suas festas participam de uma rede mais ampla de “bens eróticos” (Maria Filomena Gregori, 2004) e também eram, em alguma medida, locais de prática sexual. No entanto, para esse propósito específico, havia os *sex clubs* berlinenses (em uma longa lista de localidades, registradas na municipalidade), cujos roteiros estavam disponíveis em revistas distribuídas gratuitamente em toda a cidade. As informações que coletei de modo oficial começaram a ser cotizadas com as que segui nesses roteiros, apresentados nas páginas finais das revistas mencionadas anteriormente.

Tais lugares foram considerados “territórios de socialização sexual” de homens que exerciam práticas homoeróticas, em uma referência com os então “guetos gays” das metrópoles do hemisfério norte nos anos 1950, como saunas, cinemas, *sex shops* e clubes noturnos.⁷⁸ Havia, igualmente, os *dark rooms* ou *back rooms*, espaços escuros ou de penumbra, nos fundos de estabelecimentos comerciais (há certo tempo em extinção no Brasil e em várias partes do mundo), reservados também para encontros sexuais (María Elvira Díaz Benítez, 2007) — e, ainda, os antigos J.O. clubs (*jerk-off clubs* ou “clubes da punheta”, tradução minha), como apareciam nos Estados Unidos.

No caso de Berlim, do total de estabelecimentos comerciais voltados ao público LGBTQIA+ na capital alemã à época (2009–2011), mapeei 91 bares e 50 clubes noturnos, totalizando 141 locais em funcionamento. Os lugares podiam ser divididos em “socialização convencional” e/ou de “socialização sexual”, sendo nesses últimos a prática de sexo o principal objetivo. Do total, 28 deles se encontravam fechados ou passavam por reforma, e 2 estavam plenamente desativados (Akzept 21 e Ficken3000). Dos 91 em atividade na época, 9 poderiam ser considerados de altíssima frequência (Greifbar, Cocks Berlin, CDL-Club, Lab.Oratory, New Action, Prinzknecht, Stahlrohr, Tom’s Bar, Triebwerk), em distintos bairros da cidade e os quais frequentei em muitas ocasiões. Dos 50 clubes noturnos estilo boate, igualmente 9 deles se alternam com grande público (Connection, Die Busche,

⁷⁸ Sobre a clássica formulação do “gueto gay”, ver Levine (1998) e acerca da problematização deste, ao importante contribuição de Perlongher (2008); acerca do processo de *cruising gay* nesses territórios, ver Lee (1978); conjecturas a respeito da guetificação homossexual em São Paulo de metade do século XX, ver Silva (1958; 2005), MacRae (1983; 2005) e Perlongher (2005); sobre o resgate da discussão temática para discutir “mercado GLS” (gay-lésbico-simpatizante) de saunas, cinemas pornô e bares/clubes voltados à prática de sexo, ver Simões e França (2005), Braz (2007a; 2007b; 2011; 2012); França (2007a; 2007b); especificamente sobre *sex shops* nessa territorialização, ver Gregori (2004).

Kit Kat Club, Geburtstagsklub, Goya, Kantine am Berghain, NBI, SchwuZ, Tape Club).⁷⁹

Importante dizer que em tais festas se encontravam elementos de uma peculiar *sex culture* (Amin Ghaziani, 2017),⁸⁰ pois, como afirmou o Braz (2011), as “convenções viajam” e globalizam elementos tanto de sexualidades diversas, quanto mais precisamente de uma pornografia gay contemporânea, cujas referências históricas estão lá nos *leather sex clubs* norte-americanos e europeus dos anos 1960 e seguintes (associados, em geral, com o gosto pelo “couro”), descritos por Levine (1998) e por Rubin (1991).

No entanto, meu objetivo aqui é tratar de um clube de sexo em específico, que tem um rígido *dresscode* (código de vestimenta),⁸¹ visitado por mim durante mais de um ano (com frequência de três a quatro vezes ao mês), nos idos de 2010 e 2011, em diferentes horários e mesmo em companhia de distintos interlocutores. Ele é uma referência central na cena da cultura alternativa berlinense, e, segundo meus colaboradores (alemães e estrangeiros), as pessoas se dividiam entre quem já o conhecia e quem deveria, necessariamente, conhecê-lo. É um espaço anexo de um famoso clube noturno da cidade, com história de surgimento pós-II Guerra, que tem um cronograma de festas variadas. E nele, como traz meu registro etnográfico,

⁷⁹ Parte desses dados foram coletados também por ocasião de minha etnografia em bares antes e durante a Copa do Mundo de Futebol de homens da África do Sul (Camargo; Rial; Vaz, 2010).

⁸⁰ A fórmula que o autor explora no livro dele “sexo + cultura = sexualidade” (p. 9) encontra eco em uma publicação de Gayle Rubin, quando afirma: “O corpo, o cérebro, a genitália, e a capacidade de linguagem são todos necessários para a sexualidade humana. Mas eles não determinam o seu conteúdo, as suas experiências, ou as suas formas institucionais. Além disso, nunca encontramos o corpo não mediado pelos significados que as culturas lhe dão” (Rubin, 1993, p. 10, tradução minha).

⁸¹ *Dresscodes* são verdadeiros “indicadores sexuais”, segundo Soares (2011), que estudou as transformações no vestuário esportivo de corpos masculinos e femininos entre 1920–40. No caso da festa a que me refiro a seguir, as roupas esportivas modelavam contornos corporais e sugeriam, paradoxalmente, o corpo nu.

há um calendário de eventos fixos e variáveis (sazonais). Os dias de roteiros fixos são quinta e sexta-feiras. Às quintas há a *naked party*, em que o *dresscode* obrigatório é de nudez total, e às sextas, o *fucking Friday 2-4-1*, na qual se pode escolher ficar com trajes específicos, de cueca, sem roupa ou com peças esportivas (como sungas, maiôs de luta-livre, ou os mais comuns, bermudas e shorts). As “festas sazonais”, por sua vez, são divididas em diferenciadas temáticas, e o clube avisa em seu *site* que se reserva o direito de modificar seu calendário, conforme o fluxo de frequentadores. Dessa forma, alternam-se de semana a semana (ou mês a mês) a “Yellow facts: piss without dress code”, para pessoas que gostavam de fezes e urina; a “Fausthouse: anal deep throat”, que atrai praticantes de sexo radical, garganta profunda e *fist fucking*; a “Official Slut: suit & tie” frequentada por adoradores de ternos masculinos impecáveis; a “Gummi/Rubber outfit only!”, para a grande população adepta da borracha, do couro e do sadomasoquismo; a “Mug’s Party: do it in pig-stile”, para todos os tipos de secreções e cheiros e, por fim, a “Athletes’ Party: fit for fuck”, tradicional festa de/dos “atletas”.⁸² (Diário de Campo, jan. de 2010).

A identificação dessas festas específicas e minha visitação a algumas dessas ocasiões trouxe uma dimensão nova, instigante, relativa às percepções sensoriais outras para além da visão/audição, que se colocaram como ferramentas metodológicas para a pesquisa. O olfato, o “último lugar da hierarquia sensorial” (Chantal Jaquet, 2014), ganha a primazia da interpretação antropológica, à medida em que também passa a ser elemento relevante na comunicação estabelecida com sujeitos. Como os *dresscodes* das festas temáticas são sempre definidos *a priori*, há outras regras explícitas

⁸² A partir de 2013, algumas inovações têm sido implantadas, como a festa “Mask”, onde o uso de máscara e o desnudamento do tronco são exigências obrigatórias, e a “Sewer System: total darkness, search the meat”, na qual as poucas luzes são totalmente apagadas e o clube fica entregue a uma escuridão absoluta. E, ainda antes da pandemia do coronavírus, foi criada uma noite em que o espaço se ampliava junto ao clube noturno vizinho e mulheres eram também recebidas sob a insígnia de “FC Snax United”. A maioria dos eventos atualmente está cancelada.

em uma placa da porta de entrada: proibido tirar fotos ou filmar, não iluminar o ambiente e não usar perfumes — para valorizar o que se entende com “cheiro de homem”. É nessa primeira determinação que se inicia a experiência sensitiva, que explorarei adiante.

Ter acompanhado esse “campo paralelo” à pesquisa principal evidenciou-se como uma “experiência reveladora” (José Guilherme Magnani, 2009) das lógicas que coadunam o tripé esporte-festa-sexo e que impulsionam tais atletas às constantes participações em um circuito de eventos (Camargo, 2015).

Adentrando ao “território dos desejos”

Logo que se dão minhas primeiras experiências de visitação ao clube berlinense, sempre acompanhado de interlocutores, ouço uma expressão que me trouxe certa preocupação. Um deles, em uma sexta-feira véspera de feriado e em uma noite de casa lotada, me convida ao “território dos desejos”, logo que adentramos ao recinto. Minha risada nervosa previa um flerte, que horas depois se concretizou. Em um artigo específico (Camargo, 2016), trato de reflexões sobre potenciais envolvimentos afetivo-sexuais com sujeitos na pesquisa e os desdobramentos de tais situações.

As festas funcionaram como elementos de uma etnografia multissituada, caracterizada pela sobreposição de lugares e impressões, conectados por mim via uma compreensão antropológica que viabilizou a pesquisa etnográfica (George Marcus, 1995). Era importante que eu as visitasse, e com frequência. Durante muito tempo, o principal desafio metodológico da pesquisa era lidar com as investidas de interlocutores naquele espaço e, igualmente, me concentrar nos procedimentos de acesso a informações.

Quando chego pela primeira vez, aguardo numa fila antes de adentrar uma imensa porta de ferro, controlada por um leão-de-chácara. [...] A ansiedade fazia meu coração galopar e suava de nervoso, mesmo numa temperatura externa agradável [...]. Ao pagar 6 euros, ganhei um saco azul para guardar minhas roupas

e um número foi decalcado em meu braço. [...] Quando me vejo sozinho numa antessala de troca de roupas, e cheiros de urina, sêmen e sexo me invadem as narinas, percebo que já estou dentro da pesquisa [...]
(Diário de Campo, jul. de 2009)

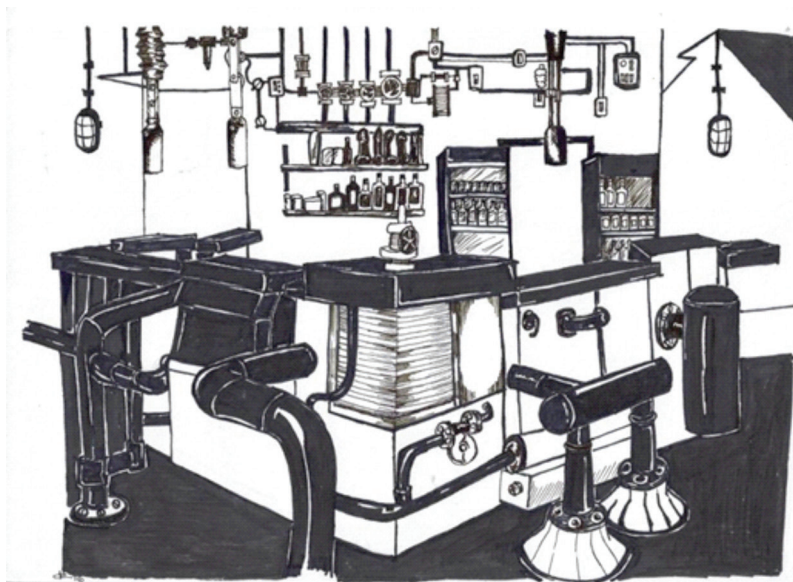


FIGURA 1: VISTA FRONTAL DO BAR INTERNO.⁸³

Pra todo Mundo Ver, desenho, em preto e branco, que mostra um espaço triangular com encanamentos laterais que servem de bancos, algumas lanternas penduradas que iluminam um balcão e garrafas de bebidas ao fundo. Ilustração de Fábio Faria.

A dimensão territorial do clube era uma área de aproximadamente 500 m², que tinha distintos ambientes (internos e externos). Assim,

⁸³ Esta e outras ilustrações deste capítulo foram produzidas por Fábio Faria, um desenhista habilidoso, amigo de outras paragens, que ouviu atentamente meus relatos etnográficos anos mais tarde e me ajudou a materializar imagetivamente os ambientes do clube de sexo pesquisado. A ele devo meus profundos agradecimentos.

apresentava, à época, duas pequenas salas com prateleiras (onde os sacos das “roupas convencionais” eram guardados), dois espaços de trocas de roupas, um quarto de ducha coletiva, dois recintos com quatro cabines individuais cada, dois locais com camas de casal para sexo grupal, um departamento com banheiros, armações semelhantes a “ilhas de sexo” (cavaletes espalhados por todo o recinto), duas salas com banheiras vazias antigas, quatro espaços com *slings* de couro, um paredão com *glory holes*, um canto reservado para os adeptos de “esportes com água”,⁸⁴ um corredor principal onde há *cruising* sexual, uma masmorra com correntes e *sling* para penetrações extremas (*fist fucking*),⁸⁵ além de um pátio externo, aberto apenas no verão. A ilustração a seguir é uma representação esquemática de uma das áreas internas principais, possível de ser descrita em detalhes pois era parcialmente iluminada pela luz refletora do bar:

⁸⁴ Na literatura encontra-se o termo *water sports*, uma alusão às práticas sexuais que utilizam líquidos, corporais ou não. Há, basicamente, duas modalidades: a “chuva dourada” (o urinar no parceiro) e a “aspersão via enema”, que é quando se injeta água no ânus, via um pequeno tubo, e logo em seguida o outro recebe esse líquido na face, na boca ou mesmo no corpo (Silverstein e Picano, 1992).

⁸⁵ *Fist Fucking* é uma técnica de inserção (penetração) da mão (inteira ou parte dela) no canal retal (ânus) (Silverstein e Picano, 1992). Há derivações, como penetração braço-ânus ou ainda perna-ânus, mas essas são classificadas como mais radicais. Rubin (1991) destaca que entre os homens gays haveria um grupo de “fisters”, que desenvolveram uma longa lista de terminologias e comportamentos envolvendo suas práticas sexuais. Tim Dean (2009) traz outra dimensão relativa ao *fisting*: “the sexual act of fisting brings one man so far inside another as to temporarily obliterate the boundaries that conventionally separate persons” (Dean, 2009, p. 46).

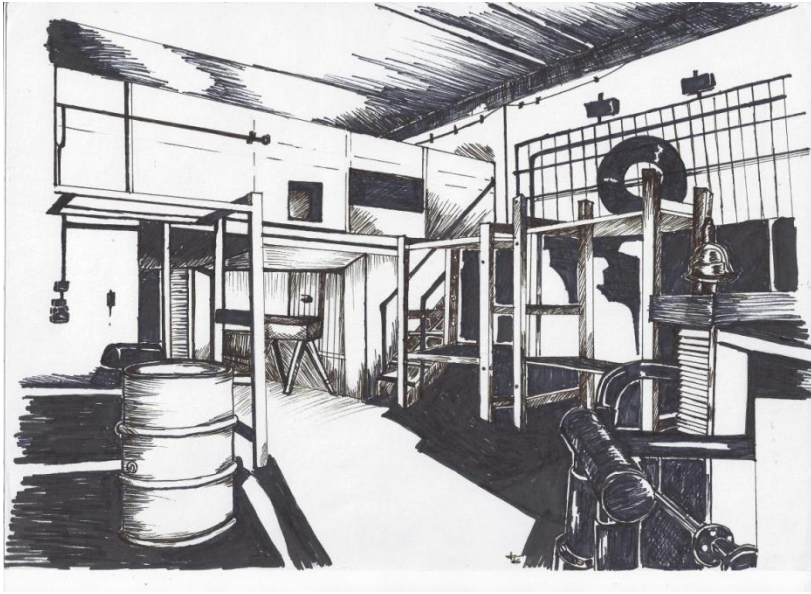


FIGURA 2: VISTA EM PERSPECTIVA DE AMBIENTE INTERNO DO CLUBE DE SEXO, PARTE PRINCIPAL.

Pra todo Mundo Ver, desenho, em preto e branco, que mostra em perspectiva a partir do bar, outra parte do interior do clube, onde se encontram tambores grandes, cavaletes de madeira onde se pode sentar a dois, e mesmo escadas de acesso ao segundo piso. Ilustração de Fábio Faria.

Das possibilidades oferecidas na programação pelo clube berlinense, foi na *Athlete's party* (festa de/os atletas) que realizei a maioria das observações participantes. Nela os sujeitos iam vestidos de atletas, a partir de seus esportes favoritos, ou levavam a vestimenta dentro de uma pequena mochila (geralmente isso acontecia em dias de muito frio).

Apareciam em cena fantasias simples, como calções de futebol ou sungas, torsos desnudos, que estavam, em geral, sem “suporte atlético” ou roupa íntima (cueca). O fato é que a incitação ao “quase nu”, o jogo erótico entre o corpo à mostra e, ao mesmo tempo, vestido de “atleta”, em um ambiente de penumbra ou com iluminação fraca, tudo isso eram componentes que potencializavam o *crusing* e desencadeavam desejos. Dentre as roupas

mais comuns, encontravam-se calções e meiões de futebol, sungas de natação, quimonos de judô ou mesmo algumas fantasias mais raras, como trajes de esgrimistas e de jóqueis.

A festa de hoje pela tarde foi algo atípica [...]. Ao entrar, vejo um tenista com sua raquete. Logo em seguida, uns quantos jogadores de futebol uniformizados com camisetas do Barça [Barcelona], meiões e até chuteiras combinando. Andavam e “zoavam” em grupo, passando a mão nas bundas e pênis deles mesmos e de outros. No meio de um dos corredores, um rapaz com a bermuda branca semitransparente chamava a atenção: com o escudo do Arsenal num dos lados do *shorts*, o pênis ereto aparecia marcado do outro lado e o que levava à loucura os passantes era o fato dele estar sem cueca.

(Diário de Campo, out. de 2010)

A partir de tais constatações, desenvolvi uma reflexão prévia sobre roupas esportivas, “fetiches” e o ambiente desse clube de sexo. A proposta foi compreender como essas roupas funcionavam como elementos constituintes dos encontros (portanto, exercendo dada função social), tendo agência em si e ostentando signos sexuais. Tentei demonstrar como certas peças de vestuário transformavam-se em elementos fundamentais para a excitação erótica, mesmo sendo descartadas em algum momento do *cruising* sexual que ocorria nas ocasiões festivas (Camargo, 2017).

Mas a “festa de/os atletas” ia além, arrisco dizer. Ela não jogava apenas entre o “permitido” e o “interdito”: as roupas esportivas e os aparatos técnicos que complementam a indumentária (raquetes, quimonos, chuteiras etc.) sexualizavam corpos, erotizavam o ambiente e, ao mesmo tempo que prescreviam critérios mandatórios dos *dresscodes* da festa, também os subvertiam — como é o caso das fantasias usadas sem cuecas, de *jocks-traps* com aberturas anteriores (ao invés de posteriores), dos quimonos semiabertos propositalmente, entre outros exemplos. Ou seja, não se tratava apenas de usar uma roupa esportiva em dada ocasião, mas, sim, de erotizar o corpo e o ambiente em uma sintonia transgressiva, desafiando, inclusive,

o *modus operandi* do próprio esporte — afinal, que judoca compete sem cueca e “fetichiza” o quimono?

Com o estudo dessa festa, pude inferir que certa ideia de esporte, oriunda do senso comum e fantasiada por parte do público consumidor desse tipo de entretenimento, era um elemento que se combinava com outros, como cheiros de suor (ditos “cheiros de homem”), roupas atléticas de vários tipos, tênis e meias sujas (*sneakers*), além de uma diversidade de acessórios, que conferiam sentido e legitimavam a existência e o sucesso da “festa de/os atletas”.⁸⁶ Para meus interlocutores, por exemplo, dentro do circuito de possibilidades para homens que mantinham práticas homoeróticas, tais ocasiões festivas eram etapas “obrigatórias” a serem conferidas.

E o aspecto de “conselho” embutido no convite a participar dessas festas atinge uma dupla finalidade: em primeiro lugar, incita a conhecer uma performance de ser macho no esporte, organizada em torno de uma “masculinidade esportiva” e, em segundo, como a maioria é composta de pessoas que não vivenciaram o esporte propriamente dito, há dada noção de “ser esportista”, que veste trajes especiais e desempenha ações sensuais a partir disso. Usando o conceito de performance de gênero de Butler (2003), pode-se dizer que a fabricação performática do ser esportiva teria que estar em consonância com a performance (masculina) do sujeito. A coerência não apenas é exigida, como compõe os atos de julgamento sobre aqueles que da festa participam.

Sempre me foi instigante pensar a motivação da aquisição de roupas esportivas e implementos para ir à festa de/os atletas — muitas vezes com preços razoavelmente altos, porque oriundas de marcas reconhecidas, como Nike, Adidas, Aussiebum e outras. A transitoriedade do uso de tais apetrechos era tal que se tornava paradoxal encontrar motivos para ele: os

⁸⁶ Quanto à questão do perfume, justificava-se pelo fato de que lá é um “ambiente de homens que gostam de homens”, e, portanto, entenda-se “cheiro de homem” (principalmente de suor) como algo exaltado e desejado — tal gosto é chamado por Silverstein e Picano (1992) de *sleazy sex*.

sujeitos chegam vestidos de roupas comuns (e capotados com gorros, luvas e casacos, principalmente por ocasião do rígido inverno), trocam-nas pelas “fantasias esportivas”, e logo após uma rápida interação com o ambiente e outras pessoas, roupas e acessórios iam ao chão, a um canto sujo do clube, ou, na melhor das hipóteses, para uma banqueteta ou cabide. Sem contar que muitos sujeitos só ficavam em ambientes escuros ou de ligeira penumbra.

O que quero desenvolver no próximo tópico diz respeito ao escuro. Resgatar as situações de pesquisa no escuro e perceber que ele foi um elemento importante para estabelecer outras lógicas do campo, mais olfativas do que visíveis. A vez em que entendi, de fato, o que tudo aquilo podia resultar produtora foi na ocasião em que esqueci o celular em casa, onde fazia anotações no bloco de notas. Tal esquecimento me fez participar do que acontecia lá como um sujeito qualquer, não como pesquisador. O antropólogo, enfim, estava “nu” (em sentido metafórico), e os cheiros, sons e objetos passaram a fazer parte de uma investigação antropológica em que eu insistia em se manter no nível da visão e da razão.

Pesquisando no escuro: entre cheiros e toques

Dentre os desafios metodológicos vividos por mim em minha investigação científica no exterior, sem dúvida, o maior deles foi ter passado por experiências etnográficas inusitadas e não conseguir encaixá-las no registro de minha formação acadêmica. Claro que experiências são únicas e a compreensão destas vem com o tempo e sob outros moldes teóricos. Foi o caso desta reflexão sobre cheiros e outras percepções sensitivas, que não entraram na interpretação antropológica que resultou em minha tese (Camargo, 2012).

A ilustração que segue tenta descrever a vez em que fui “afetado”, em expressão de Favret-Saada (2005), pelos acontecimentos dentro do clube em questão. Era uma tarde de domingo, no período de verão (em que a casa estava mais cheia do que o normal), na ocasião da festa de atletas, e acabei sendo envolvido pelas ações de vários grupos dentro do clube. Aquele

momento disruptivo, em que o pesquisador some de cena e sobra o sujeito desejante, me desestruturou, me afetou. “Ser afetado” abriu uma comunicação de outro nível com meus interlocutores (uma “comunicação involuntária”, segundo a autora supracitada), totalmente desprovida de intencionalidade e que não passava pelas vias do verbal, naquele caso. Destaco o que disse essa autora:



FIGURA 3: REPRESENTAÇÃO FICTÍCIA DO AMBIENTE INTERNO DO CLUBE DE SEXO.

Pra todo Mundo Ver, desenho ilustrativo do interior do clube de sexo, onde se encontram vários homens nus ou seminus se tocando, se masturbando ou simplesmente observando outros. Há corpos gordos, magros, carecas, peludos, musculosos e barbudos. Ilustração de Fábio Faria.

[...] quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista do nativo, nem se aproveitar da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a

uma aventura, então uma etnografia é possível. (Jeanne Favret-Saada, 2005, p. 160).

Hoje consigo entender que algo mudou em minha compreensão em relação aos cheiros, aos silêncios, à escuridão e mesmo em relação aos toques que ocorriam, elementos que, no início de minhas visitas, se relacionavam a noções de impureza, as quais, segundo Douglas (2010), se vinculam a um sistema de crenças que busca organizar o mundo por meio de uma classificação ideal. Meu sentimento de nojo para com cheiros de sexo, sêmen, urina e fezes, que me deixavam nauseado, começavam a tecer outro sentido e a compor aquele cenário de circulação de pessoas e objetos:

Ontem à noite andar no escuro não foi muito fácil. Tateei vários lugares, imaginando se já tinha passado por ali [...]. O silêncio absoluto em alguns cantos denotava algo ocorrendo: percebi uma cena, entrecortada por flashes de algumas luzes coloridas que piscavam. Ao que parecia era um *fist fucking* em andamento. Ouvi surdos ao longe, provavelmente de quem estava em algum *sling* sendo penetrado; não vi o corpo. Continuo tateando e ouço vozes. Algum vozerio em conjunto e cheiro de sêmen denotava masturbação coletiva. Assim vou catalogando impressões etnográficas, que espero, contribuam com a pesquisa sobre esportes. (Diário de Campo, fev. de 2010)

A nota anterior é do dia em que, pela primeira vez, encontrei o clube às escuras. Era uma quinta-feira, e na agenda, era o *total darkness*, algo a que não me atentei. Fui acompanhando o atleta de ciclismo, que já chegou pedalando e vestindo um macacão de *lycra* apropriado para o esporte. Porém, nos perdemos logo depois da entrada no clube. Tive medo daquela escuridão e foi um dos dias mais difíceis em campo, na exata medida em que a falta total da visão me colocou a necessidade de usar outros sentidos.

Ao passo que em bares ou em boates, tanto na Alemanha quanto noutras partes do mundo, os *dark rooms* se encontram em um local específico, como um salão grande localizado nos fundos ou em cantos discretos, o

clube berlinense é um conjunto de vários *dark rooms*, ou de salas escuras, e os únicos pontos com luzes diretas são o balcão de entrada, o bar central (figuras 1 e 2) e os banheiros. Percebi que, para transitar entre espaços, teria que potencializar outros sentidos além da visão.⁸⁷ Tato, olfação e mesmo e audição passaram a ser elementos imprescindíveis para a localização no espaço e no desenrolar de ações de contato em seu interior.

Não somos formados/as em antropologia para usar esses outros sentidos na apreensão da alteridade. Palavras são importantes e até mesmo transcrevem o real – vale lembrar a proposta de “texturização” da realidade, de Geertz (2011). No entanto, mesmo desde Malinowski (1972) se sabe que a linguagem não é sinônimo do pensamento e que antropólogos devem estar alerta para outros indicadores na relação dialógica.

Em sua etnografia sobre *dark rooms*, Benítez (2007) analisa como se estrutura o que chama de “ritual de interação” dentro de tais espaços para entender como gestos táteis e movimentos corporais, muito mais do que palavras, ressignificam práticas e promovem ações. A narração de sua experiência em episódios dos “rituais de pegação” destaca como as expressões performativas contidas nos gestos, suas forças ilocucionárias, respostas perlocucionárias e infortúnias (conceitos de John Austin), são dispositivos que arranjam e rearranjam as interações sociais, substituindo palavras, posicionando os sujeitos e dando suporte às normas de participação no ritual. No contexto do *dark room* que etnografa, em que pese ter sido impedida de participar ativamente, percebeu os silêncios, as movimentações gestuais, a importância do tato tanto em quem procurava quanto em quem era procurado, as alterações nas emoções em momentos de sexo dois a dois ou em grupos.

⁸⁷ O caminhar sem necessitar da visão foi se despertando rapidamente, seja porque passei a conhecer melhor o lugar, seja porque era uma habilidade aprendida desde minha primeira etnografia com pessoas cegas e com visão subnormal, ainda no mestrado (Carmargo, 1999). Como dormíamos em alojamentos coletivos em competições esportivas e, não raro, eu era a única pessoa que enxergava, o que persistia eram espaços escuros, uma vez que luzes não eram necessárias, muito menos eram acionadas.

Braz (2012) também relata experiências etnográficas em clubes de sexo (em saunas e nos cinemas pornô) dentro de uma perspectiva anunciada por ele de “ambientes de penumbra” ou “à meia-luz”, nos quais o silêncio em geral imperava: “[...] os únicos sons percebidos vinham dos filmes nos televisores, da música nas caixas de som e principalmente, dos gemidos e sussurros” (p. 184). Ele completa a descrição com um aspecto que me parece fundamental:

Há uma dinâmica de “caça”, *cruising* transposta para esses locais, numa busca incessante por outros corpos para tocar e se deixar tocar. A troca de olhares é fundamental, informando quando um flerte será ou não correspondido. (Camilo Braz, 2012, p. 184)

Assim como nessas pesquisas, minha experiência etnográfica no clube berlinense cambiou-se a partir da percepção da existência de cheiros, toques e gestos. Em uma expressão, meu olfato se emancipou, e identifiquei esses outros elementos em jogo na observação sobre os comportamentos (atitudes, gestos e até falas) de meus interlocutores na relação com o ambiente e com outros sujeitos. Em dado momento de nossas relações, e nessas circunstâncias de privação da visão, eu comecei a entender o que faziam ou o que queriam a partir de sons surdos e grunhidos, por exemplo.

Há um fluxo de substâncias em movimento, não apenas de corpos. Pode-se deparar com fezes em cantos, poças de urinas e ejaculações fartas sobre o piso, que inclusive causam derrapagens e escorregões. Um cheiro de sexo invade as narinas e mesmo sem notar se alguém está ou não engajado numa relação, sabe-se que há sexo acontecendo em alguma parte do recinto.
(Diário de Campo, maio de 2010)

Os cheiros, que no início sempre me incomodavam, passaram a fazer parte de um ritual de taxonomização (classificação) de ações, por assim dizer, e em cada dia específico da festa de atletas, sabia exatamente qual era

a *vibe* do momento a partir dos cheiros: predomínio de odor de sêmen me informava que havia práticas masturbatórias em maior proporção; cheiros fortes de fezes misturadas à urina, que grupos adeptos de *yellow facts* estavam presentes; cheiros de paredes mofadas e úmidas, que o clube estava com baixa frequência de clientes etc. Comecei a sacar tudo isso já desde a entrada do estabelecimento.

Vale lembrar que, de acordo com Ingold (2000), cheiros são modos possíveis de percepção do meio ambiente e uma expressão da existência do “organismo/pessoa”. Em uma pesquisa sobre corpos mortos no Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro (IML), Medeiros (2014) também aprofunda suas impressões olfativas (e também visuais) como importantes ferramentas metodológicas para refletir acerca de sua experiência etnográfica. Ela tomou o olfato como elemento organizador do tempo e do espaço, na medida em que lhe davam tanto um norte sobre corpos mortos que chegavam e o quanto de tempo lá ficavam, quanto sobre seus estados e condições (de conversação ou putrefação). Como disse textualmente: “o cheiro permite que se visualizem coisas onde essas não estão evidentes e que se identifiquem características nas pessoas, lugares e situações antecipadamente” (Medeiros, 2014, p. 86).

Notas finais sobre os desafios metodológicos de uma pesquisa no escuro

[...] o historiador pode estabelecer uma história da percepção olfativa e estudar o modo de os homens representarem para si os odores e os perfumes através dos séculos; o antropólogo pode analisar as variações da relação ao olfato conforme as culturas; e o sociólogo pode interrogar os diversos comportamentos e usos sociais dos homens em relação a seu nariz. Mas a elaboração de uma filosofia do olfato é bem mais penosa, porque a ideia de um pensamento do nariz que seja compreendido como pensamento *sobre* ou *pelo* nariz parece tomado imediatamente de inanidade. (Jacquet, 2014, p. 7)

O autor do trecho supracitado escreve uma obra em defesa de uma filosofia do odor. Obviamente não tenho tamanha pretensão neste pequeno capítulo. Apenas trouxe à baila aspectos relativos a outras percepções sensitivas além das comumente utilizadas por antropólogos/as em pesquisas de campo e que, na minha experiência, acabaram contando a favor. Também não penso que o debate se encerra aqui, pois nós, cientistas humanos, estamos constantemente remexendo anotações, redescobrimo aspectos não interpretados e mesmo reelaborando hipóteses teóricas acerca de dados ou fenômenos pesquisados. Foi exatamente o que tentei fazer neste capítulo.

Muitos foram os desafios enfrentados no processo de realizar pesquisa etnográfica no exterior, e aprofundi alguns deles na tese doutoral já mencionada. Neste texto, quis abrir outro flanco, pensando a inserção no campo (fora do país), mas também levando em conta elementos presentes nele, mas ausentes de uma primeira interpretação antropológica.

Entender como, para meus interlocutores, cheiros tinham diversos significados e estavam atrelados a suas práticas cotidianas como sujeitos laborais, mas também faziam parte do circuito de entretenimento, quando estavam nas festas. Se perfumes e essências consideradas agradáveis habitavam o dia a dia, no clube de sexo, cheiros de suor, sêmen e sexo compunham um mosaico da masculinidade esportiva desejada. Talvez o olfato, como uma das experiências sensitivas mais primárias do ser humano, estivesse ligado à socialização e à conquista de parceiros sexuais, elementos fundamentais para as homosociabilidades naqueles ambientes que conectavam lugares festivos e esportivos.

Para mim, como antropólogo, além de ver e ser visto, um dos maiores aprendizados relativos à cultura encontrada nesses ambientes festivos relacionados a práticas sexuais estava justamente em entender que tocar e ser tocado, sentir cheiros alheios e ser cheirado faziam parte de outros modos de registro e percepções sobre a realidade a ser etnografada. Hoje, passados alguns anos do campo realizado, consigo compreender isso.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. São Paulo: Edusp, 2007.
- BRAZ, Camilo A. À meia-luz... uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino. Goiânia: Ed. UFMG, 2012.
- BRAZ, Camilo A. “Como las convenciones viajan...” – Notas etnográficas sobre clubes de “sexo duro” em Madrid. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 139-164.
- BRAZ, Camilo A. Macho versus macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 175-206, 2007a.
- BRAZ, Camilo A. Nem toda nudez será castigada: sexo, fetiche e s/m em São Paulo. *Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, São Paulo, v.1, n. 1, p. 01-11, 2007b.
- BUBANDT, Nils. The Odour of Things: Smell and the Cultural Elaboration of Disgust in Eastern Indonesia. *Ethnos*, v. 63, n. 1, p. 48-80, 1998.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO, Wagner X. “Vestidos para transar”: notas etnográficas sobre roupas esportivas masculinas e festas de sexo. In: Ivana Guilherme Simili e Maria Claudia Bonadio. (Orgs.). *Histórias do vestir masculino: narrativas de moda, beleza, elegância*. Maringá: EDUEM, 2017, v. 1, p. 151-174.
- CAMARGO, Wagner X. Entre corpos suados e excitados: considerações sobre sexo e sexualidade no trabalho de campo. *Revista Antropológicas*, v. 27 (2), p. 196-214, 2016.
- CAMARGO, Wagner X. Circulação do desejo: esporte, corpos atléticos e práticas de sexo. *Revista TEXTURA (ULBRA)*, v. 17, p. 110-138, 2015.
- CAMARGO, Wagner X. *Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs*. 400 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CAMARGO, Wagner X; RIAL, Carmen. S.; VAZ, Alexandre. F. “Gays não gostam de futebol?” Notas etnográficas sobre masculinidades subversivas em tempos de Copa do Mundo. In: SIMPÓSIO FUTEBOL: ESPETÁCULO E CORPORALIDADE, Florianópolis, dez. 2010. *Anais...* Florianópolis, 2010. p. 01-15.

CAMARGO, Wagner Xavier. *O universo desportivo de cegos e deficientes visuais: uma interpretação*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física Adaptada, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

DEAN, Tim. *Unlimited Intimacy: Reflection on the Subculture of Barebacking*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2009.

BENÍTEZ, María Elvira Díaz. Dark Room aqui: um ritual de escuridão e silêncio. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, v. 16, n. 16, p. 93-112, 2007.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. *A agenda anti-homofobia na educação brasileira (2003-2010)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2011.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

FAAVRET-SAADA, Jean. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13. São Paulo: FFLCH/USP, 2005. p. 155-161.

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consume e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Cadernos Pagu*, v. 28, n. jan.-jun., 2007a.

FRANÇA, Isadora Lins. Identidades coletivas, consumo e política: a aproximação entre mercado GLS e movimento GLBT em São Paulo. *Horizontes Antropológicos*, v. 13, n. 28, p. 289-311, 2007b.

GHAZIANI, Amin. *Sex Cultures*. Cambridge: Polity Press, 2017.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e s/m. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Orgs.).

Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004. p. 235-255.

JACQUET, Chantal. *Filosofia do odor*. Tradução Michel Jean Maurice Vicent e Maria Angela Mársico da Fonseca Maia; revisão técnica Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LEE, John Alan. *Getting Sex: a New Approach: More Fun, Less Guilt*. Don Mills: Musson Book, 1978.

LEVINE, M. P. *Gay Macho: The Life and Death of Homosexual Clone*. New York: New York University, 1998.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto (1983). In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005, p. 291-308.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes antropológicos*, v. 15, p. 129-156, 2009.

MARCUS, George. E. Ethnography in/of the World System: the Emergence of Multi-sited Ethnography. *Annual Review Anthropology*, v. 24, p. 95-117, 1995.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza. O encontro etnográfico e o diálogo teórico. *Anuário Antropológico*, v. 10, n. 1, p. 249-264, 1986.

PEREIRA, Vânia Martins. Arranjos de uma política: uma análise sobre o Programa Ciência Sem Fronteiras. *NAU Social*, 6(10), 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/31317>. Acesso em: 10 out 2021.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PERLONGHER, Néstor. Territórios marginais (1988). In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 266-290.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: ABELOVE, H.; BARALE, A.; HALPERIN, David. *The Lesbian and Gay Studies Reader*. New York: Routledge, 1993, p. 03-44.

RUBIN, Gayle. The Catacombs: A Temple of the Butthole. In: THOMPSON, Mark (Ed.). *Leather-Folk: Radical Sex, People, Politics and Practice*. Boston: Alyson Publications, 1991, p. 119-141.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*; Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, jan.-jun. 2007.

SILVA, José Barbosa. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário (1958). In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 40-212.

SILVERSTEIN, Charles; PICANO, Felice. *The New Joy of Gay Sex*. New York: Harper Perennial, 1992.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 309-336.

SOARES, Carmen Lúcia. *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)*. Campinas: Autores Associados, 2011.

Deslocamentos, alteridades e experiência enquanto antropóloga e estrangeira em Lisboa

Márcia Calderipe⁸⁸

O convite para participar desta coletânea ocorre após dezessete anos da defesa de minha tese e suscitou o retorno a textos, a anotações de campo e a lembranças muito caras à minha formação, em especial ao período em que realizei o estágio de doutorado no exterior.⁸⁹ Pesquisar além mar, no meu caso, foi ir ao encontro de novas realidades e experiências em Lisboa/Portugal, no período de dezembro de 2003 a agosto de 2004, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE),⁹⁰ nove meses que foram cruciais para pensar sobre mediações e reciprocidades nas práticas turísticas, tema de minha pesquisa.

Neste texto, abordo a experiência de realizar o estágio de doutorado no exterior e como isso enriqueceu minha formação, na medida em que tive oportunidade de inúmeras vivências — enquanto aluna de uma instituição estrangeira, como antropóloga e como turista. Elenco as contribuições do doutorado sanduíche para a realização da tese a partir de vários aspectos

⁸⁸ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora associada ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Amazonas.

⁸⁹ Agradeço pelo trabalho coletivo do NAVI na construção dos textos desta coletânea, em especial a Carmen Rial, Miriam Grossi, Cornélia Eckert, Caroline de Almeida e Karolina Bielenin-Lenczowska, que comentaram meu texto e fizeram ótimas sugestões, que tentei incorporar na escrita. O resultado, claro, é de minha inteira responsabilidade.

⁹⁰ Atualmente ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa, situa-se na Cidade Universitária de Lisboa, na Av. das Forças Armadas, junto à Universidade de Lisboa. Estive sob a orientação do professor Dr. Pedro Prista nesse estágio.

– a imersão em outra cultura; o deslocamento epistemológico no encontro com outras antropologias; uma formação multissituada;⁹¹ a internacionalização na pós-graduação.

A ideia de imersão em outra cultura, no caso de um estágio no exterior, requer uma série de providências para viabilizar a entrada no país. O processo de solicitação de uma bolsa exige um investimento de tempo e atenção que se configura no primeiro desafio para realizar o estágio, incluindo as exigências do programa de pós-graduação, da agência financiadora e do país anfitrião. Na documentação necessária para obter o visto, por exemplo, é necessário indicar um endereço de moradia, o que ainda pode ser mais difícil quando se vai acompanhada pela família.

Incluo também as questões de moradia, transporte, documentação para circular no país, assim como o registro na universidade para ter acesso a bibliotecas, laboratórios,⁹² documentos, o que foi feito na chegada a Portugal. Isso é um aprendizado cotidiano que nos faz lidar com os órgãos públicos e com as pessoas. Para acessar os serviços, obtive informações diretamente nas páginas web do município de Lisboa. Já no caso da universidade, isso foi feito diretamente na secretaria do ISCTE, onde os trâmites, mediados pelo professor Pedro Prista, foram muito rápidos e sem dificuldades.

Como estrangeira, percebi as dificuldades para buscar moradia que me permitisse conhecer a cidade, seu contexto social e também realizar os objetivos do estágio. Para isso, acionei minha rede de relações na universidade e segui os passos de um colega de doutorado que já havia feito o sanduíche na mesma instituição,⁹³ assim como contei com as indicações de

⁹¹ Utilizo essa ideia a partir da categoria de etnografia multissituada de Marcus (1995) que diz respeito à realização da etnografia em múltiplos lugares do globo, seguindo seu objeto de pesquisa.

⁹² Refiro-me ao Laboratório de Informática, que tinha acesso aberto.

⁹³ Para obter o visto como estudante, devia informar o endereço de residência ao Consulado de Portugal, em Curitiba – Paraná. Meu colega de doutorado, Frank Nilton Markon, já havia feito o sanduíche no mesmo local e indicou-me uma família que lhe havia alugado um quarto por intermédio do irmão do senhorio, então aluno no ISCTE. Ele me emprestou um aparelho celular, assim como forneceu várias dicas para a chegada em Lisboa.

uma colega antropóloga portuguesa, residente em Lisboa,⁹⁴ e com o apoio de um técnico administrativo da Universidade de Lisboa, que conheci nas primeiras idas a essa instituição.⁹⁵ Além disso, meu companheiro⁹⁶ esteve comigo nos momentos cruciais de realização do estágio, na experiência de conhecer a vida urbana e acadêmica da cidade e dialogar sobre meu tema de pesquisa. Essas relações e aquelas que foram construídas em diferentes contextos sociais foram fundamentais para viabilizar e realizar o estágio.

Enquanto antropóloga, pude vivenciar a experiência do deslocamento epistemológico proporcionado pelo contato com diferentes tradições antropológicas e literaturas, traduzidas por meio do diálogo com pesquisadores portugueses. Ao cursar disciplinas e ter uma orientação acadêmica em uma pós-graduação no exterior, ampliei o escopo de referências, aportes teóricos e entrei em contato com outras abordagens etnográficas. Essa experiência oportunizou uma formação multissituada no doutorado, enquanto um movimento no espaço e na dupla formação.

Além disso, oportunizou-se pensar, metodologicamente, como os campos realizados estavam conectados entre si, entendendo a pesquisa como a “imersão no universo social e cosmológico do ‘outro’” (Mariza Peirano, 1992). Ao olhar para as práticas turísticas em Lisboa e demais regiões do país, pude compreender melhor meu próprio campo. Essa imersão

⁹⁴ Conheci Maria Manuel Quintela na Universidade Federal de Santa Catarina durante sua pesquisa sobre as termas no Brasil. Ela sugeriu o nome de Pedro Prista como orientador por ser especialista em antropologia do turismo e apoiou-me com sua amizade e cuidados durante o período do estágio.

⁹⁵ João Ribeiro, geógrafo, tornou-se um amigo que apresentou Lisboa e seus arredores e me apoiou em várias questões práticas da universidade e do cotidiano. Apresentou-me à história de seus avós, Orlando Ribeiro (falecido) e Suzanne Daveau, ambos geógrafos da Universidade de Lisboa, e a seu livros, fotografias, relatórios de campo, e levou-me a casa deles em Vale de Lobos, em Almargem do Bispo, na área onde havia morado.

⁹⁶ Dilton Mota Rufino acompanhou-me no estágio, e o incluírei em alguns relatos, especialmente no primeiro item. Sua presença foi fundamental e colaborou sobremaneira com minha estadia em Lisboa.

também incluiu aproximar-me da produção antropológica portuguesa que tem construído várias pontes com a antropologia brasileira.

De igual modo, o estágio me permitiu acesso a novas literaturas sobre práticas turísticas, especialmente as reflexões que meu orientador no exterior já vinha desenvolvendo, o que foi acessado na formação realizada no ISCTE e, de forma especial, por uma experiência de campo em que me conduziu ao sul de Portugal, mostrando-me práticas turísticas oferecidas pela população local, como restaurantes e casas para aluguel.

Cabe também salientar a importância do doutorado sanduíche enquanto política pública de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), na área de educação, que tem permitido às/aos estudantes brasileiras/os de pós-graduação realizar uma experiência de internacionalização e “estar lá”. Os financiamentos são essenciais para viabilizar as trocas internacionais e, sobretudo, para ampliar o caráter da formação em nível superior/pós-graduação no Brasil.

Casa, pão e vinho: encontros e subjetividades na realização do estágio

O processo de instalação na cidade e a criação das condições para realizar o trabalho levou-me a experiências localizadas em áreas distintas da região metropolitana de Lisboa, o que implicou no convívio com trabalhadoras/es/camadas populares, com camadas médias urbanas não intelectualizadas e com o mundo intelectualizado na universidade, acessando universos sociais distintos.⁹⁷

⁹⁷ Utilizo essa classificação com cautela e levando em conta que, segundo Velho (2013, p. 93), há o risco de cair num “fatalismo sociológico” na definição de classes sociais: “As próprias noções de classe média e trabalhadora são excessivamente vagas e podem escamotear diferenças internas consideráveis como, por exemplo, o tipo de trajetória social ou a natureza da rede de relações sociais (*network*) em que se movem os indivíduos, mais ou menos aberta.”

Nesses diferentes universos, a questão da subjetividade esteve presente nas interações e no trabalho acadêmico, considerando-a, segundo Sherry Ortner (2007, p. 376), como o “conjunto de modos de percepção, afeto, pensamento, desejo, medo e assim por diante, que animam os sujeitos atuantes. Mas eu sempre me refiro, da mesma forma, às formações culturais e sociais que modelam, organizam e provocam aqueles modos de afeto, pensamento etc”. A subjetividade perpassou todos os momentos das interações com as diversas pessoas, bem como na experiência de campo enquanto mulher e, na maioria das vezes, realizando as observações sozinha, o que, no universo urbano, parece trazer uma certa invisibilidade, como destacarei mais adiante.

Estar às margens da cidade foi a primeira experiência de contato com o urbano em Portugal. Eu e meu companheiro alugamos um quarto⁹⁸ na localidade de Camarões, pertencente à Freguesia de Almargem do Bispo, Pero Pinheiro e Montelavar, em Sintra, área metropolitana de Lisboa. Embora pertencente a Sintra, cidade turística, a casa ficava localizada na parte não turística, caracterizada pela presença da população local.

Uma das principais dificuldades era a distância em relação à universidade, pois o trajeto de Camarões a Lisboa levava quase duas horas entre tomar dois “autocarros” para acessar o terminal de Campo Grande, o metrô e se deslocar até a estação Entre Campos ou Cidade Universitária para chegar ao ISCTE. Naquele momento, a infraestrutura dos terminais e a qualidade dos “autocarros” era precária e indicava as condições de vida de moradores/trabalhadores dessas áreas, como Dona Maria e seu Cardoso,⁹⁹ proprietários da casa onde o quarto foi alugado.

⁹⁸ O quarto ficava no andar superior da casa, com direito ao uso de um banheiro social, a conviver com o casal na cozinha e sala, além de trinta garrafas de vinho produzido pela família do senhorio que foram consumidas especialmente no jantar. O aluguel custava 250 euros, mais 30 euros do vinho. Dilton, mais extrovertido do que eu, conseguiu aproximar-se de Seu Cardoso e negociou a aquisição do vinho.

⁹⁹ Uso nomes fictícios para o casal e para a senhoria que citarei mais adiante. Em relação às demais pessoas citadas, utilizo seus próprios nomes.

Seu Cardoso era mestre de obras e construiu sua casa de dois andares, grande para um casal, mas motivo de muito orgulho para a família. A casa, segundo ele, foi erguida com materiais de qualidade, mas o imóvel não estava legalizado devido aos altos custos exigidos, o que impossibilitou o acesso à água encanada e energia elétrica. Então, um vizinho fornecia energia elétrica, e Seu Cardoso carregava água para abastecer a casa em uma caixa de mil litros na “carrinha”¹⁰⁰ da empresa em que trabalhava. Isso fazia com que a economia de água fosse uma regra importante a ser seguida, o que descobri ao longo da estadia.

Nossos banhos, por exemplo, eram exagerados em tempo e gasto de água, embora achássemos que não, comparado aos banhos no Brasil. Tínhamos que usar uma banheira, o que fazia a água esfriar rapidamente, e também não estávamos habituados ao tipo de chuveiro pequeno e não fixo. Esses estranhamentos com o banho e os equipamentos foram amplamente descritos por Carmen Rial e Miriam Grossi (2000) quando abordaram os “velhos e pequenos espaços” que servem de moradia para estudantes e pessoas de baixa renda em Paris. Ao fazer uma etnografia da intimidade nesses espaços, mostram o quanto brasileiras/os sentem-se desconfortáveis e constrangidos com o uso coletivo de banheiros e sua precariedade. Para as autoras, os diferentes modos de representar o banho podem ser associados às ideias de Marcel Mauss sobre sociedades de imersão e de água corrente, pois, enquanto os franceses valorizam o banho por imersão e assim também os portugueses, os brasileiros preferem deixar a água passar pelo corpo para sentirem-se limpos.

A situação da casa nos deixou chocados, pois não se encaixava no imaginário sobre um país europeu, mesmo com as precariedades de Portugal. A verdade é que o casal levava uma vida bastante modesta. Dona Maria estava aposentada depois de ter trabalhado como proprietária de um café. Sua idade permitia que circulasse de ônibus sem custo, e viajava longas distâncias para comprar suas comidas preferidas e ofertas em mercados. Tinha

¹⁰⁰ Veículo com a traseira aberta, menor do que um caminhão.

um freezer com muitos alimentos estocados e eram bastante controlados nas quantidades de comidas.¹⁰¹

A experiência de vida do casal enquanto trabalhadores tinha proximidade com as condições de nossas próprias famílias no Brasil, por isso penso que havia uma certa tolerância com as precariedades e um sentimento de satisfação por ter conhecido essa região do entorno de Lisboa. Entretanto, depois de dois meses, avalei que morar em uma área tão distante estava dificultando a realização das atividades e resolvi buscar um lugar em Lisboa.

Anunciar para o casal que deixaríamos sua casa foi difícil e trouxe um sentimento de tristeza, pois havíamos estabelecido uma boa relação com eles e pareciam felizes com nossa presença, inclusive prepararam uma ceia de Natal tradicional para sabermos como comemoravam essa data, o que foi realmente especial. Tanto quanto estávamos curiosos a respeito deles, também estavam a nosso respeito, e isso se traduzia em conversas e risadas animadas e um senso de cuidado que ambos dispensavam a nós.

Estar em uma região próxima ao centro de Lisboa supostamente nos distanciaria de situações de maior precariedade, como os “autocarros” lotados e um tanto sucateados que faziam a ligação entre as cidades da área metropolitana. Entretanto, ao alugar um quarto em um apartamento na Avenida do Brasil, via que levava ao Aeroporto de Lisboa, nos deparamos com uma situação de saúde pública não resolvida pelo município.¹⁰² Isabel era uma mulher na faixa etária de 60 anos que vivia sozinha e alugava quartos para estudantes. De início, essa situação causou-me espanto devido ao

¹⁰¹ Para mim e meu companheiro, vários tipos de comidas e bebidas eram novidade, como frutos do mar, enlatados, cervejas, queijos, presuntos de parma, pães e vinhos regionais, e comprávamos para experimentar. Dona Maria não conseguia conter a curiosidade e nos acompanhava na cozinha para ver as compras. Muitas vezes, ficava boquiaberta e dizia que não íamos conseguir nada na vida porque esbanjávamos muito.

¹⁰² A senhoria, Isabel (nome fictício), cuidava e dava abrigo a pombos na área de serviço do apartamento. A prefeitura de Lisboa conhecia a situação, mas como os animais estavam no espaço privado, não podiam interferir e retirá-los de lá.

risco à saúde para as/os moradores do prédio que conviviam com a circulação dos animais na área externa, e mesmo para ela.

O imóvel apresentava um certo *glamour* de décadas anteriores devido ao seu tamanho, aos móveis de qualidade, ao aquecimento em todos os cômodos, ao próprio estilo de vida. Isabel se dizia pertencente a uma camada média urbana, proprietária de bens, com um posicionamento político conservador e bem relacionada na cidade. Gostava de frequentar dançeterias na noite de Lisboa, receber amigos em casa, hospedar estudantes. Conviver com ela foi uma oportunidade de conhecer por dentro um pouco da vida urbana em Lisboa.

Havia outra situação curiosa relatada por Isabel em relação ao entorno do local, pois construíram um condomínio para ciganos na rua ao lado do prédio e, segundo ela, faziam muito barulho, fogueiras na parte externa, seguidamente tinham conflitos que podiam ser ouvidos do apartamento. Algumas vezes, ao sair ou chegar ao prédio, pude observar pequenos grupos reunidos e o burburinho das falas. Ela achava absurdo ter sido construído um condomínio para os ciganos quando seu estilo de vida era nômade, o que acarretaria problemas para a cidade. Além disso, afirmava que a presença deles desqualificava seu próprio local de moradia por entender que não eram bem-vindos em uma área central, seu lugar deveria ser na periferia.

Mesmo com as dificuldades de moradia,¹⁰³ a mudança para Lisboa foi muito importante, pois passei a fazer o percurso a pé até a Cidade Universitária e facilmente transitar pela cidade. O sistema de transporte (ônibus, metrô e bondes elétricos) era acessado pelo pagamento de uma mensalidade única, sem limite de viagens, bastando estar com a carteira atualizada. Se quisesse, poderia pagar um valor maior e utilizar também o sistema hidroviário que ligava Lisboa ao outro lado do rio Tejo. No início foi difícil

¹⁰³ Identifico-me com os relatos de Rial e Grossi (2000) sobre as/os estudantes em Paris que alugavam lugares insalubres devidos aos altos custos de um apartamento ou casa em boas condições. No meu caso, alugar apenas um quarto fazia com que os recursos da bolsa pudessem ser utilizados para viagens, para uma alimentação de maior qualidade etc.

entender como funcionava esse sistema, já que no Brasil pagamos por viagens, e cada tipo de transporte tem seu custo.

Passei a ter maior tempo para frequentar o Instituto, realizando as atividades do estágio, bem como circular por Lisboa, inclusive à noite, o que era quase impraticável antes. Pude acessar o circuito de eventos culturais e frequentar a rede pública municipal de Bibliotecas de Lisboa (BLX), a Cinemateca Portuguesa e os cinemas municipais¹⁰⁴ e privados, assim como acompanhar eventos nas universidades.

Havia também outras facilidades, como o acesso a supermercados no bairro, a mercados tradicionais, a cafés, a restaurantes e a tantos outros serviços rapidamente disponíveis. Além disso, distando duas quadras do apartamento, situava-se o Jardim do Campo Grande, uma área verde urbana com jardins, trilhas, um pequeno lago onde costumava caminhar.

Como antropóloga/estrangeira, ampliei meus conhecimentos a partir da vivência cotidiana desses distintos modos de se fazer cidade, outros circuitos de trocas e afetos a partir da experiência de morar na área metropolitana ou na própria cidade. Na região metropolitana, pude experimentar viver em uma cidade menos populosa, com características rurais, áreas abertas, uma vila que concentrava o único café, vizinhos que se conheciam, uma distância relativa de um grande centro. Assim como entrava em contato com as/os trabalhadoras/es e as/os estudantes que utilizavam os ônibus e metrô diariamente.

Já na cidade de Lisboa, pude vislumbrar a complexidade e diversidade de uma metrópole contemporânea, caracterizada por seu caráter plural e produzido socialmente, onde passei a conviver com diferentes camadas médias¹⁰⁵ na ideia de que “A cidade, essa coisa passional, é assim tratada como objeto pluridimensional e plurifactual, conjunto de territórios de

¹⁰⁴ Frequentei o Cinema São Jorge, localizado na Avenida da Liberdade.

¹⁰⁵ Minhas relações com camadas médias intelectualizadas foram mais restritas, talvez por sua característica mais individualista em termos de valores e estilo de vida, como observa Velho (1999).

relações sociais, interrelacionados, apropriados e localizados socialmente” (Luís Vicente Baptista, 2003, p.35).

Vivências acadêmicas, internacionalização e deslocamento epistemológico em relação às teorias sobre turismo

A opção por um país de língua portuguesa e já bastante conhecido e frequentado por brasileiras/os não me tornou menos estrangeira, considerando os estereótipos e conflitos construídos nas relações entre brasileiras/os e portuguesas/es ao longo da história de ambos. Também pude experimentar, a partir da convivência nos vários espaços e situações, as diferenças em relação à língua portuguesa, a dificuldade inicial de comunicar-me com as pessoas, reconhecendo que na relação linguística havia tanto familiaridade quanto distanciamento; a adaptação à etiqueta local e minhas próprias inquietações quanto a ser vista como uma imigrante/estudante e antropóloga. Ao longo do estágio, esses dois papéis ou posições foram acionados no fazer antropológico.

Ao tratar sobre internacionalização da antropologia brasileira, Rial (2017) observa que a formação no exterior, antes realizada principalmente no mestrado e doutorado, passou a incluir, nos anos recentes, estágios sanduíches e pós-doutoramentos, um reflexo da consolidação da pós-graduação no país e de políticas de incentivo por parte das agências financiadoras.¹⁰⁶

A internacionalização nos cursos de pós-graduação acontece, como observa a autora, pela “migração de pessoas e de coisas, de antropólogos e de seus escritos. Pessoas se deslocam para outros países para completar sua formação, em missões de trabalho, de convênios, para lecionar, fazer campo” (Rial, 2017, p. 27). Nesse contexto, realizar o estágio implicou vincular-se a uma instituição e a um orientador, cursar disciplinas que contribuissem para a pesquisa e seu referencial teórico, além de buscar um local

¹⁰⁶ No meu caso, contei com uma bolsa do CNPq que cobriu os nove meses de estágio, além das passagens e seguro saúde.

de moradia e viabilizar o acesso a conta bancária, transporte público, entre outros acessos imprescindíveis para fazer parte da vida acadêmica, econômica e social do país (Rial, 2017).

No ISCTE, tive oportunidade de vivenciar formas de internacionalização da antropologia portuguesa pela participação em eventos¹⁰⁷ nos quais houve tanto a presença de pesquisadores estrangeiros quanto de antropólogos portugueses que pesquisaram no exterior. Especialmente o primeiro evento, teve como língua principal o inglês e, diferente das situações que vivenciamos no Brasil, não havia tradução simultânea¹⁰⁸.

O que aconteceu nesse evento me parece corroborar o que Graça Índias Cordeiro (Heitor Frúgoli Junior, 2014) observa em uma entrevista recente. Segundo ela, na sua geração, todos liam francês e inglês, além do castelhano, o que considera que foi favorável para sua formação. Ressalta que evitavam o português do Brasil devido a possíveis traduções malfeitas ou talvez por preconceito de ler em uma variante da língua portuguesa, preferindo os textos originais.

Nesse sentido, é possível associar essa questão ao que Rial (2017) observa sobre a língua como uma barreira na circulação das coisas e também para a circulação de pessoas. Optei por fazer o sanduíche em um país de língua portuguesa para que tivesse uma comunicação mais efetiva na universidade, assim como entre as pessoas que observei em campo. O que percebi foi que a antropologia portuguesa, assim como outras antropologias europeias, já está engajada em uma perspectiva mais internacionalizada, desde a formação até a realização de pesquisas no exterior.

Além disso, a frequência ao ISCTE me propiciou o contato com o universo da pós-graduação nas instituições públicas de Lisboa. Isso incluiu inúmeros estudantes do exterior, especialmente dos países africanos de língua

¹⁰⁷ Cito o colóquio *The Politics of Folk Culture: Reflections from the Lusophone World* e “Produção cultural e transformação da cidade: Perspectivas transdisciplinares”, que tiveram abrangência internacional naquele período.

¹⁰⁸ No ISCTE há vários cursos de pós-graduação que são oferecidos em língua inglesa como parte de cooperações e convênios.

portuguesa, como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, estudantes que frequentavam diariamente os laboratórios e a biblioteca do Instituto. Com o passar dos meses, acompanhei as histórias de algumas/alguns delas/es e nos apoiamos com conversas e dicas em relação à pós-graduação.

As expectativas em relação ao estágio de doutorado foram alcançadas com o acesso a novas bibliografias das Ciências Sociais por meio das disciplinas cursadas e dos materiais disponíveis na biblioteca do Instituto e noutras instituições de pesquisa, especialmente na Universidade de Lisboa. Na cidade universitária, havia um mundo a descobrir, e a infraestrutura do local facilitava esse processo, dada a proximidade entre o ISCTE e a Universidade de Lisboa, ambos situados de forma contígua e possíveis de serem acessados rapidamente.

Nessas instituições, assim como na Universidade Nova de Lisboa, pude consultar a bibliografia sobre turismo, na área de Ciências Humanas. As referências bibliográficas que minha orientadora no Brasil, Carmen Rial, havia indicado, bem como aquelas das disciplinas Espaço e Turismo e Antropologia do Turismo ministradas por meu orientador no exterior, Pedro Prista, cujo material gentilmente me disponibilizou logo que cheguei ao Instituto, também foram de extrema importância no sentido de organizar e analisar os dados de campo sobre Florianópolis. Especialmente ao acompanhar as disciplinas citadas, pude pensar sobre o que havia observado no Brasil e também apresentar minha pesquisa de doutorado.¹⁰⁹ Rever os materiais de campo durante as disciplinas cursadas e realizar a leitura das novas bibliografias me preparou para iniciar as incursões a campo durante o estágio, como vou detalhar a seguir.

Ao lado de autoras e autores de maior relevância para minha pesquisa, fui acrescentando outros materiais por meio de levantamento presencial ou *on-line* da produção sobre turismo em Portugal, especialmente nas

¹⁰⁹ Nessa apresentação pude contar com a presença de Carmen Rial, que estava a trabalhar em Portugal. Foi uma oportunidade interessante de encontro e diálogo entre Antropologias.

instituições que ofereciam cursos de pós-graduação nessa área.¹¹⁰ Também fiz visitas a instituições como a Universidade de Aveiro e a Universidade de Évora, que oferecem cursos de graduação em Turismo. Assim como no Brasil, esses cursos são voltados para a gestão turística, oferecendo pouco material na área de Antropologia.

Para analisar meus dados de pesquisa, foi importante considerar a posição crítica de Pedro Prista em relação ao tema turismo nos estudos urbanos, em especial nas Ciências Sociais. Segundo ele, o turismo tem sido tomado como um objeto teórico quando se trata de um objeto empírico, e somente a observação das práticas sociais e seu desvendamento pela etnografia permitem identificar e refletir a respeito do que está presente nesse fenômeno (Márcia Calderipe, 2001). Trata-se de observar suas formas de manifestação em uma dada sociedade, percebendo qual é o significado que lhes dão os grupos envolvidos.

Como observei em minha tese, a partir das contribuições de Prista (Calderipe, 2001), o fato de os turistas serem presença comum nas cidades contemporâneas e desaparecerem em meio a todos os demais sujeitos, além de realizarem uma circulação transitória e passageira, teria impedido uma atenção maior ao tema. Ao lado do interesse tardio pelo turismo e pelos turistas, tanto em Portugal como no Brasil, haveria também limitações conceituais na análise do turismo.

Além disso, o diálogo com o orientador do estágio, que já vinha pensando nos processos de mediação a partir dos sujeitos que atuam na oferta de serviços — motoristas de táxi, atendentes de postos, guias, proprietários de casa e pousadas e pessoas envolvidas nas práticas turísticas — presentes em locais públicos e privados na cidade, foi ao encontro do que havia observado em Florianópolis, tornando-se uma das referências significativas para minha tese.

Em Florianópolis, especialmente na região norte da Ilha, observei que os mediadores culturais aprenderam, em décadas de contato e trocas com

¹¹⁰ Ver Pereiro e Fernandes (2015) sobre estudos de antropologia e turismo em Portugal.

os turistas, formas de recebê-los e de oferecer os serviços, transitando entre categorias sociais e níveis culturais diferentes (Calderipe, 2001). Como afirmo na tese:

O estudo da mediação cultural, portanto, desloca o foco da investigação da relação hospedeiro/visitante para o processo de tradução cultural que se manifesta por meio de relações transversais e descentradas (MONTERO, 2000). Além disso, a relação entre os mediadores culturais e os “turistas” aponta para uma prática que foge a simples intermediação de serviços para estabelecer uma troca de afetos, idéias e diferentes experiências culturais, ou seja, o atendimento dos mediadores passa por diversos interesses – desde o econômico até o desejo de estabelecer uma relação amigável. O conflito é também um elemento continuamente presente nessas relações mediadas pelo sistema da dádiva. (Calderipe, 2001, p. 18)

Conforme as considerações de Prista (1995), o que observei em campo corrobora a ideia de que o turismo é uma prática que se faz a partir do encontro entre o turista e a população local, ou seja, é produto de uma relação localizada, o que foi fundamental para desconstruir a perspectiva dicotômica e simplista de que tais práticas acontecem entre visitantes e destinos.

Entre as pesquisas orientadas por Prista, Quintela (1999) também segue essa linha de reflexão ao observar que não existe turismo, mas práticas turísticas, já que podem expressar-se das mais variadas formas em terrenos diversos. Também Alexandra Baixinho (2008) afirma que o turista não deve ser o foco de uma investigação antropológica, mas, sim, as relações e processos construídos por meio do turismo. Para essa autora, é necessário fazer um estudo empírico, olhando o fenômeno turístico de perto, para perceber suas múltiplas vozes e as diferentes escalas em que ocorre.

O trânsito entre diferentes antropologias propiciou o alargamento da visão a respeito dos referenciais teóricos que foram sendo acumulados ao longo do curso de doutorado, levando-me ao estranhamento daquilo que parecia familiar. O jogo entre aproximação e distanciamento

foi fundamental para um exercício reflexivo sobre as perspectivas teórico-metodológicas das Ciências Sociais nos estudos sobre turismo, como observarei no próximo item.

Cidades e destinos turísticos como campo de pesquisa

Enquanto estrangeira/estudante, tentei colocar-me no lugar da/o outra/o, em uma experiência de trânsito entre diferentes lugares e posicionamentos. Poderia pensar a ideia de alteridade, tão fundamental nas reflexões antropológicas, sob vários ângulos – desde a relação com os portugueses, na relação com os brasileiros que encontrava, bem como na relação com os turistas de várias nacionalidades que observei em campo.

As relações mais intensas foram com as/os portugueses, considerando as questões de moradia, o universo acadêmico e as amizades. Mesmo sabendo sobre o elevado número de brasileiras e brasileiros que havia em Portugal, não tive maiores contatos, a não ser esporadicamente com alunas/o brasileiras/os no ISCTE e um casal de amigos de Santa Catarina que havia migrado havia alguns anos.¹¹¹ Já em relação aos turistas, fiquei surpresa especialmente com as/os ingleses, que tomaram a cidade durante a Eurocopa de 2004, em Lisboa, a maioria jovens e homens.

Na região do Algarve, tive um contato rápido também com turistas ingleses, incluindo famílias que observei em Albufeira e Faro. Em uma avenida central de Albufeira¹¹², causou-me estranhamento os vários anúncios em língua inglesa e muita iluminação mas lojas e restaurantes, situação curiosa que associei as/aos turistas argentinas/os no norte da ilha de Florianópolis, para os quais os anúncios e informações nas ruas e restaurantes eram apresentados em espanhol.

¹¹¹ Chamados Alexandre Garcia e Patrícia Napoleão, naturais de Tubarão, em Santa Catarina, conhecidos de meu companheiro. Eles estavam trabalhando em Portugal no setor de serviços e comércio e moravam em Leiria.

¹¹² Avenida Francisco Sá Carneiro

O exercício de olhar o outro para ver a si mesmo foi o foco central do campo que realizei na tentativa de alcançar o que Claudia Fonseca (1999, p.65) observa:

Paradoxalmente, é nessa ambição de mergulhar em situações estranhas que o etnógrafo tem maior esperança de conhecer seu próprio universo simbólico. Ao reconhecer que existem outros “territórios”, ele enxerga com maior nitidez os contornos e limites históricos de seus próprios valores. Descentrando o foco de pesquisa dele para o outro, ele realiza *le détour par le voyage* – e só assim, completando o processo com a volta para a casa, alcança a reflexividade almejada.

Dessa forma, em termos metodológicos, o jogo entre aproximação e distanciamento do campo de pesquisa deu-se pelo deslocamento geográfico, mas também pela possibilidade de observar outras experiências reconhecidas como turísticas. Nesse sentido, busquei realizar o que Colette Petonnet (2008, p. 102) define como observação flutuante que “consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la ‘flutuar’ de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem *a priori*, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes”.

Ao pensar sobre Antropologia e turismo, Patrícia Ramiro (2019, p. 10) observa que:

[...] cabe aos antropólogos, dentro da premissa da prática antropológica que traz à tona aquilo que está latente na cultura, interpretar os diferentes formatos de contatos que são acionados pelo encontro entre turistas e população local (voluntária ou involuntariamente). Para tanto, há que se refletir sobre as metodologias mais adequadas para esse contexto, seus limites, potencialidades e questões éticas envolvidas na pesquisa antropológica.

Nesse fazer antropológico, considerei que a visão, como observam Fleischer e Bonetti (2010) ao discutirem sobre os riscos do trabalho de campo, não deve ser o sentido prioritário, mas, sim, “nossa totalidade sensorial” enquanto sujeitos que têm seus próprios limites frente aos descompassos, problemas, situações inusitadas que podemos viver em campo.

Colocar-se no campo com todos os sentidos também é uma discussão cara à literatura sobre turismo. No livro clássico *O olhar do turista*, Urry (1996) defende o reconhecimento do caráter visual do turismo e o impacto dos diversos olhares sobre lugares particulares, incluindo os serviços que são oferecidos. Por outro lado, Abram e Waldren (1997) ressaltam que o encontro entre turistas e populações locais ocasiona experiências corporais e sensações que estão além do olhar, abrangendo todos os sentidos.

Tendo como pano de fundo essas questões, passei a fazer o levantamento de locais a serem observados tanto em Lisboa como em outras regiões do país. Usei materiais disponibilizados na internet, por meio de sites públicos e de instituições privadas, assim como mapas. Também segui a literatura sobre lugares turísticos no litoral, como os trabalhos sobre Nazaré (Eugene Mendonsa, 1982; Christine Escallier 1999), que já conhecia pela literatura.

Em Lisboa, primeiro circulei pelos lugares mais frequentados nos roteiros turísticos. Definia o roteiro de acordo com as características de uma determinada área, podendo iniciar em uma praça e tomar uma das amplas avenidas que levam ao rio Tejo ou me deslocar para um dos bairros tradicionais da cidade e conhecê-lo. Nesse momento, fiz tanto o exercício de “observação flutuante”, deixando-me levar pelo campo e os acontecimentos, como tentei perceber os modos de construção de “lugares imaginados” (Maria Cardeira da Silva, 2004) por meio de mapas, catálogos, panfletos direcionados para turistas/visitantes com indicações de passeios etc. Ao mesmo tempo, também criei meus próprios roteiros ao sair dos circuitos mais frequentados que não faziam parte dos folhetos. Além das caminhadas, fiz uso de diversos meios de transporte, como ônibus, bondes, metrô e trem, descendo em diferentes estações para conhecer a cidade. Preferia

usar ônibus, bondes e trens porque tinha uma visão panorâmica dos bairros ou cidades adjacentes.

Em relação a como se inserir no campo de pesquisa, o fato de ser estrangeira me propiciou certo conforto para circular pelos lugares sem que a observação fosse questionada ou vista como estranha. Nos lugares turísticos, havia uma diversidade de sujeitos que normalmente já eram lugar-comum nesses ambientes. Assim como os turistas e visitantes, era mais uma pessoa na multidão. Em alguns lugares, como no Algarve, ao sul de Portugal, senti-me também invisível ao circular sozinha nos lugares preferenciais de turistas estrangeiros.

Outra estratégia era conhecer mercados públicos ou feiras, onde, dependendo do bairro, encontram-se mais residentes do que turistas. Para conhecer esses lugares, não circulava apenas pelos bairros mais próximos e conhecidos, optava por aqueles próximos da minha casa ou onde encontraria mercados maiores, shoppings etc.

Em relação aos bairros tradicionais, pautei-me pelas considerações de Brito (2003, p. 46), que afirma: “Bairros ou partes da cidade têm histórias sociais e de desenvolvimento urbano muito distintas que se reforçam por setores de atividade que lhes estão associados, população que os habita, marcas urbanísticas ou arquitetônicas ou configuração topográfica.” Em Lisboa, foi relativamente fácil observar essas características dos bairros, como em Alfama, com sua arquitetura histórica e vielas sinuosas, ou na Graça, com seus prédios históricos requalificados, onde permaneci por um período na casa de Maria Manuel. No meu local de moradia, Campo Grande, e nos bairros adjacentes, um maior número de prédios construídos em décadas recentes, largas avenidas, em uma versão mais moderna da cidade.

Nas áreas turísticas do Centro Histórico, percorri desde suas grandes avenidas, como a Avenida da Liberdade, acessando a Praça dos Restauradores, a Praça do Rossio, a Praça da Figueira e a Praça do Comércio, lugares de grande frequência de pessoas de fora. Caminhava por esses locais em diferentes horários do dia, observando a circulação das pessoas, a característica das ruas. A área do Rossio era minha preferida devido à presença de

moradores de Lisboa, que, em grupos, bebiam, conversavam, reuniam-se. A frequência da população negra chamava atenção com suas vestimentas coloridas e encontros em pequenos grupos, mas que pareciam comunicar-se entre si. Poderia pensar como o pedaço negro do centro de Lisboa, nos termos de José Guilherme Magnani (2008).

Também foi nessa área da Baixa que observei as torcidas estrangeiras durante o Campeonato Europeu de Futebol (Euro 2004), especialmente a inglesa, que circulava e consumia cerveja em copos de um litro, como mostraram a mim e meu companheiro em um restaurante que frequentávamos naquela região, indicando que ficavam guardados à espera desses turistas. Nesse período, ao circular sozinha, passei pela experiência de estar no metrô quando um grande grupo de torcedores ingleses adentrou a estação de forma bastante barulhenta e forte. Mais uma vez, foi um momento de sentir-me invisível.

O campeonato de futebol que acompanhei a partir das ruas, junto com outros eventos, foi um dos marcadores do grande crescimento que as atividades turísticas apresentaram nos primeiros anos de 2000 em Lisboa. Baixinho (2008, p. 2), ao abordar o turismo de cruzeiros em Lisboa, observou as campanhas de exaltação da cidade no verão de 2004:

Nesse Verão, Lisboa vivia a euforia do Campeonato Europeu de Futebol (o Euro 2004) e o período final da Presidência da Câmara Municipal por Pedro Santana Lopes, pródigo em propaganda positiva sobre a cidade. Foi o período dos mega-outdoors, com slogans como: “Lisboa, capital do turismo: número recorde de cruzeiros”; “Lisboa está em todas”; “Bem-vindo a Lisboa. Capital do rock e do futebol”; “Linda para se ver. Assim é Lisboa”; etc., [...].

Recentemente, a Câmara Municipal de Lisboa elaborou o Estudo Urbanístico do Turismo em Lisboa, no qual são apresentados dados sobre algumas características do turismo na cidade. O estudo informa que, enquanto a ocupação fixa de residentes tem decaído, a população flutuante teve um

crescimento significativo a partir de 2012, e o número de dormidas tem crescido anualmente, sendo um dos maiores na Europa.¹¹³ Segundo o relatório, Lisboa tem acompanhado uma tendência mundial de crescimento turístico.

Desloquei-me também para outros municípios da região metropolitana de Lisboa, como Almada, do outro lado do rio Tejo, que tem o Santuário Nacional de Cristo Rei, com uma estátua posicionada de frente para Lisboa, sendo apresentado como local turístico, um miradouro, uma oportunidade de ver Lisboa de outro ângulo. Estive também em Sintra, que integra um circuito turístico juntamente com Cascais e Lisboa, com motivos de atração que são complementares, como observa Moreira (2004). Segundo a autora, que pesquisou sobre turismo e gastronomia em Sintra, a busca por “sol e praia” é um dos motivos que atraem visitantes para a área costeira de Cascais, assim como o patrimônio paisagístico e histórico-arquitetônico. Sintra, por sua vez, destaca-se por esse patrimônio, que pode ser acessado em uma visita rápida, uma vez que se constitui em uma área de pequeno porte (Moreira, 2004).

Ainda próximo, estive em Leiria para visitar o casal de amigos brasileiros que nos levou para as cidades de Cascais, Nazaré e Fátima (Santuário de Nossa Senhora de Fátima). O município de Nazaré, que faz parte do distrito de Leiria, tinha um significado especial para mim, pois havia lido os trabalhos de Mendonsa (1982) e Escallier (1999). Essa autora descreveu o papel das mulheres nesse universo, observando a importância das “mulheres dos *chambres*”, que criaram um mercado não oficial de hospedagem turística que concorre

¹¹³ Agradeço à Caroline de Almeida, que relatou sua experiência em Portugal em 2017 e as transformações que a cidade de Lisboa viveu, chamando minha atenção para a centralidade do país como destino turístico na Europa. À Carmen Rial, pela referência ao mercado não legalizado de oferta turística e a importância da plataforma Airbnb atualmente, o que fica em aberto para uma futura pesquisa.

com os demais.¹¹⁴ Desde a década de 1970, as mulheres começaram a oferecer “*chambres*” (quartos, em francês) em locais de passagem dos turistas, como na avenida beira-mar ou no terminal de ônibus.

Do mesmo modo que observei em bairros litorâneos de Florianópolis, os moradores locais alugam a sua própria habitação, o que faz com que “as famílias amontoam-se num compartimento da casa para alugar os outros, ou vão morar na cabana do pescador onde fica armazenado o material de pesca, as salmouras e o peixe” (Escallier, 1999, p.302). Em Nazaré, as mulheres me ofereceram também um quarto, me fazendo reviver o campo no Brasil, com a diferença de que em Florianópolis são os homens que geralmente vão às ruas.

Situação próxima vivenciei quando estive no Algarve, ao sul de Portugal. Na região, viajei primeiramente até Albufeira (para ver o turismo direcionado aos ingleses), e depois para Faro, cidade central na região, tanto em termos geográficos como administrativos e de serviços. Ali permaneci por alguns dias, circulando pelas praias.

Uma das situações inusitadas vivida enquanto pesquisadora aconteceu em Faro, quando tentei jantar em um restaurante indiano. Sentar-me à mesa sozinha já foi um desafio, porque a preferência, como percebi, era para as famílias, que, obviamente, consumiam mais. Houve demora no meu atendimento, e ao tentar pedir a comida, resultou em um prato nada interessante e bem diferente do excelente jantar que compartilhei com Maria Manuel em um restaurante indiano em Lisboa. Passei por situação semelhante em Florianópolis, durante minha pesquisa de campo, ao tentar comer nos restaurantes tradicionais de pescadores. Uma mulher sozinha a ocupar uma mesa para quatro pessoas e comendo pouco era alvo de olhares de estranhamento. Além disso, especialmente em Santa Catarina, os

¹¹⁴ A Câmara Municipal da Nazaré tem um “Regulamento dos alojamentos particulares” que se aplica aos estabelecimentos de hospedagem, classificados como hospedarias, casas de hóspedes e quartos particulares. O regulamento define as formas de licenciamento e de condições materiais desses estabelecimentos. Mais informações no site: www.cm-nazare.pt/Alojamento_particular.pdf

pratos não são pensados para uma pessoa, e o que mais se aproxima disso são aqueles para crianças.

Na experiência de campo realizada no sul de Portugal, realizei uma viagem com meu orientador, saindo de Faro até Vila Real de Santo Antônio, uma pequena cidade na fronteira com a Espanha, percurso que durou em torno de uma hora e quinze minutos. O trajeto foi muito interessante devido à contextualização que o professor fez em relação à ocupação daquele litoral. A maior parte da área litorânea não tem construções à beira-mar devido às suas características naturais, sendo área de proteção ambiental. Em vista disso, em termos de povoamento, sua densidade habitacional é menor do que em outras cidades do Algarve, como também na área metropolitana de Lisboa.

Em Vila Real de Santo Antônio, eu e meu orientador jantamos em um restaurante tradicional denominado “Pescador”. As mesas de madeira rústica, os objetos (louças, talheres, toalhas de mesa) apresentavam uma estética da cultura local pertencente a camadas populares e de pescadores, assim como o atendimento realizado pela família, o que me pareceu muito semelhante aos restaurantes que frequentei durante o campo em Santa Catarina, na Barra da Lagoa,¹¹⁵ Lagoa da Conceição, Canto da Lagoa e, mais recentemente, na Costa da Lagoa.¹¹⁶

Essas características estenderam-se à casa onde dormi, com um quarto, sala e cozinha, indicada pelo restaurante e pertencente a uma senhora que a alugava diretamente. Naquele momento, me senti como se estivesse na comunidade pesqueira da Barra da Lagoa, onde fiz trabalho de campo, ou na comunidade do Costa da Lagoa, em Florianópolis, onde observei atividades de pesca e turismo. Estava ali, à minha frente, uma pequena casa construída junto a outros imóveis, esteticamente muito próxima ao que observei no meu campo em termos de materiais utilizados, móveis, utensílios

¹¹⁵ Identificada como uma comunidade de pescadores, com presença de moradores “de fora” (Calderipe, 2001).

¹¹⁶ Realizei pós-doutorado no PPGAS/UFSC em 2018 com um projeto sobre práticas de pesca e geração na comunidade de pescadores da Costa da Lagoa, Florianópolis/SC.

domésticos. E, como ocorre em tantos momentos de uma pesquisa, foi “por acaso” (Peirano, 1990) que me deparei com essa situação.

O Estudo Urbanístico do Turismo em Lisboa apresenta dados sobre duas classificações de hospedagem: os Alojamentos Locais – AL, oferecidos pela população aos turistas, e os Empreendimentos Turísticos – Hotelaria. Em minha tese, pesquisei sobre a inserção das populações locais nas práticas turísticas, como o aluguel de casas construídas em um terreno comum, ao lado de suas próprias residências, e também pequenas pousadas que oferecem “quitinetes” para turistas em praias de Florianópolis/SC, o que pode ser comparado aos alojamentos locais de Lisboa. Entretanto, enquanto Lisboa tem um sistema de registro desses alojamentos, nos locais que observei, não havia essa possibilidade.

É preciso observar que, mesmo com a exigência de registro em Lisboa, não há um controle total sobre essa oferta.¹¹⁷ O registro do AL, segundo o estudo citado, é realizado *on-line* no Balcão Único Eletrônico, plataforma que sincroniza com o Registo Nacional de Alojamento Local (RNAL) do Turismo de Portugal I.P., gerando um número de registro. Esse único documento autoriza a abertura do alojamento ao público e sua divulgação. A plataforma Airbnb¹¹⁸ está incluída na oferta de alojamento local como uma das opções de acesso a esse tipo de hospedagem e torna-se uma forma de controle dessa oferta.

As informações apresentadas neste estudo em Lisboa são muito interessantes para pensar a atual participação da população local nas práticas turísticas, agora mediadas por plataformas como o Airbnb. Oportuno seria

¹¹⁷ Em 2011, havia registro de 130 estabelecimentos de alojamento local, passado para aproximadamente 14.400 em agosto de 2018, mostrando o crescimento das atividades turísticas em Lisboa, ao lado de outros indicadores, como o número de dormidas, atividades de cruzeiros no Porto de Lisboa, passageiros desembarcados no Aeroporto (Estudo Urbanístico do Turismo em Lisboa – 2018).

¹¹⁸ Criada em 2008, a plataforma gratuita Airbnb permite que as pessoas anunciem seu espaço e reservem acomodações em qualquer lugar do mundo. Ver: <https://www.airbnb.com.br/>

verificar até que ponto a inserção na plataforma coincide com os registros no município e quais são as condições dos alojamentos, considerando que a maioria deles se situa no Centro Histórico da cidade, o que pode ser uma questão a observar também no meu campo em Florianópolis.

Apontamentos finais

Propus-me, neste texto, a escrever sobre as contribuições/impactos do estágio de doutorado sanduíche realizado no ISCTE/Lisboa/Portugal. Essas contribuições passam pela vivência em outro país; pelo deslocamento epistemológico no encontro com outras antropologias; por uma formação multissituada no doutorado; e pela realização de ações que contribuem para a internacionalização na pós-graduação.

Em termos de imersão em outra cultura, apresento dados sobre minha experiência enquanto antropóloga e estrangeira. Como observa James Clifford (1995) a respeito dos sentidos da experiência, essa pode ser uma garantia da autoridade etnográfica, pois “A experiência evoca uma presença participativa, um contato sensível com o mundo a ser compreendido, uma relação de afinidade emocional com seu povo, uma concretude de percepção”. Ao mesmo tempo, o autor sugere que experiência também tem o sentido de conhecimento cumulativo e seu aprofundamento. Quanto ao primeiro sentido de experiência, sem dúvida experimentei o contato sensível com os modos de fazer turismo em diferentes lugares de Portugal. Entretanto, não fazia parte de meu projeto de pesquisa discutir isso na tese, o campo serviu como um aprofundamento de situações, percepções que vivi no campo no Brasil, e, ao olhar para essa alteridade tão próxima, me ajudou a pensar sobre turismo e como a literatura possibilitava interpretar essas práticas.

O que chamei de bastidores do estágio de doutorado não se trata apenas de um relato dos contatos e relações, da burocracia envolvida na viabilização do sanduíche ou de curiosidades sobre a imersão na cidade e vivências cotidianas. Trata-se de refletir sobre o processo de lançar-se a mundos desconhecidos e realizar um trabalho. Novamente os acasos, os

imponderáveis são parte do caminho que vamos descobrindo, especialmente quanto às pessoas e às relações que são construídas. Como relatei na introdução, todos os contatos que acionei e as pessoas que conheci em Portugal foram fundamentais, em diferentes momentos e instâncias, para a concretização das atividades. Tais situações fazem parte do campo da pesquisa, e, sem dúvida, tudo o que lemos sobre etnografias e as formas de fazer antropologia são também ferramentas utilizadas nesses momentos.

Outro aspecto significativo foi a relação linguística de familiaridade e estranheza no compartilhamento de um mesmo idioma. Enquanto falante de português, havia proximidade e um código comum, mas o vocabulário e as expressões diferentes, o ritmo e os tons da fala dificultavam a compreensão, especialmente nos primeiros meses de contato com a população local e na comunicação por telefone. Ao longo do tempo, essas diferenças ou nuances da língua foram amenizadas e superadas, permitindo uma comunicação mais qualificada.

O deslocamento epistemológico trouxe contribuições significativas à tese devido ao trânsito entre diferentes Antropologias. Lembro-me de conversar com minha orientadora sobre as bibliografias a respeito de turismo no campo da Antropologia e áreas afins e como havia um número reduzido de autoras e autores clássicos sobre o tema e o interesse tardio das Ciências Sociais em seu estudo. Em Portugal, ampliei o acesso a essa lista de autores e pude acompanhar o que a Antropologia portuguesa estava pensando sobre turismo e turistas. O deslocamento implicou em pensar e questionar as formas de olhar, sentir, aproximar-se dos fenômenos turísticos e das categorias que, muitas vezes, são naturalizadas. A Antropologia portuguesa, com trocas tão significativas com a antropologia brasileira, tem desenvolvido reflexões muito profícuas e originais para pensar as práticas turísticas (Prista, 1991, 1995; Silva, 2004; Xerardo Pereiro; Felipa Fernandes, 2015; entre outros).

O deslocamento possibilitou uma formação multissituada no doutorado, em uma universidade estrangeira, trazendo uma vivência acadêmica em um contexto cultural diferenciado, com acesso não somente à Antropologia portuguesa, mas a todas as antropologias com as quais

dialoga. É importante frisar a presença de alunas/os de graduação e pós-graduação com quem tive contato no ISCTE, especialmente africanos, que compartilhavam suas experiências e também novas formas de pensar nas Ciências Sociais.

Deslocar-me para outros terrenos também me permitiu pensar nas conexões, nas similaridades e diferenças entre a pesquisa realizada no Brasil e o que observei em Portugal. As descobertas, os dilemas e as implicações do trabalho de campo fora do país serviram como comparação para pensar sobre meu campo, assim como se busca a leitura de outras etnografias. Nesse caso, fui observar pessoalmente o que se passava nas práticas turísticas locais, especialmente nos lugares comuns de circulação da cidade, experimentando a culinária, as bebidas, frequentando bairros tradicionais, sobretudo em Lisboa, onde residi a maior parte do tempo. Além disso, circulei pelas várias regiões para observar as práticas turísticas no país. Frequentei praias, feiras, centros históricos, cidades ocupadas por turistas de determinadas nacionalidades. Também me interessava acessar seu litoral, já que estava estudando esse contexto em Florianópolis. Isso me levou a perceber as proximidades e distanciamentos em relação ao que havia observado no sul do Brasil, em Florianópolis.

O doutorado sanduíche em Portugal me fez refletir também sobre o duplo papel em campo — como antropóloga e como estrangeira. Esses papéis foram separados apenas com o intuito de localizar os diferentes momentos da experiência, pois, na prática, estão interconectados entre si. Enquanto estrangeira, poderia me ver como uma turista, pois circulei pelo país orientada por roteiros amplamente conhecidos, mas o olhar informado pela literatura me distanciou desse lugar de mera observadora sem grandes reflexões.

Enquanto política pública de Ciência, Tecnologia e Informação (CT&I) na área de educação superior, os estágios, os cursos plenos etc. no exterior foram amplamente promovidos e estimulados em décadas recentes,¹¹⁹ con-

¹¹⁹ Segundo Ferreira e Chaves (2016), a construção de um pacto nacional pela expansão da pós-graduação e o incentivo prioritário à Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) deu-se de forma objetivada nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva.

tando com diversos programas e financiamentos significativos. Porém, nos últimos cinco anos, têm sido negligenciados pelo atual governo. Essa é uma situação grave, pois o doutorado sanduíche, assim como outras formações, amplia a formação das/os estudantes e o alcance dos cursos de pós-graduação no Brasil.

O contato com diferentes tradições de conhecimento impacta diretamente a/o aluna/o e a produção realizada nos PPGs enquanto uma ação de internacionalização que, vinculada a um grupo de pesquisa e suas redes, permite ampliar o conhecimento acadêmico e somar-se na consolidação de uma política mais ampla de trocas internacionais.

Referências

ABRAM, Simone; WALDREN, Jaqueline. Introduction: Tourists and Tourism. Identifying with Peoples and Places. In: ABRAM, Simone; WALDREN, Jaqueline; MACLEOD, Donald. *Tourists and Tourism. Identifying with Peoples and Places*. Oxford: Berg, 1997, p. 1-12.

BAIXINHO, Alexandra D. *Turismo de cruzeiros em Lisboa: uma abordagem antropológica*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Urbana). Lisboa: ISCTE, 2008.

BAPTISTA, Luís Vicente. “Territórios, Imagens e Poderes”. In: CORDEIRO, Graças; BAPTISTA, Luís Vicente; COSTA, António Firmino da (Orgs.). *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta, 2003.

BRITO, Joaquim Pais. A cidade exposta. In: CORDEIRO, Graças; BAPTISTA, Luís Vicente; COSTA, António Firmino da (Orgs.). *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta, 2003.

CALDERIPE, Márcia. Mediação cultural e reciprocidade no contexto das práticas turísticas em Florianópolis/SC. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2006.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

ESCALLIER, Christine. O papel das mulheres da Nazaré na economia Haliêutica. *Etnográfica*. Lisboa, v. 3, n. 2, p. 293-308, 1999.

ESTUDO URBANÍSTICO DO TURISMO EM LISBOA. Lisboa: Câmara Municipal, 2018.

FERREIRA, Luciana R.; CHAVES, Vera Lúcia J. A pós-graduação no Brasil: interfaces entre o financiamento e a expansão. 2016. Disponível em: https://www.aforges.org/wp-content/uploads/2016/11/6-Luciana-Ferreira-et-al_A-Pos-Graduacao-no-Brasil.pdf. Acesso em: 17/07/2022.

FLEISCHER, Soraya; BONETTI, Aline. Dossiê. Etnografia arriscada: dos limites entre vicissitudes e “riscos” no fazer etnográfico contemporâneo. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*. 19 (1), p. 7-17, 2010.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 10, 1999.

FRÚGOLI JR, Heitor; ADERALDO, Guilherme A.; RODRIGUES Weslei Estradiote. Antropologia urbana (em língua) portuguesa: entrevista com Graça Índias Cordeiro. *Revista de antropologia*, 2014, v. 57 n° 2.

MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multisited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, n. 24, p. 95-117, 1995.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp; 2008.

MENDONSA, Eugene. “Turismo e estratificação em Nazaré”. *Análise Social*, n. 71, 1982.

MOREIRA, Raquel. Queijadas de Sintra. Turismo e identidade local. In: SILVA, Maria C. (Coord.). *Outros trópicos, novos destinos turísticos, novos terrenos da Antropologia*. Lisboa: Livros horizonte, 2004, p.171-180.

ORTNER, Sherry. Subjetividade e crítica cultural. *Horizontes Antropológicos*, ano 13, n. 28, p. 375-405, 2007.

PEIRANO, Mariza. Artimanhas do acaso. *Anuário Antropológico*, 14(1), 9-21, 1990.

- PEIRANO, Mariza. A favor da Etnografia. *Série Antropologia*, n. 130, 1992.
- PEREIRO, Xerardo; FERNANDES, Felipa. Antropologia e turismo: dos trilhos, atores e espaços à genealogia da turistificação da Antropologia em Portugal. PASOS. *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, v. 13, n. 2, p. 333-346, 2015.
- PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. *Antropolítica*, n. 25, p. 99-111, 2008.
- PRISTA, Pedro. *Turismo e culturas populares no Algarve*. 1991, n.p.
- PRISTA, Pedro. Do doméstico ao caseiro. Aspectos da dominação turístico-alimentar nos campos. III *Colóquio Hispano Português de Estudos Rurais*. Vol. II, 1995.
- QUINTELA, Maria Manoel. *Curar e folgar: uma etnografia das experiências termais nas termas de São Pedro do Sul*. Lisboa: ISCTE, 1999.
- RAMIRO, Patricia A. *Antropologia e turismo: coletânea franco-brasileira*. João pessoa: Editora UFPB, 2019.
- RIAL, Carmen; GROSSI, Miriam. Vivendo em Paris: velhos e pequenos espaços numa metrópole. *Antropologia em Primeira Mão*, n. 42, 2000.
- RIAL, Carmen. Circulação de pessoas e de coisas: a internacionalização da Antropologia brasileira e seus desbravadores. In: RODRIGUES, Lea Carvalho; SILVA, Isabelle Braz Peixoto da (Orgs.). *Saberes locais, experiências transnacionais: interfaces do fazer antropológico*. Fortaleza: ABA Publicações, 2017.
- SILVA, Maria Cardeira da (Coord.) *Outros trópicos, novos destinos turísticos, novos terrenos da Antropologia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagem nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1996.
- VELHO, Gilberto. *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- VELHO, Gilberto. et al. (Orgs.). *Um antropólogo na cidade: ensaios de Antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Nos entremeios: reflexões sobre a espera durante uma etnografia sobre as práticas alimentares de brasileiros na região de Boston

Viviane Kraieski de Assunção¹²⁰

Com efeito, a observação participante consiste precisamente nisso. Convida o antropólogo noviço a se manter atento ao que os outros estão fazendo ou dizendo, ao que acontece à sua volta; a acompanhar os demais aonde quer eles vão, ficar à sua disposição, não importando o que isso implique e para onde o leve. Fazê-lo pode ser perturbador, e implicar riscos existenciais consideráveis. É como lançar o barco na direção de um mundo ainda não formado – um mundo no qual as coisas ainda não estão prontas, são sempre incipientes no limiar da emergência contínua. Comandados não pelo dado, mas pelo que está *a caminho de sê-lo*, deve-se estar preparado para *esperar* [*wait*] (MASSCHELEIN, 2010b, p. 46). Com efeito, esperar pelas [*wait upon*] coisas é precisamente o que se quer dizer por atender [*attend*] a elas. (Tim Ingold, 2016, p. 408)

Início o texto com essa epígrafe por me identificar com sua ênfase em um ponto pouco mencionado na literatura sobre etnografia: a espera enquanto constitutiva de nosso trabalho de campo. Ao rememorar a pesquisa etnográfica que realizei em 2009 sobre as práticas alimentares de

¹²⁰ Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). É Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

imigrantes brasileiros na região de Boston, nos Estados Unidos, constatei que minha principal dificuldade era lidar com o tempo, mais especificamente, o tempo da espera.

Esse trabalho de campo deu origem à minha tese de doutorado. Eu já havia realizado pesquisa sobre alimentação no mestrado, e percebi, por meio de meus laços familiares, que a alimentação poderia se constituir em uma via de leitura sobre a experiência de ser um imigrante brasileiro nos Estados Unidos. Minha irmã e meu cunhado migraram para a Grande Boston em 2001, e lá permaneceram por dez anos. Por meio de suas falas, pude visualizar um rico cenário de pesquisa: o estranhamento com o gosto do café servido em fast-foods, os almoços em restaurantes de comidas brasileiras, o lanche servido após as missas em igrejas católicas, a dificuldade em encontrar certos produtos em supermercados, o transporte de comidas nas malas durante a viagem, o envio desses alimentos pelo correio por seus familiares... Havia constatado também uma lacuna na literatura. No caso dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, poucas informações podem ser encontradas — as que existem aparecem em pesquisas mais amplas sobre o processo migratório para aquele país ou privilegiando outras temáticas mais específicas.

Este trabalho de campo foi antecipado por várias dificuldades enfrentadas por aqueles que buscam viabilizar um trabalho de campo no exterior. No meu caso, sua realização foi possibilitada por uma bolsa de doutorado sanduíche da CAPES, que ocorreu por meio de minha vinculação como *Visiting Scholar* junto ao ILAS (Institute of Latin American Studies) da Columbia University, sob a supervisão da professora Maxine Margolis. Para isso, estudei inglês para fazer a prova de proficiência e garantir a pontuação exigida, passei por um processo seletivo da universidade estadunidense e consegui o visto J1, específico para intercâmbio, um processo burocrático e caro para uma estudante de doutorado que se mantinha com uma bolsa da CAPES.

Obtive a concessão da bolsa de doutorado sanduíche pelo período de sete meses. Minha expectativa inicial era a de realizar o trabalho de campo por um ano, já que tomava como um dos princípios de uma pesquisa

“criteriosa e apropriada”, seguindo as palavras de Ingold (2016, p. 408), o compromisso de longo prazo. Ainda que possamos relativizar a noção de tempo ideal, é inegável que boa parte da literatura sobre etnografia enfatiza a importância da permanência prolongada em campo. Em minha avaliação como doutoranda, sete meses poderiam não ser suficientes.

Cheguei aos Estados Unidos no início de maio de 2009. Fui recebida por minha irmã, meu cunhado e minha sobrinha, que até então eu conhecia apenas por fotografias e videochamadas. E logo fui apresentada a possíveis interlocutores da pesquisa, que se prontificaram a contribuir. Além desses contatos iniciais, nas primeiras semanas também procurei outras vias: contatei líderes comunitários e entidades voltadas à assistência de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. A convite de um deles, passei a trabalhar como voluntária em uma dessas instituições.

Apesar da formação dessa rede de relações, percebi dificuldades em acompanhar meus sujeitos de pesquisa em seu cotidiano. Meus encontros com esses interlocutores ficavam restritos a momentos de folga (durante o *off*, na expressão de meus “nativos”), alguns momentos nos finais de semana ou festividades. Compreendi rapidamente a materialidade da expressão *time is money* em suas rotinas. A maior parte de meus interlocutores era indocumentada e tinha migrado com a expectativa de cumprir um projeto migratório, como comprar a casa própria ou pagar os estudos dos filhos. Nos Estados Unidos, esses sujeitos ocupavam um nicho laboral destinado àqueles com baixa qualificação profissional e *status* migratório irregular – trabalho em diversas funções em cozinhas de restaurantes e *fast-foods*, entrega, serviços de *landscaping* (jardinagem), limpeza de casas (*house-cleaner*) –, trabalhos cuja remuneração está atrelada à quantidade de horas trabalhadas. Manter-se nos Estados Unidos e ainda ter dinheiro para cumprir seus projetos exigiam que esses sujeitos trabalhassem muitas horas diárias, incluindo, muitas vezes, os finais de semana. Ainda que meus interlocutores demonstrassem satisfação em ter rendimentos superiores àqueles que tinham em seus empregos no Brasil, para mim, era inegável a situação de precarização desses trabalhadores, que recebiam valores próximos ao

minimum wage do país (em torno de oito dólares por hora) e dispunham de (quase) nenhum direito social.

Nesse contexto, meus sujeitos de pesquisa dispunham de pouco tempo para me receber em seus momentos de folga e me incluir em suas rotinas. Assim, boa parte de meu tempo consistia em esperar.

Participação e afetos como princípios metodológicos

A espera por meus interlocutores não era, inicialmente, algo confortável, pois eu tinha um sentimento de urgência em aproveitar ao máximo o tempo de que dispunha para realizar o trabalho de campo nos Estados Unidos. Lembro-me de que tinha a ideia constante de que eu não teria condições de voltar a campo posteriormente. E, naquele período, ainda que meus interlocutores utilizassem com frequência as redes sociais na internet, estas não eram meios de comunicação tão disseminados e presentes na vida social. A solução, para mim, era utilizar os sete meses para realizar a etnografia.

Influenciada pela leitura da obra de Jeanne Favret-Saada, eu havia previamente aderido à importância da experiência para a realização de minha etnografia e a construção do conhecimento antropológico. A antropóloga francesa, em sua pesquisa sobre a feitiçaria na região de Bocage, adotara a participação como dispositivo metodológico, e não apenas a “observação participante”, que, segundo ela, a impediria de ter acesso ao sistema de comunicação que consistia na feitiçaria (Jeanne Favret-Saada, 2005, p. 157).

Para que essa participação ocorra, Favret-Saada alerta para a necessidade de que o antropólogo reacenda “a velha sensibilidade” e deixe-se “ser afetado” pelo trabalho de campo. Ser afetado, para a autora, não implica tornar-se nativo, nem um processo de identificação ou empatia com seu ponto de vista, mas permitir mobilizar ou até mesmo modificar seu próprio repertório de imagens (Favret-Saada, 2005, p. 159). Assim, torna-se possível contemplar situações que ocorrem de forma involuntária e não intencional durante o trabalho de campo, recorrentemente invisibilizadas na

escrita do trabalho antropológico, que descrevem os acontecimentos como resultados da ação planejada do etnógrafo.

Para que essas situações de comunicação ocorram, alerta Goldman, é preciso tempo. Nessa perspectiva, o tempo constitui uma relação em si mesma, e não apenas um recurso para o estabelecimento de relações (Márcio Goldman, 2005).

Diante de minhas condições objetivas, com sujeitos de pesquisa bastante ocupados em suas rotinas de trabalho, como efetivar minha participação? Como deixar-me ser afetada? Como lidar com o tempo, que eu considerava tão escasso e tão necessário? Como esperar?

Minha estadia nos Estados Unidos não compreendia apenas o trabalho de campo. Como beneficiária de uma bolsa sanduíche, eu tinha uma supervisora e um vínculo com a Columbia University, o que exigia viagens periódicas de Boston para Nova York para reuniões com minha supervisora e participação em eventos da instituição. Esses encontros com a professora Maxine Margolis propiciavam momentos importantes de interlocução sobre o trabalho de campo, e as idas à biblioteca da universidade permitiam meu acesso a uma extensa bibliografia sobre migração e alimentação. Então, para meus momentos de espera, eu tinha muitos materiais para leitura à disposição. Mas decidi utilizar esse tempo de outra forma.

Todos os dias, eu saía de Saugus, uma *town* no sul de Boston onde morava com meus parentes, e ia de ônibus ou metrô (às vezes eram necessários esses dois meios de transporte) para as *towns* e *cities* da região da Grande Boston. Lá, eu caminhava pelas ruas, entrava em mercados, permanecia um tempo sentada nos bancos das praças, tomava café nas padarias brasileiras, mas também em *fast-foods* e outros estabelecimentos... Sempre sozinha, eu levava comigo um pequeno caderno, que eu utilizava como um diário de campo, e, ocasionalmente, também um material para leitura. Não sei dimensionar quanto do meu tempo eu passei nessa espera. Mas, hoje em dia, avalio que esses momentos foram muito significativos e pouco explorados em minhas escritas sobre trabalho de campo.

Revisitando minhas escritas, identifico, sem dificuldades, meus momentos com meus interlocutores em situações diversas: em minha atuação como voluntária no CIB, em almoços e jantares comemorativos no Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia de Ação de Graças (*Thanksgiving*), festas juninas, festas de aniversário, churrascos entre amigos, almoços e cafés após a missa em igrejas católicas e cultos em igrejas evangélicas... além dos momentos de entrevistas. Mas, e a espera? Qual o seu lugar?

Algumas pistas: os afetos e o engajamento do ser no mundo

Recuso-me a definir a espera apenas como momentos de observação. Ao sair da casa onde estava hospedada, pegar o ônibus e traçar um itinerário para o meu dia (frequentemente alterado ao longo do caminho), eu não assumia o compromisso de observar e anotar aquilo que observava. Uma primeira pista para pensar o estatuto da espera pode estar na própria obra de Favret-Saada (1977, 2005), a possibilidade de me colocar à disposição de ser afetada. Ao percorrer as ruas, mercados, restaurantes, padarias, lojas, praças, eu estava me permitindo — de forma não planejada nem intencional — certas experiências, cheias de sonoridades, cheiros e sabores inéditos para quem estava em sua primeira viagem internacional.

Lembro-me de, certa vez, ter entrado em uma loja apenas para ouvir uma música de Dorival Caymmi, que tocava no interior do estabelecimento naquele momento. Permaneci lá durante o período em que a música tocava, tomada por uma sensação que ainda hoje eu tenho dificuldades de descrever e que poderia associar a conforto e acolhimento. Também me recordo de, em outras ocasiões, ter sentido gostos e cheiros diversos, que causavam sentimentos de estranheza ou até mesmo de repulsa, ou, ainda, ativavam memórias muito familiares, trazendo recordações de pessoas queridas. Inspirada em Favret-Saada, proponho que essas experiências promovem uma forma de engajamento do pesquisador, acionando emoções, memórias e um conjunto de sensações que escapam da racionalidade, pois estão

“para além dos aspectos intelectuais da experiência humana” (Favret-Saada, 2005, p. 155), e que podem participar da construção do conhecimento antropológico.

Não estaria, naqueles momentos, sendo “tomada” por “intensidades específicas” (Favret-Saada, 2005, p. 155)? Experiências que não conseguimos comunicar verbalmente, “não são significáveis”, pois, nas palavras de Favret-Saada (2005, p. 159), “no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos, não podemos compreendê-la”. Essas experiências — que ocorrem quando o “projeto de conhecimento” não está “onipresente” (2005, p. 160) — nada informam sobre o “ponto de vista nativo”, mas têm a potência de mobilizar e transformar nossos próprios estoques de imagens e concepções.

Apesar de não pretender fazer aqui uma relação linear entre essas experiências e meu processo de pesquisa, reflito que esses afetos impactaram o trabalho de campo, minha relação com os sujeitos da pesquisa e, talvez, algumas das minhas escolhas analíticas. Por exemplo, ao considerar o papel dos sentidos — principalmente o gosto e o cheiro — na experiência migratória.

Por outro lado, se tomarmos de empréstimo a perspectiva de Tim Ingold, podemos considerar que essas experiências participaram da educação da atenção. No entendimento do autor, a antropologia consiste em um processo educativo. Retomando a etimologia da palavra educação, Ingold explica que a origem latina se refere a “levar para fora” (*educere*, proveniente da junção de *ex*, “fora”, e *ducere*, “levar para”). Assim, ao invés de um processo de assimilação, que compreende a introjeção de algo (o movimento “para dentro” da mente), a educação seria mais compatível com o movimento de levar os sujeitos para o mundo, o que implicaria um deslocamento de posição ou ponto de vista. Citando o filósofo da educação Jan Masschelein, Ingold completa que “a educação seria uma prática de exposição” (2016, p. 408).

Contrapondo-se à noção de que o conhecimento é formado por meio de uma transmissão de representações, Ingold explica como se dá o processo

de educação da atenção. O conhecimento é construído por meio de práticas — experiências e trajetórias do sujeito em seu engajamento no mundo. Fazer e conhecer são integrantes de um mesmo movimento, e não ações separadas. Assim, em meu momento de espera, caminhar pelas ruas, sentir o cheiro de uma comida ou ouvir um samba de Caymmi seriam ações corporificadas no mundo [*enactions*] (Ingold, 2010). Ouvir e ver são movimentos da atenção, de acordo com o autor. “Ouvir ou olhar, neste sentido, é acompanhar um outro ser, seguir — mesmo se apenas por um breve momento — o mesmo caminho que este ser percorre pelo mundo da vida, e tomar parte na experiência que a viagem permite” (Ingold, 2010, p. 22). Ingold (2015) lembra que o verbo esperar — tanto na língua inglesa (*attend*) quanto na francesa (*attendre*) — guarda uma conotação próxima de atender, ou seja, de cuidar ou servir algo ou alguém, e acompanhar o que estão fazendo.

Ainda que possam permitir aproximações, é interessante destacar que a abordagem de Ingold destaca as faculdades de ver e ouvir, e não menciona outros sentidos, como o olfato e o paladar, que são essenciais para pensar a alimentação. Mas, além da alimentação, os cheiros e os gostos não estariam também presentes em nosso movimento e engajamento no mundo?¹²¹ Ou, para usar as expressões de Favret-Saada, não seriam potencialmente forças que nos afetam?

Para além dessas duas possibilidades teóricas de analisar a espera, gostaria, ainda, de introduzir uma terceira via, que parte de uma perspectiva distinta, inserindo-nos na materialidade do capitalismo neoliberal.

¹²¹ Esta ênfase de Ingold à visão e audição estão presentes em diversas publicações do autor, com destaque para o artigo intitulado “Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano”, publicado na língua portuguesa em 2008 na revista *Ponto Urbe*. Nesse texto, o autor faz uma crítica à Antropologia dos Sentidos (que tem entre seus representantes, Nadia Seremetakis Paul Stoller e David Howes), e dialoga com a psicologia ecológica de Gibson e a fenomenologia de Merleau-Ponty, dentre outros (Ver Ingold, 2008).

Outra pista: os sujeitos do desempenho e a pedagogia do ver

Esta terceira possibilidade de análise surgiu pela necessidade de compreender, além da espera, a urgência que eu sentia — nos primeiros dias após minha chegada nos Estados Unidos — em aproveitar o tempo, que eu considerava escasso. Havia nessa urgência um medo de que não fosse possível realizar um trabalho de campo significativo que pudesse dar origem a uma tese de doutorado. Essa perspectiva parece contemplar um viés não abordado pelas correntes teóricas anteriores: a materialidade das relações de poder no contexto do capitalismo neoliberal. Assim, a pesquisadora aparece inserida nas relações sociais que fundamentam as condições objetivas de realização de nosso trabalho, marcado pelas exigências cada vez mais produtivistas e pelo estabelecimento de projetos com etapas e prazos bem delimitados.

Para tal abordagem, valho-me da obra do filósofo sul-coreano (radicado na Alemanha) Byung-Chul Han, que analisa como os princípios operatórios do capitalismo neoliberal incidem na subjetividade dos sujeitos.¹²² Assim, minha urgência e meu medo ganham um contexto social-econômico-político. Para Han, vivemos em uma sociedade do desempenho, na qual os indivíduos se autoexploram para maximizar a produção. Teríamos, assim, superado a sociedade disciplinar e a sociedade do controle,¹²³ nas quais instituições modernas desempenhavam o papel de coerção para modelar corpos dóceis e obedientes. Nessa configuração, a concepção imunológica do mundo — marcada pela guerra contra o inimigo — estaria abrindo espaço para a neuronal, responsáveis por uma nova modalidade de violência.

¹²² Para tal abordagem, além de *Sociedade do cansaço*, obra aqui citada, ver também *Psico-política: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2017), livro no qual o autor analisa outros aspectos de uma mudança de paradigma do controle na fase contemporânea do capitalismo, caracterizada como um “panóptico digital” (Han, 2018).

¹²³ A sociedade disciplinar foi descrita por Michel Foucault (1998) e teria dado lugar, na contemporaneidade, à sociedade de controle, de acordo com Gilles Deleuze (1992).

A recusa e a exploração do Outro são substituídas pela autoexploração; a alteridade, pela valorização do mesmo.

Nesta sociedade, somos empresários de nós mesmos, comandados por um elemento coercitivo que se traveste de autonomia e liberdade: a positividade. É a sociedade do “*yes, we can*”, famoso slogan da campanha de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos em 2008. (Curiosamente, realizei meu trabalho de campo no primeiro ano do governo Obama). Nela, somos responsáveis por nossos sucessos e fracassos, que dependem apenas de nós mesmos. Somos instados, a todo momento, a provar nossa própria competência. “O sujeito do desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor soberano de si mesmo” (Han, 2017, p. 29). Nesse sentido, encontram-se as qualidades esperadas deste indivíduo: ser proativo, criativo, autônomo, flexível, que tenha iniciativa...

Essas reflexões nos levam a pensar sobre as condições objetivas para a realização de pesquisa, sempre guiada por prazos restritos e métricas de avaliação, a exemplo das empresas.¹²⁴ Nesse contexto, “aproveitar o tempo” propiciado pela concessão de uma bolsa de doutorado sanduíche no exterior – minha maior preocupação no trabalho de campo – torna-se um aspecto de competência, essencial para a produtividade, e está carregado de moralidade.¹²⁵

Como escapar desta autoexigência? Como se livrar do medo do fracasso?

¹²⁴ A analogia da realização da pesquisa com o gerenciamento de uma empresa é aqui inspirada na obra de Laval, que critica a submissão dos sistemas educacionais às exigências do capitalismo. Valores como eficiência e inovação e o foco na formação de capital humano e no desenvolvimento de habilidades e competências tornam-se importantes nas instituições de ensino, assim como a adoção de um modelo de gestão próprios da lógica empresarial, baseado em indicadores e outras métricas (Laval, 2004).

¹²⁵ Esta compreensão do uso do tempo como um aspecto de competência e sua carga de moralidade foi retomada de minha tese, quando analiso a relação de meus sujeitos de pesquisa com o tempo a partir das concepções desenvolvidas por Ger e Kravets (2009) e Shove (2009) sobre consumo.

Para Han (2017), o medo, assim como a irritação, é um sentimento que não oferece resistência a esta sociedade do desempenho, pois não leva ao questionamento de aspectos existenciais mais profundos. Isso ocorre porque o medo se refere a aspectos mais pontuais, ao contrário da angústia e do luto, que seriam potências negativas. Segundo o autor, é preciso uma nova pedagogia do ver, que instaure a contemplação.

A contemplação é possibilitada pelo tédio. Aqui, a atenção é destacada pelo autor, mas em uma perspectiva diferente daquela desenvolvida por Ingold. Nossa atenção e nosso tempo, no capitalismo neoliberal, são constantemente modelados nas exigências de sermos *multitasking* (multitarefas), focados em diferentes direções. Dialogando com Walter Benjamin, Han defende que a atitude contemplativa depende da atenção profunda, que leva ao desenvolvimento da cultura.¹²⁶ É ela que permite o repouso e, por meio dele, a capacidade de escutar, que limita o “ego hiperativo” (Han, 2017, p. 34).

Discordando da afirmação de Arendt de que a sociedade moderna impede os sujeitos de agirem, limitando o ser humano a um animal trabalhador (*animal laborans*), Han defende que o indivíduo contemporâneo não é marcado pela passividade nem pela ausência de individualidade. Ao contrário, há uma hiperatividade, que permite novas modalidades de coerção. Como alternativa para sua superação, Han desenvolve a noção de vida contemplativa a partir da obra *Crepúsculo dos ídolos*, de Nietzsche. O filósofo alemão do século XIX estabelece três aprendizados necessários para a formação de uma “cultura distinta” e um “caráter do espírito”: aprender a ler; aprender a pensar; aprender a falar e escrever. Aprender a ver é destacado por Han como “habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar–aproximar–se–de–si, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento” (Nietzsche *apud* Han, 2017,

¹²⁶ Esta concepção de cultura na obra de Han parece alinhada ao conceito de Kultur, desenvolvido por intelectuais alemães a partir do século XVIII, associados a uma formação espiritual do indivíduo. (Sobre essas concepções, ver Veiga–Neto, 2003)

p. 51). Assim, de acordo com o autor, podemos conter nossos impulsos reativos e impedir que sejamos guiados pela hiperatividade.

“Hoje, vivemos num mundo muito pobre de interrupções, pobre de entremeios e tempos intermédios”, lamenta Han (2017, p. 53). Essas interrupções são capazes de restaurar a alteridade, excluída do mundo contemporâneo pela busca do mesmo e por fazer o indivíduo almejar um incessante aumento de desempenho. Não se trata de “ócio criativo”, concepção pregada para potencializar a produção, pois não apresenta esse compromisso. A interrupção carrega uma negatividade, capaz de cessar as atividades mecânicas.

Considerando a leitura de Han sobre a formação subjetiva dos sujeitos frente às demandas do capitalismo neoliberal e a necessidade de restabelecer a contemplação no mundo, reflito que a espera em meu trabalho de campo pode ser tomada como esse momento de descanso, de aprender a paciência e mesmo de sentir tédio, ainda que não intencional. Não eram meros passeios nem momentos de diversão. Por diversos momentos, estou certa de que se tratava apenas de deixar o tempo passar. Essas reflexões me levam a questionar em que medida esses momentos contribuíram para eu me voltar para mim mesma, silenciar minhas autocobranças e focar minha atenção.

Considerações finais

Não tenho aqui a pretensão de colocar as considerações descritas neste texto como particulares de minha experiência, nem como exclusivas da realização de uma etnografia no exterior. Mas como elementos passíveis de receberem um tratamento analítico, que acionam reflexões sobre dimensões do fazer etnográfico que são pouco consideradas nas escritas acadêmicas. Como explica Miriam Goldenberg (1999), a etnografia, assim como outros métodos de natureza qualitativa, exige um fazer artesanal, constantes improvisos, que não podem ser ensinados em um manual. Ainda que sejamos incentivados a fazer uma descrição detalhada de nosso trabalho de campo,

nem sempre encontramos essas dificuldades descritas no trabalho acadêmico, assim como eu não as identifico claramente no texto de minha tese.

De certa forma, as três perspectivas de análise aqui apresentadas contemplam minha proposta de oferecer pistas para refletir sobre aqueles momentos durante o trabalho de campo em que não se tem o que fazer, que aqui eu caracterizei como espera. Espero que essas pistas permitam ressignificar esses momentos, elevando-os da “perda de tempo” a algo comum, importante ou até mesmo desejável.

Referências

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. (Tradução de Peter Pál Pelbart). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FAVRET-SAADA, Jeanne. *Les mots, la mort, les sorts*. Paris: Gallimard, 1977.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado” (Tradução de Paula de Siqueira Lopes). *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GER, Güliz; KRAVETS, Olga. “Special and Ordinary Times: Tea in Motion”. In: SHOVE, Elizabeth; TRENTMANN, Frank; WILK, Richard (Eds.). *Time, Consumption and Everyday Life: Practice, Materiality and Culture*. Oxford: Berg, 2009. p. 189-202

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOLDMAN, Márcio. “Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia”. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 13, p. 149-153, 2005.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. (Tradução de Enio Paulo Giachini). 2ed. Vozes: Petrópolis, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

INGOLD, Tim. “Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia”. *Educação*. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set.-dez. 2016.

INGOLD, Tim. “O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção”. *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, dez. 2015.

INGOLD, Tim. “Da transmissão de representações à educação da atenção”. *Educação*. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan.-abr. 2010.

INGOLD, Tim. “Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano”. *Ponto Urbe* [Online]. São Paulo, n. 3, 2008.

LAVAL, Christian. *A Escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Londrina: Editora Planta, 2004.

SHOVE, Elizabeth. Everyday Practice and the Production and Consumption of Time. In: SHOVE, Elizabeth; TRENTMANN, Frank; WILK, Richard (Eds.). *Time, Consumption and Everyday Life: Practice, Materiality and Culture*. Oxford: Berg, 2009. pp. 17-34

VEIGA-NETO, Alfredo. “Cultura, culturas e educação”. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 23, p. 5-15, ago. 2003.

Parte II

Etnografias aquém-mar

Três formas imaginárias de um estrangeiro entre pescadores de bote a motor da Ilha de Santa Catarina

Matias Godio¹²⁷

Entre os anos de 2003 e 2007, transitei uma série de experiências etnográficas como antropólogo aprendiz junto a pescadores que integram a sociedade do bairro Barra da Lagoa, na costa leste da Ilha de Santa Catarina, no sul do Brasil (27°33'06”S 48°28’44”O). A primeira parte dessas experiências foi marcada por um trabalho de campo etnográfico diagramado no contexto acadêmico, como parte do projeto de dissertação de mestrado em Antropologia Social na UFSC, integrado às atividades de pesquisa do NAVI.¹²⁸ O meu objetivo era experimentar a introdução do dispositivo narrativo audiovisual na pesquisa de campo. Entre 2003 e 2005, realizamos — os interlocutores e eu — dois documentários colaborativos apresentados publicamente em várias ocasiões no Salão Paroquial da Capela Santa Cruz, no Centro Comunitário da Barra e outros espaços informais dessa localidade.¹²⁹ Desde 2005 até 2007, passei a compartilhar outras experiências etnográfico-visuais junto a eles. Registramos e montamos festas (algumas proibidas, como a Farra

¹²⁷ Sociólogo e antropólogo argentino, possui doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professor e pesquisador na Universidad Nacional de Tres de Febrero (UNTREF) e professor convidado do Mestrado em Paisagem Urbano na UBA.

¹²⁸ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da IMAGEM (NAVI).

¹²⁹ Esses documentários foram apresentados publicamente e são analisados no artigo do livro *Pesca e turismo* (organizado junto a Carmen Rial), editado pela UFSC em 2005.

do Boi), eventos esportivos e torneios de dominó, todos eles fatos sociais significativos e, na maioria dos casos, convocados a serem registrados por eles mesmos.¹³⁰ Esses registros e narrativas audiovisuais foram resultado de uma “afetação” no trabalho de campo que nunca mais volvi a sentir com tal intensidade como antropólogo. Algo muito “comum” a dizer dos antropólogos já experimentados e dedicados aos seus gabinetes, em referencia às primeiras experiências no campo dos aprendizes.

O turista observa as experiências

Cheguei a Barra em março de 2003, e minha entrada no campo teve a particularidade de portar a condição de “gringo”, termo como que se denomina na ilha aos argentinos que chegaram como turistas ou moradores a partir de meados da década de 1980.¹³¹ O primeiro contato com os pescadores aconteceu em abril, durante um churrasco para o qual fui convidado enquanto “argentino” logo após uma — dentre as várias que joguei — partida de futebol na Prainha da Barra (M1 na imagem satelital contígua) junto a Cedi, Robilão, Pedrinho (os três pescadores embarcados), Alexandre (com 28 anos e filho de um pescador aposentado). O local escolhido para o churrasco era no alto de uma pedra e ficava escondido por várias árvores. Risadas, comentários e gritos eram dirigidos aos que chegavam até “a prainha”. Geralmente, as brincadeiras tinham como objeto homens sozinhos que chegavam para banhar-se, geralmente turistas. A esses homens eram dirigidas palavras como “viado” ou “viadão”, sempre acompanhadas de assobios. Dias depois, fiquei sabendo por meio de Manuel, dono da casa que eu havia alugado, que esses assobios imitavam o canto do *curió*, espécie de pássaro muito apreciada pelos nativos da ilha. Durante uma exposição da

¹³⁰ Disponíveis em: <https://www.youtube.com/channel/UCxtG0pHXi9nMYBJk50GoyDA/videos>

¹³¹ Marcia Calderipe trabalha as formas com que se apresentam as denominações de “gringo” e “gaúcho” como categorias presente nas práticas de mediação cultural no contexto do desenvolvimento turístico em Florianópolis (2006).

pesquisadora Flávia Motta,¹³² compreendi que aqueles cantos são utilizados em rituais de competição entre os homens, um jogo de *mise en scène* de identidades sexuais masculinas feita por meio de um contraponto musical entre curiós em espaços públicos, cuja luta simbólica termina por afetar os próprios donos, quer dizer, aqueles a quem representam.¹³³



IMAGEM DE SATÉLITE DA BARRA DA LAGOA (GOOGLE EARTH, 2020).

¹³² Flávia Motta (2008) tem trabalhado este tema desde a perspectiva da teoria da reciprocidade.

¹³³ Eugênio Lacerda (2002) define essas práticas como a manifestação de uma “jocosidade” característica da sociabilidade entre os ilhéus, aqui “situada” em um contexto de luta territorial. Lacerda observa essa forma de sociabilidade durante a Festa do Divino Espírito Santo, uma das cerimônias religiosas mais importantes de toda a Ilha de Santa Catarina. Como diz Lacerda, tem-se sempre “a ligeira impressão de que os nativos estariam brigando, quando estão se comunicando inofensivamente com navalhas verbais” (p. 193). No caso particular do “churrasco” do qual participei, essa jocosidade, expressa no canto do pássaro chamado *curió*, parece ter menos a ver com a reprodução de laços internos e muito mais com a manifestação de uma identidade “ameaçada” pela presença do *outsider* ocasional, o qual não somente aparece nomeado como o “outro” através do estigma do “desvio sexual”, mas também é incorporado como adversário de um ritual de concorrência que inscreve o campo dessa luta em torno daquilo que poderia significar uma identificação entre “direitos territoriais” e “usos corporais”.

Alexandre era o mais calado do grupo. “Eu nunca quis pescar. Desde pequeno, nunca gostei do mar...”, me disse quando lhe contei que pretendia filmar cenas de pesca na Barra. No entanto, foi quem mais se mostrou disposto a conversar. Ele quis que o acompanhasse até o lugar onde havia ainda várias pedras com inscrições deixadas pelos índios que ocuparam essas terras. Ali, mostrou-me a “a Cruz do Vigia”, uma cruz de cimento que jaz – segundo uma lenda contada na Barra – sobre um antigo cemitério indígena (M2). Nesse local, ficava o “vigia”, que era o encarregado de avisar os cardumes de peixes quando ainda existia a “pesca de praia”, comentou. Alexandre, filho de pescador, não gostava de ir ao mar porque “enjoa e é trabalho muito pesado”, tinha conhecimentos e sentia pertencimento a esse grupo. Ele vivia temporariamente na casa de sua namorada, uma artesã argentina que morava havia dois anos na Barra. Propus-lhe que me auxiliasse a conhecer o lugar, ofereci-lhe um “pagamento” como se eu fosse um “turista” e ele meu guia. Provavelmente essa foi uma forma de ele me situar melhor nesse começo dentro do seu universo simbólico do que falar de etnografia. Internamente, justifiquei essa decisão considerando justo compartilhar uma parte do meus ingressos como afortunado bolsista do sistema universitário com meus interlocutores. Dessa vez, ofereci dinheiro para ser um espectador desse mundo novo.

Marcamos uma entrevista para a tarde do dia seguinte. Pela primeira vez, liguei a câmera em um tripé. A conversa transcorreu um pouco confusa e, de certa forma, foi pouco interessante, provavelmente porque minhas perguntas eram um tanto abstratas e demonstravam meu pouco conhecimento do tema. Ele propôs que saíssemos a percorrer a parte do canal onde se concentram a maior parte dos barcos da Barra. É um trajeto que inicia no “trapiche de descarga” do pescado (M3) e se estende até uns 300 metros em direção à Lagoa. Realizamos o trajeto com a câmera em minhas mãos. Alexandre subia sistematicamente nos barcos atracados, descrevendo suas características ou o tipo de rede que levavam a bordo. Na Barra, os barcos a motor são chamados de “botes”.

Teve assim uma primeira visão da sociedade da Barra da Lagoa. Auto-denominada como “comunidade”, a Barra tem crescido ao longo do canal que comunica a Lagoa da Conceição com o mar aberto (M4). Nessa parte do local, apresentava-se com maior nitidez a fusão entre o “velho” e o “novo” e o contraste dos botes atracados nos trapiches com as magníficas casas dos “estrangeiros” estabelecidos no bairro nos últimos trinta anos, durante a forte expansão imobiliária pela qual passou (e vem passando) a Ilha de Santa Catarina com o seu descobrimento como destino turístico e, mais recentemente, como destino residencial privilegiado (basicamente, encontramos gaúchos, argentinos e paulistas vivendo na ilha). Os trapiches são cais precários de madeira e pertencem, em sua grande maioria, aos proprietários da terra que beira com o canal. Muitos dos trapiches são construídos como parte de uma lógica de “obras” de candidatos políticos a vereadores e prefeitos. A construção se tornará viável — legítima — mediante o apoio de líderes locais e, particularmente, por intermédio dos representantes da Colônia de Pescadores Z11 da FEPESC.¹³⁴ Em outros casos, menos frequentes, foram os novos moradores e compradores de terra que construíram um trapiche a partir de um “acordo” que garante ao pescador um local para atracar seu barco e manter a conexão indispensável com o mar. O trapiche é um espaço intermediário entre a terra e o mar, onde se realizam diversas tarefas vinculadas com o trabalho da pesca, como, por exemplo, a distribuição do peixe capturado, a reparação de redes e motores, a limpeza dos barcos, a pesca do camarão com tarrafa, entre outras. Em geral, a moradia desses pescadores, seja por terem vendido suas terras na beira do canal seja por terem ali construído, eles mesmos, casas para alugar, durante o verão, foi deslocada para terrenos mais afastados da beira do canal.

¹³⁴ As colônias de pescadores foram criadas na década de 20 do século XX. Em 1973, são agrupadas em federações no âmbito estatal e nacional. Era de interesse da Marinha organizar os pescadores para a defesa militar do litoral (como “reservistas”) e criar condições para dar atendimento em serviços como educação, saúde, comercialização do peixe (Antônio Carlos Diegues, 1983; 1995)..

No final daquela tarde, Alexandre apresentou-me a um jovem pescador. Ailson (26 anos) estava sentado na entrada da porta do mercadinho de sua mãe. Junto a ele, o pai tecia uma rede de tainha, cuja “safra” começaria em poucos dias. “A safra de tainha” é uma safra que se realiza entre os meses de maio e julho, e por seu caráter fortemente intensivo, sempre que o clima está bom, os botes “devem” sair ao mar. Ailson estava casado com uma argentina. Antes de partir, perguntei se poderia acompanhá-los, oferecendo-lhes como colaboração o pagamento de uma parte do combustível. Ailson ficou de me dar uma resposta. Durante os anos seguintes, em outras ocasiões, convidando bebidas e churrascos, e inclusive colaborando com a compra de um gerador de energia portátil, recorri novamente a essa prática de mediação, porém, explicitando que a origem do dinheiro era do Estado brasileiro, em definitiva “era também deles” — expliquei, assim como o porquê era entregue para mim.

Continuamos a percorrer o canal até o final dos trapiches e paramos no “terreno da empresa Porto Belo” (M5); uma enorme extensão de terra desflorestada destinada a construir uma marina de luxo e cujo projeto estava parado pela ação de organizações ambientalistas. Nesse momento, conheci Sérgio — até hoje meu amigo —, um argentino. Ali soube que ele editava o *Portal da Ilha*, o jornal comunitário da Barra. Ele vivia do “outro lado” do canal, bem em frente a esse terreno. Para ele, imagino hoje, foi mais simples me localizar naquele contexto, um “gringo”, como ele, interessado por compreender e interagir como aquele mundo que transitava do onírico para a melancolia de um passado que se resiste, e também um potencial morador daquele local. Ele me convidou a conhecer seu trabalho e fazer uma “matéria” no jornal sobre o meu. Finalmente, enquanto voltávamos para o centrinho da Barra, tive a oportunidade de concretizar a primeira sequência etnográfica da minha pesquisa visual. Três homens estavam sobre um trapiche, “puxando a rede” de dentro de um bote atracado. Aproximei-me, com a câmera ligada o suficiente para me tornar visível a eles e, ao mesmo tempo, tentando não “interromper” a cena. Durante quase cinco minutos, permaneci incluído no quadro através da câmera. Os

três pescadores continuaram com sua tarefa. Contudo, após o silêncio inicial, passaram a manter uma conversa certamente jocosa sobre as qualidades culinárias de um deles, a quem chamaram – se assegurando de que eu escutasse – de “paineiro oficial da ilha”. “Paineiro” é um termo utilizado para designar jocosamente o encarregado das tarefas da cozinha dentro dos barcos, onde geralmente combina essa atividade com a da pesca. É uma tarefa identificada com o “mundo feminino”, que, como no caso dos pássaros curió, serve para colocar em cena a “fragilidade” com que é vivida a identidade masculina entre eles. Tal como comprovei meses depois, quando embarquei durante vários dias, o tempo de cozinhar é muito mais apreciado por todos os integrantes da tripulação do que sugere essa acusação.

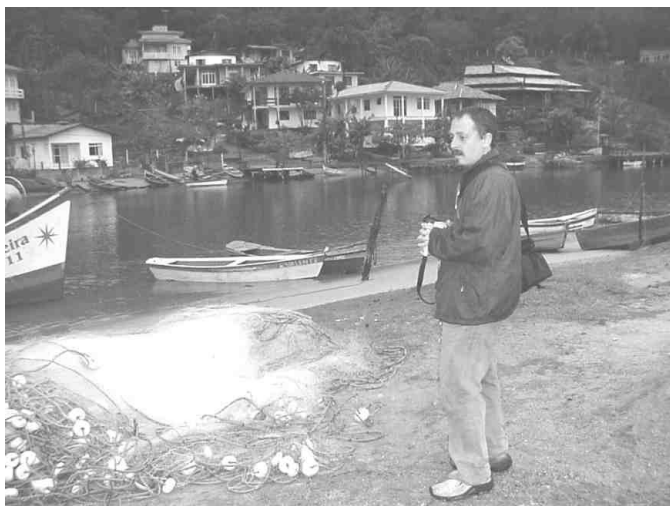


FOTO 1: NO CANAL DA BARRA (DE SÉRGIO OLIVARES, DIRETOR DO PORTAL DA ILHA, 2004).

Uma tarde, enquanto bebia uma cerveja em um barzinho frequentado pelos pescadores e próximo do trapiche de descarga, encontrei Ailson. Este se aproximou de mim e disse que “está tudo certo para sair na tainha e fazer essa matéria contigo”. Ele havia falado com seu irmão Minho (28 anos), que comandava o barco e tinha concordado que eu os acompanhasse. Ele me disse, então, que avisaria assim que estivessem preparados para sair.

No dia seguinte, Alexandre chegou até a minha casa com a notícia de que um barco havia “virado, na praia da Joaquina”, a 10 km da Barra. Peguei a câmera e fomos rapidamente até a Cruz com a ideia de esperar o arribo do barco acidentado. Este chegou rebocado e acompanhado por outros cinco barcos que tinham prestado auxílio ao tomarem conhecimento do acidente. O bote apareceu por detrás da Ponta Nossa (M6), um grande “costão de pedra” localizado no extremo leste da Barra. Era o *Pai Herói*, cujo proprietário era chamado de Bigode. Entrou no canal da Barra submerso quase por completo na água, e o seguimos durante todo o trajeto, filmando, até que foi liberado a uns 200 metros do trapiche de descarga. Nesse percurso, à diferença do silêncio do dia anterior, que caracterizava um dia em que os botes permanecem em terra, sentiu-se um agito. Muitos homens, além de crianças e mulheres, participavam da “recepção” e alimentavam a intriga com o murmúrio inconfundível de perguntas e respostas sobre o ocorrido. Já no trapiche de Bigode (geralmente cada bote tem seu próprio trapiche), entre gritos e indicações cruzadas, uns quarenta homens se esforçavam — auxiliados por uma larga corda — em tirar o bote do mar. O episódio relacionava-se diretamente com um “direito territorial” aparentemente violado pelo bote de Bigode, que “havia sido agredido por pescadores de praia da Joaquina, os quais utilizam redes de arrastão e canoas a remo durante a tradicional época da tainha” (Ailson). O barco virou por causa de uma onda imprevista, e os pescadores, reunidos nos “ranchos de praia” da Joaquina (as casinhas de madeira onde esperam a chegada de cardumes de peixe), queimaram partes do bote que chegaram até a beira da praia (parte das redes, madeiras e alguns instrumentos). Uma luta pela apropriação da “explicação” da história que o acontecimento colocava em movimento. A maciça presença de moradores na recepção do bote expressava a persistência de uma “identidade local” da Barra, em conflito com a identidade dos pescadores “tradicionais” de Joaquina.

Finalmente, fui convocado a sair junto a Minho, Ailson e Saulo ao mar. No dia seguinte, começou a minha rotina no bote *Pescadores*: saíamos aproximadamente às 5h30 da manhã e percorríamos, em um movimento

de ida e volta, os quase 8 quilômetros da praia de Moçambique (M7). Por volta das 8h da manhã, o motor era desligado, e permanecíamos à deriva, conversando e tomando café calmamente por, pelo menos, meia hora. Durante vários dias, sofri com o frio, até que Minho apareceu com botas e uma velho macacão de borracha que sua mãe tinha reparado para mim. As jornadas transcorreram dominadas pelo sentimento de espera generalizado na comunidade ante a iminente chegada dos primeiros cardumes de tainha.

Como acontece na pesca da corvina e da anchova, decisões como a de “largar” (ou não) a rede ao mar estão concentradas no comandante.¹³⁵ Ele é o encarregado de orientar o bote para localizar a melhor “posição” segundo as condições climáticas, e o resto da tripulação deve cumprir papéis que vão requerer um maior esforço físico, como os de “largar” e “puxar” a rede). Minho ocupava o papel de comandante, e quase sempre estava no mando do leme. Porém, na safra da tainha, é fundamental a presença de um especialista: o “olheiro”. Herdeiro do antigo ofício de *vigia* na pesca de praia, que permanecia durante largas jornadas esperando para identificar o cardume desde o alto do costão (na Barra, um vigia ficava localizado na Cruz, e o outro, na Ponta Nossa), o olheiro é sua réplica a bordo do bote a motor. Essa era a função do Ailson. Postado geralmente na proa do barco, esse “especialista” compartilha com o comandante a responsabilidade de distinguir, “em movimento”, “essa mancha avermelhada” que caracteriza os cardumes de tainha. Deve fazer seu trabalho com suficiente cuidado para diferenciar esta de outras manchas similares produzidas pelas sombras das nuvens, identificar o choque de correntes subaquáticas ou outros cardumes, como sardinhas,

¹³⁵ Na barra, a categoria de *comandante* é utilizada no lugar daquela do *mestre*, esta última longamente trabalhada na literatura sobre pesca no Brasil. Relaciona-se, do ponto de vista prático, com a necessidade de centralizar uma série de decisões que quotidianamente devem ser tomadas em um meio ambiente extremamente cambiante e em que o risco é uma presença permanente. Esse *saber*, sobre o qual é fundada essa figura, institui a ordem hierárquica no interior dos botes e implica, fundamentalmente, a existência de “capacidades náuticas e de permanecer alerta, coordenação de tarefas, conhecimentos do meio e articulação entre os seus elementos, assim como o relevamento submarino e o comportamento das espécies” (Simone Maldonado, 1998, p. 137).

de modo a evitar uma cercada que poderia gerar dispêndio de combustível, energia dos tripulantes e um risco extra para a embarcação e as redes. O “corticeiro” é quem se encarrega de largar a rede, e depois da “puxada” de acomodá-la no bote para uma nova largada. Saulo, um jovem gaúcho, completava a tripulação nesse papel. Apesar de não ser nativo nem pescador, sua condição de amigo era fator importante para integrá-lo.

Durante os primeiros dias, nada de tainha. Apenas algumas cercadas “na quebra” da praia de Moçambique e alguma outra “na pedra” no extremo norte do costão. A “cercada na quebra” é uma técnica perigosa. Consiste em atravessar a onda em direção à praia largando a rede antes que a onda se rompa (quebre) e voltar de maneira tal que a enfrente de proa quando esta já se tenha formado por completo. Técnica que poucos os pescadores que se atrevem a praticar. Sendo Minho e Ailson instrutores de *kitesurf* e *surf* durante o verão, para ambos resultava um tipo de cercada que lhes proporcionava diversão. Era bastante raro encontrar pescadores que congregam essas duas atividades, quando são atividades que muitas vezes entram em conflito mútuo, pois participam da luta pela apropriação do território no mar. Nesse dia também foi preciso recorrer ao auxílio do bote *Irmãos Vieira*, que se aproximou para nos ajudar a desenganchar uma parte da rede que havia ficado presa em uma pedra e corria risco de rasgar. Neste momento, “malharam” na rede uns dez “olhetes”, um tipo de peixe bastante apreciado pelos pescadores, mas que, devido à pouca quantidade, não é objeto direto de captura nessa zona. A ajuda foi retribuída com um exemplar para cada um dos tripulantes do barco amigo. Nesse momento, não imaginei que seria naquele bote onde passaria grande parte da minha experiência etnográfica.

“Tem muita gente trocando de bote na tainha”, me falaram esse dia. Esse fato devia-se não somente à qualidade tão cobiçada e própria do olho de “saber enxergar bem” (e geralmente deve combinar juventude com experiência, já que a maioria dos pescadores aos 50 anos sofre problemas de vista, como a catarata, resultado da excessiva exposição ao sol e à ação reflexiva do mar), mas também à circulação de redes de tainha entre os botes durante esse período. Possuir uma rede de tainha pode significar, para um

pescador, participar da safra “emprestando” a rede a outro bote ou, dependendo sempre de ser possuidor de uma capacidade reconhecida, participar da tripulação em troca de uma ou várias partes da produção, dependendo do tamanho da rede. “Não queremos deixar a pesca. Queremos continuar fazendo aquilo que nosso pai ensinou”, me disse Minho em um dos descansos habituais dentro do bote. Durante esses descansos, bebia-se café e se comia um pedaço de bolo, de pão ou alguns biscoitos de água e sal. “É melhor comer para não enjoar”, diziam. Era também habitual, no decorrer desses intervalos, algum bote ligado por alguns dos tripulantes e considerado como “da família” aproximar-se e se encostar com a finalidade de compartilhar o momento e trocar informações.

A filmagem estava sendo realizada com muitas dificuldades. Era difícil mover-se dentro de um bote considerado pequeno (uns 5 metros, quando geralmente medem entre 7 e 8 metros), como também manter a estabilidade entre as constantes ondas. À medida que os dias passavam, a câmera foi sendo incorporada como um elemento a mais nessa experiência, e eu, junto com ela, estava passando para categoria de “coaventureiro” que também trabalhava,¹³⁶ um “excedente de sentido”, atributo privilegiado quando se estabelece uma relação dialógica entre o investigador e os sujeitos envolvidos na crônica etnográfica. Quase todas as noites, Minho e Ailson iam até minha casa para observar as imagens. Quase sempre ficavam emocionados e excitados ao vê-las, faziam críticas aos ângulos escolhidos por mim (especialmente queriam planos maiores e sequências com menos cortes), chateavam-se com as sombras e propunham estratégias de coordenação com o objetivo de melhorar as imagens nos próximos “lances de tainha”.

Dezoito dias depois de minha primeira saída no *Pescadores*, a ansia da tainha apareceu na Barra. Nós tínhamos saído aproximadamente às 5h

¹³⁶ Acontecimento semelhante ao que descreve Ana Maria Teles (2002) em sua etnografia visual-fotográfica a bordo do bote *O Conquistador*, realizada também na Barra da Lagoa. Teles, ao refletir sobre esse fato observa que, “mais que uma participação efetiva na atividade do bote, significava compartilhar com eles a rotina, os riscos e os perigos que o mar de fora pode envolver” (p.90).

da manhã. O céu estava estrelado, e era lua nova. Por volta das 9h, depois de realizar um lance sem sorte, Ailson avistou uma “manta de tainha” no costão da Ponta Nossa. A cercada foi rápida e silenciosa. As águas são calmas nessa região, o que permitiu que Minho se aproximasse bastante do costão. Contudo, quando o barco terminou de fazer o círculo e preparou-se para “trolhar a rede” (fechar), Ailson nos advertiu de que a maior parte dos panos (de 50 metros) de rede do tipo “malha 11” estava ainda dentro da embarcação, já que o círculo feito por Minho era pequeno e a maior parte da rede que estava na água era de “malha 9” (a malha é o tamanho do orifício da rede, o qual deve ser adequado ao tamanho do peixe procurado). Quer dizer, os tamanhos dos orifícios da rede não eram suficientes para aprisionar o peixe. Decidiram “fazer um caracol”, isto é, largar o resto da rede por dentro do primeiro círculo e aí, sim, fechar ambas ao mesmo tempo. A manobra foi um êxito. O resultado foram quase 500 quilos de tainha. Depois de puxar a rede, perguntei-lhes sobre o ocorrido. Ailson me respondeu que Minho “ficou com medo por estarmos matando peixe numa área proibida, numa área protegida pelo IBAMA, então ele se apressou demais”.¹³⁷

Ao atracar o bote, por volta do meio-dia, uma vintena de homens e mulheres nos aguardava no trapiche, em frente ao mercado também de propriedade da família. Esse fato me surpreendeu, já que o bote não tinha radiotransmissor. Algum gesto havia comunicado o êxito da pescaria durante a entrada no canal na Barra. Os homens ajudaram a “desmalhar o peixe”. O pai e a mãe não esperaram terminar o processo e tomaram meia dúzia dos melhores exemplares que estavam sendo colocados sobre o solo de madeira do trapiche. Após armazenarem todo o pescado em uma dúzia de caixas de plástico, este foi levado para ser pesado na balança localizada ao lado do mercado. Maria, a mãe, assumiu, então, o controle da operação de distribuição do peixe, colocando-o em sacolas de plástico trazidas por mulheres. Algumas delas levavam consigo mais de um exemplar, sendo devidamente orientadas por Maria com relação ao seu destino, ou seja, a qual

¹³⁷ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA).

pessoa cada um desses peixes deveria ser entregue. Ao mesmo tempo, meio que de soslaio, ela “controlava” Minho e Ailson enquanto eles davam “a tainha que ganharam” – como retribuição – a cada um dos homens que ajudaram. “Hoje se mataram quase 30 toneladas de peixe”, contavam na Barra.

Um dado distintivo que diferencia essa família da maioria dos pescadores da Barra é que, no seu caso, o circuito comercial está relativamente “fechado”. Ernani, o outro irmão, era dono de uma pequena peixaria ao lado do mercado e também fornece peixe a uma grande parte dos restaurantes da Barra. E inclusive, o excedente ou uma grande parte da produção era quase sempre absorvida pelo restaurante de propriedade de sua irmã, localizado na beira do canal. Na verdade, a maioria dos pescadores eram obrigados a vender a totalidade do produzido aos compradores e, inclusive, estão proibidos de vender diretamente aos restaurantes e aos turistas. Como resultado, foi criada uma espécie de “circuito clandestino”, em que pessoas que recebem o peixe no trapiche, por serem familiares ou amigos, vendem para os restaurantes.

Durante a distribuição e pesagem do pescado, o pai de Minho e Ailson entrava e saía do mercado vociferando. Em uma dessas saídas, perguntou para Maria a quem Minho ia dar seis tainhas, divididas em duas partes iguais. Sem mostrar muita paciência, Minho chamou a Saulo e a mim para que pegássemos nosso “quinhão”,¹³⁸ como é chamada a parte que corresponde a cada tripulante (que, no meu caso, seria só em espécie). O processo, por vezes, parecia confuso e tenso, talvez pelo grande número de pessoas reunidas em torno ao acontecimento “milagroso” da distribuição, mas também porque deveriam transformá-lo em uma operação marcada por certa “justiça” que devia corresponder a uma “sensibilidade econômica”

¹³⁸ Medida com a que se denomina a parte que corresponde a cada tripulante do bote. Usualmente, o dono da rede e do bote recebe 50% do capturado. O restante é dividido igualmente entre os tripulantes, sendo que o comandante recebe uma parte a mais que os demais.

em que “os pescadores velhos e aposentados, os meninos e as mulheres são os primeiros”.

Nessa mesma noite, Ailson veio assistir às imagens. Uma das primeiras dentre várias sessões de feedback¹³⁹ que realizaríamos. Apesar das críticas em relação à utilização de alguns planos curtos, os quais, sempre tratava de explicar-lhes, serviam para dar mais dinamismo à edição, as preocupações de Minho quase sempre se centralizavam no uso de palavras ou nas imagens em que apareciam fumando cigarro: “Tira isso, Matias, do filme, a mãe não vai gostar de ver isso”, frisava. Perguntei-lhe o porquê de tanta tensão em sua relação ao pai. Respondeu-me que “o pai não quer ver crescer os filhos por cima dele”. Segundo ele, 50% da tainha capturada naquele dia ficaria em mãos do pai porque “é o dono do bote e da rede”. Essa porcentagem é o que recebe, por costume, “qualquer dono que entrega o bote a um comandante para trabalhar”. Ele e o irmão pretendiam que o combustível gasto nos últimos vinte dias não fosse descontado da primeira boa pescaria, pois isso os deixaria praticamente zerados. Em outra ocasião em que voltamos a conversar sobre o tema, Minho contou que planejava transformar o mercado da família em um restaurante que se chamaria *Pescadores*, como o bote. Como o trapiche se encontrava em frente ao local onde seria o restaurante, o bote funcionaria como parte de um circuito turístico, que também incluiria levar os futuros clientes a fim de “experimentar” pessoalmente a pesca. O circuito incluía aulas de *surfe kitesurf*.

¹³⁹ Marc Henri-Piault (2000) designa esse processo como “antropologia do intercâmbio”. Segundo o autor, traduz mais adequadamente o trabalho de campo e objetiva as relações recíprocas entre o pesquisador/cineasta e suas personagens. As sessões de visualização das imagens registradas em forma sistemática permitem assumir a distância e a proximidade do processo de intercâmbio. Em *A aventura etnográfica*, James Clifford (1998) cita como antecedente da “antropologia compartilhada” de Jean Rouch, em Marcel Griaule, quando este antropólogo francês entendia a antropologia como um processo de “documentação” de dados (até mesmo os visuais) no qual, “uma vez apropriadamente testados e qualificados, poder-se-ia confiar aos informantes tarefas de pesquisa. Com um controle adequado, eles poderiam se tornar auxiliares regulares, e, de fato, membros da equipe” (p. 199-200).

Durante os dez dias seguintes, saímos em busca da tainha. O resultado foi magro, apenas pouco mais de 200 quilos. Uma noite, sentados no “Sombra Bar”, Ailson veio me chamar para que o acompanhasse a assistir a chegada dos botes com peixe ao trapiche de descarga durante o processo de “pesagem”. Tinha sido uma jornada excepcional de pesca na Barra. Os botes, alguns com tainha e outros com corvina, chegavam “chapados de peixe”, um atrás do outro. Naquela noite, a cena repetia em maior dimensão o acontecido no trapiche de *Pescadores*. Um grande número de homens, e em menor quantidade algumas mulheres, alternavam-se ritmicamente, de acordo com a chegada de cada barco, e pelo que pude entender, respondia a relação mais próxima dessas pessoas com seu comandante, a tripulação e o dono. Uma proximidade que em geral ganha forma pela familiaridade e pela amizade. Esse mesmo movimento “rítmico” era seguido por um movimento similar de outro personagem importante desta história, o “atravessador”. Dependendo se o bote que atracava era de um ou de outro, Seu Silvio ou Seu Ari, os dois intermediários que monopolizavam a compra do pescado, davam ordens para acercar seus respectivos caminhões ao trapiche de descarga. Ambos atravessadores pagavam o mesmo preço e vendiam o peixe para a mesma empresa que os comercializa,¹⁴⁰ a *Pioneira*. Porém, de certo modo, a concorrência entre eles existia, mas estava em “outro lugar”. Provavelmente, na capacidade dos atravessadores para estabelecer laços de confiança e de obrigação mais fortes com os melhores pescadores e os melhores botes. O poder de ambos radicava na capacidade de produzir crédito e, assim, criar condições para alimentar um círculo da reciprocidade.¹⁴¹

¹⁴⁰ Tal com descreve James Acheson (1981) na sua pesquisa sobre os *fishhouses* nos EEUU, na Barra também todos acreditam que “os donos das duas fishouses locais fixam os preços do pescado de comum acordo, de forma que o preço é sempre inferior ao de uma situação mais próxima ao de um ideal de mercado” (p.63).

¹⁴¹ Capacidade que, afirma Remo Guidieri (1989), levar-nos-ia a pensar em uma espécie de “antropologia da alienação”, que se inscreve nos problemas políticos da lógica do poder e na relação deste com o velho mecanismo da usura, que vai responder mais às necessidades de representação simbólica da alteridade do que às do mero intercâmbio.

Enquanto observava e filmava todo esse processo, Ailson chamou-me para ver o que ocorria no setor onde estacionavam os carros. Quatro ou cinco homens bem vestidos chegavam correndo desde o bote atracado com vários peixes em suas mãos e depois se apressavam em encher os portamalas de seus carros 4x4 com caixas carregadas de gelo. “Ninguém conhece esse pessoal aí, são os políticos amigos do atravessador. Mas não dá para filmar aí, tá ligado?”, disse Ailson. Atendi ao pedido e continuei observando o fato. O mais curioso não era tanto que pessoas com dinheiro para comprar o peixe o recebessem “de favor”. O que resultava mais “intrigante” era o fato de os pescadores entregarem, com suas próprias mãos, os melhores exemplares, com um sorriso desenhado no rosto e fazendo comentários amistosos. Havia, no meu entender, algo mais do que uma suposta vontade do atravessador naquela cadeia simbólica, que, era evidente, deveria então também explicar “outra coisa”, “outras necessidades”, um círculo de reciprocidades que eu desconhecia. Nessa mesma noite, iria conversar com Valdeci, que se transformaria no maior dos meus amigos durante a última etapa da minha aventura. Ele me tinha sido apresentado por Sérgio, já que ele alugava a casa da mãe do outro lado do canal. Nessa noite, ele deixaria um observação unicamente possível com a jocosidade que caracteriza a vida desse personagens: “[...] quando o atravessador empresta dinheiro pra comprar rede, aquele que fica malhado é o pescador”.

O morador participa do cotidiano

Viajei a Buenos Aires e voltei no início de setembro, trazendo comigo o documentário *Homens de mar e terra* já terminado. Ao dar continuidade ao meu trabalho de campo, resolvi organizar uma “apresentação pública” do vídeo, no intuito de produzir discussões sobre alguns temas que aparecem

no documentário.¹⁴² Decidi alugar a casa de Maria, mãe de Valdecí, bem próxima à residência de Sérgio, o argentino editor do jornal comunitário *Portal da ilha*, o qual interessou-se pelo meu trabalho e me pediu ajuda em um número especial do jornal inteiramente dedicado à pesca. O lugar parecia muito tranquilo, ficava do outro lado do canal e bem em frente ao terreno da empresa Porto Belo (M8). Maria (75 anos) foi morar em um quartinho colado à casa. De um lado, Maria me permitiria obter uma perspectiva diferente sobre a pesca na Barra, do outro, o jornal me ajudaria a divulgar a apresentação pública do documentário com a qual “fecharia” meu trabalho de campo. No entanto, quando contei a Ailson onde pensava viver nos próximos três meses, este me disse que aquele local era conhecido como “a favela da Barra” e acrescentou dizendo que “tem muita bagunça. Não vai conseguir trabalhar bem lá”. Não levei em consideração esse comentário porque sabia que sua mãe, também chamada Maria, tinha a intenção de me alugar um apartamento próximo ao mercado. Por outro lado, a vantagem de morar durante um certo tempo no “Morro de Torquato”, como era conhecido o lugar, parecia, naquele momento, muito clara para mim: o local era de difícil acesso, já que só podia ser alcançado por água em “bateras”.¹⁴³

Algumas noites antes de organizar minha chegada à “nova casa”, estive bebendo umas cervejas com Ailson. Naquela ocasião, um grupo de pescadores festejava em uma das mesas contígua à nossa. Um deles aproximou-se do balcão onde eu estava. Ailson o cumprimentou e me apresentou como “o cara que esta fazendo o filme sobre a pesca na Barra”. Seu nome era Adailton (45 anos). Ele me disse, com entusiasmo, que sabia o que eu estava fazendo, que várias vezes tinha me visto no mar filmando no bote. Convidou-me à mesa e me apresentou a sua tripulação. Tinham chegado havia poucas horas de uma travessia de cinco dias no sul da ilha, próximo

¹⁴² Pensava na realização de um evento público capaz de resignificar à prática do *feedback* empregada por Robert Flaherty ou Jean Rouch, ambos considerados “pais” da moderna antropologia visual.

¹⁴³ Pequenas embarcações de madeira impulsionadas por canas de bambu.

a Imbituba (porto ao litoral sul de Santa Catarina). Estavam buscando cardumes de anchova, uma espécie que estava liberada do “regime de defeso” (proibição da pesca de uma espécie determinada pelo IBAMA durante a reprodução da mesma) naquela época do ano e cujo preço é bastante alto, em comparação com a corvina. Estavam festejando porque tinham “matado quase quatro toneladas de peixe na pescaria”, me disse Luciano, uns dos tripulantes. Como já tinham programado uma próxima saída para o sul (onde “está dando anchova”), Adailton convidou-me a acompanhá-los para filmar. Seus tripulantes se mostraram uns tanto irônicos comigo, pois não acreditavam que suportaria tanto tempo no mar. No entanto, Adailton se apressou em dizer de forma tão convicta: “ele não vai atrapalhar, eu sei que ele não enjoa”. Essa frase foi suficiente para fazer cessarem os comentários. Para os pescadores de mar aberto, a presença de alguém que não está acostumado ao movimento do barco e corre o risco de enjoar é sumamente problemática. Existem explicações do tipo: “o peixe vai embora” quando alguém vomita no mar. Adailton despediu-se de mim dizendo que iria “dar um toque no dia anterior à saída, depois que o vento sul chegar”. Fiquei conversando com Bidi, um dos tripulantes, que insistentemente me falava das “incríveis imagens” que veríamos durante a viagem.



FOTO 2: CONVERSANDO COM ADAILTON (DE SÉRGIO OLIVARES, 2004).

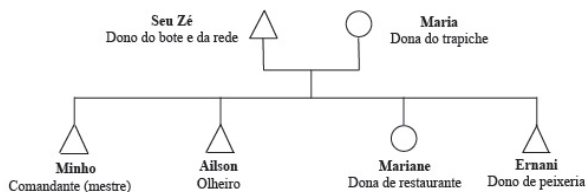
Como temia que tudo não passasse de “conversa de bar”, no dia seguinte fui até o trapiche onde Adailton atracava seu *bote*. Ao chegar, vi que estavam trabalhando em sua “escuna”, o *Querubim*, e pedi permissão para subir (a “escuna” é um barco de uns 15 metros usualmente usado para passeios). De acordo com o que Adailton me disse, estavam “construindo um porão para congelar o peixe”. Tratava-se de uma cava térmica que estavam instalando na proa do barco, no lugar onde anteriormente era o camarote de proa. O objetivo era, com esse “porão”, manter o pescado fresco durante os cinco ou seis dias de pesca. “É a primeira vez que alguém faz uma coisa assim na Barra”, me disse. A “adaptação” da escuna de Adailton, que é utilizada durante os meses de verão para fins turísticos, lhe permitiria permanecer mais tempo pescando, reduziria os custos e aumentaria a autonomia e capacidade de deslocamento no mar (dando a ele também uma melhor posição para negociar o preço).

Durante os vários dias de espera após a minha visita ao *Querubim*, dediquei-me aos preparativos da apresentação do documentário. Tinha

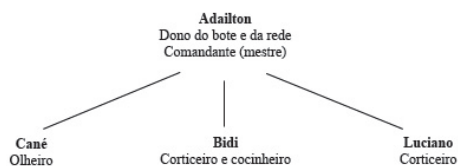
deixado uma cópia do vídeo com Sérgio e entreguei outra para Ailson e para Minho. Sérgio me informou de que estava preparando uma apresentação do filme na sua casa e que assistiriam alguns moradores e pescadores, entre eles Minho e Ailson, os quatro filhos pescadores de Maria. Quase todas as vezes que visitei Sérgio, Maria aproximava-se de mim para conversar. Ela havia perdido três de seus irmãos no mar havia mais de 30 anos, durante jornadas de pesca realizadas nessa época, em canoas a remo, próximo à Ilha de Xavier. Se referia a si mesma como uma “contadora de histórias”. Lembrava-se “como se fosse ontem”, de quando ajudava seu pai na roça: “Ele era um bom homem... trabalhador... mas batia muito na gente”, me disse uma vez. Meses depois, já vivendo na casa de dona Maria, em várias ocasiões a vi passar correndo com uma vara fina de plástico em tumultuosas perseguições a seus netos e outras crianças que viviam no Morro.

ESTRUTURA DOS BOTES

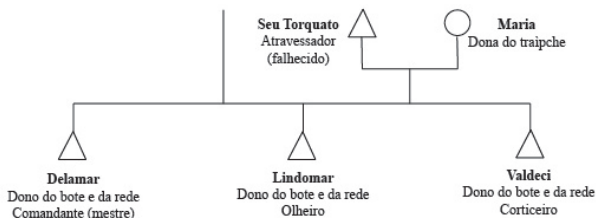
PESCADORES



QUERUBIM / OSSO DE BALEIA



IRMÃOS VIEIRA



Quase uma semana depois de meu encontro com Adailton, recebi a visita de Luciano, um dos tripulantes. Eram aproximadamente 10h da manhã. Eu devia estar no trapiche de descarga ao meio-dia se pretendia participar da travessia ao sul. Apenas uma hora depois de minha chegada, e após carregar várias caixas de gelo para o porão recentemente construído, saímos com o *Querubim*. Já em mar aberto, juntou-se a nós o barco denominado *Osso de Baleia*. Esse bote é destinado especificamente à pesca com

rede e também é de propriedade de Adailton. O *Osso* estava sendo conduzido por Cané, um dos três tripulantes. Uma vez em mar aberto, o *Osso* foi atado com uma corda à popa do *Querubim*. A partir daí, começou a viagem que nos levaria até as ilhas conhecidas como Três Irmãs, localizadas no sul da ilha (a uns três ou quatro quilômetros da praia do Pântano do Sul, no sul da ilha). “Vais ver os caras de lá, coitados, eles dormem a noite inteira nos botes, tens que vê-los com chuva dormindo lá, coitados”, havia me dito Bidi antes de partirmos, mostrando um sentimento de “superioridade” em relação a pescadores considerados rudimentares e pobres. Para os pescadores “artesaniais” (os “tradicionais”, como são denominados os do Pântano de Sul pelos da Barra), durante a safra da anchova, dormir nos botes, próximo a alguma das ilhas, é uma prática comum. O bote permanece preso a um dos extremos da rede enquanto os tripulantes se alternam para “tomar conta da embarcação e da rede”. Por um lado, essa prática reduz os riscos de se perder as redes — seja por ação das correntes ou por roubo —, e por outro, diminui os custos com o combustível, já que a rede deve ser retirada da água, preferivelmente, entre 6h e 7h, para evitar que a espécie capturada caia em mãos de outros predadores (como o pez espada). Mas durante aquela época do ano, quando as noites ainda são muito frias, essa prática torna-se demasiadamente sofrida.

Uma vez em mar aberto, ao descobrimento da companhia do *Osso de Baleia* se somaria outro, mais intrigante e revelador. O rumo escolhido, contrariando as minhas certezas e da tripulação, não foi o sul, porém ao norte. Adailton havia recebido um chamado em seu celular o dia anterior, da parte do pessoal “amigo” de Imbituba, informando-o de que estava para chegar uma tempestade muito forte pelo sul, o que nos deixaria pouco tempo para achar um local protegido em algumas das ilhotas dessa zona. Adailton preferiu então escapar da tempestade, indo em direção ao norte, sem suspender uma viagem longamente programada e publicitada no bar durante várias noites precedentes, até a Ilha do Arvoredo, a umas seis horas de navegação, aproximadamente. O modo inesperado pelo qual fomos avisados do novo rumo e da tempestade fazia parte da prática do “segredo”

tantas vezes mencionada na literatura sobre a pesca. Essa prática, quase por completo ausente da tradicional pesca de arrasto de praia, é construída, entre outras coisas, a partir da “capacidade do bote”, por intermédio do mestre e de seus tripulantes, de fazer parte de um ou vários circuitos privilegiados de informação.¹⁴⁴ Portanto, o fato de termos sido surpreendidos pela comunicação da mudança repentina no rumo dava a Adailton o controle sobre um conhecimento “extra” que seria confirmado como “correto” nas próximas horas e dias. Porém também era necessário que a informação sobre a tempestade que chegaria desde o sul fosse “ocultada” dos pescadores da Barra, que não deveriam saber da mudança até o retorno da expedição. A mudança deveria ser “revelada” oportunamente para a tripulação, a fim de que não se corresse o risco de que, ao comunicá-la apressadamente, em terra, a notícia se espalhasse entre os outros pescadores. O momento escolhido por Adailton para “passar” a informação tinha por função criar uma expectativa em relação ao futuro, favorecendo a coesão da tripulação, por um lado, e por outro, gerando uma intriga na comunidade, que seria reforçada na volta do barco para terra.¹⁴⁵

¹⁴⁴ Maldonado (1994) observa que “o *segredo* de que o *mestre* é guardião e detentor, tem um conteúdo de informações que podem ser ocultadas ou reveladas em intensidades diferentes, mas se trata também de feixes de relações morais e afetivas, de acordos éticos da ordem da solidariedade enquanto competência tecnológica e enquanto participação comum no processo de trabalho” (1994, p. 46). A prática do *segredo* funciona como um *habitus* estruturante — como um “poder gerador, diferenciador e unificador ao mesmo tempo”, diz Pierre Bourdieu (1997) —, que opera invisivelmente e se alastra em um campo de laços também políticos e familiares. Esses laços, por sua vez, definem, também, “alianças” entre barcos e famílias, tendo repercussão na dinâmica que estas últimas desenvolvem em terra quotidianamente.

¹⁴⁵ Diegues (1995) recupera o *segredo* historicamente como uma prática surgida durante a expansão marítima espanhola e portuguesa durante os séculos XV e XVI. Nesse período, “as previsões (dos capitães) pareciam mais próprias de um jogo do que uma verdadeira ciência. Por isso, para evitar que sua insegurança fosse descoberta, o piloto costumava dar a seus cálculos uma atmosfera de sigilo que tornava a determinação da latitude numa espécie de cerimônia iniciática compreensível só para alguns escolhidos” (p. 74).

Chegamos à Ilha do Arvoredo por volta das 8h da noite. Atracamos em um dos embates da baía sobre a ilha, já que o vento era noroeste (um vento constante e, em geral, quente), e imediatamente embarcamos no *Ossô da Baleia* para “largar a rede”. Segundo nos contou Adailton, a tempestade não chegaria à ilha até o amanhecer, assim, deveríamos nos apressar e aproveitar o bom tempo desta noite. A rotina da pesca da anchova é bastante simples, ainda que sacrificada e intensa. Permanecemos largando e recolhendo redes cada três horas entre o costão e uma ilhota que se localiza a uma milha de distância. A rede era mantida submersa na água durante aproximadamente 45 minutos e, depois, puxada. Como não se colocava uma bandeira flutuante em um dos extremos da rede, esta permanecia no fundo, e era necessário que Cané a “pescasse”, lançando várias vezes uma linha com um anzol de calamar que a localizava no fundo (a corda que une a rede ao longo pela parte superior). Como a única luz que havia era a da Lua e a de um tênue reflexo do farol que estava localizado sobre aquele costão, a operação para encontrar a rede submergida na água exigia um conhecimento de *marcação*¹⁴⁶ por parte de Adailton, mas também uma habilidade em manejar o barco, já que, frequentemente, devíamos chegar muito perto do local onde a onda quebrava contra as pedras.

Durante um dos trajetos entre o costão e a ilhota, logo depois de “largar” uma rede e antes de “puxar” a outra que já estava na água, fiquei surpreso ao ser proibido de acender um cigarro por parte de Adailton, que me mostrava o farol que estava sobre nossas cabeças no alto do costão. Simplesmente obedeci. Ficamos ali até aproximadamente 11h da noite “matando” quase 700 quilos de anchova. Voltamos quando, finalmente, Adailton cedeu aos apelos de fome e frio da tripulação. Ao chegarmos ao *Querubim*, perguntei-lhe o porquê da proibição do cigarro. Explicou-me que estávamos

¹⁴⁶ A prática da *marcação* consiste em localizar espaços no mar e “criar” lugares adequados para a pesca. Realiza-se por meio de um mecanismo de referências simultâneas com certos pontos em terra. Esse saber permite “assegurá-los” para voltar nos dias ou meses posteriores

“pescando num lugar proibido pelo IBAMA, e acontece que agora o pessoal tá em greve e não podem pegar nós, porque não tem barco deles na ilha”, mas era melhor não chamar atenção, uma vez que íamos permanecer por uns dias na ilha. Foi então que compreendi o porquê da rede sem boia flutuante, o uso do anzol e da luz — que normalmente serve para iluminar as redes — completamente apagada. A Ilha de Arvoredo é uma “reserva natural” localizada ao norte da ilha. Porém, ao contrário do registro visual resultar “problemático”, Adailton — de forma similar a Minho e Ailson durante a “cercada” — mostrou-se eufórico pelo “valor das imagens” que eu estava capturando e evitou qualquer censura. Esse me pareceu ser um outro episódio que expressava uma batalha pela apropriação da historicidade territorial. Em definitivo, a tensão com a categoria de “preservação” era a mesma que tinha enfrentado os pescadores no episódio da “virada”.

Durante três dias, ficamos rodando a ilha com ambas as embarcações de acordo com a mudança do vento. À medida que o clima permitia, saíamos a pescar com o *Ossó*, geralmente durante a noite. As tarefas, no barco, eram divididas da seguinte maneira: Adailton era o responsável pela maioria das decisões sobre a pesca, o controle do leme de ambos os barcos e sobre os tempos de deslocamento, que eram permanentes na escuna e que estavam à mercê de uma avaliação do vento e do clima. Bidi ocupava-se da cozinha da escuna — sempre sobe a acusação de “paineiro” —, onde eram preparados os alimentos e onde dormíamos. Ele também tinha uma certa influência na hora de opinar sobre as condições climáticas e se ocupava das tarefas relacionadas com as redes durante a pescaria. Cané, enquanto ficávamos na escuna, passava a maior parte do tempo dormindo ou escutando música em seu *walkman* (velho rádio reproduzidor pequeno com fones de ouvido). No entanto, no *Ossó*, compartilhava com Adailton a responsabilidade da marcação das posições. Essa era uma tarefa muito importante no volátil sistema hierárquico da tripulação, pois perder uma rede poderia significar o fracasso da expedição e uma grande perda econômica. Por último, Luciano participava da maioria das tarefas menores, não sem mostrar seu descontentamento com isso, o que gerava respostas sobre sua condição de “aprendiz”.

As condições do tempo não muito favoráveis e a escassa visibilidade, comum nos horários em que saíamos para pescar devido a nossa situação “irregular” na ilha, dificultavam bastante meu trabalho como “documentarista da expedição”. Por outro lado, durante as horas de descanso na escuna, não me sentia muito confiante para intervir com a câmara. Já que estava planejada uma nova viagem para a qual eu havia sido também convidado, pareceu-me conveniente participar das tarefas da forma mais ativa possível, especialmente colaborando com Luciano — o mais “baixo” na hierarquia do barco —, e esperar a próxima viagem para filmar melhor (o que não foi possível concretizar). Ao mesmo tempo, o resto da pescaria havia sido pobre, apenas uns 300 quilos a mais do que os que foram capturados no primeiro dia, e eu percebi que “essas” eram precisamente as imagens que esperavam de mim, e não as referentes à intimidade do barco.

O tempo melhorou na madrugada do terceiro dia. Partimos do *Arvoredo* antes de amanhecer, com a intenção de “provar a sorte na Ilha das Aranhas”, localizada em frente à praia do Santinho, no norte da Ilha de Santa Catarina. A viagem terminou ali de forma abrupta. Foi resultado de uma manobra malfeita por Cané, que se distraiu enquanto Adailton e Bidi colocavam uma borracha de automóvel na corda que servia para arrastar o *Osso* e com objetivo de diminuir a tensão. A “distração” resultou em um choque entre os dois barcos que terminou com a ruptura da última “quaderna”¹⁴⁷ de popa do mesmo. Esse acidente nos obrigou a voltar ao porto da Barra antes do previsto e custou a Adailton um prejuízo de quase 50% de sua parte do produzido durante a viagem. Geralmente, o dono do barco e da rede recebe 50% do produzido, descontando os gastos com o combustível, mas ele deve se responsabilizar por qualquer imponderável em sua totalidade. No caso de ser também *comandante* do bote, recebe uma parte dos 50% restantes (como qualquer outro tripulante).

147 As “quadernas” são partes fundamentais da estrutura de qualquer barco.

O etnógrafo encena o mundo

No dia seguinte ao da nossa acidentada chegada a Barra, finalmente mudei para a casa que seria minha nova moradia, pelo menos durante os três primeiros meses: o Morro do Torquato, a “favela da Barra”. Na mesma noite de minha chegada, enquanto tomava umas cervejas no Boteco do Kimey, onde se reuniam os pescadores dessa parte da Barra, fui apresentado a Valdeci, que dias antes tinha assistido ao documentário junto com Sérgio, em sua casa. Como Adailton e muitos pescadores da Barra, Valdeci permaneceu muitos anos trabalhando embarcado na pesca industrial. Ele e seu irmãos Delamar (47 anos) e Lindomar (45) também migraram quando adolescente, primeiramente para o Rio Grande (RS), e em seguida para Santos (SP). Uma época marcada por um êxodo muito importante vivido pela sociedade da Barra, em meados dos anos 70 do século XX. Esse “êxodo” foi provocado pela demanda de uma indústria pesqueira em expansão na época necessitada de mão de obra com certa experiência no mar. Os três eram proprietários do bote *Irmãos Vieira*, e com eles iria ter a possibilidade de compartilhar longas jornadas de pesca de anchova e corvina.

O fato de ter visto o documentário no Boteco do Kimey na minha ausência parecia ter criado um laço com Valdeci, antes mesmo de nos conhecermos pessoalmente. Ele “tinha gostado muito do lance da tainha no filme”, falou. Ao lhe indagar o porquê de tanto prazer ao assistir a safra, ele me disse: “A tainha é o bicho mais lascivo que tem no mar, ele é rápido, ele se esconde entre as pedras, e quando ele é cercado, ele pula por cima da rede, ou sai por baixo.” Nessa mesma noite em que conversei com Valdeci, fui convidado a sair para pescar no bote *Irmãos Vieira*, mas uma forte gripe impediu-me de concretizar a saída.



FOTO 3: JUNTO A SÉRGIO, VALDECI E DELAMAR, ASSISTINDO O DOCUMENTÁRIO NO BOTECO (DE EMILCE, 2004).

O bote *Irmãos Vieira* tinha sido comprado havia quase seis anos em partes iguais por Valdeci e dois de seus irmãos, Delamar e Lindomar. Desde então, este havia sido o pior ano de todos em relação ao volume de pesca. No mês anterior, não haviam conseguido superar os 400 reais de lucro para repartir entre os três, uma vez descontado o combustível. Normalmente, durante os cinco primeiros dias do mês, os donos de cada barco recebem o pagamento do “atravessador”, descontados os gastos com combustível e eventual reparo de motores e compra de redes, que este último financia no decorrer do mês. Tanto Ari como Silvio, os dois compradores de peixe, mantêm contas-correntes no posto de gasolina marítimo que está à beira do canal, mas também fornecem os mecânicos de motores e pagam diretamente para os estaleiros (M9). De acordo com Valdir, o irmão *comandante* (mestre), “Ari é melhor que Silvio, porque ele compra o peixe miúdo, ele compra tudo a 50 centavos, a um real”.

Pude compreender, a partir do ponto de vista de Valdeci e de outros pescadores com quem conversei, que o *atravessador* era percebido por eles como um “mal necessário”. Com relação a esse personagem, recriávamos o fato de ele receber um lucro excessivo com o produto do trabalho do pescador, mas também lhe atribuíamos o fato de ser quem torna possível a compra da grande maioria dos barcos e de sua “aparelha”¹⁴⁸ por meio do crédito. Delamar, Valdeci e Lindomar ficaram embarcados na pesca industrial e conseguiram reunir capital suficiente para comprar um bote na sua volta à Barra, no entanto, sempre precisaram recorrer a Ari para comprar a aparelha. Isso os mantinha “atados” a esse atravessador por um laço afetivo que continuava a existir depois de pagarem toda a dívida contraída. O mesmo tipo de vínculo com Silvio tinha Adailton, que, à época em que saímos para Arvoredo, devia uma importante soma de dinheiro que pegara emprestado para fazer vários reparos na escuna. Esse fato, segundo me recordo, não era bem-visto pela tripulação, que reclamava pedindo a ele que negociasse um melhor preço devido ao grande volume de pescado que tinham capturado nas suas viagens “experimentais”.

Alguns meses depois, uma noite, me contaram uma outra história. Antigamente, os *atravessadores* eram aquelas pessoas que “atravessavam” a lagoa, em pequenos botes (catraios), levando o pescado para vender no centro da cidade. Também “traziam”, ao voltar, determinados produtos manufaturados que eram apreciados e necessários para a vida cotidiana (como, por exemplo, combustível para a iluminação). Ou seja, o passado desse intermediário que hoje aparecia questionado na superfície como um ambíguo “emprestador” apresentava-se, na memória coletiva também, carregado de valores e significados socialmente compartilhados e hierarquizados pelos nativos e associados com o bem-estar. Ainda hoje, Valdeci e Delamar lembram que “foi na casa de Ari onde nós vimos pela primeira vez uma televisão”.

¹⁴⁸ Chama-se localmente *aparelha* as redes e demais instrumentos necessários para pescar.

Iniciei minhas saídas no bote. Era tempo de anchova. Quase sempre tinha que esperar mais de uma hora depois do horário acertado com Valdeci, porque fortes discussões entre ele e Lindomar precediam as partidas. Já tinha sido advertido por Valdir — o irmão maior — de que “nesse bote briga-se muito”. Todavia, minha tendência — errada — era a de vincular essas brigas com aquela “jocosidade” antes mencionada. Geralmente, saíamos duas vezes durante um mesmo dia, sendo que a primeira saída era perto das 6h da manhã. Ao chegarmos à Ilha de Xavier, — a poucos quilômetros ao leste da Barra —, “puxava-se” a rede, retirando o “peixe malhado” durante a noite, e se largava em seguida, deixando-a na água novamente. Voltávamos à terra para almoçar e descansar e saíamos outra vez, às 5h da tarde, para realizar a mesma operação e deixar a rede no mar durante a noite. Não lembro de um dia sequer em que voltássemos com mais de 60 quilos de anchova. Delamar comandava o barco e, em geral, mantinha-se à margem das discussões. Sem embargo, Valdeci e Lindomar, encarregados de largar a rede e manipular o guincho (uma polia mecânica que auxilia a puxar a rede), discutiam permanentemente. Apesar de as saídas para pescar serem cada vez mais comuns, eu não estava particularmente preocupado em repetir uma situação etnográfica como a que tinha “capturado” no documentário anterior. De fato, minhas energias estavam concentradas na apresentação do mesmo. Por outro lado, poucas vezes consegui que os pescadores desse bote se interessassem pelas imagens, para que as víssemos juntos. Parecia-me evidente que os três protagonistas conheciam muito menos as ferramentas visuais do que Minho e Ailson, e que, até certo ponto, se sentiam envergonhados de opinar sobre as imagens. No entanto, atuavam com bastante “naturalidade” durante as filmagens e pareciam se acostumar, dia após dia.

Quinze dias depois da primeira saída, ao regressarmos, de manhã, da Ilha de Xavier, filmei a substituição da rede de anchova (essa safra chegava ao fim com um resultado magro para eles) pela rede de corvina na beira do canal, em frente ao trapiche, e fiz um comentário, dizendo que estava filmando o começo dessa nova safra. Na realidade, “não é uma safra,

pois a corvina dá todo o ano”, me disseram. À noite, Valdeci me informou que começaríamos a pescar corvina. Quando lhe respondi que não poderia acompanhá-los por dois ou três dias, surpreendeu-se e me perguntou para que serviam, então, aquelas imagens capturadas durante a manhã, se elas não teriam “continuidade”. Esse comentário evidenciava que a montagem audiovisual não era uma ferramenta que eles soubessem manipular, porém, reafirmava algo que já havia estado presente quando Minho e Ailson insistiram, durante as sessões de *feedback*, por planos com maior profundidade de campo. Tratava-se, talvez, da necessidade de apreender o processo do qual participávamos, onde a pesca e o filme estavam em uma ordem sincrônica, como uma totalidade que, neste caso, estava sendo exigida para a função narrativa da montagem; atuando, em algum sentido, como um requerimento do “real representado” por parte dos sujeitos da história.¹⁴⁹

Eu já tinha quase três meses morando na casa de mãe Maria. Recomecei as pescarias com os irmãos uma vez cessado um forte vento sul com algumas tempestades que o acompanharam (tanto na tainha quanto na anchova ou na corvina, o vento sul determina sempre o momento das saídas ao mar). A pesca da corvina era a que mais conheciam, como consequência dos anos que ficaram embarcados. Diferente da anchova, tainha e brota, a corvina é capturada durante todo ano, e ainda que o preço pago por quilo seja menor (em torno de 1,20 real), representa um ingresso relativamente seguro para grande parte dos pescadores. Contudo, nem todos os pescadores privilegiam essa pesca, e são vários os motivos. Em primeiro lugar, porque esse tipo de pesca requer afastar-se da costa entre 6 e 10 milhas, indo até profundidades que chegam aos 60 metros em mar aberto, aumentando

¹⁴⁹ Isto é, que “a montagem supunha por sua própria natureza, a unidade de sentido do acontecimento dramático” (André Bazin, 1991, p. 76). Não podia se tratar senão de até que ponto uma reflexão sobre as condições técnicas da realização participa da constituição do objeto da investigação, como nos pontos de vista da mesma. Ou seja, sendo os sujeitos espectadores futuros daquilo que protagonizavam, refletiam sobre “uma prática da duração do movimento como articulação do tempo e do espaço” e sobre uma “*histoire-en-train-de-se-fair*” (Piault, 2000, p. 48).

o nível de risco dos pescadores, que podem ser surpreendidos pelo mau tempo sem conseguirem retornar ou se colocar a salvo a tempo. Em segundo lugar, porque nem todos os botes têm a capacidade de carregar redes que chegam a medir cinco quilômetros de comprimento. Essas redes têm aproximadamente 30 “braças” de altura e são de malha 13.¹⁵⁰ Esses instrumentos de pesca chegam a pesar entre uma e duas toneladas, fato que não somente aumenta o risco ou impede o bote de carregar uma boa produção, mas requer um investimento e uma manutenção que muitos dos pescadores não têm condições de sustentar.

Em geral, deixávamos o canal da Barra por volta das 6h30 da manhã. Depois de aproximadamente uma hora e meia de viagem, chegávamos a uma zona que constitui um limite imaginário entre a terra e o mar, buscando uma “posição” para largar a rede. Essa zona é uma espécie de fronteira entre o que os pescadores chamam de “terrinha” e o “lá fora”. Está traçada por uma linha imaginária entre as ilhas que circundam o litoral da ilha: Campeche, Xavier e Aranhas. Além de constituir um território marítimo cuja profundidade é a ideal para “matar peixe” com as redes que possuem, é o sítio onde se localizam os “rilheiros”. Os *rilheiros*, invisíveis a um olhar não treinado, são marcas ou traços que os pescadores identificam no mar e que servem para informar sobre as correntes submarinas por onde os cardumes “correm”. Como, normalmente, as discussões entre Valdeci e Lindomar faziam parte da rotina matinal, chegávamos a essa zona suficientemente tarde para encontrarmos redes de outros botes ocupando as melhores “posições”. Isto, por sua vez, criava um grande mal-estar entre os três irmãos, que consideravam, segundo a fala de Delamar, que “o bote está sem sorte, porque nós brigamos muito lá fora”. Em termos gerais, a convivência era boa, contudo, as discussões entre os tripulantes e o

¹⁵⁰ As “braças”, assim como as “milhas”, são medidas que ainda subsistem no mundo náutico (uma milha equivale a mil braças, e uma braça, por sua vez, é uma medida que remete ao comprimento dos braços estendidos de uma pessoa). A “malha” da rede determina a espécie tamanho do peixe procurado.

próprio Adailton normalmente precediam a realização de alguma tarefa e se prolongavam, muito “agressivas”. Isso incluía tarefas como, por exemplo, limpar o peixe para a refeição noturna, lavar a louça, largar ou puxar a rede durante uma pescaria. O certo é que as discussões eram frequentes, ainda que a última palavra fosse, quase sempre, de Adailton.¹⁵¹

Delamar e Valdeci diziam sentir vergonha dessas constantes discussões, e pareceu-me desnecessário filmar esses episódios. Sem embargo, à medida que os dias passavam, as discussões continuavam e a pesca era cada vez mais magra para eles. Pouco a pouco fui integrando a câmera às brigas. Semelhante ao que aconteceu no barco denominado *Pescadores*, a câmera, como eixo ao redor do qual íamos construindo um sentido para a aventura, ganhou uma densidade descritiva e performática inusitada. Em uma ocasião, por volta das 11h da manhã, nos dispusemos a esperar até 3h da tarde para puxar a rede recém-deixada na água (durante a pesca da corvina, o barco permanece à deriva, amarrado ao extremo de sota-vento da rede). Durante quase uma hora, os irmãos tinham discutido sobre a posição adequada para largar a rede. Uma vez que a rede foi largada na água, a discussão recomeçou, especialmente entre Valdeci e Lindomar, os protagonistas das

¹⁵¹ Achenson (1981) nota que “esta ênfase igualitária está baseada na necessidade de ter uma tripulação bem treinada e solidária”, pois, “com uma tripulação bem treinada e capacitada, o capitão e a tripulação se tornam mais iguais” (p. 279). O *mestre* — o “comandante” — viabiliza, por meio do gerenciamento e da manipulação dos seus conhecimentos, a sobrevivência e a eficácia dos ideais igualitários e libertários que subjazem às práticas cotidianas do trabalho (a *cooperação* e a *concorrência*). O *mestre* coopera e concorre, através do exercício do *segredo*, o qual permite, no interior do barco, a existência de uma ordem hierárquica. Ele aparece, no entanto, sob a forma da cooperação voluntária entre os pescadores e se manifesta, ao mesmo tempo, como forma de concorrência, através do saber da *marcação* dos “lugares” de pesca e da rota dos cardumes. A manipulação correta desse saber por meio do *segredo* também permite estabelecer os limites e “vias” do fluxo de informação e conhecimento, cuja marca ética e moral se manifesta através da confiança, do bom senso e do respeito dos outros pescadores. O “espírito de liderança e a supremacia hierárquica” resultante da *mestrança* ancorada na família “garante a igualdade, a competência e a liberdade dos pescadores fazendo a mediação tecnológica e simbólica entre a terra e o mar” (Maldonado, 1994, p. 135).

brigas matinais. A câmera, novamente, assim como tinha acontecido no dia da “conversa” entre Minho, Ailson e Ernani, funcionou como interlocutora entre os irmãos, por mais de duas horas (eu praticamente não pronunciei palavra alguma), manifestando essa passagem para a *participação observadora*.¹⁵²

Os reflexos se fazem públicos

A meados de novembro, se concretizou a apresentação do documentário *Homens de mar e terra*, no Salão Paroquial da Capela Santa Cruz. Nesse evento, pude contar com a ajuda de Sérgio e sua esposa, Emi, Maria e duas de suas netas, além de Jaime, líder de uma ONG ambientalista, que convocou pescadores e moradores. O documentário foi assistido por mais de cem pessoas, entre elas, uns trinta pescadores. Fiz questão de deixar claro para Jaime — que era o condutor da apresentação — que não queria que a mesma se transformasse em um longo e exaustivo debate, pois temia que a maioria das pessoas se retirasse antes que fossem servidos os salgadinhos e as bebidas. O meu maior interesse, naquele momento, era que a apresentação do documentário fosse, acima de tudo, um “momento de encontro” e de “comensalidade”, e não desejava que as pessoas se sentissem obrigadas a dar opiniões acerca do filme. Durante as despedidas, recebi um agradecimento de Zé Agostinho, um velho pescador e atravessador: “Muito obrigado, hoje as mulheres conheceram o que nós fazíamos lá fora no mar”. Imediatamente, observei com atenção a sala ainda cheia e consultei o livro de registro dos presentes, e, para minha surpresa, mais de 50% do público eram mulheres.

¹⁵² Esse trânsito da observação participante para a participação observadora que Jean Rouch relata na sua experiência durante a filmagem de *La Bataille sur le Grande Fleuve* (1951): “[...] eles me consideravam um louco não perigoso que navegava em canoa e participava, para me divertir, de uma caça de hipopótamos. Eles ficaram sumamente surpreendidos quando lhes projetei mais tarde o primeiro filme sobre a caça, eu constatei que vinte minutos de filme foram suficientes para compreender tudo de mim...” (Rouch apud Piault, 2002, p. 225).

E isso significava também “alguma outra coisa” e uma “outra necessidade” como emergente daquelas imagens. Maria fez um comentário revelador. Afortunadamente, anotei:

Olha, meu filho, isto aqui me lembra muito quando nós íamos no rancho deles, dos homens [ranchos de pesca]. Íamos cozinhar pra nossos maridos. Íamos na noite, às vezes ficávamos até as duas, o quatro da manhã. Aí cozinávamos pra eles, peixe frito, pirão, ensopado. Eles contavam brincadeiras e nós ríamos muito.

Na minha tese de mestrado, vi nessa experiência a instância culmine de um *montagem social* da experiência etnográfica. Com os vários grupos de pescadores que rodeiam os botes em que trabalhei, elaboramos estratégias para relacionar o mundo da vida e o mundo da cena com a finalidade de nos aproximarmos de um universo imaginado. Uma encenação “ideal” dos elementos que compõem todos esses mundos particulares. Com o *feedback* público das imagens capturadas da vida cotidiana e da atividade pesqueira, em mar e em terra, procuramos que essa experiência se transformasse em um campo de ação política e em um exercício de reflexão e de conhecimento mútuos, fundado na participação dos sujeitos na construção do relato fílmico. O uso do *feedback* não foi unicamente um meio para exprimir a fala nativa em um plano da autopercepção, mas também um instrumento para interpretar o mundo como totalidade imaginada.



FOTO 4: NA APRESENTAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO NA CAPELA SANTA CRUZ (DE SÉRGIO OLIVARES, 2004).

A participação observante e o *feedback* requerem um engajamento que supõe uma “retirada estética”, em que filmar se torna cada vez mais uma “compreensão compartilhada” aberta para os componentes lúdicos da criação, bem como deixar as personagens na suas *auto-mise-en-scène* se desdobrarem no tempo e no espaço para *precisar-se, compreender-se* nele. Esse universo imaginado através de imagem cria um intervalo, uma “subtração”, como na frase de Valdeci enquanto observava a cena em que Minho grita “quinhentos quilos!” para a câmara, demonstrando alegria pela pescaria, o ilustra: “Quinhentos quilos, sim, Matias, mas quinhentos quilos de pobreza.”

Como aconteceu com *Homens de mar e terra*, meses depois, *Caminhos da comunidade* também foi apresentado publicamente, desta vez no Centro Comunitário da Barra. Com a audiência de mais de 150 pessoas e com corajosa presença dos três irmãos Vieira, dispostos a enfrentar a exibição de cenas algo constrangedoras na sua condição de pescadores de bote a motor. A

cena da discussão no documentário refletia os sentimentos e as opiniões dos dois pescadores sobre a “crise de abundância”.¹⁵³ Nesse caso, se prefiguravam os argumentos ora a favor e ora contra a concretização da venda do bote durante o último ano. Logo depois de finalizar a apresentação, Valdeci tomava a palavra e ensaiava uma tradução para a cena: o bote era visto como “parte da família”, porém, haviam decidido vendê-lo e fazer “kitchinetes para alugar aos turistas”, em vez de investir dinheiro na aparelha do bote.

Durante vários anos, circularam cópias em VHS pelas casas dos pescadores e moradores do local.

Bibliografia

ACHERSON, James M. “Anthropology of Fishing”. In: *Annual Review Anthropology*. Palo Alto, EEUU, 1981, pp. 275-316.

BALANDIER, Georges. *Antropología política*. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 2003

BAZIN, André. *O cinema*. Sao Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BECK, Ana María. “Pertence a Mulher: Mulher e trabalho em comunidades pesqueiras de Santa Catarina”. *xerox*. Florianópolis: UFSC, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction. Critique social de jugement*. Paris: Minuit, 1979

CALDERIPE, Marcia. “Mediação cultural e reciprocidade no contexto das práticas turísticas em Florianópolis/SC”. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2006.

¹⁵³ A relação entre a instabilidade da produção, os aspectos ecológicos e a “suspeita” de que a apropriação do *sobrevvalor*, produto do trabalho na pesca, relaciona-se com a necessidade de se criar uma automatização do circuito produtivo. Como afirma Diegues (1995), as grandes empresas de comercialização (neste caso, a Pioneira), mesmo não sendo aquelas que submetem os pescadores às penúrias dos baixos preços, utilizam estes setores não somente como um “exército de reserva” para suas frotas, mas também como o “lugar privilegiado” para manter baixos os preços do produto em “escala industrial”.

- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no Século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- DIAZ DUARTE, Luiz Fernando. *As redes do sul*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1999.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *Povos e mares*. São Paulo: NAPAUB, 1995.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- GUIDIERI, Remo. *La abundancia de los pobres*. México DF: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- KEARNEY, Michael. *Reconceptualizing the Peasantry. Anthropology in Global Perspective*. Boulder, Colorado: Westview Press, 1996.
- LACERDA, Eugenio *Atlântico açoriano*. Florianópolis: PPGAS-UFSC (Dissertação de Doutorado), 2003.
- LAGO, Mara. C. *Memoria de uma comunidade que se transforma de localidade agrícola-pesqueira a balneario*. Florianópolis: PPGAS-UFSC (Dissertação de Mestrado), 1983.
- MALDONADO, Simone. *Mestres y Mares*. São Paulo: Anablume, 1994.
- MOTTA, Flavia. “Curió Valente: representações de gênero em competições de pássaros canoros”. In: *Cadernos pagu*, (30), jan.-jun. de 2008, p. 199-229.
- PIAULT, Marc Henri. *Antropologie et cinéma*. Paris: Nathan, 2000.
- TELES, Ana María. *Sereias e anequins: una etnografía visual con un grupo de pescadores artesanais da Barra da Lagoa, Florianópolis*. Florianópolis: PPGAS-UFSC (Dissertação de Mestrado), 2003.
- WOLF, Eric. “Explicando a complexidade”, “Nação e nacionalismo”. In: RIBEIRO, Lins; FELDMAN-BIANCO. *Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf*. São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

At home and at the other side of the Atlantic. Polish anthropologist among Polish diaspora

Karolina Bielenin-Lenczowska¹⁵⁴

While working with Brazilians of Polish origin, I focused on the descendants of one of the first and the largest migration waves, which was aiming to colonise the southern part of Brazil and develop its agriculture. Thus, the question I asked was what it means to be Polish in Brazil right now and what can be still defined as Polish heritage, that is how some elements of Polish culture (e.g. language, culinary practices, religion or folklore) shape sense of belonging of third, fourth or even fifth generation of immigrants? I also focused on how the fact that I was a woman, a wife and mother influenced the way I conducted my research and its results. In this paper I reflect upon all those elements of my positionality or '*lugar de fala*' (place of speaking) and try to analyse how it affected ethnographic encounters, findings and my ways of interpretation of collected data.

Introduction

When I first came to southern Brazil for a pilot study in 2012, I did not speak Portuguese, but I was able to speak Polish with many people. I also observed the local landscape changed by migrants. However, I knew that in order to

¹⁵⁴ Karolina Bielenin-Lenczowska is a social anthropologist and linguist, Associate Professor at the Institute of Ethnology and Cultural Anthropology, University of Warsaw. In 2019–2021 she was a visiting professor at the Department of Linguistics at Federal University of Santa Catarina, Florianopolis, Brazil.

do ethnographic research and immerse myself in this community, I had to learn Portuguese, otherwise I would be just a “visitor from Poland” or a tourist. At that time though, I did not know, that tourists or other visitors from Poland came there so rarely that my presence would be anyway noticeable and commented on, and that we would be mutually perceiving one another as “observed” and “observers” (cf. George W. Stocking Jr., 1983) all the time.

I was working with people whose grand or great, or even great grandparents came from ethnically Polish lands at the end of 19th century. They arrived as a part of one of the biggest waves of migration from Europe, that was connected with the economical and political changes both in Europe and in the Americas in the second part of the 19th century. The period between the mid-80s and mid-90s of that century saw increasing overpopulation and pauperization of the villages as well as an agrarian crisis, connected with the import of cheap grain from the United States and Canada to the Western European markets. This resulted in a decrease in the prices of grain in Europe. Brazil, at the same time, saw a rise in demand for labourers on coffee plantations and in the continuously modernised agriculture in the southern part of the country. This, on the other hand, was a result of the abolishment of slavery. For this wave of immigration I use the term ‘colonisation’, following the Brazilian authors (Carmen Janaina Batista Machado, Renata Menasche, Giancarla Salamoni, 2005, p.116-117), who refer in such way to the wave of migration from Europe to the south of Brazil; and who call the European migrant farmers *colonos* (colonisers). The said wave, that occurred in years 1890-1891 is referred to as the ‘Brazilian fever’ in Polish literature. The Poles had been settled in the three southern states of Parana, Santa Catarina, and Rio Grande do Sul. The most descendants of Poles, however, live in Parana. Curitiba is considered the capital of Brazilian Polish diaspora: it is here that the Consulate General of the Republic of Poland is placed, together with many associations, organisations, and publishing houses.

The Brazilian Polish diaspora is quite numerous, however, hard to estimate in precise numbers as the first immigrants of Polish origin arrived when Poland was not an independent country. They were, at that time, citizens of Austria, Germany, and Russia. It is estimated, nevertheless, that there are between 800 thousand and 2 million Brazilians of Polish origin living in Brazil (cf. Anna Dvorak, 2013). Despite the fact that this group is so numerous, it is still not well-known in Poland itself. The research on it remains insufficient, especially the one related to the descendants of Poles living in Brazilian villages. In addition, for many years (particularly during the World Wars period, and especially after the Second World War, when Poland was under the sphere of influence of the Soviet Union) there had been no regular contact between Poland and Brazil. Also, nowadays, few Polish Brazilians have regular contact with people from Poland, mainly because many bonds between the descendants of Poles in Brazil and their countrymen had been severed. Recently, however, there has been a rise in the interest in studying in Poland, visiting Poland touristically, and applying for Polish passports.

The specificity of the Polish migration wave to Brazil can be seen in a number of aspects. Firstly, it regards whole families (for example, at the same time, the US was a destination mostly for young men looking for work in factories). In Brazil, the immigrants could and wanted to remain farmers. It is particularly relevant considering the fact that they still remembered the times when peasants did not work for themselves but as serfs for their 'lords'. The land reform that had granted them ownership of the land happened only in 1848 under the Prussian occupation and in 1864 in Russian Congress Poland. In Brazil, peasants were, as a rule, given ownership of the land, thus becoming 'lords' themselves. (Witold Kula; Marcin Kula; Nina Assorodobaj-Kula, 2012, p. 115).

Furthermore, Polish immigrants had no support from the country that they came from (as they were in fact citizens of Russia, Austria, or Prussia). Moreover, they were mostly illiterate. However, despite the unfavourable conditions such as the 1938 Getúlio Vargas Law that prohibited using ethnic

languages, many elements of Polish culture survived in a significant number of villages (Dvorak, 2013; Władysław Miodunka, 2003). It is important to stress that what survived was the Polish village local culture of the 19th century. It was also the culture of the specific social class.

The lack of support from their home countries, together with poverty and illiteracy were causes of the low status of Poles in relation to other European immigrants, for example Italians or Germans. This, in turn, led to the creation of the negative stereotype of the Polish peasant and expressions such as *polaco burro*, *polaco sem bandeira* (Donkey-Pole, The Pole without a flag) (Krzysztof Smolana, 1979, p. 69–80; see also: Miodunka, 2003, p. 47–53). The term *polaco* (Pole, Polish) is still widely regarded as derogatory, therefore, officially, in the Brazilian Portuguese language the term *polonês* is used instead. Since then many notable Polish citizens have worked hard to make this stereotype forgotten, however, at the same time, the rural and agricultural heritage of the Polish diaspora in Brazil, in general, is becoming entirely forgotten or remains unmentioned. I would thus, in my research, like to give the voice to those descendants of the peasants, who still live in villages and work on the farms.

‘Polish’ village in Brazil

I conducted my ethnographic research in the state of Parana, mainly in the village Rio Claro do Sul or former ‘Colonia Rio Claro’¹⁵⁵. It is a large village (*distrito*) with a few hamlets (*colonias*), inhabited mostly by the descendants of Poles and, to a smaller extent, Ukrainians¹⁵⁶. It belongs administratively to the town of Mallet, 200 km from the state capital, Curitiba. Altogether I spent approximately ten months on the fieldwork,

¹⁵⁵ [information about the project under which the author carried out the research]

¹⁵⁶ I realise that by the end of the 19th century, the term ‘Ukrainiec’ [a Ukrainian] was not longer used, however, it is an emic description of the inhabitants of Rio Claro and its surrounding areas.

talking to people, participating in festivities and masses, walking around the fields with their proud owners and observing their daily work.

The village was colonised in 1891 by Polish immigrants arriving from the villages of Congress Poland. At that time, 1400 families were brought over, and 1700 plots were created, each of them 25 hectares in size (Joel Júnior Larocca; Pier Luigi Larocca; Clarice de Almeida Lima, 2008, p. 48 and 46). Later, in 1896, Poles and Ukrainians (Ruthenians) arrived from Eastern Galicia. The sources state that it was the largest Polish colony in the Parana State on the break of the 19th and 20th centuries (Mario Deina, 1990, p. 36). The immigrants arrived at what was then, in fact¹⁵⁷, a forest ('There was nothing but forests here', my interlocutors stated), which had to be grubbed up in order to build roads and houses. After that, the church and the school were founded. In 1896, the inhabitants of Rio Claro built a large wooden church of Our Lady of the Rosary called the 'Częstochowa in Parana' (nowadays not existing); and schools (classes 1 to 4) in the colonies. In Rio Claro, there was also a sporting society called 'Junak', libraries, and a church; it was also the home and workplace of nuns, who taught religion. In the nearby Mallet, between years 1911 and 1937, there was also a Polish high school under the name of Mikołaj Kopernik (Wachowicz 2002: 54).

The immigrants who arrived at the end of the 19th century to Parana state were mostly illiterate peasants. In a few homes, however, there are some documents that have survived from these times, e. g. prayer books, photographs, or holy paintings. Most of the citizens also do not know where their ancestors had come from; they only know that they had arrived from Poland¹⁵⁸ – such is also the information on the marriage, death, and birth certificates that have survived. Very few stories have also survived about

¹⁵⁷ Mario Deina notes, that 'a few families' had lived here before (Deina 1990: 23).

¹⁵⁸ In Witold Kula's, Marcin Kula's, and Nina Assorodobraj's *Emigrant Letters*, the term 'Poland' refers to the Kingdom of Poland (2012: 47). However, the historic documentation sources show that some of the Polish settlers arrived from the Austrian occupation, and many of them also state that their ancestors arrived from Poland; some of them use the term 'Austria'.

the journey from Poland or the life there before the emigration. One of the recurring themes is the death on a ship, and the necessity to throw the body out into the water, without the possibility of the customary burial in the ground. Another recurring story is the one about the need to grub up the forest and the fear of the unknown wild animals that inhabited it, as well as the tales of frosty winters back in Poland.

The Poles, and later also Ukrainians received ca. 25 hectares (10 *alqueires*) of land each from the Brazilian government, which they had to work off, for example by building roads. They also received grain and food provisions for the first months of their stay in Brazil (Kula; Kula; Assorodobaj-Kula, 2012). Subsequently, many owners bought more land and expanded their farmsteads. Nowadays, a significant part of Rio Claro inhabitants lives off agriculture. Some of them work in a paper factory in Mallet, a few others in schools, shops or the hospital.

Nowadays, there is a dirt road to Rio Claro do Sul, to get there from Mallet it takes almost an hour by car, even though it is less than 30 kilometers. The nearest hamlet is 'Colonia Uma' (First Colony), which starts a few kilometers from the town. The houses in Rio Claro are low, single-story, mostly wooden, and colored - usually blue or green. Steep, sloping roofs are a legacy of the ancestors who built them to protect the roofs from snow. There are gardens next to the houses, where you can find plants typical of the descendants of European settlers: potatoes, beets, dill, cabbage, onions, as well as flowers - usually roses and mallow (Rafaela H. Ludwinsky; Nivaldo Peroni; Natalia Hanazaki, 2020). The houses are far from the road, and when you want to enter one, you should stand in front of the gate and applaud loudly. At this pre-arranged signal, the hosts leave the house and invite you inside. They greet each other in Polish: *dzień dobry* (literary 'good day') here used in the morning and *dobry wieczór* (literary: 'good evening') in the afternoon. The Polish phrase *dobry wieczór* is related to the influence of the Portuguese language, where *boa tarde* literally means 'good afternoon' and this term is used after noon.

In Rio Claro you can hear *dobry wieczór* or ‘good evening’ as early as 1 p.m. or 2 p.m.

Nowadays in Rio Claro do Sul, in many families, the Polish language is spoken daily and many customs are practised and passed on from generation to generation. Moreover, there is one folk group, called *Kraków* (Cracovia, one of the biggest and oldest Polish city). In the municipality town, Mallet, there are also some people that promote Polish culture; Polish language lessons are organised and the folk group *Mazury* and the Mikołaj Kopernik Society is in operation. More and more people visit Poland as tourists, pilgrims or students, symbolically ‘returning’ to the country of their ancestors (Wessendorf, 2007; Tsuda 2013). Since 2019, citizens of Brazil and Argentina of Polish origin can apply for *Karta Polaka* (Polish Charter) – a document that confirms belonging to Polish nation¹⁵⁹ and gives its holders possibility to work or study in Poland. It facilitates also obtaining work and residence permit in the whole European Union. All this activities, narratives and emotions I call ‘cultural heritage’. I argue, in order to understand practice and narratives of Brazilians of Polish origin, one may refer to a critical concept of cultural heritage, and especially it uses (cf. Laurajane Smith, 2006).

Let us then go back to the initial question of this chapter, which is: who can be considered Polish in Brazil? Are those people who speak Polish, is Catholic, eat pierogi or have some contacts in Poland? Am I “more” Polish than 3-4 generation of migrants? I cannot answer this question as for anthropologist, since national belonging is not only inherited or objective, but also socially constructed and individually declared. What is more, migrants from Polish lands were not citizens of Poland (as there was no Poland as independent state), and many of them were people of borderland (which is now part of the Ukraine).

¹⁵⁹ Polish Charter may be given to people who cannot obtain Polish citizenship. In the case of individuals from South America it is especially related to lack of written documents.

Cultural heritage is defined very widely today. It can mean tangible objects, such as buildings or statues, but also intangible things: languages, melodies, or festivals. Usually, the term carries positive connotations: it is a value that is worth to safeguard, and it is tied to history and remembrance of national or ethnic groups. It is also heavily politicised as it is often supported by national institutions and organisations, government, and non-government programmes. The division between tangible and intangible heritage introduced by UNESCO is, however, artificial, and it has been proven by anthropologists (e.g. Michael Herzfeld, 2004) that both types of heritage in fact overlap. Moreover, as noticed by Ronda L. Brulotte and Michael A. Di Giovine (2014, p. 1), the understanding of heritage is different among its practitioners, politicians, and scientists. At the same time, the claims to something that one group considers its heritage might be raised by other groups as well. Along similar lines, Polish anthropologist Ewa Klekot notices that “heritage is a category that legitimises community, which means that it excludes those, who do not have the right to the ‘common heritage’ from it” (Ewa Klekot, 2014, p. 60–61).

Moreover, Klekot states that heritage relates not only to the past of a certain group of people but also to their present and future. “Heritage is a kind of a tool, which allows to organise cultural matter and select it in such a way, that the identity becomes plausible due to its anchoring in the specific elements of the contemporary cultural reality, which are regarded as impressions of the past” (Klekot, 2014, p. 47–48). In other words, heritage is a materialisation of the contemporary approach to the past.

In my research, I focus on everyday practice of cultural heritage, which I recognize as grassroots actions of individual social actors. It is close to the term ‘tradition’, understood as the thing that a given group of people regards as valuable (because it is connected to the migratory past and the ancestors’ homeland), worthy of reproducing and passing on to next generations. Because they are individual actions, they can look differently depending on gender, age, or education. Thus, without negating the characteristics of Polish Brazilian heritage that are widely known and

recognised, such as literature or theatre, I want to prove that everyday life of Polish farmers in the village in Parana can also constitute a part of this legacy and that the legacy itself is very dynamic and changeable. My goal is to give the voice to them and to show that the term cultural heritage itself is underpinned by notions of ‘class’ and ‘hierarchy’.

It seems that many authors take the relationship between the term diaspora and national/ethnic/religious identity for granted. However, in fact, there are many actions that are shaped by the local culture of origin and host countries. We need to remember that Poles arrived in Brazil at the end of the 19th century from poor overpopulated villages. Many of them were illiterate and of little mobility. To say about their practices that they are ‘Polish’ is a serious overstatement. They are in fact local – tied strongly to the region from which the migrants originated. In other words, for instance, there was never a Poland-wide tradition of eating pierogi or drinking home-brewed beer. Moreover, the language used by them is of a certain regional variety (it is a dialect). At the same time, as noticed by Ronda L. Brulotte and Michael Di Giovine, food is a ‘powerful tool to articulate and negotiate individual and group identities’ (Brulotte, Di Giovine, 2014, p. 89).

One of the migration waves to Rio Claro do Sul was comprised of Poles and Ukrainians (Ruthenians). They arrived from the regions which are nowadays located within the borders of Poland and Ukraine – at that time, it was a part of the Austrian occupation. They spoke different dialects, and primarily, were of different confessions (Ukrainians are Greek Catholic; the Poles – Roman Catholic). However, there is no distinction in terms of food. Pierogi are eaten by Ukrainians and Poles alike, and the differences relate only to details and their name. Both nationalities have *barszcz* (beetroot soup) and home-brewed non-alcoholic beer (*cerveja caseira*). Also, both consider and use it as a part of their heritage. What is more, there are many mixed marriages and people, who attend masses in both Roman and Greek Catholic churches. For example, one of my interlocutors was raised primarily in Ukrainian culture (her elder sister, who took care

of her after their mother's death, married a Ukrainian man, and the village they lived in, Rio Azul, was partly inhabited by Ukrainians), and currently works as a dispenser of holy communion in a church, which is serviced by a Polish priest. She, however, declares herself as Polish, even though she is submerged in a common Polish-Ukrainian or even Polish-Ukrainian-Brazilian culture. The national, ethnic perspective, together with the excluding and homogenous term of diaspora, however, do not allow being a Pole and a Ukrainian at the same time, however, they do allow – at least theoretically – being a Brazilian. The citizens of Rio Claro are in fact citizens of Brazil, and they speak Portuguese (Brazilian). This is, however, not how they are referred to in practice. Being Brazilian does not entail a migratory origin, even though Brazil, together with its widely understood Brazilian culture, is based on cultural and racial diversity. It is Brazilians who are the others, not the Poles or Ukrainians (Batista Machado, Menasche, Salamoni, 2005, p. 127). For my research partners, the others constitute people of unknown origin, or from a different region, or/and with a different skin colour. Hence, it is probably right of the Brazilian researchers to venture outside the national and ethnic perspective and write about 'common village identity' (*compartilhada identidade colona*) (ibidem), showing that it reflects the everyday practices of living in similar conditions and originating from the same – Central and Eastern European – region.

Insider or outsider?

As native Polish, coming from Poland but working at the public university in Brazil and speaking Portuguese, places me in the position of someone else than 'insider', but also someone different from most of those who come to Brazil to meet their compatriots: tourists, priests or Polish language teachers.

I usually conducted interviews and informal conversations in Polish. The inhabitants of Rio Claro mostly speak Polish, and it is in this language that I conducted most of my interviews and conversations. It is not,

however, contemporary Polish standard, but heritage language – various Polish dialects that originate from the end of the 19th century, developed in the contact with Portuguese and other local languages, mainly in terms of lexis. I am, however, a native speaker of Polish, educated in Poland. My interlocutors, although they communicate in Polish, they do not know its contemporary version and do not write in this language. I asked them to choose a language they want to speak with me, but almost always they chose Polish. This does not mean that they are more competent in this language, because usually it is not true. The choice of language was related to me as a native speaker of Polish, and especially my children who usually were with me and whom I communicated in Polish. However, we often switched to Portuguese automatically or applied some transidiomatic practices described by Marco Jacquemet (2005). At the same time, I had a possibility to learn – sometimes indirectly – various linguistic ideologies related to the contemporary Polish language and the Polish heritage language. Brazilians of Polish origin realize that their language is slightly different from mine. They also reproduce the popular ideology of superiority of the language standard over its variants (Adrian Blackledge, 2005) and sometimes even they felt ashamed to speak Polish with me. They used to say that their language is not ‘pure’, ‘mixed’ and ‘not as nice as mine’. At the same time they expressed their joy of being able to talk to me because, as they say, there are fewer and fewer opportunities to speak Polish.

Polish is spoken mostly by the older and middle-aged people. The younger ones use Portuguese on a daily basis, but even they usually at least understand Polish a little bit. The intergenerational transmission of Polish language is still very important for the descendants of Poles. The 30-year-old and older interlocutors reminisce that when they went to school at the age of 6–7, they did not know Portuguese at all. Up to this day, there still exist some older people who do not generally speak Portuguese because of their lack of school education. Still, presence of young people or children speaking Polish was very unusual there and my sons’ way of speaking was commented on as something surprising, but also admirable. It was sadly

said that ‘their children did not speak Polish anymore’ and that it was a pity that the language is less and less often passed on to subsequent generations.

Written communication, however, occurs generally only in Portuguese. The Polish language, although passed on from generation to generation, has only survived in spoken form. Few people read in Polish, and even fewer write. This gap is tied to the vacuum in Polish language teaching, caused by the 1938 ban on using languages other than Portuguese in public. The schools were closed, and in those that stayed open, Portuguese-speaking teachers were recruited. Many places, mainly cities, were sites of persecutions and arrests of people speaking languages other than Portuguese. Although this did not happen in such small places as Rio Claro – which allowed the Polish language to survive – even now, some people are embarrassed to speak Polish, knowing that it is not the literary Polish language. Recently, Polish has started to be taught in many areas inhabited by Polish Brazilians. It is obviously Polish standard, not heritage language, thus it is not familiar to many of them.

Every day, the inhabitants participate in many complicated communicative situations, using spoken common Portuguese and the dialect of Polish diaspora, and in written communication – literary Portuguese¹⁶⁰. Some learn the Polish literary language that they use both in writing and orally. For most of my interlocutors, however, their first language is the mixed code, which entails various languages, dialects, types and registers, used to achieve their desired communicative goals (Jan Blommaert, 2014, p. 3). Usually young Brazilians of Polish origin do not speak Polish heritage language any more. They could have some expressions or words transmitted by older generations and sometimes remember their parents or grandparents speaking Polish. However, when they decide to learn Polish, they take part in courses of Polish language. Obviously, it is Polish standard. During COVID-19 pandemic online courses have mushroomed, and new possibilities of contacts with Polish language and culture emerged.

¹⁶⁰ See the models of becoming bilingual in: MIODUNKA, 2003, p. 158–22.

At the same time, pandemic limited personal encounters, especially among elderly people (AUTHOR, Sonia Niewiadomski, forthcoming).

The situation in the language – which is mixed and adapted to local conditions but still important – is similar to the situation concerning food. Brazilian anthropologist Ellen Woortmann introduced a division between common food (*comida típica*) and traditional food (*comida tradicional*). The former, according to the researcher, is marked by exoticisation and tied to the outside perspective. The latter, on the other hand, expresses the values and norms that are traditional for the given group (Ellen Woortmann, 2007, p. 111). What is important is that the traditional food constantly changes, undergoing continuous adaptations and transformations (ibidem, p. 194). In Parana, the knowledge about *pierogi* [dumplings], *barszcz*, *gotąbki* [cabbage wraps stuffed with meat], *placki ziemniaczane* [potato pancakes], or *kapuśniak* [cabbage soup] is common and it is widely known that they are Polish, or Polish and Ukrainian dishes. *Comida típica* is served during almost all the festivals in ethnic restaurants. It forms a part of the cultural programme presented by the Brazilians of Polish origin to their own communities and outside them. The dishes are tied to the so-called ‘gastronomic memory’ (*memoria gastronomica*) (Woortmann, 2007, p. 183) about the immigrant past and to the memories of older family members (Neli Teleginski, 2014, p. 89).

The dishes that are regarded Polish in Brazil are, naturally, slightly different than in Poland, where regional differences can also be observed. In Brazil, many dishes have been adapted to local conditions and culinary habits, for example, *pierogi* in Brazil are served with tomato sauce. The most popular *pierogi* in Brazil are stuffed with cottage cheese and potatoes¹⁶¹. Many people also make the sour-cabbage stuffed sort, but also ones stuffed with black beans – the so-called ‘fizon’.

Many dishes considered as common are not eaten daily. It is festive food – for festivals, Sundays, or other occasions. Pierogi and other

¹⁶¹ In Poland, this type of pierogi is called ‘ruskie’ [Russian/Ruthenian].

‘common’ dishes became a part of the festive cuisine; nevertheless, they are still passed on from generation to generation in the homesteads. That is why – notices the historian Neli Teliginski – it is difficult to find them on the lists of dishes that are taught on cooking courses: it is because ‘everyone knows how to prepare them’ (Teleginski, 2014, p. 94). They are, however, still popular enough to be easily available for purchase, in the form of cheap frozen meals, in every larger supermarket in Parana. They are produced by various private companies, vary in ingredients, and are called in different ways (pierogi, pierogui, pirogui, pirogue). Thanks to their availability, pierogi have become an important product not only for the Polish ethnic cuisine but also the Parana regional kitchen (Teleginski, 2014).

Also, the traditional *rosół* [chicken soup] makes an appearance on the Christmas table. The interlocutors admit that in, the old times, they would slaughter a cock on Sunday in order to make it. It used to be, and in some places still is, served with home-made noodles, but also with rice and sweet potatoes. Daily food, on the other hand, consists of what is considered to be typical Brazilian food: rice with black beans, which makes a base for other dishes. It is most commonly served with meat and vegetable salad. The distinction into daily and Sunday food is typical not only for the descendants of Poles; it seems universal, mainly amongst farmers. Sunday dishes are regarded as better, richer, tastier and more nutritious; however, their preparation takes more time (Vania Grim Thies; Carmo Thum, 2015, p. 191).

Not only dishes came from Poland, but also the ways of storing and conserving food. Therefore, pickled cucumbers and sour cabbage are popular here, as well as pickled vegetables, characteristic of the descendants of Europeans from other countries. In the past, after slaughtering a pig, the pork fat was melted and kept together with meat in large, metal cans, so-called ‘latka’ (in Portuguese *lata* means ‘a can’); or dried or smoked in the adjacent smokehouses. The descendants of Poles adopted a Brazilian word, however, for the device used for storing and cooling food that

was still unknown during the migration times – *geladeira*, which means refrigerator.

At the same time, the descendants of Poles, living among people who were ethnically and nationally different, adopted a number of their culinary habits. One of the examples is *chimarrão* a beverage prepared from the leaves of *erva mate* (*Ilex paraguariensis*), served in a gourd (*cuia*) and drunken via a straw (*bomba*). The Brazilians of Polish origin do not only drink *chimarrão*, but also cultivate *mate* (called ‘herba’ by them), and brew a tea from its stems (which they refer to as ‘tea’). What is more, because of the fact that corn has been grown here since the Polish colonisation, it is known here as ‘mileja’ (Portuguese: *milho*).

Thus, as shown above, the Brazilians of Polish origin adopted not only new products, dishes, and ways of preparing food, but also new words. The most important are ‘fizon’ (black bean, Portuguese: *feijão*) and ‘milija’ (corn, Portuguese: *milho*), but also ‘mandzioka’ (manioc, Portuguese: *mandioca*) or *chimarrão*, which is spelled in a Polish-sounding way (‘szimaron’) and adjusted to Polish declination and linguistic principles. And thus, despite the fact that *barszcz*, *gołąbki*, and *pierogi* are typical for Polish or Polish-Brazilian cuisine, it is difficult to imagine the contemporary cuisine of the descendants of Poles without rice, beans, corn, or the daily ritual of drinking *szimaron*. The dishes and products borrowed from the local inhabitants, together with the names that denote them should also be included as the cultural heritage of Polish Brazilians.

It is also important to keep in mind the dynamics of change connected with the new culinary preferences and transformations on farms. When I was in Rio Claro on the break of 2011 and 2012, I was amazed by the self-sufficient farms that grew basically everything that was required for consumption, including rice, beans, corn, potatoes, onion, wheat, and garden vegetables. Now, after only four years, the village landscapes are dominated by monocultures of genetically modified soy and tobacco. They are grown for sale, and many products that had been grown earlier are currently purchased.

I was seen through my Polish origin, which in a way legitimized my Polishness. It was understood as alleged attachment to the Catholic Church, patriotism, as well as a certain ‘natural’ adaptation to low temperatures, which, for example, was expressed as a surprise that I was cold or that I did not go to church every Sunday. At the same time, it was assumed that I had some embodied knowledge of Polish culinary practices, i.e. that I can make *pierogi* (dumplings) or beetroot soup. In fact, I do not make *pierogi* in Poland, as it is easy to buy them at any market, and it is one of the cheapest and fastest way to prepare a lunch. In Brazil, however, I made them many times. Anyway, it was always an opportunity to talk and exchange ways of preparing *pierogi*. Home-made food does not need strict recipes. They are very simple and based on the knowledge generally available in a given community as well as on specific skills (David Sutton, 2011, p. x). “Typical Polish food” in southern Brazil, is based on products that are available at any given time and on embodied knowledge, passed down from generation to generation, on how to make a given dish. As Neli Teleginski writes, even mandioc dumplings stuffed with black beans are ‘Polish’ (Teleginski, 2014, p. 103), and the recipes are based on basic knowledge, considered generally available or even obvious: “You make dough just like for bread” or “as much flour, as much dough will take”. When I wasn’t making *pierogi*, I was eating them. Almost every time my family was invited to Sunday lunch, the *pierogi* (and *barszcz*, *goląbki* or other ‘Polish’ dishes) were on the table. We ate them very eagerly, and this only confirmed our hosts’ belief that we were ‘true Poles’. This kind of approach is successfully commercialized by the “king of *pierogi*” (*Tadeu, rei do pierogi*), Polish businessmen from Curitiba who use to say: “We are Poles, we know how to make *pierogi*. You [Brazilians] know how to make *churrasco*. I can’t make *churrasco*”¹⁶².

My presence in the field not only verified but also undermined certain imaginaries. Many of my research partners had a very clear and

¹⁶² https://www.youtube.com/watch?v=WWgVdcHinso&ab_channel=ABvideoproducoes (access: 19.11.2021).

homogeneous picture of what is Polish – the language, eating habits, holiday customs. Myself, I tried to disturb it by showing the linguistic and cultural diversity in Poland itself. An example would be a conversation about language:

- We call it ‘kluski’ (noodles) here. Because *makaron* (pasta) is Portuguese and *kluski* is Polish.
- At home, I did not speak *kluski*, we say *makaron*. People speak differently in different regions in Poland. I am from southern Poland and we say *makaron*. Now I live in Warsaw and many people there say *kluski*.
- Really? I thought *makaron* was not correct.
- You can say it this or that way. How do you call ‘potatoes’? *Ziemniaki* or *kartofle*?
- We call them *kartofle*.
- And in my house they say *ziemniaki*, but many of my friends say *kartofle*. You can say *it this or that way*.

With such conversations I *started to understand* many linguistic ideologies, especially ideology of monolingualism in Poland, i.e. the image of Polish language as being homogenous. Trying to show local and regional diversity I used to strengthen my interlocutors’ feeling that they did not speak a “worse” language. We were equally eager to exchange information about Christmas customs, or what is put in the basket during the Easter celebration of popular Świąconka. With such exchanges I was trying to diminish the distance and build up common knowledge.

Fieldwork and carework

Finally, I am woman, wife and mother. Most of the time in the field I spent with my husband, who did a vast part of photographic and video documentation for my research, and children: at first two, and then three boys. Although I am well experienced mother-fieldworker as I took my sons to my previous research in Macedonia (at least until I was

breastfeeding them), work in Brazil brought some different opportunities and limits to me.

There are some anthropological reflections of being mother working in the field (cf. Joan Cassell, 1987), although most of them are blogs and some practical tips how to combine looking after small kids and interview, participate, write notes and take pictures (ex. <http://kidsinthefield.blogspot.com/> or <https://anthropod.net>) and how field research can shape family decision and anthropologist's career (Christopher D. Lynn; Michaela E. Howells; Max J. Stein, 2018). I did not do research about raising children and culturally constructed motherhood, although it was sometimes quite obvious topic for conversation and I was able to scrutinize it. I also was able to make strong and close relations with my research participants who were also mothers. My question was however, how being in the field with my family had shaped my research? How my sons' presence, appearance or even 'race', spoken language, ways of playing with other kids, and food choices shaped our conversations and my research partners' imaginaries of what it meant to be Polish from Poland.

In 2015 we (at time parents and two little boys – seven and four years old respectively) came to Rio Claro in early December to spend two months there. We only lived in Brazil for a months, children did not speak Portuguese yet, and did not attend a local school. They still remembered well the Polish anthem from the Polish school and kindergarten as they used to learn it for Independence Day (11 of November). This knowledge of the Polish anthem made the boys become 'celebrities' and were even invited to local radio. Our whole family became quickly recognizable, because while Poles from Poland sometimes came to visit the village, they were never children. In many cases, I did not have to look for interlocutors – they found me, knowing that I was with my family in Mallet, in a modest hotel ran for years by a family of Polish descent.

The first weeks of our stay in the field showed me what people thought about Polishness and Poles from Poland, and how much we fit into these thoughts. So we were all closely watched what we said what we were eating

and how we celebrated holidays. When we were invited for Sunday lunch, we obviously got pierogi and other food considered as ‘typical Polish’. It did not mean they had always had *pierogi* for festive lunch – it was us, Poles from Poland – who ‘evoked’ a necessity to show their belonging. Our appearance was also commented: you must be of Japanese origin, not Polish! – they talked about me jokingly and admired the bright hair of one of my sons.

At that time, however, I found it difficult to have long conversations during which I had to focus on the interlocutor and devote more time to him or her. With young children running around, however, I had the opportunity to observe people’s everyday life, participate in the preparation of food or play with other children. We also used to go to the farms that farmers proudly showed us and told about them.

We also had the opportunity to participate in some feasts, especially Christmas. Therefore, there were occasions to talk about customs, food and also religious practices. The last one was especially difficult, because we are not religious, and our research participants, especially hosts in the hotel, assumed that since we were from Poland, we were Roman Catholic. Both my husband and I are brought up in Catholic families in which Christmas traditions are cultivated, as children we also went to church. Therefore, we know Polish prayers and religious songs and we know how to behave during the mass. Our children, however, do not know how to do this, and just in case, I usually went to religious services alone as I treated being there as part of my fieldwork, and my husband stayed with the children or walked around the church. Back then, it was quite easy to explain by the fact that the children in the church were bored, because other small children also often went out during the mass. However, we decided that we would teach them basic prayers and provide information about some customs in order not to destroy the image imposed on us. Until now, I wonder if it was an ethical behaviour, especially since we made friends with the local priest quite sincerely and humanly. While he never asked

directly what our religious practice was like, we felt that he assumed we were practising Catholics.

A slightly different situation was in 2019 and 2020 when I came to Brazil as a visiting professor, mother of three children, two of whom already knew Portuguese quite well. It was a time when I conducted a lot of expert interviews with employees of the municipality office or in the church. Myself, I was recognized as an expert in the field of Polish language and culture. I was invited to lectures, language lessons, and asked for advice on applying for the Polish Charter or a scholarship in Poland. At the same time, I was already an acquaintance and friend, and the older sons were happy to be with me only where they had friends themselves. In 2020-21 my research was significantly limited by the pandemic, but I kept in touch with people from the field through participation in WhatsApp groups popular in Brazil, online Polish lessons and lectures organized by Polish descendants. Our short stays in the field in 2021 during Easter and the celebration of 130 years of Polish settlement in Brazil were not only an observation, but above all a meeting – with acquaintances, friends, and we did not actually meet new people then, but we returned to those we knew.

Throughout this entire time, I was also a woman and wife, and conducted my research in an overwhelmingly patriarchal community. The division of space – both home and outdoor – is very clear (Renata Andressa Poderoso; Nivaldo Peroni; Natalia Hanazaki, 2017). Therefore, I had the opportunity to spend a lot of time in the kitchen, where, as I wrote above, my culinary skills were tested and commented on. I also had access to conversations with women and the opportunity to visit a backyard garden. We exchanged seeds and knowledge about plants. Other areas of the farm were the domain of men and I visited them only when we were walking with the whole family. It was also often the case that I and the hostess were at home or in the garden, and my husband and the farmer went into the fields or rode a tractor, which was a special attraction for my sons.

Conclusions

I realize that the ethnographic encounters I had with men and women in Rio Claro do Sul was significantly shaped by my nationality, mother tongue, social class and gender. As anthropologists we discover a small part of cultural and social reality.

I don't know what this research would have been like if I hadn't been part of it. I don't know what my field would have looked like without me. I do not know what it would look like if I were not Polish and did not provoke conversations in Polish and about Polish language. If I were not Polish, I also don't know if I would be invited for a Sunday lunch of pierogi or for churrasco. Were it not for the fact that my children spoke standard Polish, I do not know if our conversations about the language would be equally marked by emotions and various linguistic ideologies.

The Polishness of Brazilians of Polish origin is declared and embodied in action. For them, being Polish means participating in religious ceremonies, listening, dancing, singing or playing 'Polish' music, preparing and consuming products considered Polish. Speaking Polish is important but not obligatory. Sometimes a Polish-sounding surname, family history and pride in origin are enough. My presence - as a Polish woman from Poland - in the field evoked emotions, memories, attempts to speak Polish or preparing 'Polish' food. This calling was also reinforced by the fact that I was present in the field with my family, especially the children. They, especially how they spoke Polish, how they looked and played, what they liked to eat, were closely watched by the locals. They also evoked positive feelings, childhood memories and encouraged cross-cultural comparisons. Without their presence in the field, many topics would probably not have been even emerged.

References

NIEWIADOMSKI Sonia, (forthcoming) “Língua polonesa no Brasil em tempos de pandemia: novas possibilidades e limitações”. *Forum Linguístico*.

BATISTA MACHADO, Carmen Janaina; MENASCHE, Renata; SALAMONI, Giancarla. “Comida, identidade e simbolismo: saberes e práticas alimentares na conformação da italianidade na colônia de Pelotas”. In: MENASCHE, Renata (ed.). *Saberes e sabores da colônia. Alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. p. 115–132.

BLACKLEDGE, Adrian. *Discourse and Power in a Multilingual World*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

BLOMMAERT, Jan. “Language and the Study of Diversity”. In: VERTOVEC, Steven (ed.), *Handbook of Diversity Studies*. London and New York: Routledge, 2014. p. 1–14.

BRULOTTE, Ronda L.; DI GIOVINE, Michael. “Introduction. Food and Foodways as Cultural Heritage”. In: BRULOTTE, Ronda L.; DI GIOVINE, Michael (eds.). *Edible Identities. Food as Cultural Heritage*. Farnham: Ashgate. 2014. p. 1–27.

DEINA, Mario. *Colônia Rio Claro. Esta terra tem história*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1990.

CASELL, Joan (ed.). *Children in the Field. Anthropological Experiences*, Philadelphia: Temple University Press, 1987.

DVORAK, Anna. *A Hidden Immigration: The Geography of Polish-Brazilian Cultural Identity*. 2013. PhD thesis (Department of Geography). University of California, Los Angeles, USA.

GRIM THIES, Vania; THUM, Carmo. “Sabores da colônia: a alimentação como estratégia da memória”. In: MENASCHE, Renata (ed.). *Saberes e sabores da colônia. Alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. p. 189–200.

HERZFELD, Michael. *The Body Impolitic: Artisans and Artifice in the Global Hierarchy of Value*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

JACQUEMET, Marco. "Transidiomatic Practices: Language and Power in the Age of Globalization". *Language and Communication*, n. 25, p. 257–277. 2005.

KLEKOT, Ewa. „Polityczny wymiar dziedzictwa kultury”. In: MICHAŁOWSKA, Grażyna; NAKONIECZNA, Justyna; SCHREIBER, Hanna (eds.), *Kultura w stosunkach międzynarodowych*, vol. 2. Warszawa: Wydawnictwa Uniwersytetu Warszawskiego, 2014. p. 46–62.

KULA, Witold; ASSORODOBAJ-KULA, Nina; KULA, Marcin. *Listy emigrantów z Brazylii i Stanów Zjednoczonych (1890–1891)*. Warszawa: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, 2012.

LAROCCA, Joel Júnior; LAROCCA, Píer Luigi; DE ALMEIDA LIMA, Clarice. *Casa Eslavo Paranaense. Arquitetura de madeira dos colonos poloneses e ucranianos do sul do Paraná*. Ponta Grossa: Larocca Associados S/S Ltda, 2008.

LUDWINSKY, Rafaela Helena; PERONI, Nivaldo; HANAZAKI, Natalia. „People and Plants Through Generations of Polish Descendants in Brazil”. *Economic Botany*, n. 74, p. 319–329. 2020.

LYNN, Christopher D.; HOWELLS, Michaela E.; STEIN, Max J. “Family and the field: Expectations of a Field-based Research Career Affect Researcher Family Planning Decisions”. *PLoS ONE* v. 13, n. 9, p. 1–25. 2018.

MIODUNKA, Władysław. *Bilingwizm polsko-portugalski w Brazylii. W stronę lingwistyki humanistycznej*. Kraków: Universitas, 2003.

PODEROSO, Renata Andressa; PERONI, Nivaldo; HANAZAKI, Natalia. „Gender Influences in the Perception and Use of the Landscape in a Rural Community of German Immigrant Descendants in Brazil”. *Journal of Ethnobiology*, v. 37, n. 4, p. 779–797. 2017.

SMITH, Laurajane. *Uses of heritage*. London and New York: Routledge, 2006.

SMOLANA, Krzysztof. “Sobre a gênese do estereótipo do Polonês na América Latina (caso brasileiro)”. *Estudos latinoamericanos*, n. 5, p. 69–80. 1979.

STOCKING Jr., George W. *Observers Observed. Essays on Ethnographic Fieldwork*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1983.

SUTTON, David. *Remembrance of Repasts: An Anthropology of Food and Memory*. New York: Berg Publishing, 2011.

TELEGINSKI, Neli. “Recheio de memórias: o pierogi e a identidade polonesa no Paraná, Brasil”. *Revista Geonordeste*, v. 25, n. 2, p. 87-106. 2014.

WOORTMANN, Ellen. “Padrões tradicionais e modernização: comida e trabalho entre campones teuto-brasileiros”. In: MENASCHE, Renata (ed.), *A agricultura familiar a mesa*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 177-196.

Genealogias e redes: pesquisando entre chineses

Franco Dani Araújo e Pinto¹⁶³

Governador Valadares fica localizada no Vale do Rio Doce, região leste do Estado, a cerca de 320 quilômetros da capital, Belo Horizonte. É uma cidade-polo, “cortada” por duas das mais importantes rodovias federais do país, a BR-116 e a BR-381. Tem como principais atividades econômicas o comércio e a prestação de serviços. Com seus mais de 280 mil habitantes,¹⁶⁴ historicamente é conhecida como uma cidade de cultura emigratória, fenômeno iniciado ainda na década de 1960 com a ida de um grupo de estudantes para os Estados Unidos.

Enquanto os olhares da mídia e de pesquisadores como Sueli Siqueira, Gláucia de Oliveira Assis e Maxine Margolis permaneciam cada vez mais atentos a essa relação quase simbiótica entre Governador Valadares e os Estados Unidos, outro fenômeno, esse indicando um caminho inverso, estava se consolidando na cidade de maneira sutil: a chegada de chineses em território mineiro.

Descobri ao longo da pesquisa que o fenômeno migratório vinha ocorrendo na cidade havia alguns anos. Ou décadas, se pensarmos nas

¹⁶³ Professor dos cursos de Jornalismo, Publicidade & Propaganda, e Design Gráfico da Universidade Vale do Rio Doce (Univale). Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

¹⁶⁴ Dados do ano de 2020 fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama>.

primeiras famílias de chineses, como os Lau, os Sze e os Wu, que chegaram em Governador Valadares entre o final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Nos anos 1970, com a chegada da família Chang, essa rede social migratória ganha força e torna-se um fator fundamental para a entrada de outras famílias na cidade, principalmente a partir dos anos 1990, quando ocorre uma reconfiguração do comércio na região central com a abertura não só de pastelarias chinesas, mas também de outros ramos de atuação, como lojas de bicicletas motorizadas e de produtos eletrônicos importados.

Oportuno ressaltar que a presença de estrangeiros em Governador Valadares é proporcionalmente menor que a de valadarenses que emigraram para os Estados Unidos, mas igualmente antiga, e está registrada em estudos publicados por Espíndola (2000; 2005), Siqueira (2009), Assis (1995; 2002) e Biasutti, Loss e Loss (2003), só para citar alguns. Mas nenhum deles faz referência à migração chinesa. O que nos atraiu foi a possibilidade de estudar esse fenômeno ao propor um debate sobre a experiência migratória de chineses para a (e nesta) cidade mineira.

Neste texto, compartilho algumas experiências do trabalho de campo, o qual permitiu um importante registro da mobilidade humana dentro do próprio campo. Essas experiências foram vivenciadas em um contexto desafiador, que foi o da pandemia decorrente da covid-19.¹⁶⁵ Medidas de quarentena e isolamento social foram adotados também em Governador Valadares, o que prejudicou a realização das entrevistas presenciais. Os estabelecimentos comerciais ficaram fechados por algumas semanas. Com a diminuição momentânea de casos de covid-19, as lojas voltaram a funcionar, mas não durou muito. Em outubro de 2020, o aumento dos casos de internação nas redes pública e privada fizeram com que o poder público municipal determinasse novamente o fechamento do comércio. E assim foram as semanas seguintes, até o primeiro semestre de 2021, quando a população começou a ser vacinada e o comércio e demais atividades cotidianas foram voltando à normalidade.

¹⁶⁵ <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>.

A ideia inicial de uma abordagem etnográfica presencial ficou comprometida. Em função da crise econômica, estabelecimentos comerciais fecharam as portas em definitivo, alguns deles de propriedade de chineses. A alternativa foi partir para uma nova abordagem metodológica, mesmo com a pesquisa em andamento. As entrevistas presenciais com chineses deram lugar a entrevistas remotas mediadas pelo WhatsApp enquanto método digital de coleta de dados. Com isso, foi necessário também repensar o recorte do estudo e, conseqüentemente, o universo de entrevistados, já que, segundo o que verificamos, alguns comerciantes chineses deixaram Governador Valadares com a recorrência de fechamento do comércio.

Nesse contexto, voltamos nossas atenções para os chineses que migraram para Governador Valadares durante a chamada primeira grande onda migratória, entre as décadas de 1950 e 1970. As entrevistas¹⁶⁶ abrangeram também filhos dos primeiros imigrantes chineses, o que inclui os que nasceram na China e chegaram ao Brasil ainda na infância e os que nasceram em Valadares, além de outras pessoas que tivessem relação com o tema da pesquisa. Optamos pela história oral como metodologia, a qual nos permitiu produzir maior parte do diário de campo, mesmo que remotamente. Aplicamos, ainda, a técnica de amostragem bola de neve, por meio da qual um entrevistado indica outro(s). O ponto de partida foi um chinês de quem eu já tinha ouvido falar, pois ele tem um estabelecimento comercial bem no centro da cidade, no prédio da Estação Rodoviária. A partir dali, fui estendendo minha rede de contatos e, depois de um tempo, identifiquei aqueles que, até onde se tem notícia, foram os primeiros chineses a pisar em território valadarense.

Ao todo, entrevistei doze pessoas, entre as quais chineses, brasileiros descendentes de chineses e pessoas sem relação de parentesco com os grupos étnicos chineses em Valadares, mas que de alguma forma contribuíram para a pesquisa com seus relatos. As entrevistas com membros

¹⁶⁶ Todos os entrevistados citados nesta pesquisa autorizaram, por escrito, o uso de seus depoimentos ou documentos e fotografias cedidos por eles.

das primeiras famílias sino-brasileiras — ou seja, cidadãos brasileiros com ascendentes chineses ou pessoas nascidas na China radicadas no Brasil —, mesmo que de forma remota, ajudaram não somente a compreender quando a rede migratória chinesa iniciou em Valadares, mas também como ela se mantém. Uma das mais importantes contribuições desta pesquisa é tornar conhecida a história da migração chinesa em Governador Valadares. Trata-se do extrato de um passado da cidade do qual ainda não se tinha conhecimento e registros em seu contexto mais amplo.

Mudança de estratégia

O distanciamento físico em decorrência da pandemia da covid-19 impôs mudanças na metodologia de coleta de dados. Mais do que isso, “Proporcionou uma reflexão sobre o uso de novas tecnologias em pesquisa qualitativa e a necessidade de flexibilização metodológica por parte do pesquisador”, de modo a considerar as mudanças nos contextos e nas condições sociais (Silva; Borges, 2021, p. 117). No caso desta pesquisa, o que estava proposto de início era a realização das entrevistas de forma presencial. Foram possíveis a realização de poucas nesse formato.

O percurso metodológico foi alterado com a pesquisa em curso. Assim, ferramentas digitais de comunicação, como o WhatsApp, surgiram como um importante recurso de interação remota, tanto para a realização das entrevistas, por áudio ou por texto, como também para recebimento de fotografias e documentos. Para que a definição da história oral como metodologia de pesquisa se justificasse, pedi aos entrevistados que, sempre que possível, respondessem às perguntas por áudio. Em alguns momentos, isso aconteceu, em outros, as respostas foram enviadas por mensagem de texto.

A utilização do WhatsApp com instrumento de pesquisa, inclusive, tornou-se algo recorrente durante a pandemia, segundo o estudo “Repensando o percurso metodológico de pesquisas etnográficas em tempos de pandemia: Uma breve revisão de literatura”, de Cátia Candido da Silva e Fabrícia Teixeira Borges (2021). As autoras analisaram pesquisas empíricas

que sofreram alterações na proposta metodológica em decorrência da pandemia da covid-19 e, como resultado, observaram que os pesquisadores “asseguraram a continuidade das pesquisas por meio da hibridização metodológica e da plataformização” e que entre os instrumentos de pesquisa mais utilizados estão o WhatsApp (Silva; Borges, 2021, p. 110). Prado (2017, p. 5) reforça que “[...] o WhatsApp tornou-se a principal ferramenta de comunicação atual, com mais de 90% de seus usuários ativos e atuantes diariamente em conversas que não têm fim”.

O uso do WhatsApp possibilitou, entre outras coisas, colocar em prática uma outra estratégia metodológica que estava prevista: a de coletas de dados documentais junto à Delegacia da Polícia Federal (PF) em Governador Valadares. Foi por meio do WhatsApp que entrei em contato com um agente da PF e agendei uma visita, que aconteceu no dia 20 de abril de 2021, no setor de atendimento a estrangeiros, na Unidade de Atendimento Integrado (UAI) de Valadares. Durante a nossa conversa, ele comentou sobre uma pessoa que tinha uma participação muito importante no processo de legalização dos chineses que estavam indocumentados em Governador Valadares, e que essa pessoa costumava procurá-lo no setor de atendimento ao imigrante munido com documentos e, às vezes, acompanhado de chineses que estavam em processo de regularização de sua residência em Valadares ou alguma das cidades atendidas pela Delegacia de Valadares. Posteriormente, descobri que essa pessoa era o comerciante Luís Chang — cujo nome chinês é Chang Shuan Ming —, que chegou em Valadares nos anos 1970, ainda criança, e é um dos chineses mais conhecidos na cidade.

Trabalho de campo presencial e remoto

Eu conhecia o chinês Luís — nome social adotado no Brasil. Não pessoalmente, mas em 2018 e 2019, meus alunos de Publicidade e Propaganda da Universidade Vale do Rio Doce (Univale) produziram vídeos para a InterTV dos Vales, emissora afiliada da Rede Globo em Valadares. Os vídeos fazem parte de um projeto denominado “Além dos Vales: histórias de quem

escolheu ficar”, que apresentava a história de pessoas que não são naturais de Governador Valadares, mas que, por motivos diversos, escolheram a cidade para morar. Luís Chang era o personagem de um dos vídeos.¹⁶⁷ Meus primeiros contatos com ele foram por telefone, ainda antes da pandemia. Mas o comerciante chinês parecia desconfiado e se esquivava toda vez que eu sugeria entrevistá-lo pessoalmente. Foi quando decidi conversar com o filho dele, Eduardo Chang, nascido em Governador Valadares, mas que na época estava participando de um evento acadêmico em Taiwan. Quando Eduardo retornou de viagem, em outubro de 2019, conversamos por quase duas horas na praça de alimentação do shopping da cidade.

A aproximação com Eduardo facilitou meu contato com Luís Chang. Acredito que ele tenha comentado com pai dele sobre o nosso encontro, e dali em diante passamos a trocar mensagens pelo WhatsApp, pois Luís preferiu que fosse assim: “Pode ser por aqui [WhatsApp] mesmo. Pode ir mandando [as perguntas], quando puder já vou lhe respondendo.” E assim foi, todas as perguntas foram respondidas prontamente por ele. Foi por intermédio de Eduardo que cheguei até Liliana Sze, gerente de uma refrigeradora no centro da cidade. Liliana é filha do casal Sze Chung Yip, o Sr. Shi, e Sze Sun Kun, a Dona Suá, que estão entre os primeiros chineses a pisar em solo valadarense. Liliana nasceu em Valadares. Seus pais faleceram entre 2007 e 2008. Foi a última entrevista feita presencialmente antes da pandemia da covid-19.

A maior parte da história da família Sze em Governador Valadares foi contada por Sze Siu Ping, a Salpen, que mora no Rio de Janeiro (RJ). Salpen nasceu na China, mas migrou para o Brasil em 1962, ainda criança, juntamente com a mãe. O pai já estava no Brasil desde 1958. Fiz contato com Salpen pelo WhatsApp, me apresentando e falando um pouco da proposta da pesquisa, mas ela inicialmente não respondeu. Elaborei vinte perguntas e encaminhei para ela. Depois de algum tempo insistindo, Salpen enviou uma

¹⁶⁷ Vídeo do projeto “Além dos Vales”, com a participação do chinês Luís Chang Shuan Ming, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VnLil8zyn74>.

mensagem se desculpando e respondeu as quatro primeiras perguntas. Mas, novamente, silenciou. Só voltou a me responder em março de 2020, já no início da pandemia. Nessa época, eu estava retornando de Florianópolis para Governador Valadares e me lembro de que a imprensa já noticiava o primeiro caso de contaminação de coronavírus no Brasil.¹⁶⁸ Nos aeroportos internacionais – no trajeto de Valadares a Florianópolis, e vice-versa, passei por três – já se via alguns turistas e funcionários de companhias aéreas usando máscaras. Eu não sabia, talvez como a maioria dos brasileiros, o que estava por vir e como o futuro cenário impactaria o percurso metodológico da pesquisa.

Foi em uma conversa com Salpen, somente em maio de 2021, que notei que ela citou os nomes de outras duas famílias chinesas que teriam resido em Valadares na mesma época que os pais dela. Ela disse que, quando chegou em Valadares, no início dos anos 1960, conheceu as famílias Lau e Wu. Perguntei se ela tinha contato de algum deles e se sabia se ainda estavam morando em Valadares. Salpen respondeu que tinha informações de que os Wu moraram na rua Caio Martins, uma das mais antigas do centro da cidade, e que os Lau moraram na Ilha dos Araújo, um bairro de classe média-alta de Valadares.

Para localizar essas duas famílias, foi necessário recorrer à minha rede de contatos. A primeira pessoa que procurei foi Luís Chang. Por ser um chinês bastante conhecido na cidade, imaginei que pudesse me ajudar. Chang confirmou a informação de Salpen e disse que os Wu ainda estavam morando na rua Caio Martins, no trecho entre as ruas Belo Horizonte e São Paulo. Ele me disse: “A casa deles fica na direção da minha loja, só que na outra rua.” Isso porque a Casa Chang fica em uma rua paralela à Caio Martins.

Sueli Siqueira, minha coorientadora no doutorado e uma referência em pesquisa sobre migração internacional no campo da Sociologia, disse que tinha uma “conhecida” que morava perto do local indicado por Chang. Ela fez contato com essa amiga, que, de fato, conhecia a família Wu.

¹⁶⁸ Informações disponíveis em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>.

Ela foi até a casa, conversou com a Dona Conceição, viúva do chinês Wu Ro-Shi, que migrou para Valadares no início dos anos 1960, e disse que eu iria procurá-la para uma pesquisa. Foi o que eu fiz. Fui em um sábado, no início do mês de junho de 2021. Dona Conceição se mostrou muito acolhedora. Já não se lembrava de muitos detalhes do passado, mas, com a ajuda da filha Susana, consegui muitos dados e fotografias da época.

Perguntei à Dona Conceição sobre a família Lau, e ela disse que, antes da pandemia da covid-19 tinha o costume de visitar Dona Marta Lau, esposa de Lau Kam Wing, que, segundo o que conseguimos apurar, teria sido o primeiro chinês a migrar para Valadares, ainda nos anos 1950. Ela nos deu uma referência de onde a família mora. Enviei mensagens para conhecidos que moram na Ilha dos Araújos perguntando se alguém conhecia a família Lau. Algumas dessas pessoas fazem parte de grupos de WhatsApp de antigos moradores da Ilha. Dias se passaram, e não obtive resposta.

Foi por meio de Dona Conceição, inclusive, que fiquei sabendo de outros chineses que migraram para Valadares possivelmente nos anos 1960. Quando a visitei, ela me mostrou uma caixa com muitas fotografias. Tinha uma foto do casamento dela, na Catedral de Santo Antônio, a mais antiga igreja católica da cidade, e ao lado dela e do Sr. Wu, havia um casal de chineses idosos. Obviamente, perguntei à Dona Conceição quem eram aqueles padrinhos de casamento, mas ela disse que não sabia muito sobre eles, pois eram amigos do falecido marido.

Os dias se passaram depois dessa minha visita à casa de Dona Conceição, e fiquei bastante angustiado por não conseguir informações sobre o casal da foto. O que mais me frustrava era saber que havia um casal chinês que morou em Valadares na época do casamento de Dona Conceição, nos anos 1960, e eu não sabia absolutamente nada sobre eles. Mas, cerca de três meses depois, por curiosidade, comecei a visitar os perfis de alguns de meus entrevistados no Instagram. Notei que uma colega de trabalho na universidade, a professora Maria Paulina Freitas Sabbagh, seguia todas as filhas do Sr. Shi na rede social. Mande uma mensagem para ela perguntando se

conhecia a família Sze, e ela disse que sim, pois o pai dela, o fotógrafo Jacyr Antônio de Freitas, era amigo do Sr. Shi.

Agendamos uma conversa para a semana seguinte. Nós nos encontramos na sala dos professores da Univale. Ela contou que o pai era uma espécie de “fotógrafo oficial dos imigrantes” que residiam em Governador Valadares, principalmente nos anos 1960. Mostrei para ela algumas fotos que haviam sido enviadas a mim, como a do casamento de Dona Conceição. Quando viu o casal que eu ainda não tinha identificado, ela respondeu: “Esse aí é o Monsieur Tzu e a esposa dele, que eu chamava de Tia Tatai. Os dois eram muito cultos e davam aulas de francês e inglês aqui em Valadares.” Tratei de buscar referências desse casal com outras pessoas, e, coincidentemente, minha coorientadora descobriu que um dos irmãos dela e também a cunhada foram alunos do Monsieur Tzu. Descobri pouca coisa sobre esse casal chinês, mas o suficiente para o registro da presença deles em Valadares.

Foi por meio da caixa de fotos de Dona Conceição que descobri também outro chinês que morou em Valadares nos anos 1960. É conhecido como Roberto.¹⁶⁹ Ele aparece em algumas fotografias. Atualmente, ele mora no Espírito Santo com a esposa. Obtive o contato deles, mas quem conversou comigo pelo WhatsApp foi uma filha de Roberto. Ela disse que o pai não gostava muito de falar do passado, e por isso não obtivemos muitos detalhes sobre esse chinês.

Dias depois de minha conversa com Dona Conceição, recebi uma mensagem de sua filha, Susana, que havia localizado o perfil da Suelly Lau, filha do Sr. Lau, no Facebook. Fiz uma solicitação de amizade, mas depois de alguns dias aguardando, não obtive resposta. Navegando pela *time line* do perfil de Suelly, vi uma postagem do sobrinho dela, Thiago. Por sorte, ele havia deixado um telefone de contato. Mandeí uma mensagem me

¹⁶⁹ Optamos por usar o pseudônimo Roberto para resguardar a identidade desse chinês que morou em Valadares na década de 1960, mas não quis conceder entrevista pois, segundo a família, não gosta de falar do passado.

apresentando, e ele respondeu prontamente. Thiago, que mora na cidade de Belo Oriente (MG), a cerca de 90 quilômetros de Valadares, conversou com a tia e depois me forneceu o telefone dela. O primeiro contato com Suelly aconteceu no dia 10 de junho de 2021. Ela se mostrou receptiva, e dali em diante trocamos dezenas de mensagens que me ajudaram a juntar muitas peças desse quebra-cabeças que é a história da migração chinesa em Valadares. Aparentemente, com base em registros documentais, testemunhais e fotografias, o Sr. Lau foi o primeiro chinês a migrar para Governador Valadares, na segunda metade dos anos 1950.

Foi em uma de minhas conversas com Suelly pelo WhatsApp que experimentei um dos momentos mais especiais da pesquisa. Descobri que o pai dela, o Sr. Lau, tinha sido inquilino do meu avô materno. Na ocasião, ela compartilhou uma foto de um cartão de visitas onde consta o endereço da filial da empresa do pai dela. Curiosamente, o endereço fica ao lado de onde mora uma das minhas tias. Verifiquei o endereço, e a história se confirmou. Era um fato pelo qual eu não esperava, que a história de vida de uma personagem da minha pesquisa se cruzasse em algum momento com a da minha família. Conteí isso a Suelly, e ela respondeu: “Mundinho pequeno, né? [...] Isso significa que meu pai era inquilino do seu avô. Essa história está ficando bem interessante.” Respondi a ela que estava emocionado, pois era muito apegado ao meu avô e que a pesquisa sobre os chineses em Valadares estava sendo uma experiência marcante para mim. Ela respondeu: “Pra mim também.”

As escolhas metodológicas

Utilizar a técnica bola de neve na metodologia passou a fazer ainda mais sentido para mim e ficou claro que foi uma escolha assertiva, por vários motivos. O primeiro é que, de fato, o processo de um entrevistado indicar outro estava sendo bastante efetivo, bem mais do que eu esperava; segundo, porque essa técnica costuma ser aplicada em casos em que não se sabe ao certo a quantidade de pessoas a serem entrevistadas. Algumas vezes fiquei pensando em quantos nomes mais surgiriam e qual seria o momento certo

de parar. Entendi que o momento certo de fazê-lo foi quando, a essa altura da pesquisa, outros nomes pararam de surgir. Não havia mais chineses indicando ou mencionando outros chineses em Valadares desse período compreendido entre os anos 1950 e 1970.

Considerando que algumas entrevistas foram realizadas presencialmente e outras por meio do WhatsApp, posso afirmar que a coleta de dados da pesquisa ocorreu dentro de uma configuração de hibridização metodológica, como classificam Silva e Borges (2021). Independente da particularidade de cada método, a pesquisa atingiu seu objetivo no que diz respeito à coleta de dados.

Como ponto negativo de ter usado o WhatsApp na maioria das entrevistas, cito apenas a impressão de não ter extraído “algo mais” de alguns entrevistados. Tive essa impressão quando conversei com a Dona Conceição na casa dela. Pessoalmente, a conversa rendeu mais. Foi vasculhando a caixa de fotos dela, por exemplo, e batendo um bom papo em sua varanda que consegui chegar até outros entrevistados que eu nem sabia que tinham relação com a história da migração chinesa em Governador Valadares.

Por outro lado, o uso dessa ferramenta foi fundamental para a interação com os entrevistados, principalmente nos casos daqueles que não moram em Governador Valadares, como Salpen; dos que nem sempre podem ser contactadas presencialmente, como Luís Chang, que viaja a trabalho com frequência; e até mesmo dos que moram em Valadares, mas preferem a praticidade de responder as perguntas pelo aplicativo. Outro fator positivo é a redução de tempo na coleta de dados, uma vez que não houve necessidade de grandes deslocamentos para fazer as entrevistas.

Um aspecto importante a se considerar é que o WhatsApp permite o registro das mensagens tanto por parte do entrevistador quanto do entrevistado, o que não ocorreria, por exemplo, em uma entrevista com uso de gravador, celular ou bloco de anotações, onde essas informações ficam à disposição apenas do entrevistador. Notei, ao longo das entrevistas, o quão importante foi para alguns poderem vasculhar as memórias afetivas e deixá-las registradas no WhatsApp. Isso só passou a fazer sentido para mim a

partir de mensagens que recebi, como a de Salpen: “[...] estou achando ótimo responder por escrito as suas perguntas, pois além de lembrar a minha história, vou guardar para mim.”

A declaração de Salpen sobre guardar para ela os registros de nossas conversas, as reações resultantes de reviver o passado ou mesmo descobri-lo, as expectativas que se alimentam quanto aos resultados da pesquisa, tudo isso nos alerta para a responsabilidade, enquanto pesquisador, de “devolver”, obviamente com limites, esses resultados. Na pesquisa antropológica audiovisual tem-se usado o termo “restituição”, segundo a antropóloga Carmen Rial. Ela fala do termo em seu sentido literal, ou seja, devolver algo, “retornar os dados retirados sob outra forma – de um artigo, um filme etc. Foram retirados de conversas ou entrevistas, e voltam sob uma roupagem antropológica” (Carmen Rial, 2016, p. 138). No caso da pesquisa sobre a migração chinesa, a restituição pode ser aplicada na divulgação dos resultados como forma de devolver as histórias aos seus protagonistas, além de documentar e registrar fatos importantes na formação de um território e suas territorialidades.

Algumas considerações

Muitas pesquisas, a exemplo desta, consistem, em parte, em uma produção um tanto solitária. Desde a concepção do projeto, passando pelas etapas de leitura, transcrição das entrevistas, organização das informações e a escrita propriamente dita. Isso, em um contexto de distanciamento físico imposto pela pandemia de covid-19, ganhou uma proporção ainda maior, principalmente porque, nesse caso em questão, teve reflexo direto nos procedimentos metodológicos, afetando a proposta inicial de um estudo etnográfico presencial.

As alternativas já estavam diante de nós havia algum tempo, só não tínhamos percebido que poderiam ser úteis também para avançarmos com a pesquisa. Assim, junto com os desafios, vislumbramos oportunidades e possibilidades. A ferramenta de mensagens instantâneas WhatsApp foi

muito útil e eficaz na coleta dos dados, entre depoimentos, fotografias e documentos. De certa forma, ela se consolida no campo da pesquisa como uma importante alternativa de mediação e interação entre pesquisador e entrevistado e, sobretudo, enquanto instrumento para a recolha de informações, sem renunciar ao rigor técnico e científico que é esperado de um trabalho dessa relevância.

Por fim, espero ter cumprido o compromisso de “restituir” aos personagens desta pesquisa, que de alguma forma contribuíram com as narrativas sobre a migração chinesa em Governador Valadares, as histórias que compartilharam comigo, inicialmente em forma de tese e sob uma roupagem antropológica. E o fiz não somente como um pré-requisito para a obtenção do título de doutor, mas em homenagem aos pioneiros desse importante fenômeno migratório chinês, muitos dos quais não podem mais lê-las, mas cujas trajetórias e inserção na sociedade acolhedora, antes de conhecimento restrito às famílias, sairão do ostracismo e da invisibilidade social e serão, a partir da pesquisa, conhecidas publicamente.

Referências

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar aqui, estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares*. 1995. 231f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, SC. 1995.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar aqui, estar lá: uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos*. Campinas-SP: Núcleo de Estudos de População/Unicamp. *Textos NEPO*, n. 41, jun. 2002. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/textos_nepo/textos_nepo_41.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.

BIASUTTI, Luiz Carlos; LOSS, Arlindo; LOSS, Everaldo. *Roteiro dos italianos e seus descendentes em Minas Gerais — subsídios para uma história da imigração italiana*. Belo Horizonte: S. N., 2003.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. Práticas econômicas e meio ambiente na ocupação do sertão do Rio Doce. *Caderno de Filosofia e Ciência Humanas*,

Faculdade de Ciências Humanas e Letras do Centro Universitário Newton de Paiva. Ano VIII, n. 14, abril de 2000.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. *Sertão do Rio Doce*. Bauru: EDUSC, 2005.

PRADO, Karla Rondon. Prefácio. In: DISITZER, Márcia; CHATEAUBRIAND, Bruno. (Orgs.). *Como usar o WhatsApp a seu favor: artistas, atletas, empresários e médicos dão dicas de como utilizar essa ferramenta sem incomodar*. Rio de Janeiro: 3R Studio, 2017, p. 5.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Roubar a alma — ou as dificuldades da restituição. In: VAILATI, Alex; GODIO, Matias; RIAL, Carmen Silvia de Moraes (Orgs.). *Antropologia audiovisual na prática*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2016, p. 131-146.

SIQUEIRA, Sueli. *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno. Brasil/Estados Unidos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SILVA, Cátia Candido da; BORGES, Fabrícia Teixeira. Repensando o percurso metodológico de pesquisas etnográficas em tempos de pandemia: uma breve revisão de literatura. *New Trends in Qualitative Research*, [S. l.], v. 9, p. 110-118, 2021. Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/359>. Acesso em: 4 set. 2021.

Olhar para o extraordinário: desafios e possibilidades de um campo a distância

Natalia Pérez Torres¹⁷⁰

Entre 2010 e 2011, na Colômbia, três anos após de ter me formado em Ciências Sociais na Universidad Pedagógica Nacional, fiz uma especialização em Espaço Público na Pontificia Universidad Javeriana, de Bogotá, que me levou a tomar a decisão, pouco tempo depois, de emigrar para o Brasil para fazer um mestrado na área de Urbanismo. Considero importante voltar até aquele momento, à guisa de introdução, por se tratar da experiência formativa que me ajudou a definir a linha temática pela qual, até hoje, continuei a trilhar: os estudos da, em e sobre a cidade do ponto de vista das práticas sócio-históricas. Meu tema de pesquisa nestes anos, então e de maneira ampla, é a relação entre cidade e/ou espaço público e o conflito colombiano¹⁷¹ do ponto de vista das práticas artísticas.¹⁷² Aquilo foi o que constituiu o início, o trabalho sobre uma relação vastíssima, que teve sua origem como

¹⁷⁰ Doutora em Ciências Humanas e Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora do Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC).

¹⁷¹ De maneira sucinta, entende-se o conflito colombiano como uma série de problemas crônicos não resolvidos que manteve a Colômbia em um estado de guerra permanente, particularmente na sua história republicana. Conforme o exposto por Andrea Pérez Fonseca (2008), o conflito colombiano é de caráter interno e político e se apresenta na forma de guerra irregular. A violência, nesse sentido, cumpre um papel crucial como expressão do conflito tanto nas zonas rurais quanto nas cidades.

¹⁷² De acordo com Jacques Rancière, as práticas artísticas são “‘maneiras de fazer’ que intervêm na distribuição geral das maneiras de ser e nas formas de visibilidade” (2009, p. 17).

tema de interesse *lá*, em uma primeira aproximação acadêmica decorrente de um artigo para uma disciplina que pretendia pensar o vínculo entre o espaço público de Bogotá e a prática do graffiti,¹⁷³ uma prática concebida como uma atividade engajada que tinha muito a dizer sobre a cidade e sobre o contexto social colombiano.

Já no mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, realizado entre 2012 e 2014 *aqui*, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tive a oportunidade de ampliar e aprofundar aquela questão inicial, ao passo que novos horizontes de trabalho e pesquisa se abriram. A antropologia urbana — área do saber de “forte dimensão interdisciplinar” [que] “envolve um vasto e diversificado espaço de diálogo com diferentes disciplinas e tradições que lidam com a cultura e a sociedade” (Gilberto Velho, 2006, p. 7), emergiu naquele momento como fio condutor de renovadas preocupações e abordagens no meu trabalho. Se no primeiro momento minha tentativa se deu em torno de reconhecer no espaço público bogotano aspectos da memória social vinculada ao conflito colombiano por meio do graffiti, agora contava com os instrumentos teóricos de distintas escolas para pensar a própria prática enquanto um dos múltiplos aspectos das dinâmicas urbanas, procurando com isso situá-la em um lugar de tensões que também falavam a respeito do conflito social no meu país.

Desde então, continuo a refletir sobre esses assuntos, com a particularidade de ter me tornado uma pesquisadora colombiana morando no Brasil, que olha para seu objeto de estudo a distância e tem construído seu trabalho de campo a partir de algumas viagens de retorno para a Colômbia. A dupla identidade forjada nesse ínterim, isto é, a de turista e pesquisadora, e, nos termos de Clifford Geertz (1991), alicerçada no dilema entre “estar *lá*” e “estar *aqui*”, é constitutiva do percurso que apresento neste texto e que tem seu ponto mais importante no desenvolvimento da pesquisa de doutorado no

¹⁷³ Para os propósitos deste artigo, considera-se o graffiti como arte urbana, e os dois conceitos serão usados indistintamente.

Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais da UFSC, que comecei em 2016 sob a orientação da professora Carmen Rial.

A partir dessas considerações, proponho-me refletir sobre o fato de pesquisar o graffiti da Colômbia olhando para o assunto, mesmo estando longe, “de perto e de dentro”, no sentido proposto por José Magnani no texto *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana* (2002), isto é, com um olhar “capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques ‘de fora e de longe’” (2002, p. 17), mas priorizando um “olhar distanciado” que faz apelo específico à figura de “turista na terra natal”, procurando, seguindo a leitura de Magnani, “desvelar a presença de princípios mais abrangentes e estruturas de mais longa duração” (2002, p. 26) na pesquisa. O fato de que exista a distância com a Colômbia não significa que não esteja atenta ao contexto mais amplo em que são produzidas as práticas artísticas que me interessa analisar. Nesse sentido, também pode-se pensar que tanto a pesquisa de modo geral quanto meu trabalho de campo de forma particular se inscrevem na lógica da tensão *insider-outsider*, um assunto tratado significativamente na antropologia desde que Marvin Harris trouxesse, na década de 1970, o debate da área da linguística liderado por Kenneth Pike sobre a relação entre êmico (dentro do grupo social) e ético (desde a perspectiva do observador) para a análise do trabalho de campo de corte etnográfico.

Com quase dez anos morando no Brasil — anos que coincidem com meu percurso acadêmico discutindo sobre o assunto —, o maior desafio metodológico tem sido precisamente a distância a respeito do meu objeto de estudo, já não “além-mar”, mas “mais para o sul” do continente. O desenvolvimento desse olhar, que passa necessariamente pelos filtros da virtualidade e suas rápidas mudanças, supõe outras soluções na escolha e na abordagem dos tópicos e métodos da pesquisa. Nesse sentido, os *tours*, no caso os *tours* de graffiti, se apresentam como um potencial metodológico no que a figura do pesquisador e do turista se confundem, fazendo com que, como afirma Maria Carneira da Silva, se dê uma relação de dois termos, onde “o princípio de alteridade está sempre presente” (2004, p. 10).

Ao tempo, a possibilidade de efetuar uma análise menos contaminada pelo fragor dos acontecimentos colombianos — sempre tão imprevisíveis, sempre sujeitos à lógica do conflito, a guerra e o narcotráfico — tem sido essencial, permitindo o contraste com o Brasil e com outras realidades.

Pinceladas da conjuntura colombiana: contextualizando o campo

Desde 28 de abril de 2021, a Colômbia passa por um dos momentos mais cruciais das últimas décadas em termos de mobilizações sociais. A Greve Geral Nacional, convocada pelos sindicatos de trabalhadores e outras organizações sociais expressivas — camponeses e indígenas —, é, contudo, liderada por jovens precarizados e periféricos das principais cidades que exigem do governo de direita de Iván Duque (2018-2022) mudanças políticas e econômicas substanciais e a retirada de uma série de projetos de reforma que, se aprovados, irão atingir diretamente a vida deles e da maioria (já empobrecida e precarizada) da população do país. Os protestos, que entraram para a história colombiana como uns dos mais duradouros, pelo menos desde a década de 1970, são violentamente reprimidos pelas forças do Estado, particularmente pela polícia, que tem o apoio explícito de grupos paramilitares. Morte de civis, desaparecimentos, torturas, estupros e uso excessivo da força estatal, confirmados por organismos internacionais de Direitos Humanos, são algumas das consequências deste período de estalo social que se enquadra no conflito colombiano, mas que também é o resultado da continuidade e sistematicidade da aplicação das políticas neoliberais no país, agravadas pela pandemia.

Nesse cenário, manifestações artísticas tomaram conta das ruas no que se configura como uma explosão inédita de expressões populares. O aspecto simbólico nos protestos, que contesta e ressignifica as formas de representação hegemônicas, é marcante e transita entre a intervenção e derrubada de estátuas de próceres, até a construção de monumentos de resistência. Nas múltiplas jornadas de mobilização contabilizadas até a

escrita deste texto, destacam-se uma lista significativa de atividades artísticas públicas que tentam resistir à violência repressiva e naturalizada. Dança, teatro de marionetes, orquestras sinfônicas na rua, festivais de punk e hip hop, entre muitas outras, são só alguns exemplos (Figura 1). Mas quiçá a manifestação que mais força tomou com a paralisação nacional foi o graffiti. Esse fenômeno urbano, que já tinha importância no país como uma amostra democrática no espaço público (Oliver Dabène, 2016), assumiu o protagonismo, sendo reivindicado por diferentes organizações como mais uma ferramenta de visibilidade e luta. Nesse caso, também foram os jovens os que se apropriam majoritariamente dele para fazer das ruas um arquivo vivo da conjuntura, contribuindo na extraordinária riqueza da mobilização que se gestou no contexto dos levantes¹⁷⁴ de 2019 na América Latina. Em todas suas variantes, estilos e extensões (muralismo, pichação, *street art*, *video mapping* etc.), o graffiti se apresenta como a “arte da resistência” por excelência (Robert Innis, 2017).

¹⁷⁴ Convém aqui citar a definição de “levantes” colocada por Georges Didi-Huberman, que os entende como aqueles gestos que “vão do mais minúsculo gesto de recuo ao mais gigantesco movimento de protesto”.



FIGURA 1: MOSAICO DE IMAGENS DOS PROTESTOS DE 2021 NA COLÔMBIA.

Para alguém que dedicou os últimos anos a pesquisar sobre graffiti na perspectiva do conflito, o momento atual da Colômbia certamente reveste inúmeras possibilidades analíticas. É uma pena não poder acompanhar o tempo todo, estando *lá* e “a partir dos arranjos dos próprios atores sociais” (Magnani, 2002, p. 8), os acontecimentos. Mas, de fato, vários eventos acadêmicos, matérias jornalísticas e rodas de conversa organizadas pelos próprios protagonistas dos protestos e divulgadas principalmente *online* se dedicaram a tratar o assunto nos últimos meses. Eles alimentam um campo de estudos cada vez maior, local e internacionalmente, que segue o auge e a expansão do fenômeno no mundo. Aliás, o graffiti costuma ser um tema que chama muito a atenção e não precisa do olhar especialista para ser tratado. Qualquer pessoa que transite hoje pelas ruas de nossas cidades certa-

mente pode visualizar no graffiti, esse “novo repertório de contenção dos manifestantes”, como o denominaram Lisy Seloni e Yusuf Safarti a propósito dos protestos na Turquia em 2013 (2017, p. 784), algo mais do que sua presença colorida e revitalizadora, quando tido como arte, ou do que sua existência incômoda e marginal, quando tido como vandalismo. Embora sua importância não se esgote nessa dicotomia, para o bem ou para o mal, o graffiti diz sobre a sociedade tanto quanto pode dizer qualquer abordagem sociocultural, pois “o significado que as pessoas atribuem aos textos públicos (sinais, letras, visuais) não residem prontamente nos próprios textos, mas no contexto e na relação entre o contexto e as pessoas” (Seloni e Safarti, 2017, p. 785).

Dado que o graffiti é um tema de estudo interdisciplinar, os recursos metodológicos e as fontes da pesquisa bebem de múltiplas fontes e são o resultado da convergência de campos teóricos e empíricos localizados dentro e fora do Brasil e da Colômbia. Porém, é no trabalho de inspiração etnográfica e no âmbito da antropologia urbana que ela tem uma base importante. Interessa-me, então, realizar algumas considerações sobre meu percurso como pesquisadora em termos da construção de um olhar situado e trabalhado em e desde o exterior. Especificamente, tentar compreender os impactos e as possibilidades de fazer pesquisa a partir da experiência particular de partir do contexto estrangeiro, o *aqui*, o Brasil, para chegar a algumas conclusões sobre a relação entre conflito e arte urbana na Colômbia, o *lá*.

O que significa fazer trabalho de campo longe do campo? Como trazer o campo para a pesquisa quando as possibilidades de deslocamento são reduzidas e, ao mesmo tempo, as oportunidades de proximidade virtuais são abundantes e diversas? Para além de discutir o papel das ferramentas virtuais em contextos de pesquisa, interessa-me tanto indagar sobre a experiência de ir para o campo ou “fazer campo” quando ela supõe um movimento de retorno para o “familiar”, seu “estranhamento” (Velho, 1978), quanto a ida para um terreno totalmente desconhecido, onde o outro é completamente alheio. Nesse sentido, entendo que o que muda é, precisamente, o olhar, e o campo se ajusta às possibilidades desse olhar e às

condições em que acontece. Para isso, recuperarei experiências em campo na Colômbia entre 2013 e 2018, deslocamentos substanciais na configuração da pesquisa, em que um olhar quase turístico, baseado na experiência estética de andar pela cidade (Francesco Careri, 2009), me permitiu construir análises expressivas para a pesquisa.

O campo a distância

*¿Cómo sería pensar en el trabajo de campo
mirando y luego mirando hacia otro lado?*

Lisa Stevenson

A noção de trabalho de campo, oriunda do afazer antropológico clássico, é comum a distintas áreas de conhecimento. Por isso, é fundamental que no contexto das ciências sociais ela não esteja reduzida à antropologia, mas que seja prerrogativa de outras disciplinas e saberes. “Ir para campo” ou “fazer campo” são expressões corriqueiras no âmbito de pesquisas de cunho social. Pensar no trabalho de campo remete para a etnografia enquanto um conjunto de práticas de pesquisa que moldam e modulam os discursos — próprios e dos “outros” —, permitindo a construção de conhecimento *in loco* e a análise e interpretação posterior de uma problemática particular. Assim, o recurso da etnografia é chave na compreensão de múltiplas dinâmicas que lidam com o conhecimento do mundo social circundante, pois se constitui em uma “forma acaso arcaica pero siempre novedosa de producción de conocimiento social” (Rosana Guber, 2011, p.13) ou, em definitivo, em uma “expressão do vigente, a formulação de uma vitalidade” (Geertz, 1991, p.229).

Contudo, “ir para campo”, mesmo sob os pressupostos da antropologia e a sociologia clássicas — a primeira focada no estudo de culturas exóticas, e a segunda interessada em segmentos marginais da sociedade —, não

responde em todos os casos ao mesmo conjunto de estratégias de pesquisa. Muito se fala, em tom de advertência, e com toda a razão, sobre a necessidade de não assumir o método etnográfico como receita de bolo. Se se deslocar, observar, registrar, entrevistar, partilhar e socializar achados de pesquisa funcionam como degraus na prática etnográfica básica, isso não necessariamente significa que em todas as pesquisas esse roteiro possa ser conservado ou ser o mais adequado. Às vezes — hoje — é possível prescindir de algum desses componentes ou substituir, por exemplo, os deslocamentos a terreno por pesquisas no *Google Maps*, entrevistas por áudio de *WhatsApp* e encontros pelo *Zoom*, e a observação participante por acompanhamento de *lives* ou eventos *online*.

Até faz não muito tempo, o trabalho de campo etnográfico também supunha a permanência de um certo período — um ano ou mais — no lugar selecionado para a pesquisa, que pudesse garantir ao pesquisador tanto um amplo leque de insumos analíticos e interpretativos quanto a possibilidade de refletir sobre sua própria experiência, a reflexividade. Situar-se, como argumenta Hélio Silva (2009, p. 172), é o trabalho do etnógrafo. Porém, no caso de pesquisas urbanas, são os percursos pela cidade os que definem o conhecimento sobre ela, e, portanto, a relação com o tempo e o espaço da pesquisa se reconfiguram. Nesse sentido, situar-se tem a ver também com a prática do andar e ver, e o olhar do pesquisador se cifra nessa relação. De acordo com Silva, “se o olhar é a captação de instantes, coisas, pessoas e paisagens, ele não é um registro (como uma fotografia), e sim um *travelling*, a melhor palavra para indicar seu sentido porque o recupera no deslocamento. Travelling. Travel. Viajar. O olhar vê onde o andar lhe leva” (2009, p. 176).

No contexto da minha pesquisa, o andar me levou um par de vezes e em diferentes momentos de volta para a Colômbia, e para lugares novos nos quais o graffiti tem protagonismo, como São Paulo, no Brasil, Buenos Aires, na Argentina, e Valparaíso, no Chile. Aqui, contudo, o olhar não fez estrita referência à disposição sistemática de tempo para fazer pesquisa naqueles lugares. Com exceção das viagens para a Colômbia em 2013 e 2018,

onde permaneci durante um pouco mais de um mês, tratou-se sobretudo de exercícios de observação apressados justamente pela falta de tempo nos quais algumas viagens se inserem. Foi também um olhar que se alimentou “ao vivo”, mas que foi se desenvolvendo em diferido, complementado pela virtualidade e pelas lembranças, pela novidade e pelo conhecimento prévio da realidade, reafirmando a perspectiva de Geertz segundo a qual “todas as descrições etnográficas são feitas em casa” (1991, p. 230). Visitas curtas, às vezes de um dia só, que não se deram nos termos de uma etnografia de rua (Cornelia Eckert; Ana Rocha, 2003), mas que se inspiram nela, no sentido de se dispor para o acaso, câmara em mão, constituindo uma experiência de campo panorâmica, mas distribuída em distintas situações sociais e de pesquisa. Embora que em sentido estrito não estivesse fazendo turismo, esse tipo de “antropologia espontânea” ao que se refere Danilo Santos de Miranda na apresentação do livro clássico de John Urry *O olhar do turista* (1996) — pois se tratava sobretudo de um retorno para o lar combinado com a atividade acadêmica —, fazer percursos turísticos em lugares conhecidos previamente por mim, contribuiu na construção desse olhar distanciado e se constituiu em uma saída metodológica perante a impossibilidade material de viajar várias vezes e de permanecer muito tempo fazendo campo.

Bogotá, 2013

Durante o mestrado, desloquei-me para Bogotá em agosto de 2013, um ano e meio após ter chegado no Brasil. Como a pesquisa estava inserida nos pressupostos do Urbanismo, naquele momento me debrucei sobre o centro da cidade, particularmente sobre o centro histórico, para tentar compreender o lugar que o graffiti ocupava naquele espaço, seu papel na configuração de uma imagem particular de cidade. Munida dessa hipótese, e com um tempo aproximado de quarenta dias para permanecer na cidade, planejei vários percursos pelo centro histórico e o centro ampliado (lugares que costumava visitar cotidianamente quando morava lá), inscrevi-me em um *tour* de graffiti (o segundo do qual participava, depois de uma primeira experiência

com o *Graffiti Tour Buenos Aires*, em 2012), entrei em contato com A., o fundador do Colectivo Toxicómano Callejero¹⁷⁵ — que eu namorara no final de minha adolescência —, procurei funcionários de instituições públicas da cidade para entrevistar e, por fim e entre outras coisas, me juntei com amigos e familiares, e suas câmeras, para sair e fotografar pelas ruas, que, até aquele momento, ainda me faziam sentir “em casa”.

Na época, já me questionava pelo fato de pesquisar assuntos sobre a Colômbia morando no Brasil e percebia certa dificuldade de encarar os planos que fizera e que descansavam no cronograma da pesquisa que apresentei na qualificação. Embora estivesse na minha cidade, não me sentia totalmente confiante para avançar com as tarefas propostas. Tímida como sou, demorava para marcar os encontros com as pessoas, ou então preferia perambular sozinha pelo centro, fazendo anotações em uma pequena caderneta, atentando para o novo e ao tempo com medo de ser assaltada na rua quando tirasse a máquina da mochila para fotografar. Aquele medo, sim, era novo. Além disso, muitas vezes tinha a sensação de estar tirando a mesma foto — a necessidade de aprimorar a técnica fotográfica começou a me incomodar.

Metodologicamente falando, propus uma pesquisa de cunho etnográfico, pois tinha certa familiaridade com os recursos da pesquisa qualitativa a partir do meu trabalho de conclusão de curso na graduação em Ciências Sociais. Porém, vi-me na obrigação de prescindir um pouco dos

¹⁷⁵ A., o fundador do Colectivo Toxicómano Callejero, é um artista urbano de 41 anos, formado em Publicidade e Marketing em uma universidade privada de Bogotá e oriundo de uma família de classe média da cidade. Apesar de que a autoidentidade faz referência a um grupo, um coletivo — que existiu e se organizou no começo dos anos 2000 no tradicional bairro Santa Isabel ao redor de interesses musicais e do consumo de maconha —, geralmente é somente ele que está por trás das intervenções. A assinatura *Toxicómano*, autoidentidade de A., e que literalmente significa “viciado em drogas”, já é uma marca registrada da cidade, e seu trabalho, que foi migrando gradualmente do graffiti para o stencil de grande formato e é mais próximo do *punk* do que do hip hop, abrange diferentes temáticas, com ironia, humor e fazendo apelo a expressões populares da realidade colombiana.

planos, quer dizer, de desistir de algumas tarefas ordenadas e listadas cujo desfecho fosse oferecer uma panorâmica da Bogotá contemporânea a partir do estudo do graffiti local, e ir ao encontro do que estivesse acontecendo nas ruas. Um exemplo disso foi ter conhecido o Fenómenos¹⁷⁶ Crew¹⁷⁷ quando pintavam atrás da Torre Colpatria no centro (Figura 2), o terceiro prédio mais alto da cidade, emblema da tradicional Carrera Séptima¹⁷⁸ bogotana. Eu estava indo para a Biblioteca Luis Ángel Arango, em La Candelaria, o antigo bairro colonial, quando vi, da janela do ônibus, uma pessoa no alto de um andaime, lata de spray em mãos, desenhando um enorme mural colorido (Figura 3). Era meio-dia em um dia ensolarado. Desci do ônibus logo e me aproximei, primeiro para pedir permissão para ele, o cara do andaime, para tirar umas fotos, e depois para tentar conversar com um deles, o Crix, e o convencer de me conceder uma entrevista assim que ele pudesse. Ele aceitou quando comentei que eu estava de passagem na cidade, pois morava no Brasil e estava fazendo uma pesquisa sobre o graffiti em Bogotá. Senti

¹⁷⁶ Fenómenos Crew é a identidade de um coletivo formado em 2012 e liderado por Cristian Yepes (Crix). À diferença de Toxicómano, as líricas do hip hop são fundamentais no trabalho do grupo, cujos integrantes estão na faixa dos 30 anos, que acredita que o graffiti “contribui na construção de comunidades, de pessoas, na resignificação de espaços públicos e privados”. Os bairros da origem dos integrantes pertencem à localidade de Ciudad Bolívar, uma das mais extensas e populosas da cidade, localizada na periferia. É ali onde o coletivo tem sua base e desde onde desenvolvem projetos comunitários com arte urbana.

¹⁷⁷ Crew é um grupo de grafiteiros identificados com um nome comum e costumam fazer graffiti junto ou assinar lugares com o nome da Crew.

¹⁷⁸ Na Colômbia, as ruas estão organizadas em quadrícula e identificadas com números, e não com nomes, como acontece na maioria de cidades de Latinoamérica. Assim sendo, uma *carrera* é uma rua paralela às montanhas no sentido oeste-leste. A Carrera Séptima é uma tradicional rua da cidade que se estende do sul para o norte, e nela se localizam importantes lugares, como museus, universidades, prédios históricos e organismos do governo, entre outros.

que aquela coisa de vir “de fora”, mesmo sendo “nativa”, abria portas e oportunidades mais facilmente.¹⁷⁹



FIGURA 2: TORRE COLPATRIA, NO CENTRO DA CIDADE.

Fonte: lonelyplanet

¹⁷⁹ Para além do povo colombiano ser considerado muito hospitaleiro, existe certo tratamento especial para os estrangeiros na Colômbia, em função do que pode ser uma necessidade constante e coletiva de aprovação, o que no Brasil é conhecido, na acepção de Nelson Rodrigues como o “Complexo de vira-lata”. Isso poderia que, mesmo sendo colombiana, percebesse, não só com esse interlocutor, mas com várias pessoas com as que conversei durante o tempo que estive em Bogotá, a disponibilidade de colaboração com a pesquisa e um interesse mais genuíno em participar nela pelo fato de ser considerada “de fora”. Assim que eu anunciava estar de passagem na cidade, sentia que as pessoas se colocavam à disposição mais facilmente, marcando horários para entrevistas com maior rapidez ou disponibilizando outros contatos para a pesquisa etc.



FIGURA 3: GRAFFITI EM PROCESSO NA PARTE TRASEIRA DA TORRE COLPATRIA.

Com o Crix, a diferença do Rems — grafiteiro especializado em desenhar cães, sem formação, na faixa dos 20 anos e a quem conhecera brevemente depois por sugestão de minha irmã —, consegui fazer uma entrevista semiestruturada com um roteiro de perguntas preparadas. O encontro se deu alguns dias depois, em uma lanchonete próxima do mural que ele pintara com seu colega. Levei meu roteiro e o gravador que comprei no camelô do centro de Florianópolis. O mural, o Crix me contou na entrevista, era uma espécie de comemoração à vida (nele, a imagem de um feto sobressaía) e ocupava boa parte da fachada do térreo do prédio. Ele obteve os recursos e a permissão para fazê-lo por meio de um edital que surgiu de uma parceria público-privada entre o Banco Colpatria e a prefeitura da cidade. Contudo, ele pensava que o graffiti na cidade ainda era privilégio de um punhado de artistas, “os de sempre”, que ficavam com os editais, a grana (que também não era muita) e o reconhecimento. Dias depois, no meu encontro com o Toxicómano, com quem consegui fazer uma entrevista sem roteiro, muito mais extensa e com a confiança que a amizade permitia, confirmei existir

uma divisão entre “os que estavam chegando” — os *toy*, na gíria grafiteira — e aqueles mais experientes, como ele, que já tinham uma trajetória na cidade e cujos nomes apareciam como referências iniludíveis da borbulhante cena bogotana.

Os murais de Toxicómano, mas também as intervenções daqueles que eram considerados “novos”, faziam parte de Bogota Graffiti, o *tour* que funciona desde 2011 e foi criado por dois estrangeiros, um australiano e um artista urbano canadense, Crisp, em 2009. Até hoje, trata-se de um percurso de um pouco mais de duas horas pelo centro histórico e parte do centro expandido da cidade, guiado em inglês, que funciona sob o modelo de pagamento por meio de “doações para a comunidade”.¹⁸⁰ Naquela oportunidade, em uma típica manhã chuvosa na cidade, os participantes eram principalmente anglofalantes atraídos pelas publicações em sites especializados, de turismo e de arte urbana, que categorizavam Bogotá como “a meca” do graffiti na América Latina. Com efeito, tinha muita arte urbana para ver no trajeto que desenharam: uma mistura de estilos, artistas locais e estrangeiros, temáticas e lugares, que, somados a certa exotização do conflito colombiano e dos colombianos, resultaram em um produto bem-sucedido que conta uma versão — não sem ser abertamente disputada pelos artistas locais¹⁸¹ — da história recente do país e do movimento grafiteiro (Figura 4).

¹⁸⁰ Em 2013, ano que eu fiz o *tour*, porém, o custo foi o equivalente a R\$40.

¹⁸¹ Stinkfish, artista urbano de trajetória na Colômbia, contestou que o relato sobre a história do graffiti estivesse nas mãos de um “percurso de arte de rua” (assim foi intitulada uma matéria que celebrou a existência do *tour* na cidade), argumentando que “o que ali se faz [no *tour*], além do lucro, é começar a construir olhares, maneiras de pensar sobre o que o graffiti ‘deve’ ser, sobre aonde o graffiti ‘deve’ estar, sobre qual é o perfil das pessoas que ‘devem’ fazer o graffiti em Bogotá”.



FIGURA 4: GUIA E PARTICIPANTES DO BOGOTA GRAFFITI TOUR.

A experiência de ser turista na minha própria cidade sob o guia de estrangeiros, confesso, foi um pouco esquisita. Se bem que a figura do pesquisador e do turista que faz *tours* se confundem, que há muito em comum entre esses dois atores sociais — ambos percorrendo cidades, olhando ao redor, fotografando e sendo guiados às vezes em uma língua desconhecida —, sentia, além de certo peso neocolonial no olhar deles, que não tinham o direito de falar daquilo e se apropriarem do relato, muito menos de lucrar com uma ideia boa que, contudo, não refletia a essência nem a totalidade da arte urbana que apresentavam — além disso, uma pretensão muito difícil de atingir. Muito pelo contrário, reforçava minha hipótese da época sobre o uso do graffiti como enfeite, com o propósito de situar a cidade no olhar de especuladores imobiliários. O *tour*, então, me permitiu enxergar as duas faces da moeda: a resistência dos artistas perante a vontade pública de domesticação da prática e a encenação de uma cidade colorida, especialmente de seu centro histórico, à venda.

Por fim, as entrevistas com os funcionários, que fiz no final da estadia na cidade, partiram do que observara durante as caminhadas e das conversas que tive com os artistas, de coisas que eles apontaram sobre o uso dos muros e do espaço público, questões sobre a díade legalidade/ilegalidade, sobre as chamadas públicas para enfeitar a cidade, a relação entre graffiti e patrimônio, e sobre a regulamentação da prática que surgiu desde o assassinato de um grafiteiro em 2011, Diego Felipe Becerra, Tripido, a quem um policial “confundira” com um assaltante. Nas anotações de campo que fiz, a questão da “nova legalidade” do graffiti aparecia com frequência, e isso se fazia evidente nas fotos que destacaram a maior escala das intervenções no centro e em localidades próximas. Embora reparasse também

nas pichações, lambes, estênceis e *tags*,¹⁸² sem dúvida o que mais chamou minha atenção foi a presença quase monumental do graffiti, um fato que começaria a ser documentado pelas próprias instituições públicas em publicações financiadas com recursos públicos.¹⁸³

Roteiros, entrevistas, registro fotográfico, anotações de campo e uma lista considerável de contatos e páginas de *Facebook* de artistas e eventos para conferir no retorno ao Brasil foram alguns dos elementos com os que consegui montar uma imagem do graffiti no centro de Bogotá naquele momento. Organizar as informações um tempo após voltar, voltando para o campo por meio desses recursos, foi desafiador no sentido de sentir que ia perdendo o *timing* dos acontecimentos, que aquilo que estava descrevendo e analisando mudara e eu não estava *lá* para conferi-lo. Porém, afastar o olhar foi importante para perceber estar semeando o terreno para me aprofundar no assunto trazendo para a pesquisa outras questões que iriam aparecer em reflexões posteriores. Distância e repouso, então, fizeram com que o campo se expandisse para outras análises, pois aquilo que as caminhadas, as entrevistas e as fotos — próprias e as que recuperei das redes sociais posteriormente — me mostraram no processo de montagem analítica, foi uma

¹⁸² Na Colômbia, não existe a diferenciação que existe no Brasil entre graffiti e pichação, essa última entendida como ato anárquico, à maneira do que se pratica e se vê nos prédios de cidades como São Paulo. Por isso, uma pichação aqui se refere àqueles graffitis realizados com spray que podem ser frases de crítica política, declarações de amor, marcações de território das torcidas de futebol etc. Um lambe é um cartaz de fabricação caseira ou em séries xerocadas que é colado nos muros com cola de polvilho ou farinha. Costumamos vê-los na cidade anunciado shows ou também fazendo publicidade. Já um estêncil é, conforme o glossário levantado por Ricardo Campos em *Por que pintamos a cidade?* (2010), um “molde recortado em cartolina, radiografia ou outros materiais, de maneira a criar formas pré-definidas. Encostando esse molde a uma superfície e passando spray por cima, ficamos com as formas subtraídas à cartolina, pintadas na parede”. Por fim, uma *tag* é a assinatura do grafiteiro. Também, de acordo com Campos, pode ser “o pseudônimo do *writer*, o nome que este adota no meio”.

¹⁸³ Um exemplo disto é o material de distribuição gratuita elaborado pela prefeitura, “com fins didáticos e culturais”, *Arte urbano em Bogotá*, de 2015, uma seleção de fotografias de oitenta graffitis da cidade realizados entre 2012 e 2015.

constatação da vantagem metodológica do olhar distanciado. Com efeito, não poderia ter usado as imagens das redes sociais tirando o mesmo proveito se não tivesse estado antes *lá*, descobrindo e estranhando as coisas que, na cotidianidade de quem mora em um lugar e o transita frequentemente, fogem do olhar. Uma constatação que Geertz já havia antecipado lucidamente quando afirmara que “objetos sólidos que se dissolvem frente a um olhar contínuo não são menos fascinantes do que objetos fantasmagóricos que constroem, e talvez ainda mais inquietantes” (1991, p. 219).

Medellín, 2016

Em abril de 2016, duas semanas após começar as aulas do doutorado, viajei para a Colômbia. Tinha que usar as passagens que comprara para uma viagem de quinze dias, em dezembro de 2015, acreditando que eram as passagens definitivas para voltar para minha terra, mas o processo seletivo no doutorado interdisciplinar foi em fevereiro, e passei. Quis, então, aproveitar as passagens para visitar a família e alguns amigos, e me organizei para cumprir com os compromissos acadêmicos de forma remota. Eram quase três anos sem ir para lá, e estava contente. Meu irmão mais velho, que trabalha com produção de televisão e cinema na Colômbia, tinha me contado da experiência dele gravando um documentário na Comuna 13¹⁸⁴ de Medellín (Figura 5) sobre um grupo de jovens, Casa Kolacho, que criaram o *Graffitiour*. Ele registrou essa iniciativa no documentário *Rostros de las memorias* (2014), um projeto audiovisual que dá visibilidade para alguns empreendimentos de vítimas do conflito armado, relacionados com a memória. Medellín, por isso, estava nos planos dessa vez. Assim que me

¹⁸⁴ Uma comuna é um conjunto de bairros que se organiza em função de delimitar zonas urbanas. Medellín está conformada por dezesseis comunas e cinco corregedorias, pelo que todos os bairros da cidade pertencem a alguma comuna.

Rompu, 2019, p. 87), estava sendo bastante noticiado naqueles dias como uma experiência bem-sucedida que dava outro tom às formas nas que o conflito colombiano é narrado. Perguntava-me qual seria o diferencial desse *tour* em comparação com os que fizera em Buenos Aires e Bogotá alguns anos antes e como poderia dar conta dele na pesquisa,¹⁸⁶. Entretanto, uma primeira coisa ficava clara: estava prestes a conhecer uma iniciativa inserida no que se conhece como turismo comunitário ou de favela, “uma forma de turismo que considera a sustentabilidade social, cultural e cujo manejo e propriedade são comunitários [...]” (Van Rompu, 2019, p. 83), mas que não se esgotava ali. Se as experiências anteriores me mostraram novidades sobre a prática do graffiti, seu vínculo com a arte pública e sua importância na configuração política e estética das cidades latino-americanas, andar e ver através do *tour* da Comuna 13 foi também uma oportunidade para questionar diferentes estigmas baseados no preconceito de moradia (Hélio Silva, 2014; Van Rompu, 2019) sobre territórios em que a violência tem sido protagonista, assumidos tacitamente dessa maneira pelos colombianos pelo fato de termos naturalizado o conflito de tantos anos no país.

A análise e a descrição completa do percurso foram registradas em um artigo publicado em 2018 no Brasil,¹⁸⁷ mas, em termos gerais, consistiu em fazer um trajeto de duas horas e meia por alguns bairros da Comuna 13, guiado por um grupo de jovens que decidiram assumir o relato da violência

¹⁸⁶ À diferença dos *tours* de graffiti oferecidos em Buenos Aires e Bogotá, o *Graffiti* de Medellín pode ser tido como uma produção periférica organizada por jovens da própria comuna. No caso de Buenos Aires, o *tour* é guiado por um jornalista londrinense, enquanto o de Bogotá é realizado, como se explicou antes, por um artista urbano australiano e seu parceiro canadense. Em ambos os casos, os percursos se localizam em áreas não necessariamente tidas como distantes ou perigosas. Considero que essa diferença é fundamental não somente na própria gestão do percurso, mas no tipo de relato que o acompanha e nas motivações para oferecê-lo, pois, no caso de Medellín, conjuga a experiência de pertencimento dos jovens de Casa Kolacho ao lugar com o fato de experimentar quotidianamente a violência que narram por meio das intervenções urbanas e das músicas que produzem.

¹⁸⁷ *The Graffiti of the 13: an aesthetic, political and historical trajectory through Medellín* foi publicado no Dossier *The Urban Peripheries* da revista *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, no primeiro semestre de 2018.

nas periferias (para saírem dela) aproveitando a prática do graffiti e do hip hop. A ideia do *Graffitour* surgiu a partir da visita, em 2010, de um funcionário do governo dos Estados Unidos. Foi encomendado para os jovens de San Javier que mostrassem os bairros para ele, anos depois da Operación Orión, uma violenta tentativa de pacificação da Comuna por parte do Estado em 2004, com o apoio de grupos paramilitares. Os jovens se deram conta da qualidade das intervenções artísticas que tinham nas fachadas das casas embutidas nas montanhas e improvisaram um percurso. Desde então, os integrantes de Casa Kolacho lideram essa e outras iniciativas de gestão cultural na perspectiva da transformação social do território.

Naquela oportunidade, pela brevidade da viagem, não fiz contatos prévios com interlocutores nem preparei questionários para entrevistas ou planejei visitas a outros lugares. Com a ajuda e companhia de amigos que moram lá, fui, câmara em mão de novo, percorrer lugares que eles me recomendaram, sob a única consigna de que tivesse muito graffiti para ver. Quase todos os deslocamentos foram a pé, no meio do *smog* que por esses dias assolava à “Cidade mais inovadora do mundo”,¹⁸⁸ a capital mais industrial da Colômbia.

Na primeira tarde, nos deslocamos até o centro e por algumas avenidas principais da cidade em que, com efeito, havia muita arte urbana, e, na sequência, fomos para a Universidad de Antioquia, lotada de murais feitos por artistas, pelos estudantes e também por grupos “de fora”: coletivos políticos e guerrilhas. Da mesma maneira que acontece na Universidad Nacional e em outras universidades públicas, a UdeA é centro de experimentação

¹⁸⁸ Em 2013, Medellín ganhou o título de “Cidade mais inovadora do mundo”, um prêmio organizado por *The Wall Street Journal* e o *Citigroup* através da internet e que reconhece e valoriza diferentes práticas urbanas. Na ocasião, a cidade concorreu com São Paulo como únicas representantes da América Latina, se destacando pela “construcción de infraestructuras integradas de transporte público, las cuales reducen las emisiones de CO2, apoyando el desarrollo social de zonas marginadas, la reducción de los índices de criminalidad, la construcción de equipamientos y espacios culturales, y la gestión de servicios públicos”.

e expressão popular por meio graffiti desde a década de 1970, pelo que não é estranho que seja um lugar a se visitar para quem tem interesse no assunto.

No segundo dia, reservado para fazer o *Graffitour* de manhã, e depois para continuar “aventurando” pela cidade, optamos por manter a estratégia de caminhar bastante, mas sujeitos a um pequeno plano: visitar o Centro de Desarrollo Cultural Moravia, uma obra do arquiteto Rogelio Salmona, na Comuna 4. Ali encontramos o Foko,¹⁸⁹ grafiteiro e gestor cultural que ministrava aulas de graffiti para os jovens do bairro. Moravia já foi um dos bairros mais pobres de Medellín, outrora conhecido por ser a lixeira da cidade. Foi ali também que foram parar, em vala comum, muitos mortos da violência na década de 1990 e dos anos 2000. Na companhia de Foko, percorremos as ruazinhas do bairro, e ele nos fez seu *tour* particular enquanto nos contava a história do bairro. As famosas casas de tijolo que tanto encantam os turistas que visitam a Colômbia desta vez se misturavam com materiais bem menos resistentes, como o papelão. Grafittis coloriam aquelas casas também (Figura 6). Havia muitas crianças ocupando as ruas, o ambiente no bairro era de alegria. Dessa visita, fiquei com a sensação e a constatação da potência das artes da e na periferia. O conflito ali se traduzia na violência do modelo econômico que, junto a violência política, precariza a vida das pessoas. O graffiti lá falava disso, alegoricamente, mas também de resiliência, dos mecanismos que as pessoas criam para resistir e sobreviver.

¹⁸⁹ Foko, conhecido nas redes sociais como Fokografo, é um grafiteiro de Medellín com uma trajetória destacada no ensino de técnicas de grafiteagem. Com um canal de YouTube com mais de 2 milhões de visitas, Foko dedicou-se nos últimos anos a fazer tutoriais sobre graffiti através das redes, atividade que complementa com histórias sobre sua vida cotidiana, viagens e sua participação em intervenções públicas com arte urbana dentro e fora da Colômbia.



FIGURA 6: GRAFFITI EM MORAVIA, NA PERIFERIA DE MEDELLÍN.

Com o registro fotográfico de pichações, murais, estênceis e qualquer tipo de intervenções urbanas com graffiti nas quais pudesse advertir alguma questão associada tanto ao conflito armado interno quanto à paz e às negociações com as FARC que estavam em curso — mas não só —, voltei para Bogotá e, uns dias depois, para o Brasil. Aquele trabalho de campo sob o próprio ritmo da viagem obliterou o olhar sobre as periferias enquanto formações míticas urbanas (perigosas e inacessíveis, fechadas e ilegíveis), ao passo que ampliou o espectro de problemáticas associadas à relação entre arte urbana e memória social, eixo analítico da minha pesquisa. Mais uma vez, foi necessário deixar esfriar aquilo que vivi nesses dias para processar e produzir uma versão coesa da viagem. Os pequenos percursos me davam muitas pistas sobre novas fontes de informação que teria que procurar, dessa vez, de forma virtual.

Bogotá, 2018

A última vez que fui para a Colômbia coincidiu com a eleição para presidente e com o Congresso del Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana,

onde apresentei um trabalho sobre o graffiti como um ato de escrita. Mais uma vez, o tempo para ficar lá foi de cerca de um mês. Na época, estava preparando a qualificação do doutorado e tentei dividir o tempo entre a escrita do texto da qualificação, mostrar a cidade para amigos que visitavam a Colômbia pela primeira vez — desta vez, era eu quem fazia de guia do *tour* —, os compromissos acadêmicos e familiares e, é claro, as novidades sobre a arte urbana na cidade.

Embora não tivesse passado muito tempo entre a última visita que fiz e a que trago aqui, sem dúvida foi a vez em que fiquei mais surpresa com a quantidade de graffiti na cidade: tudo estava tomado por diferentes intervenções, qualquer elemento do mobiliário urbano era um bom suporte para deixar uma *tag*, para colar lambes, para pichar ou fazer um estêncil gigante, para fazer aquele mural bonito “para gringo ver”. No relato dos moradores da cidade — no caso, alguns conhecidos, e no que ouvi de algumas conversas soltas de estranhos em diferentes lugares —, aquilo era resultado do colapso da cidade, da maneira como o caos foi tomando conta de tudo o que a municipalidade não conseguia resolver, uma sensação, no final das contas, de que Bogotá estava perdendo para a delinquência, a corrupção e a desordem, e que o graffiti era o signo mais visível daquilo, o que, desde minha perspectiva, revigorava a “teoria das janelas quebradas” de James Wilson e George Kelling (1982).

Eu, que acompanhava algumas coisas de longe, percebi que esse discurso se alinhava bem com o momento político do país, prestes a eleger o novo presidente. Como o candidato pela esquerda era Gustavo Petro, ex-prefeito de Bogotá (2012-2015), as pessoas associavam facilmente sua gestão a um suposto abandono da cidade em termos de melhoras em infraestrutura e imagem, pelo que o eleger como novo presidente faria com que a Colômbia entrasse no caos em que Bogotá estava submersa desde que ele havia sido prefeito. A questão era que, naquele momento, junho de 2018, o prefeito da cidade era Enrique Peñalosa, famoso no marketing de cidades pela frase “uma cidade avançada não é aquela na que os pobres têm carro, mas aquela na que os ricos usam o transporte público”. Portanto, dado que

a votação de Bogotá é fundamental na eleição presidencial, aquele suposto caos — graffiti incluído — era, na verdade, e sobretudo, uma estratégia discursiva para posicionar o candidato da direita, Iván Duque, que acabou vencendo no segundo turno.



FIGURA 7: RECORTE DO MAPA DE BOGOTÁ, COM DESTAQUE PARA O DISTRITO GRAFFITI E A GALERIA VISAJE GRAFFITI.¹⁹⁰

Fonte: Google Maps, 2021

¹⁹⁰ Tanto Distrito Graffiti quanto Visaje Graffiti estão situados em localidades da cidade (Puente Aranda e Teusaquillo, respectivamente) nas quais o graffiti tem protagonismo. Embora afastadas, o primeiro é tanto o nome de uma estratégia pública da prefeitura da cidade — em andamento desde 2016 — para promover a prática legal da arte urbana quanto um espaço na zona industrial de Bogotá, agora chamado “museu a céu aberto” e configurado como um lugar turístico, no que se desenvolvem diferentes atividades artísticas em parceria com as empresas sediadas ali. Visaje Graffiti é um espaço expositivo dedicado ao graffiti que promove e difunde o trabalho de artistas nacionais e estrangeiros. É interessante ver no mapa outros lugares icônicos da cidade, pertencentes ao centro histórico e o centro expandido, como o Parque Nacional, a Plaza de Bolívar e o Museo Nacional de Colombia, e os nomes das localidades de Santa Fe e Chapinero, pois nessa constelação de lugares se cifra boa parte do movimento da cidade, tanto para próprios quanto para estranhos, e o graffiti aparece fortemente ancorado a esses marcos urbanos.

O que andar de novo pelas ruas da cidade enquanto a mostrava para amigos brasileiros que também iriam participar do congresso na Pontificia Universidad Javeriana me trouxe foi a constatação da importância da cidade no movimento da arte urbana da América Latina. Sim, havia muito mais graffiti e muito mais lixo, ruas sem asfaltar na cidade e muita desordem no trânsito (sendo histórica), mas o movimento grafiteiro tinha se consolidado e expandido. O graffiti era diverso, multifacetado, abrangia e atingia todas as classes sociais e falava do conflito, mas não só. Encontrava semelhanças entre Bogotá e São Paulo e Porto Alegre. Parecia-me que podia visualizar uma forma embrionária de pixo no topo de alguns prédios, que viadutos e áreas industriais eram telas perfeitas para os mais consagrados artistas urbanos nativos e estrangeiros. A existência do Distrito Graffiti, uma estratégia para fomentar a arte urbana na cidade, era uma clara amostra disso (Figura 7).

Um dos momentos destacados da passagem pela cidade se deu nos últimos dias, quando compareci a uma exposição da artista urbana mexicana Eva Bracamontes¹⁹¹ na galeria Visaje Graffiti, na localidade de Teusaquillo, uma das zonas mais antigas de Bogotá, em que se concentram espaços e atividades culturais significativos. Embora tivesse percebido nas fachadas e muros mais autoria feminina, quando presente, ficava claro que aquela expansão do graffiti estava sendo liderada também por mulheres. A voz e a presença das mulheres no espaço público,¹⁹² e especificamente na prática do graffiti na cidade, foi o gatilho para começar a discutir essa abertura da arte urbana para além de sua funcionalidade aos propósitos estéticos da

¹⁹¹ Eva é uma artista urbana mexicana de 28 anos com uma experiência nesse campo de cerca de 7 anos. Filha de pais arqueólogos e com família em Los Angeles, Eva teve sempre a oportunidade de viajar muito e, por isso, afirma, bebeu de muitas culturas e movimentos artísticos que a levaram a trabalhar no campo do design e da ilustração. Recentemente fez uma residência artística em Pittsburgh em parceria com a HCUAP (Hemispheric Conversations: Urban Art Project), uma plataforma de troca e educação sobre arte urbana.

¹⁹² Assinalo isto para remarcar o robustecimento do movimento feminista na Colômbia que fez com que, nos últimos anos, o espaço público tenha sido tomado pelas reivindicações e as lutas de diversos coletivos de mulheres.

cidade. Por isso aproveitei a visita e a presença da Eva na exposição para improvisar uma entrevista curta cuja estrutura foi, justamente, questionar sobre os modos pelos quais as mulheres entraram a disputar com mais força um campo e uma prática geralmente atribuídas aos homens. Eva comentou que, na experiência dela, percebeu que as mulheres que conseguem entrar na cena grafiteira o fazem porque “têm paixão, ímpeto e vontade de continuar criando, independentemente de tudo”, mas acredita que ainda é um campo no que “evidentemente 80% são homens e 20% garotas”.

Talvez por isso Eva tenha decidido dar protagonismo em seu trabalho às mulheres. Ao fazer o movimento de passar do legal (como designer, comunicadora visual e ilustradora) para o ilegal (como grafiteira), e de cruzar constantemente essas fronteiras em seu trabalho, ela não só conseguiu “experimentar e sentir liberdade”, mas pesquisar sobre o papel da mulher na sociedade e colocar em cena e em distintos formatos e países suas preocupações sobre o assunto. A questão dos feminicídios no México, por exemplo, é uma problemática que a mobiliza, ao passo que se interessa por “ressignificar, empoderar” e “[fazer] sentir sensuais, belas e bonitas” às mulheres (Figura 8). Com Eva, comentamos também o papel da arte urbana na sociedade considerando as semelhanças entre a realidade colombiana e a mexicana. Para ela, é claro que os artistas urbanos não são uma espécie de *Superman* nem podem mudar o mundo com as mensagens que tentam transmitir (quando existe uma mensagem explícita), mas que em alguns contextos a arte pode cumprir um rol de engajamento nas pessoas que, eventualmente, contribui a transformar a realidade dessa pessoa e/ou seu ambiente.



FIGURA 8: EVA BRACAMONTES E SEU TRABALHO NA GALERIA VISAJE GRAFFITI.

A ambiguidade em que o graffiti se estrutura, as tensões que configura e as dicotomias a partir das quais é assumido sobressaíram naquela entrevista e nos percursos que fiz nos dias que permaneci na cidade. O meu olhar, equipado com outras experiências de viagem durante esses anos, ampliava-se para uma compreensão sobre a multiplicidade de leituras que a arte urbana permite, sobre a versatilidade dos artistas, as mudanças nas cidades a respeito da prática e os vínculos do graffiti com a arte, entre outras. A distância era chave para eu poder ler nas entrelinhas, isto é, o que havia entre o que observava de fato nas viagens, pequenos tesouros que trazia comigo no retorno para o Brasil, e o que olhava de longe na mídia e nas redes sociais principalmente.

Olhando para o extraordinário

Como foi mostrado ao longo do texto, o fio que conecta as três experiências de trabalho de campo elencadas é o *tour*, entendido como um tipo de “peregrinação contemporânea” em que, na condição de turistas, é possível “lançar um olhar sobre aquilo que encontramos” (John Urry, 1996, p. 16). Longe de pretender enquadrar os momentos narrados na perspectiva da antropologia do turismo, isto é, “preferindo os lugares turísticos como palco [e] aos turistas como protagonistas” (Maria Cardeira da Silva, 2004, p. 10), preocupava-me tentar mostrar a potencialidade de participar desses percursos guiados nas cidades como uma estratégia metodológica que, a partir de alguns insumos etnográficos, criasse condições de possibilidade para construir um campo o suficientemente consistente com os objetivos da(s) pesquisa(s).

Existem dois aspectos que é necessário observar com certa atenção. Em primeiro lugar, se bem que eu me integrava nos *tours* de graffiti à maneira de turista, meu olhar não era totalmente alheio àquilo que visitava, nunca foi. Com exceção de Medellín, uma cidade que conheço menos e na que, sim, precisava de uma orientação mínima para me locomover e transitar por alguns lugares, meu lugar de partida não era o de alguém de fora, ora desinformado, ora parcialmente influenciado por referências de diversas fontes, mas o de alguém que, tendo estado fora um tempo, voltava para tentar enxergar o extraordinário no meio do conhecido, do familiar. Se a experiência turística como definida por Urry é principalmente “a divisão binária básica entre o ordinário/cotidiano e o extraordinário” (1996, p. 28), o extraordinário de minha experiência nos percursos guiados de graffiti — e ainda agindo como guia na minha própria cidade — decorria de um olhar distinto sobre o ordinário, um olhar reconfigurado no andar por outras cidades lá fora, na observação desprevenida ou intencional de outros lugares, na expectativa criada quando uma viagem se aproxima e a ansiedade e a vertigem pelo desconhecido tomam conta da imaginação, na necessidade de jogar uma ou várias hipóteses de pesquisa. Um olhar, no final de contas,

distanciado, como o de quem tira o olho do visor da câmera por um instante para tentar enxergar melhor o quadro.

Em segundo lugar, a impossibilidade de separar esse olhar do ordinário, isto é, da pesquisa, supôs importantes esforços de desnaturalização do familiar no intuito de não cair em descrições superficiais que acabassem reforçando os estereótipos que o turismo permite – no caso colombiano, especialmente aqueles relacionados com a violência. Quando John Berger afirmou que “nunca miramos sólo una cosa; siempre miramos la relación entre las cosas y nosotros mismos” (1974, p. 14), estava assinalando que nosso modo de olhar está sempre condicionado pela nossa experiência, e, por isso, é muito fácil cairmos na armadilha de nos identificar com o que observamos até o ponto de perdermos de vista suas nuances, aquilo que não é evidente. O que sabemos previamente atinge diretamente o modo no que olhamos para as coisas e isso vale também tanto para a experiência turística por mais breve que ela seja, quanto para a experiência etnográfica. Por isso, meu conhecimento direto da realidade colombiana enquanto participante dos *tours* embora pudesse embaçar o olhar, na verdade, se situava num meio termo entre a necessidade de apreender o novo, de o capturar e decantar, e a vontade do ressignificar aproveitando o distanciamento. Nunca encontrei a mesma cidade nem as mesmas preocupações nos meus retornos. Também nunca fui com as mesmas perguntas. O campo se fez à medida dessas mudanças no olhar, acompanhando as próprias mudanças sociais e no graffiti.

Chegar a algumas conclusões preliminares sobre a relação entre conflito e graffiti na Colômbia a partir das experiências de trabalho em campo discutidas neste texto foi possível graças à distância com o objeto de estudo. A construção do olhar particular sobre essa problemática a partir do fato de morar e fazer pesquisa no Brasil tem sido chave para organizar a pesquisa em temáticas, recortes temporais, acontecimentos destacados e metodologia. Embora continue presente certa necessidade de dar conta de uma boa parte dos acontecimentos nos que o graffiti se insere como movimento e relato social na Colômbia contemporânea, um olhar mais panorâmico contribui para destacar aqueles aspectos estruturantes, de mais longa duração,

que podem auxiliar no desenvolvimento de uma contribuição para compreender o lugar de ambos fenômenos.

Referências

BERGER, John. *Modos de ver*. Barcelona: Gustavo Gili, 1974.

CAMARGO, María del Pilar. “Medellín, la ciudad más innovadora del mundo”. *Revista Semana [online]*. 2016. Disponível em: <https://www.semana.com/nacion/articulo/medellin-ciudad-mas-innovadora-del-mundo/334982-3/>. Acesso em: 10/08/2021.

CAMPOS, Ricardo. *Por que pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica do graffiti urbano*. Lisboa: Fim de Século, 2010.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: el andar como práctica estética*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2009.

DABÈNE, Oliver. “The occupation of public space between appropriation and deliberation Democratic graffiti in Bogota, Colombia”. In: *50th LASA Congress*, Nova York, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges (Org.). *Levantes*. Tradução de Jorge Bastos; Edgard de Assis Carvalho; Mariza P. Bosco; Eric R. R. Heneault. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza. “Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana”. *Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 1-22, 2003.

GEERTZ, Clifford. “O dilema do antropólogo entre ‘estar lá’ e ‘estar aqui’”. *Cadernos De Campo*, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 205-235, 1991.

GUBER, Rosana. *La etnografia. Método, campo y reflexividad*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

INNIS, Robert. “Resisting Forms: Prolegomena to an Aesthetics of Resistance”. In: AWAD, S; WAGONER, B. (Orgs.). *Street Art of Resistance*. Londres: Palgrave Macmillan, 2017, p. 63-83.

KELLING, George; WILSON, James. “Broken Windows. The Police and Neighborhood Safety”. *The Atlantic [online]*. 1982. Disponível em: <https://www.>

theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/broken-windows/304465/. Acesso em: 05/09/2021.

MAGNANI, José Guilherme. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, junho de 2002.

PÉREZ, Andrea. *O sentido de ser guerrilheiro: uma análise antropológica do Exército de Libertação Nacional da Colômbia*. (Tese). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2008.

PÉREZ, Natalia. “The Graffitour of the 13: An Aesthetic, Political and Historical Trajectory Through Medellín”. *Vibrant*, Brasília, v. 15, n.1, p. 168-179, jan-abr. 2018.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível. Estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SELONI, Lisy e SAFARTI, Yusuf. “Linguistic Landscape of Gezi Park Protests in Turkey”. *Journal of Language and Politics* [online]. 2017. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/jlp.15037.sel>. Acesso em: 08/11/2021.

SILVA, Hélio. “A situação etnográfica: andar e ver”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul-dez. 2009.

SILVA, Hélio. “O lugar da residência, o local de moradia, estigma de localização, critério de residência no Grande Rio — o caso da Baixada Fluminense”. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/jlp.15037.sel>. CAPES/UFRIJ, 2014.

SILVA, Maria Cardeira da. “Introdução”. In: SILVA, Maria (Org.). *Outros trópicos. Novos destinos turísticos. Novos terrenos da Antropologia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

STEVENSON, Lisa. “Apartar la mirada para ver mejor”. *Antropología Urbana. Observatorio de Cultura Urbana* [online]. 2021. Disponível em: <https://urbanologia.blogspot.com/2021/06/apartar-la-mirada-para-ver-mejor.html>. Acesso em: 17/07/2021.

STINKFISH. “¿La ruta del arte callejero? _*Stinkfish.019* [online]. 2013. Disponível em: <https://stinkfish.wordpress.com/2013/03/03/la-ruta-del-arte-callejero/>. Acesso em: 23/08/2021.

URRY, John. *O olhar do turista. Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

VAN ROMPU, Phie. “El turismo como herramienta: rehumanizando las favelas de la Zona Sur de Río de Janeiro a través de narrativas de turismo comunitario”. *Apuntes*, 85, p. 79-113, segundo semestre 2019.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: OLIVEIRA, Edson de (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na investigação social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 123-131.

VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia Urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Parte III

Etnografias Brasil-Holanda

Amsterdã: uma casa, múltiplas vozes, várias nacionalidades e o conteúdo da geladeira

Carla Pires Vieira da Rocha¹⁹³

A alimentação não é somente um elemento vital, mas um fenômeno de dimensões física e simbólica que está ligado à maneira de estarmos no mundo e de nos relacionarmos com o mundo (Lucy Giard, 2011; Sidney Mintz, 2001), demarcando também identidades e diferenças (Mary Douglas, 1976; Klaas Woortman, 1977; Richard Wilk, 1999).¹⁹⁴ Essas considerações assumem uma relevância ainda maior ao voltamos o olhar para a alimentação em contexto migratório. Quando imigrantes se encontram em ambientes sensoriais e culturais desconhecidos, comer é um componente inevitável da vida cotidiana que os obriga “a interagir física, emocional e cognitivamente com a alteridade circundante” (Fabio Parasecoli, 2014, p. 420). Em tal condição, os alimentos podem adquirir significados variados, constituindo estranhamentos, barreiras ou então se tornando um meio que favorece a inserção no novo contexto.

¹⁹³ Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, é pós-doutoranda em Ciências Humanas pela mesma instituição. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

¹⁹⁴ Conforme também explica Rial (2003), quando constituída como cozinha organizada, a alimentação passa a ser um símbolo de uma identidade atribuída e reivindicada, por meio da qual indivíduos podem se orientar e se distinguir, implicando, ainda, formas de perceber e expressar modos ou estilos de vida. Nesta medida, assim como sinaliza pertencimento, a comida ainda atua como um código de reconhecimento social.

A alimentação também é um meio pelo qual imigrantes conseguem manter seu sustento, seja abrindo restaurantes e comércios voltados para a comida de seu país de origem ou então trabalhando em alguma outra função relacionada ao campo alimentar (plantações, funções diversas em cozinhas, comércios etc.). A comida, portanto, pode ser vista como um indicador do grau de interação de imigrantes com o novo contexto, o que também pode revelar em que medida imigrantes participam na vida social da sociedade de destino (Schnapper, 1991). Conforme nota Parasecoli (2014), a menos que imigrantes se encontrem solitários e se abstenham de qualquer contato, o processo de adaptação à nova terra é algo compartilhado, influenciado e construído por meio de interações, seja através da família, amigos ou outros membros que fazem parte daquele círculo. Além disso, se levarmos em conta o mundo de hoje, no qual a intensificação das trocas globais e intercâmbios se dá, muitas vezes, de maneira assimétrica, acirrando as desigualdades e diferenças, a comida pode atuar como um eixo de conexão, favorecendo a partilha de experiências e a comunicação entre diferentes indivíduos ou grupos culturais.

Paralelamente, aceder a determinadas comidas, incluindo aquelas que reportem a uma certa memória, pode contribuir para que se aliviem angústias causadas pelas contingências relativas à exposição constante a novos ambientes e as perturbações que isso também pode representar.¹⁹⁵ Semelhante ao que ocorre com o idioma, a comida é um meio de se manter alguma forma de ligação com o país de origem. Como já havia observado Câmara Cascudo (2004, p. 41): “O alimento é um fixador psicológico no plano emocional [...]. Comer certos pratos é ligar-se ao local do produto.”¹⁹⁶ Assim como o ato de migrar é desencadeado por diferentes motivações, a alimentação em tal condição está sujeita a modificações diversas e

¹⁹⁵ Um aprofundamento no enfoque da relação entre comida e memória pode ser encontrado em: SUTTON, David E. *Remembrance of Repasts: An Anthropology of Food and Memory*. Oxford: Berg, 2001.

¹⁹⁶ Nessa mesma perspectiva, a noção de comida conforto pode ser referenciada para explicar o consumo de determinados alimentos como meio para se gerir diferentes emoções.

acentuadas, seja em decorrência da dificuldade de acesso a certos alimentos anteriormente consumidos (em razão da escassez ou do preço) ou então da exposição a novos alimentos e, correlativamente, ao grau de abertura para incorporá-los. No passado, mudar de país significava que a alimentação forçosamente deveria se restringir em grande parte à oferta de alimentos que o ambiente local produzia. Ao longo do tempo, esse panorama sofreu modificações profundas. Na mesma medida em que a intensificação dos processos de globalização facilitou a maior circulação de indivíduos ao redor do mundo, configurando paisagens étnicas (Arjun Appadurai, 1990)¹⁹⁷ e alterando até mesmo a natureza das migrações, alimentos, ideias, imagens e discursos relacionados à alimentação ganharam maior mobilidade em escala global, provocando não apenas a reformulação de dietas nos mais variados contextos, mas também a maneira pela qual nos relacionamos com a comida e, conseqüentemente, com o mundo a partir da comida.

Partindo dessas considerações, no ano de 2015, como parte de um estágio de doutorado sanduíche na Holanda, realizei uma pesquisa com indivíduos que haviam migrado para Amsterdã, em períodos distintos.¹⁹⁸ O intuito da pesquisa foi compreender como os processos relacionados à globalização vêm afetando práticas alimentares de indivíduos em condição migratória, em que medida a alimentação desses indivíduos apresentava

¹⁹⁷ Appadurai (1990) sinaliza um caminho para se compreender a globalização em suas dimensões culturais, defendendo que a nova economia cultural global deve ser pensada como uma ordem complexa, repleta de justaposições e relacionada a certas deslocamentos fundamentais entre a economia, a cultura e a política. O autor propõe explorar tais deslocamentos, por meio da relação entre cinco planos ou dimensões de fluxos culturais globais: Paisagens étnicas (ethnoscapes), Paisagens tecnológicas (technoscapes), Paisagens financeiras (financialscapes), Paisagens midiáticas (mediascapes), Paisagens ideológicas (ideascapes). Ver: APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In: WILLIAMS, Patrick, CHRISMAN, Laura. *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. N.Y.: Columbia University Press, 1990. p. 324- 339.

¹⁹⁸ Ver: ROCHA, Carla Pires Vieira da. *Comida em uma cidade global: práticas alimentares de imigrantes transnacionais em Amsterdã*. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

permanências ou mudanças e o que isso podia revelar a respeito da alimentação em situação migratória, considerando o contexto dessa cidade.

Levando especialmente em conta que as práticas relacionadas à alimentação não se resumem à ingestão de alimentos, o fato de que o panorama alimentar global vem passando por vultosas transformações e também as particularidades do contexto de Amsterdã, sobretudo no que concerne a como os processos associados à globalização vêm se materializando nessa cidade, ao longo da investigação fui ajustando ferramentas metodológicas que me permitissem contornar as indagações centrais da pesquisa, já que as respostas não provinham somente de uma fonte.¹⁹⁹ Essas respostas encontrei na paisagem alimentar da cidade Amsterdã, nos relatos e práticas ligadas à comida de indivíduos que representavam parte das múltiplas vozes e várias nacionalidades que demarcavam essa cidade a partir casa em que residi, na qual as portas que se abriram me possibilitaram vislumbrar um horizonte bem mais amplo que o conteúdo da geladeira.

A casa e a paisagem alimentar de Amsterdã — uma cidade global

Morar em outro país, inevitavelmente, implica reformulações no cotidiano. Dada a variedade de motivações para se emigrar, não se pode afirmar

¹⁹⁹ Amsterdã é também um dos principais centros financeiros da Europa, consistindo em um polo importante tanto em termos de globalização da economia quanto de outros processos de âmbito global que ali assumem formas concretas e localizadas. Tomando como parâmetro a concepção de Sassen (2010), essa capital pode ser enquadrada como uma *cidade global*, visto pertencer a um campo de cidades mais facilmente acessível por meio das finanças (dinheiro), comunicações (viagens) e informação (radiodifusão, publicações, mídia).

que esse movimento é sempre precedido de um planejamento.²⁰⁰ Mais da metade dos indivíduos que integraram a pesquisa emigrou para a cidade partindo de um projeto migratório individualizado, envolvendo principalmente questões laborais. Hoje, dentro da Europa, a cidade de Amsterdã é considerada um dos locais mais privilegiados nesse sentido. No entanto, es- tudo, turismo, fatores culturais ou mesmo questões afetivas foram também apontados como motivações que desencadearam os seus deslocamentos.²⁰¹ Em alguns casos, a decisão de permanecer na cidade ocorreu sem ter havi- do necessariamente um planejamento prévio. Além disso, para alguns des- ses sujeitos, a emigração para essa capital consistiu em dar continuidade à experiência migratória ocorrida em um ou mais países.

Meu plano de residir na Holanda estava atrelado à realização da pes- quisa de doutorado, que incluía trabalho de campo etnográfico. Portanto, além do projeto de pesquisa em mãos, deveria seguir alguns passos para concretizá-lo, o que incluía encontrar uma moradia, compreender algu- mas dinâmicas do contexto da cidade, correlativas ao tema da pesquisa, em especial no que se refere à alimentação, e, principalmente, buscar aqueles

²⁰⁰ Os deslocamentos internacionais em vigor têm sido objeto de crescente atenção dada a sua diversidade, novos significados e implicações, em especial no que se refere aos seus vínculos com a globalização e decorrente intensificação dos processos transnacionais (Sassen, 1998, 2010; Glick Schiller *et al.*, 1995; Vertonec, 2006). O implemento tecnol- ógico nas áreas da comunicação e transportes e o menor custo desses serviços e pro- dutos, com relação a períodos anteriores, têm favorecido os deslocamentos atuais. Esse painel também é visto pelas lentes da reestruturação do capitalismo e, portanto, como determinante para a integração das diferentes partes do mundo em um sistema único de produção, investimento, comunicação, coordenação, pessoal, produção e distribui- ção (Sassen, 1994). A mesma fase é associada a uma reelaboração de significado das fronteiras nacionais, no que tange à produção e distribuição de objetos, ideias e pessoas (Appadurai, 1990; Glick Schiller *et al.*, 1995; Hannerz, 2015).

²⁰¹ À medida que se tem tornado mais viável a circulação de pessoas e diferentes moda- lidades de deslocamentos, vêm ganhando também proeminência projetos migratórios individualizados e com forte ênfase nas dimensões culturais da migração. Neste viés, a reflexão também recai sobre a imigração como um processo não necessariamente ne- gativo e dramático, mas também como possibilidade de se construir novas subjetivida- des (Alex Vailati; Carmen Rial, 2016).

sujeitos que estariam dispostos a contribuir com a investigação, compartilhando suas experiências relacionadas à comida.

Deixei o Brasil já ciente de que a ideia de residir nas acomodações do *campus* da universidade (Vrije Universiteit Amsterdam)²⁰² teria de ser postergada em razão da alta ocupação à época. Quando cheguei em Amsterdã, estava certa de que encontraria uma moradia facilmente, mas aconteceu justamente o contrário. A cidade já revelava suas particularidades, como a pouca oferta de imóveis de baixo custo, o que também era explicado pelos fluxos migratórios constantes para aquele centro urbano.²⁰³ Depois de alguns dias de intensa procura e pouco sucesso, encontrei um quarto através de um *website* de aluguéis informal na casa de uma jamaicana, que residia havia onze anos na cidade. Além dela, ainda moravam no local outras duas mulheres — uma de nacionalidade argentina, e outra que, apesar de ter nascido na Holanda, havia emigrado para diferentes países quando ainda era criança, retornando para Amsterdã somente na idade adulta, depois de ter vivido os últimos dez anos na Malásia. Dois meses após minha chegada, aquela de nacionalidade argentina deixou a residência, dando lugar a uma austríaca.

O relato sobre a dificuldade inicial com relação à moradia em Amsterdã seria insignificante e talvez descontextualizado, não fosse o fato do campo de minha pesquisa ter adquirido um contorno decisivo a partir dessa casa em que passei a residir. Compartilhar a moradia com outros indivíduos em Amsterdã não havia sido cogitado em meu plano inicial, resultava do

²⁰² Universidade Livre de Amsterdã.

²⁰³ Amsterdã é a cidade mais populosa dos Países Baixos e é também a capital de um dos países com maior densidade populacional da Europa. Isso afeta o panorama imobiliário. Além da oferta restrita e pouco diversificada, comparativamente a demais cidades nos arredores e mesmo em outros países europeus, os valores de aluguéis são considerados elevados, particularmente para quem ainda não tem uma fonte de renda compatível com a manutenção de uma residência em sua totalidade. Por essa razão, é bastante usual alugar um imóvel com outros imigrantes ou então alugar quartos em residências, cujo locador pode ser um local ou então um outro imigrante, em geral estabelecido há mais tempo nessa capital.

acaso. Contudo, residir e conviver naquela casa, acima de tudo, se transformou em uma oportunidade de observar de maneira bastante próxima o cotidiano de indivíduos em condição migratória.²⁰⁴ Podia acompanhar como geriam suas práticas relacionadas à alimentação, tanto no ambiente da casa como, de certa forma, no contexto mais amplo da cidade, e também a maneira pela qual a comida se articulava inclusive aos seus projetos migratórios, de como os integrava e qual a sua importância na constituição dos estilos de vida daqueles sujeitos na cidade.²⁰⁵ A chance de observar e participar dessa dinâmica foi, portanto, decisiva para que eu passasse a perceber aquela casa não apenas um ponto de partida, mas um campo de pesquisa absolutamente fecundo, a ponto de provocar a reformulação da ideia inicial de considerar como foco de atenção somente imigrantes do Brasil e ampliar

²⁰⁴ Como explica Chizzotti (2006), a etnografia caracteriza-se pela descrição ou reconstrução de mundos culturais de pequenos grupos, quando se pretende fazer um registro detalhado de fenômenos singulares, visando recriar crenças, descrever práticas, revelar comportamentos, interpretar significados e ocorrências nas interações sociais entre os membros do grupo em estudo. Para tanto, o pesquisador permanece em campo envolvido na vida cotidiana dos membros de uma comunidade ou grupo, compartilhando de suas práticas, hábitos, rituais e concepções. Esse contato próximo permite alcançar um conhecimento íntimo e amplo do grupo, apreendendo não só o que ocorre em um local, mas também como esse local é visto, construído e utilizado pelos membros do grupo nas atividades habituais do dia a dia.

²⁰⁵ Nesta ótica, a etnografia foi fundamental, consistindo em um caminho para buscar sentido nas ações relacionadas à comida daqueles indivíduos em seu próprio tempo e espaço (Ray, 2004), isto é, dentro do contexto de suas experiências vividas (O'Really, 2012).

o escopo para incluir indivíduos provindos de outros países, cujos deslocamentos eram demarcados pela transnacionalidade.²⁰⁶

Se, de início, o trabalho de campo incidiu na observação das práticas alimentares cotidianas das imigrantes que viviam naquela moradia (o que e como cozinavam) e suas tomadas alimentares, em momento posterior, passou a incluir os locais onde compravam seus itens alimentares ou, eventualmente, faziam refeições, isto é, a paisagem alimentar do bairro e também da cidade. Uma das metas da pesquisa consistia em identificar as razões pelas quais esses indivíduos elegiam determinados estabelecimentos para comprar seus mantimentos em detrimento de outros e como isso poderia

²⁰⁶ Assim como a intensificação de diferentes fluxos (ideias, imagens, pessoas, mercadorias, capital) vem configurando o período atual da globalização (Appadurai, 1990, 1996; Hannerz, 2014, 2015), o aprimoramento de conexões transnacionais entre grupos sociais também tem representado uma manifestação chave do mesmo processo (Vertovek, 2009). Tais conexões podem ser mantidas de diversas formas: remessas de dinheiro e mercadorias, atividades de negócios, participação política, investimentos, viagens e também por meio da troca de ideias e comunicações. A manutenção de qualquer forma de contato com a família e membros do país de origem (e mesmo com migrantes em demais destinos), sobretudo por correspondência ou o envio de remessas monetárias, não é novidade. Conforme Glick Schiller (2007), o transnacionalismo não é um processo novo, já que esses laços sempre estiveram presentes nas migrações internacionais desde fins do século XIX. Porém, como chamam a atenção Basch *et al.* (1994) e Vertovek (2009), na atualidade, a construção e manutenção de interconexões transnacionais são favorecidas por uma ordem distinta daquela mantida pelas migrações passadas; o aumento na densidade, multiplicidade e importância de tais interconexões foi proporcionado e sustentado pelas transformações nas tecnologias de transporte e comunicação, cujos implemento e aprimoramento vêm facilitando progressivamente ligações mais próximas e imediatas com locais distantes. Nas palavras de Joppke e Morawska (2003, p. 20), embora não corresponda a um fenômeno novo na história das migrações internacionais, o transnacionalismo imigrante contemporâneo não é uma réplica exata do anterior, mas uma “configuração diferente de circunstâncias”.

indicar, de maneira mais ampla, quais fatores associados à globalização se refletiam nos seus hábitos de consumo.²⁰⁷

O conceito de paisagem alimentar foi fundamental para delinear a alimentação de indivíduos desterritorializados, particularmente por se referir a uma construção da dinâmica social que relaciona comida a lugares, pessoas, significados, processos materiais e práticas implicando um vínculo dinâmico entre cultura alimentar (gosto, significado) e materialidade alimentar (estrutura social, paisagem física, ecologia) (José Johnson; Shyone Baumann, 2015). Para fins deste texto, esse conceito é referenciado com o fim de contornar como os fluxos globais em torno da comida ganham ancoragem na (e a partir da) cidade de Amsterdã, isto é, como as dinâmicas globais que moldam o mundo dos alimentos e do comer se expressam naquele contexto. Os aportes relativos ao conceito de paisagem alimentar se baseiam sobretudo na tese de Appadurai (1990), quando explora as dinâmicas culturais da globalização — global/local — a partir da relação entre os fluxos culturais globais (scapes — pessoas, tecnologias, imagens, capital, ideias), evidenciando a imprevisibilidade na forma pela qual esses fluxos podem se configurar (Johnson e Baumann, 2015).

A casa estava localizada na parte leste de Amsterdã, no bairro Osdorp-Midden, área considerada um dos subúrbios da cidade. O bairro recebeu uma grande parcela de imigrantes entre as décadas de 1980 e 1990, mais especificamente da Turquia, Suriname e Marrocos.²⁰⁸ A presença de imigrantes desses países também se refletia em parte do panorama

²⁰⁷ Um exemplo dos fatores que orientava o consumo alimentar de alguns destes indivíduos, também associados à globalização, tinha relação com preocupações de cunho ambiental, manifestadas não somente por meio da crítica ao excesso de embalagens nos alimentos utilizadas em muitos desses estabelecimentos, mas também pela busca de alternativas que, em suas concepções, significassem consumo com menor impacto ambiental.

²⁰⁸ O movimento de imigrantes para o bairro foi estimulado pelo envelhecimento da população e por uma saída de indivíduos em melhores condições financeiras, principalmente famílias jovens com crianças, que buscaram habitações suburbanas mais novas e confortáveis fora da cidade (Ostendorf; Fortijn, 2006).

alimentar daquela área urbana. A partir da observação, foi possível perceber que, mesmo apresentando particularidades com relação às demais áreas da cidade, os traços principais desse bairro já apontavam para como se configurava de maneira mais ampla a paisagem alimentar de Amsterdã, considerando o universo de ofertas alimentares e locais de circulação de alimentos ali presentes, abrangendo desde pequenos e grandes mercados até feiras, eventos e ainda alguns comércios específicos voltados para atender sobretudo a demanda migratória.²⁰⁹

Conforme já acenado anteriormente, observar a configuração daquela paisagem alimentar consistia também em uma possibilidade de compreender em que medida e como essa paisagem refletia a conjuntura vigente de intensificação de fluxos em âmbito global, isto é, de como a globalização

²⁰⁹ Entre suas múltiplas possibilidades de provimento no campo alimentar, incluindo atender algumas populações imigrantes, o bairro contava com mercados turcos, padaria marroquina, açougues holandês e muçulmano, mercados surinameses, mercearias asiáticas, supermercados e também a presença de uma filial do Hema, cadeia de lojas das mais tradicionais da Holanda que igualmente oferta itens alimentares. Ainda compunham aquela área da cidade restaurantes com culinárias de outros países além da Holanda, entre os quais Suriname, China, Turquia e Líbano. Além disso, entre outros comércios diversos, sorveterias, confeitarias e cafeterias contribuíam para diversificar a oferta alimentar do bairro. Em anos mais recentes, mais particularmente na última década, houve algumas modificações mais expressivas nas ofertas alimentares daquele bairro. Redes transnacionais alimentares, como McDonald's, Subway e KFC (Kentucky Fried Chicken), somente em período bastante recente haviam chegado àquela região da cidade. A abertura dessas redes coincidiu com outras mudanças na dinâmica urbana de Amsterdã. Tais mudanças também podem ser associadas à conjuntura vigente de intensificação de fluxos em âmbito global e que se reflete de maneira muito significativa na cidade em sentido mais amplo, como a potencialização da sua *ethnoscape*, a presença de demais cadeias alimentares e empresas transnacionais e fluxos culturais de outra natureza.

se materializava naquele contexto.²¹⁰ Já o acompanhamento dos trajetos e circuitos de imigrantes naqueles nos comércios de alimentos, a maneira pela qual se relacionavam com a comida, tinha o intuito de encontrar pistas tanto de mudanças quanto de permanências relativas aos seus hábitos e práticas alimentares. Considerando que alimentos ganham significados distintos, à medida em que são apropriada pelos diferentes atores sociais, contornar como imigrantes se apropriavam da paisagem alimentar de Amsterdã consistia ainda em uma possibilidade de depreender os significados a ela atribuídos pelos sujeitos em questão.²¹¹

²¹⁰ Afora os supermercados do bairro, a partir dos pequenos mercados ou mercearias, também pude acompanhar como se delineiam os circuitos (Magnani, 2000) relativos à comida voltada à imigrantes diversos. Já em outros bairros da cidade, frequentei comércios voltados para atender imigrações distintas, entre as quais a brasileira, por exemplo, representada por lojas como a Finalmente Brasil ou então a Brasil-Portugal. Enquanto a primeira comercializa uma gama variada de produtos alimentares importados essencialmente do Brasil, a segunda combina ofertas de Portugal com outras provenientes do Brasil, visando atender ambas as comunidades.

²¹¹ Conforme é característico dessa modalidade de entrevista, havia algumas perguntas predeterminadas de acordo com o tópico geral relativo ao tema, como as mencionadas mais acima, a fim de obter respostas mais precisas para alguns critérios, tanto no que envolvia a alimentação — acima de tudo, mudanças e permanências — quanto o movimento migratório. No entanto, a proposta incluía flexibilidade e espaço para explorar novas ideias a partir de tópicos surgidos no momento da entrevista. Em diversas situações, as respostas às questões propostas desencadeavam novas questões. Dessa forma, à medida que as entrevistas avançavam, questões levantadas por alguns dos entrevistados foram retomadas posteriormente com outros imigrantes, no sentido de viabilizar mais amplas possibilidades para contornarem suas concepções a respeito da alimentação, além daquelas previstas no roteiro inicial, o que também dava margem para que incluíssem perspectivas ligadas às suas concepções de estilos de vida, visões de mundo e outras experiências que ressoavam em sua alimentação. Seguindo as diretrizes de O'Really (2012) sobre a condução de entrevistas, a ideia consistia antes em tentar aprender sobre os sujeitos a partir da sua própria perspectiva do que impor uma linha rígida de questionamento sobre eles, estimulando assim a reflexividade e concedendo tempo para que mergulhassem em seus pensamentos, expressassem opiniões ou mesmo suas dúvidas.

Múltiplas vozes, várias nacionalidades

No primeiro dia em que passei a residir na casa em Amsterdã, conversei com Lys (a locadora do imóvel) sobre minha pesquisa, o que a estimulou a me propor um passeio pelo bairro para me mostrar as ofertas alimentares disponíveis. Depois disso, mostrou-me um livro produzido no país contendo as histórias de vida de sujeitos que haviam imigrado para a cidade e adquirido cidadania holandesa no ano de 2007. Eram homens e mulheres de variadas nacionalidades (Venezuela, Coreia do Sul, Gana, Iraque, Escócia, Indonésia, Afeganistão, Marrocos, Jamaica, Iran, Bósnia, Nigéria, Brasil, Vietnã, Argentina, Turquia, Azerbaijão, Israel, Suriname, Tanzânia). As histórias de vida desses indivíduos eram contadas por meio de textos, fotografias e receitas de pratos representativos da culinária do respectivo país de nascimento. Um dos capítulos era dedicado à história de Lys, e as imagens retratavam-na preparando *dumplings* com bacalhau e peixe frito, prato escolhido por ela como referência culinária da Jamaica, seu país de origem.²¹²

Mesmo que representasse uma parcela ínfima da diversidade migratória que demarca Amsterdã, aquele grupo retratado no livro já fornecia uma ideia da paisagem de indivíduos que configura aquela cidade e, conseqüentemente, fornecia pistas sobre a sua paisagem alimentar. Além disso, indicava que, na mesma medida em que há comunidades de imigrantes mais homogêneas em Amsterdã, há também grupos fragmentados de diversos indivíduos com origens distintas. Embora a maior parte daqueles sujeitos não integrasse diretamente a pesquisa, suas histórias de vida contadas naquele livro e atravessadas por aspectos da sua alimentação foram também fundamentais para que eu começasse a vislumbrar outras perspectivas, sobretudo no que se refere à revisão do grupo enfocado mencionada, até então reduzido a imigrantes provindos do Brasil.²¹³

²¹² *Dumpling* é um pequeno bolo preparado a base de farinha.

²¹³ Além de Lys, integrou a pesquisa uma imigrante proveniente da Venezuela, cuja história de vida era também retratada no livro referido.

Entretanto, a mudança de foco relativa aos sujeitos da pesquisa, a princípio, significava um certo desafio. Isso porque a maior parte dos estudos sobre alimentação e imigração em um determinado contexto era predominantemente direcionada para grupos de uma nacionalidade específica. Voltar o olhar para a diversidade migratória em questão não implicava apenas revisar a interlocução entre hábitos individuais e de grupo frente as transformações sociais vigentes, mas, acima de tudo, reificar que hábitos alimentares não podem ser agrupados em uma mesma categoria. Afora dependerem de muitos fatores (preferências, valores pessoais e culturais, crenças etc.), os hábitos alimentares, do mesmo modo que podem apresentar semelhanças, podem variar de uma pessoa para a outra até mesmo dentro de uma mesma família (Alan Warde, 1997).²¹⁴ E, particularmente no caso de imigrantes, esses hábitos ainda podem sofrer variadas formas de modificação no decorrer de demais experiências migratórias adquiridas²¹⁵.

Portanto, investigar a alimentação de indivíduos de diferentes países, em um primeiro momento, significava abrir mão de formulações e direcionamentos anteriores. Por um lado, essa alteração de percurso reiterava o fato de que a pesquisa também está sujeita a contingências, imprevistos ou *acazos*, nos termos de Peirano (2018) e Becker (2018). Por outro lado,

²¹⁴ A respeito das mudanças mais amplas relacionadas à alimentação ver: FISCHER, Claude. “A Mcdonaldização dos costumes”. In: Flandrin, J. L.; Montantari, M. *História da alimentação*. São Paulo. Estação Liberdade, 1998, p. 841–862. ALBALA, Ken. Comendo na pós-modernidade: como o comprar, o cozinhar e o comer estão se transformando na era digital. *Estudos Sociedade e Agricultura*. Seção Temática Comida e Alimentação na Sociedade Contemporânea, v. 25, n. 2, jun.–set. 2017, p. 238–250. FISCHLER, Claude. Introduction. Is Sharing Meals a Thing of the Past? In: FISCHLER, Claude (Ed.). *Selective eating: the rise, meaning and sense of personal dietary requirements*. Paris: Odile Jacob, 2015, p. 15–31. FISCHLER, Claude. *El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo*. Barcelona: Anagrama, 1995. POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologia da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

²¹⁵ Além disso, no âmbito de alguns particularismos nacionais, a noção mesma de refeição varia entre países (Poulain, 2004). Na Holanda, por exemplo, o almoço é comumente constituído principalmente de sanduíches, frutas ou saladas. Já o jantar, considerado a principal refeição, geralmente consiste em refeições mais elaboradas.

como nos lembra Silva (2009), a respeito da pesquisa etnográfica, “o campo é também um território demarcado, com limites que impõem múltiplos significados aos percursos trilhados ou possíveis e muitas fronteiras, zonas de transição, ambiguidade”. A mudança de foco implicava correr o risco de enfrentar dificuldades em articular múltiplas questões que poderiam emergir no decorrer da investigação, considerando a possibilidade desses indivíduos manterem hábitos e comportamentos alimentares absolutamente distintos, sobretudo pelo fato de provirem de contextos muito diversos. Ao mesmo tempo, abordar as práticas alimentares de imigrantes de várias nacionalidades envolvia considerar a própria complexidade do fenômeno alimentar em suas diferentes dimensões, vista sob o impacto mais amplo das transformações sociais e culturais decorrentes do período atual da globalização. Em tal perspectiva, é importante lembrar que os hábitos alimentares vêm sendo constantemente modificados ao redor do mundo não somente pelos processos migratórios, mas também em decorrência da desterritorialização alimentar provocada pela globalização, o que também se refletia no país de origem desses indivíduos desde antes da sua emigração. Mesmo ocorrendo em proporções diferenciadas, além do maior fluxo de alimentos, dietas, receitas e cozinhas, noções de gosto também têm sido transformadas ao redor do mundo (Arjun Appadurai, 1990).

A seleção dos sujeitos que integraram a investigação ocorreu de duas maneiras. A primeira englobou imigrantes com quem residi, as quais, por sua vez, me indicaram indivíduos de seus círculos sociais, que também se enquadravam na categoria migrante. A segunda maneira foi ocasional, isto é, alguns sujeitos que encontrei em circunstâncias diversas, em que se oportunizaram um ou mais contatos posteriores, incluindo a realização de

entrevistas.²¹⁶ Foram realizadas 23 entrevistas semiestruturadas com homens e mulheres de idades entre 21 e 54 anos de diferentes países (Brasil, Jamaica, França, Suíça, Alemanha, Costa do Marfim, Espanha, Curaçao, Itália, Venezuela, Portugal, Rússia e Áustria).²¹⁷ O período de permanência desses indivíduos na cidade, à data da entrevista, variava de 2 meses a 27 anos.²¹⁸ Quando emigraram, esses sujeitos, mesmo que em forma de esboço, traçaram projetos de vida para o novo país.²¹⁹ Tais projetos abarcaram expectativas com relação a este ambiente, incluindo as relativas à alimentação. Levando isso em conta, me interessava também compreender até que ponto a comida integrava seus projetos migratórios, em que medida havia sido foco de expectativas com relação ao novo contexto. Para isso, não deveria perder de vista que tanto projetos migratórios como as expectativas que deles decorrem estão condicionados às particularidades do deslocamento, ao destino migratório.

²¹⁶ Além das entrevistas, também ocorreram conversas informais com indivíduos que se deslocaram para a cidade em modalidades temporárias e que, portanto, não se enquadravam em uma migração convencional, como foi o caso de alguns estudantes. Mas apesar de não envolverem um projeto de fixação na cidade, relatos de suas experiências com a alimentação em Amsterdã também colaboraram para a reflexão e formulação de novos questionamentos em torno do tema.

²¹⁷ Todas as entrevistas foram gravadas e o tempo de duração variou entre uma e duas horas.

²¹⁸ No que se refere à permanência em Amsterdã, à data da entrevista, nove dos sujeitos residiam havia um período igual ou superior a dez anos; dois residiam entre três e quatro anos, três entre um e dois anos, e oito há menos de um ano. Já com relação ao projeto migratório, dois desses indivíduos emigraram com os pais quando ainda eram adolescentes, significando que não deliberaram sobre seus deslocamentos. Dois emigraram com a família (casal e filho/s), e o restante emigrou em um projeto individualizado, ainda que parte desses sujeitos tenha constituído família ou relação afetiva estável, depois de já estarem residindo em Amsterdã. Entre estes, quatro tiveram filhos após seu estabelecimento nessa cidade.

²¹⁹ A noção de projeto migratório foi concebida nesta pesquisa como um projeto de vida, nos termos de Velho (2003), que previa um tempo de permanência na cidade, ainda que sujeito a reelaborações. Para Velho (2003, p. 101), o projeto de vida é visto como o estabelecimento de objetivos e fins, assim como a organização dos meios através dos quais se constrói uma trajetória e uma biografia.

Inicialmente, as entrevistas englobaram algumas questões gerais, como ano de imigração, profissão, fonte de renda, estrutura familiar (se o movimento havia sido individual ou incluía outros membros da família ou grupo), nível educacional, motivos para emigrar e o porquê da escolha de Amsterdã como destino. Em um segundo momento, eram direcionadas a questões mais específicas sobre alimentação, abarcando os significados que esses indivíduos atribuíam à comida, se cozinhavam e por qual razão, quais preferências alimentares, o que priorizam em suas escolhas alimentares, onde compravam os itens alimentares, como se relacionavam com a oferta alimentar da cidade, se tinham restrições alimentares, o que havia mudado em sua alimentação, o que permanecia e as razões para tais mudanças ou permanências.²²⁰

A busca de respostas para a pesquisa também incluiu observar a intensificação de outros fluxos de caráter global relacionados à comida. Levando isso em conta, algumas mídias sociais, mais particularmente páginas do Facebook e mensagens de *WhatsApp*, foram tomadas como parte do campo de pesquisa e fontes de dados significativas, com relação à parcela desses sujeitos

²²⁰ Embora não tenha me valido exatamente da mesma metodologia utilizada por Poulain *et al.* (2014), as entrevistas abarcaram a busca de dados relativos especialmente a normas sociais, ou seja, a um conjunto de diretrizes relativo ao consumo de alimentos que estão enraizadas em tradições culturais, sociais e familiares, ou seja, que resultam da socialização específica de um indivíduo e também sofrem o impacto de certos discursos como, por exemplo, aqueles prevalentes sobretudo nas mídias de comunicação. Conjuntamente, também foram buscados dados relacionados às práticas reais dos indivíduos em seu cotidiano, em especial por meio da observação. Segundo Poulain *et al.* (2014), a capacidade de distinguir entre normas e práticas permite uma compreensão mais profunda da transformação dos hábitos alimentares.

que mantinham suas práticas comunicativas através de tais meios.²²¹ A justificativa para considerar essas mídias também reside no fato de que a internet é hoje parte integrante da nossa experiência, um lugar onde hoje muitos de nós passamos grande parte do tempo de nossas vidas (Daniel Miller *et al.*, 2016).²²² Em paralelo à utilização das fontes referidas, a captura de imagens fotográficas também integrou a pesquisa de campo realizada.²²³

²²¹ Os recursos metodológicos utilizados para análise dos sites basearam-se na etnografia virtual. Para a coleta de dados, foram observados os textos, relatos, imagens e comentários presentes em algumas dessas páginas. A seleção dos tópicos teve como critério essencialmente a temática da comida. A utilização da etnografia virtual vai ao encontro da concepção de internet como um contexto cultural que abarca não apenas interações sociais, mas também demarca práticas e significados. A etnografia virtual é definida por Hine (2003) como uma etnografia sobre internet, construída na internet e que pode ser parcialmente concebida como uma resposta adaptativa e muito mais comprometida com as relações e conexões do que com o local, quando definido o objeto de pesquisa. Segundo a mesma autora, essa modalidade de etnografia é adequada para se explorar relações de interação mediada, mesmo quando estas não constituem a coisa real em termos metodologicamente puristas. Dessa forma, resulta em uma etnografia adaptativa que se estabelece adequando-se às condições em que se encontra.

15 Magnani (2000, p. 45) desenvolve o conceito de circuitos como: “[...] estabelecimentos, espaços e equipamentos característicos pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos seus usuários.”

²²² Miller *et al.* (2016), ao realizarem um estudo antropológico a partir da internet e das mídias sociais, ainda defendem o uso da etnografia nesse domínio, ao notarem que a abordagem da experiência dos indivíduos necessita ter um caráter holístico, uma vez que ninguém vive em apenas um contexto, de que tudo o que fazemos está relacionado e é parte integrante de nossas vidas.

²²³ Ao explorar o papel das imagens na pesquisa etnográfica, O'Really (2012) reporta a um dos enfoques comumente associados a este recurso, qual seja, o de que as imagens codificam dados sobre valores, normas e práticas que muitas vezes são inacessíveis de outra maneira.

O conteúdo da geladeira, fronteiras alimentares e mudanças

Antes de iniciar a pesquisa em Amsterdã, era guiada por teses sobre alimentação de migrantes indicando que hábitos alimentares relacionados ao país de origem seriam aqueles a subsistir por maior tempo, os que mais resistiriam ao abandono (Manoel Calvo, 1982; Bouly de Lesdain, 2002). Em paralelo, não perdia de vista a complexidade do fenômeno alimentar e suas possíveis ambiguidades. Como notou Sydnei Mintz (2001), até mesmo em sociedades vistas como extremamente conservadoras há uma disposição para se experimentar comidas radicalmente diferentes, sugerindo que os comportamentos relativos à comida abarcam, simultaneamente, tanto conservadorismos quanto mudanças.

Enquanto essas considerações orientavam minha busca para compreender como imigrantes transnacionais vinham se relacionando com a comida na cidade de Amsterdã, observava que o consumo alimentar, tanto no que se refere à continuidade de hábitos como a novas experiências nesse âmbito, além de estar atrelado às circunstâncias e possibilidades envolvidas em tal mobilidade, depende do contexto no qual ocorrem essas experiências. Por exemplo, como já aludido, uma das razões principais para a modificação dos hábitos alimentares em condição migratória é atribuída à dificuldade de acesso no país de destino a itens que integravam a dieta anteriormente. Entretanto, levando especialmente em conta a paisagem alimentar diversificada e globalizada de Amsterdã, foi necessário também revisar tal consideração relativa ao acesso alimentar. Conforme observa Warde (2009), ao mesmo tempo em que há diferentes maneiras para se definir, dar sentido e enfrentar a multiplicidade de possibilidades alimentares em vigor, sobretudo considerando os países mais desenvolvidos (como é o caso dos Países Baixos), os seus significados são dependentes do contexto onde a comida circula.

Inicialmente, busquei algumas estratégias no intuito de compreender como aquelas imigrantes de origens diversas lidavam com a alimentação

cotidiana, quais hábitos alimentares relacionados ao país de origem permaneciam, quais indicavam mudanças e como os fluxos de natureza global contribuía nesse sentido. Com isso em mente, lembrava a indicação de Calvo (1982), segundo a qual, se quisermos identificar o grau das modificações alimentares ou mesmo persistências associadas a hábitos anteriores à migração, devemos observar a geladeira de um imigrante. Entretanto, considerando que a alimentação desses sujeitos não se resumia ao conteúdo da geladeira, abrangendo pratos feitos com ingredientes relacionados à culinária de seu país natal e também de outras culinárias, incluindo ainda aqueles alimentos que poderiam ser enquadrados como etnicamente neutralizados (macarrão, pizza, arroz, pães etc.), como diria Mintz (2001), além desta, uma outra das estratégias consistiu em observar a dinâmica que ocorria nos armários da cozinha. Ao passo que indicavam hábitos cotidianos, ambos os espaços ainda revelavam alguns traços identitários relacionados à comida, materializados em temperos, cereais, grãos e uma gama de outros produtos que compunham aqueles estoques e também sinalizavam para a persistência em seu consumo. É importante lembrar que uma das razões para a permanência de hábitos alimentares em condição migratória é que, a comida pode contribuir para a recriar uma noção de *lar*, mesmo que no imaginário, promovendo assim um certo conforto, sobretudo em um ambiente de estranhamentos diversos.

Rigorosamente, não havia um número expressivo de itens em cada armário que pudesse fornecer maiores pistas sobre o país de origem de cada uma dessas imigrantes. Dos produtos estocados nos armários, salvo poucas exceções, a maior parte era quase totalmente comum a todas moradoras: azeite de oliva, creme para café, café, sal, canela, macarrão, mel, cereais, pimenta-preta, páprica, molho de tomates, arroz, entre outros alimentos não perecíveis, industrializados e encontrados na maior parte das cidades ao redor do mundo. Lys, por exemplo, era quem mais utilizava temperos picantes no prepara de suas refeições. Portanto, era sobretudo na observação de como alguns daqueles produtos ganhavam centralidade nas refeições, assim como a quantidade e o modo pelo qual outros ingredientes

eram combinados àqueles na hora do preparo das refeições, acima de tudo as carnes e os temperos, que podiam ser identificados tanto a permanência de hábitos como a incorporação de mudanças, incluindo aquelas resultantes de experiências migratórias anteriores. A modificação da dieta de imigrantes a partir da incorporação de novos sabores e técnicas pode ser considerada também um exemplo de como a difusão de alguns produtos e também práticas alimentares em escala transnacional vem dando causa à emergência de “novas formas alimentares resultantes do processo de mestiçagem cultural” (Poulain, 2006, p. 43).

De acordo com as entrevistas realizadas, embora alguns desses indivíduos, antes de emigrar (especialmente os que moravam com a família), mantivessem uma alimentação que poderia ser enquadrada como mais conservadora, em Amsterdã, abraçaram novos hábitos alimentares, incluindo sanduíches ou outras comidas consideradas mais leves (sopas, saladas, salgados, frutas etc.) como opções de almoço. Conforme já foi mencionado, mudanças na alimentação estão condicionadas a uma série de fatores, bem como ao estilo de vida mantido pelo indivíduo. Portanto, a compreensão da dinâmica relativa a mudanças e permanências na alimentação de imigrantes transnacionais em Amsterdã, levando em conta a conjuntura atual de globalização, além dos fatores mencionados, envolveu considerar questões relativas à moradia, se haviam passado por experiências migratórias anteriores, se detinham habilidades culinárias e ainda o grau de abertura para novas comidas. Além disso, também era observado se conviviam com indivíduos provenientes de outras *culturas alimentares*, considerando o fato de vários desses imigrantes compartilharem a moradia com outros de origens diversas e/ou viverem em relação de vizinhança imediata com outras comunidades imigrantes, o que favorecia a intensificação de mudanças

em seus hábitos alimentares.²²⁴ Não era raro esses indivíduos relatarem a incorporação de ingredientes à sua culinária por influência de indivíduos com quem compartilharam a residência em Amsterdã ou mesmo em outras cidades/países, onde viveram experiências migratórias anteriores.

Considerações finais

A partir da pesquisa voltada para a alimentação de imigrantes transnacionais na cidade de Amsterdã, Países Baixos, foi possível compreender como esses indivíduos vêm experienciando o impacto da globalização em suas práticas cotidianas relacionadas ao fenômeno alimentar. Considerando, sobretudo, que as práticas relativas à comida vão muito além da tomada alimentar e que a desterritorialização decorrente dos processos globais é cada vez menos restrita aos produtos alimentares, foi possível notar que a globalização vem reformulando de maneira profunda não apenas hábitos alimentares, mas também o que é pensado, criado e imaginado a partir da comida.²²⁵

A emigração é, muitas vezes, um caminho sem volta, e a alimentação pode consistir tanto em uma barreira quanto em uma porta de entrada — um elemento-chave que pode facilitar viver em um outro país, superar

²²⁴ Para fins deste texto, é considerada a perspectiva de Espeitx (2007, p. 155), para quem *cultura alimentar* pode ser definida como “[...] un complejo entramado social, tecnológico e cultural que establece como, con quién, que, cuando e porqué se come lo que se come en una determinada sociedad, y también que alimentos se obtienen o se producen, como se obtienen o producen y como si distribuyen. Efectivamente, la cultura alimentaria se desarrolla em el contexto de unas determinadas relaciones sociotécnicas de una sociedad con su entorno, y se fundamenta em el establecimiento de categorías, de sistemas de clasificación, sobre el cual se construye todo un edificio de normas, de reglas más o menos interiorizadas, pero em cualquier caso operativas, ya que definen los límites de lo possible y de lo pensable em este ámbito”.

²²⁵ Sobre a relação entre alimentação, globalização e imaginário a partir de pesquisa etnográfica ver: RIAL, Carmen. Os charmes dos fast-foods e a globalização cultural. *Rev. Antropologia em Primeira Mão*, n. 7, 1995; RIAL, Carmen. Fast-food: a nostalgia de uma estrutura perdida. *Horizontes Antropológicos*, n. 4, Porto Alegre, 2004.

adversidades, atuando até mesmo como um estímulo para a interculturalidade. Levar isso em conta pode ser um ponto de partida para se contornar possíveis dilemas no campo da pesquisa em alimentação e, especialmente, na sua interlocução com os estudos de migrações.

Referências

ALBALA, Ken. “Comendo na pós-modernidade: como o comprar, o cozinhar e o comer estão se transformando na era digital”. *Estudos Sociedade e Agricultura. Seção Temática Comida e Alimentação na Sociedade Contemporânea*, v. 25, n. 2, p. 238-250, jun.-set. 2017.

APPADURAI, Arjun. “Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy”. *In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura. Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. N.Y.: Columbia University Press, 1990, p. 324- 339.

WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis, Minn.: University of Minnesota Press, 1996.

BASCH, Linda; SCHILLER, Nina Glick; SZANTON-BLANC, Cristina. *Nations Unbound: Transnational Projects and the Deterritorialized Nations-State*. New York: Gordon and Breach, 1994.

BECKER, Howard. S. “Foi por acaso: reflexões sobre a coincidência”. *Anuário Antropológico*, 18(1), p. 155-173, 2018.

BOULY DE DESLAIN, Sophie. “Alimentation et migration: une définition spatiale”. *In: GARABUAU-MOUSSAOUI I., E; PALOMARES, D. Desjeux (Eds.). Alimentations contemporaines*. Paris: L’Harmattan, 2002. p. 173-189,

CALVO, Manoel. “Migration et alimentation”. *Social Science Information*, v. 21, n. 3, 1982.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. 3. Ed. São Paulo: Global, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2006.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ESPEIX, Elena. “Los espacios turísticos del patrimonio alimentario”. In: JORDI, Juan i Tresserras; XAVIER MEDINA, F. (Eds.). *Patrimonio gastronómico y turismo cultural en el Mediterráneo*. Barcelona: IEMed, Ibertur, 2007, p. 153-174.

FISCHER, Claude. “A Mcdonaldização dos costumes”. In: FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*. São Paulo. Estação Liberdade, 1998, p. 841-862.

MONTANARI, Massimo. *El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo*. Barcelona: Anagrama, 1995.

MONTANARI, Massimo. “Introduction. Is Sharing Meals a Thing of the Past?” In: FISCHLER, Claude (Ed.). *Selective Eating: the Rise, Meaning and Sense of Personal Dietary Requirements*. Paris: Odile Jacob, 2015, p. 15-31.

GIARD, Lucy. “Artes de nutrir”. In: GIARD, Lucy; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar*. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

GLICK SCHILLER, Nina; BASH, Linda; BLANC, Cristina. “From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnacional Migration”. *Anthropological Quarterly*, v. 68, n. 1, p. 48-63, jan. 1995.

HANNERZ, Ulf. *Transnational Connections. Culture, People and Places*. Londres: SAGE, 1990, p. 237-251. Disponível em: <http://tcs.sagepub.com>. Acesso em: 15/02/2014.

HANNERZ, Ulf. “Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional”. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, Abr. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100001&lng=en&nrm=iso. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131997000100001>.2014, 2015. Acesso em: 15/01/ 2015.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2003.

IGLIS, David; GIMLIN, Inglis. *The globalization of food*. New York: Berg, 2010, p. 3-42.

JONSTON, Josée; BAUMANN, Shyon; CAIRNS, Kate. “The Nacional and the Cosmopolitan in Cuisine: Constructing America through Gourmet Food Writing”. In: IGLIS, David; GIMLIN, Inglis. *The globalization of food*. New York: Berg, 2010, p. 161-185.

JONSTON, Josée; BAUMANN, Shyon. *Foodies: Democracy and Distinction in the Gourmet Foodscape*. 2. ed. New York: Routledge, 2015.

MAGNANI, José Guilherme C. “Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, José Guilherme C; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2000.

MILLER, Daniel *et al.* *How the World Changed Social media*. London: UCL-PRESS, 2016. Disponível em: <http://discovery.ucl.ac.uk/1474805/1/How-the-World-Changed-Social-Media.pdf>. Acesso em: 14/12/2016.

MINTZ, Sidney. *Comida e Antropologia: uma breve revisão*. RBCS, 2001.

NUTZENADEL, Alexander; TRENTMANN, Frank. *Food and Globalization: Consumption, Markets and the Politics of the Modern World*. Oxford: Berg, 2008.

OSTENDORF, Wim; FORTIJN, Droogleever. “Amsterdam: Gender and Poverty”. In: MUSTARD, Sako; MURIE, Alan; KESTELOOT, Christian (Eds.). *Neighbourhoods of Poverty: Urban Social Exclusion and Integration in Europe*. New York: Palgran Macmillan, 2006, p. 52-66.

O'REILLY, Karen. *Ethnographic Methods*. New York: Routledge, 2012.

PARASECOLI, Fabio. “Food, Identity, and Cultural Reproduction”. *Immigrant Communities Social Research*, v. 81, n. 2, summer 2014.

PEIRANO, Marisa G. S. “Artimanhas do acaso”. *Anuário Antropológico*, 14(1), 2018, p. 9-21.

POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologia da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

POULAIN, Jean-Pierre; PROENÇA, Rossana P. C. “Reflexões metodológicas para o estudo das práticas alimentares”. *Revista Nutrição*, v. 16, n. 4, Campinas, out.-dez. 2003.

RAY, Krishnendu. *The Migrant's Table: Meals and Memories in Bengali-American Households*. Philadelphia: Temple University Press, 2004.

RIAL, Carmen. “Os charmes dos fast-foods e a globalização cultural”. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, n. 7, 1995.

- RIAL, Carmen. “Brasil: Primeiros escritos sobre comida e identidade”. *Antropologia em primeira mão*, Florianópolis, v. 57, 2003, p. 4-22.
- RIAL, Carmen. “Fast-food: a nostalgia de uma estrutura perdida”. *Horizontes Antropológicos*, n. 4, Porto Alegre, 2004.
- ROCHA, Carla Pires Vieira da. *Comida em uma cidade global: práticas alimentares de imigrantes transnacionais em Amsterdã*. 2017, Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Nobel, 1998.
- SASSEN, Saskia. *Sociologia da globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- SCHNAPPER, Dominique. “L’intégration: définition sociologique”. *Migrants-Formation*, n. 86, 1991, p. 32-51.
- SILVA, Hélio R. S. “A situação etnográfica: andar e ver”. *Horizontes Antropológicos*, 15 (32), dez. 2009.
- SUTTON, David E. *Remembrance of Repasts: An Anthropology of Food and Memory*. Oxford: Berg, 2001.
- VAILATI, Alex; RIAL, Carmen. *Migration of Rich Immigrants: Gender, Ethnicity and Class*. London: Palgrave MacMillan, 2016.
- VERTOVEK, Steven. *Transnationalism*. New York: Routledge, 2009.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- WARDE, Alan. *Consumption, Food and Taste*. London: Sage, 1997.
- WARDE, Alan. “Globalization and the Challenge of Variety: A Comparison of Eating in Britain and France”. In: IGLIS, David; GIMLIN, Inglis. *The globalization of food*. New York: Berg, 2010, p. 227-242.
- WILK, Richard. “Real Belizean Food: Building Local Identity in the Transnational Caribbean”. *American Anthropologist*, 101(2), 244-255, 1999.
- WOORTMAN, Klaas. *Hábitos e ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda*. Relatório Final. Série Antropologia 20. Brasília: UnB, 1977, p. 42-98.

Remando nas águas de Amsterdam. Fragmentos do meu diário de campo

Cristhian Rodriguez ²²⁶

*“a quem mais amas tu, responde homem enigmático:
tua pátria?
ignoro em que latitude está situada.
a beleza?
gostaria de amá-la deusa e imortal.
o ouro?
detesto-o como detestais a Deus.
então a que é que tu amas, excêntrico estrangeiro?
amo as nuvens... as nuvens que passam... longe... lá muito
longe...
as maravilhosas nuvens!”*

Começo minha contribuição para este livro com um fragmento do poema do Charles Baudelaire “O Estrangeiro”. Minha intenção é ilustrar ao leitor como a posição que o homem enigmático ocupa não é uma posição geográfica apenas, mas é sobretudo uma posição que requer um deslocamento intelectual, interno. O movimento nele não é feito apenas em uma

²²⁶ Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador do Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC). Atualmente é pesquisador visitante na Vrije Universiteit Amsterdam (VU) pelo programa de cooperação Capes/NUFFIC.

longa viagem, se faz no confronto e no questionamento como um mundo novo, por meio de experiências próximas. Ele, o estrangeiro, ignora a latitude em qual se encontra e se coloca em uma posição moral forte, como alguém inconformado à procura de algo lógico. Parece regozijar-se na experiência estética das nuvens, mas algo nele nos transmite uma imagem objetiva, que evoca alguma lembrança. Não sabemos de onde ele vem, nem para onde ele se dirige, mas nos parece um estranho conhecido.

O texto a seguir contém algumas contradições que dizem respeito ao tempo que demorou em ser escrito. Isto é, desde o momento que comecei a escrevê-lo, com fragmentos do meu diário de campo, da minha primeira vinda aos Países Baixos em 2018, e o tempo da minha segunda jornada aqui, oito meses depois da chegada como pesquisador visitante em 2022. Quase quatro anos se passaram entre esses períodos, e uma pandemia acometeu o planeta Terra. Muitas coisas mudaram, e, dentro dessas mudanças, se ampliaram as distâncias entre determinadas coisas que possibilitaram ainda mais a descrição comparativa – cultural e social – entre Florianópolis, meu lugar de origem, e Amsterdam, meu novo lugar.

Por tanto, trago aqui algumas histórias particulares que frequentemente se concentram em situações privadas, mas que expõem minha intenção de fazer uma comparação entre a Antropologia que fazemos no Brasil e a Antropologia que aprendo a fazer todos os dias nos Países Baixos. E essas contradições às quais me refiro no começo reforçam e acrescentam algumas discussões que pretendo desenvolver mais adiante. Compartilho aqui uma parte da minha experiência como pesquisador morando em Amsterdam, estudando as infraestruturas de saneamento da cidade, e trago algumas reflexões que são atravessadas pelos conceitos de “estrangeiro” e “diferenças”, que constantemente se fazem presentes nessa vida que comecei a construir na capital neerlandesa, para pensar na provocação que esse livro me faz, uma etnografia além-mar?

Primeiro outono em águas neerlandesas

Cheguei em Amsterdam pela primeira vez em outubro de 2018. O outono já havia começado, e os tons austeros da paleta de cores de Van Gogh já pintavam quase todas as paisagens da cidade. Amarelos, laranjas, verdes-fungo, diferentes tonalidades de marrons e cinzas, até chegar nos escuros sombreados que representam as longas noites do hemisfério norte. Tal como são representados no seu quadro “Paisagens de outono em quatro árvores”. Van Gogh tinha uma sensibilidade especial para as cores dessa estação, e sua obra esteve sempre atravessada pela perspectiva do olhar de um estrangeiro. Incomodado, crítico e observador da sociedade *dutch*. Um antropólogo visual, como gosto de imaginá-lo desde minha primeira leitura do livro *As cartas de Theo*.²²⁷

Esse seria meu primeiro outono em Amsterdam. Eu não estava preparado para o frio que se aproximava. Sentia-me ansioso, com muitas expectativas sobre a vida na Europa e com a intenção, um pouco confusa, sobre a pesquisa junto aos clubes de remo localizados ao longo dos canais da cidade. Muito feliz por ter sido contemplado com a bolsa CAPES/NUFFIC, que me permitiria realizar o estágio de doutorado sanduíche na Vrije Universiteit Amsterdam (VU).

Em Florianópolis, onde realizava meu doutorado em Antropologia Social, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estava desenvolvendo uma pesquisa de doutorado sobre as transformações do litoral catarinense a partir da memória imagética do acervo fotográfico do Clube Náutico Riachuelo. Esse acervo havia sido classificado, musealizado e exibido pelos remadores mais velhos do clube durante as comemorações do seu centenário (Cristhian Cajé Rodriguez, 2020a). Então, aparentemente, e na minha ingenuidade, haveria um continuum em relação aos sujeitos

²²⁷ As cartas de Van Gogh para seu irmão Théo, escritas entre julho de 1873 e 1890. Mostram um pintor atormentado diante das questões apresentadas pela sociedade e que confronta modelos e costumes (Vicent van Gogh, 2002).

com que os já estava trabalhando e com os que eu encontraria. Talvez pela ideia errada de que havia uma identidade de remador universal, formado na disciplina, no controle do corpo e no mito da modernidade europeia. Isso porque Amsterdam, pelas suas características fluviais e industriais do final do século XIX, havia sido um dos lugares que deu origem ao *rowing* como esporte moderno.

Mas a relação com o programa CAPES/NUFFIC me impunha um desafio como pesquisador em formação — ou como um antropólogo *wannabe*, segundo me descrevia um amigo próximo —. Uma vez em campo, precisei usar a criatividade e a curiosidade para estabelecer paralelos e vínculos entre a pesquisa de Florianópolis e os clubes de remo de Amsterdam. Primeiramente pelo fato de o financiamento da bolsa estar ligado a um projeto²²⁸ guarda-chuva, maior, que tinha por objetivo pesquisar o potencial revelador do que vulgarmente chamamos de lixo, no contexto de sociedades de modernidade tardia (e seletiva, como o Brasil) e pós-industriais (como a Holanda).²²⁹ Por esse motivo, decidi focar minha pesquisa na relação entre os clubes de remo e os atletas, com o sistema de saneamento dos canais onde realizam suas práticas esportivas diárias. Se as linhas onde os atletas remam diariamente ficam nos canais que estão dentro da cidade, como eles se relacionam com os resíduos sólidos descartados nas águas, tão comuns em lugares altamente urbanizados, e o que é feito a respeito? Esses questionamentos iniciais renderam, em 2020, um artigo (Caje Rodríguez, 2020b), Mas, a partir daí, começo a contar quais os desafios e as dificuldades que me trouxeram até aqui novamente, em 2022.

²²⁸ O projeto de cooperação financiado pela CAPES/NUFFIC e coordenado pelos professores Carmen Rial, da Universidade Federal de Santa Catarina, no Brasil, e Freek Colombijn, da Vrije Universiteit Amsterdam, nos Países Baixos, teve início em 2017 e foi encerrado em 2021, com a saída do NUFFIC do Brasil.

²²⁹ Ver o livro: *O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos*. Organização de Carmen Rial. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016.

Pesquisar o remo em Amsterdam e em Florianópolis

O começo de toda pesquisa é sabidamente complicado. Mas há complicações específicas quando você decide atravessar um oceano em busca de informações. A barreira da língua é uma delas. Felizmente, nos Países Baixos, a língua inglesa está muito institucionalizada. E digo felizmente porque, se fosse de outra forma, o trabalho de campo teria outras complicações. Isto é, não me refiro ao inglês dentro do ambiente acadêmico universitário, onde toda a comunicação é praticamente nessa língua. Refiro-me ao ambiente fora da universidade, a vida nos bairros, onde o inglês é uma língua comum e muito utilizada. Em Amsterdam especificamente, qualquer pessoa que tem um inglês instrumental básico consegue se comunicar bem. Em outras cidades e no interior do país, a realidade é outra. As pessoas conhecem a língua inglesa e a falam, mas não é a língua do cotidiano.

Os Países Baixos são uma região relativamente pequena dentro da Europa, com um pouco mais de 17 milhões de habitantes, e, além de Suriname, são as únicas nações do mundo que têm o *dutch* como língua nacional.²³⁰ A economia está inserida dentro de um mercado globalizado que hospeda grandes companhias multinacionais. Então o uso comum do inglês como uma segunda língua é uma importante geradora de renda. Além, claro, da cordialidade e da hospitalidade que isso representa para quem não fala o *dutch*. Nesse sentido, considero que os neerlandeses não têm uma relação nacionalista com a língua. Digo nacionalistas como seriam os franceses, os alemães e espanhóis, por exemplo, que muitas vezes impõem sua língua frente a uma língua estrangeira. Mas considero que eles têm uma relação prática com a língua inglesa, pelo fato de Amsterdam ser um lugar internacional, cosmopolita e de ter se inserido de forma muito bem-sucedida no projeto da internacionalização. Cada cidadão que fala inglês corretamente

²³⁰ A língua também tem status oficial em Aruba, Curaçao e São Martinho, que são países constituintes do Reino dos Países Baixos e estão localizados no Caribe.

representa dinheiro para o governo, é um capital humano qualificado. Isso é tido como motivo de orgulho entre eles.

Mas como antropólogo, considero importante para nosso trabalho aprender pelo menos o básico da língua local, especialmente quando você está fazendo uma observação participante. Nós sabemos que a língua estrangeira instrumentalizada não é capaz de expressar sentimentos e paixões íntimas ligadas, muitas vezes, a questões de identidade. Lembro-me de que uma das minhas primeiras preocupações quando cheguei aqui foi a de aprender o *dutch*, e muitas vezes ouvi dos meus interlocutores, e dos meus colegas de departamento: “Porque fazes isso se todo mundo fala inglês?” E isso, de fato, é verdade.

Uma característica muito boa dos neerlandeses é que eles têm uma preocupação constante em incluir as pessoas que falam outras línguas em todas as conversas. Por exemplo, me aconteceu várias vezes de entrar em uma sala em que todos falavam *dutch* e, ao perceberem que eu não falava, automaticamente todos mudam a conversação para o inglês. Isso dá a falsa ilusão de que o problema da língua para quem faz trabalho de campo em Amsterdam está resolvido, mas já aviso aos leitores que, em certa medida, sim, mas que também existe uma dinâmica linguística mais complexa da qual você fica excluído ou alienado caso decida ficar apenas dentro da bolha da comunidade internacional. E como diz o ditado, tem muita história aí para pouco espaço. Então não vou me deter nesse ponto aqui.

Outro fator no caso de Amsterdam é aprender a conviver com o frio, que é constante na intempérie. Aliás, uma resposta que costumo dar quando me perguntam sobre o clima é que aqui sempre faz frio. O que varia ao longo do ano é a intensidade do frio, mas o conceito de calor, como o temos no Brasil, é diferente. Aqui existem algumas ondas de calor, mas pessoalmente não considero que há dias quentes, como os conhecemos. Dito isso, em 2018, tudo isso tinha um peso diferente, muito maior do que imaginava, e eu demorei meses para me adaptar a esses novos fatores ambientais. Como diz o ditado, e literalmente falando, “não tinha nem roupa”.

Mas tudo isso parece uma tarefa simples para um antropólogo. Supõe-se que estamos preparados para isso. Os conceitos de estranhamento, exótico, diferente, mesmo o conceito de viagem, são fundamentais na nossa formação, estão presentes em todos os clássicos que lemos desde o começo da nossa carreira. Mas, ainda assim, e sempre que tento explicar a meus amigos como estou me sentindo em relação ao clima e ao ambiente em geral, e depois de todo esse tempo, ainda respondo como se estivesse reclamando. Aprendi ouvindo uma amiga antropóloga, vegetariana, que fez pesquisa com os Caingangues em Santa Catarina, que é preciso relaxar nesse sentido do engajamento com o ambiente e saber entender quais são os fatores aos quais não estamos dispostos a nos adaptar de forma rápida e agradável, e quais vamos levar como parte difícil e chata da nossa experiência.

Fazer outra Antropologia

Fazer Antropologia em Amsterdam requer um exercício constante de estranhamento e alteridade entre os pares. Isso me leva a questionar e a comparar constantemente minha formação teórica e prática com a dos colegas neerlandeses. Estou diante de uma Antropologia que julgo muito diferente da Antropologia que fazemos no Brasil. E por quê? Aqui estou me referindo à Antropologia que fazemos dentro das instituições, como funcionários ou empregados por algum sistema de bolsas, como pesquisadores ou professores frente à vida burocrática que a universidade nos impõe. Também me refiro à Antropologia que fazemos quando estamos em trabalho de campo e quando voltamos a nossos lugares institucionais para escrever sobre os dados coletados. Enfim, vou tentar enumerar algumas dessas diferenças para tentar compará-las.

Primeiramente, a posição que a Antropologia, como departamento, ocupa dentro dos prédios universitários merece uma atenção singular, pois ela diz como organizamos espacial e politicamente o conhecimento. Nos Países Baixos, a Antropologia é considerada como parte do grande grupo das

Ciências Sociais Aplicadas. Normalmente é agrupada junto a departamentos como Economia, Psicologia Social, Geografia Humana, Comunicação e, como é no caso do meu departamento, que tem o nome de Antropologia e Desenvolvimento, se localiza próximo a departamentos como Teologia, Educação e Sociologia do Desenvolvimento. No Brasil, o nome Antropologia e Desenvolvimento iria gerar desconforto em algumas pessoas, mas não vou me deter nesse ponto porque me parece complexo e problemático demais para este breve capítulo. É importante esclarecer que a Vrije Universiteit Amsterdam é uma universidade privada de tradição protestante, fundada em 1880 pelo líder neocalvinista Abraham Kuyper.²³¹ A VU, como todo mundo a conhece, é uma das duas grandes universidades de pesquisa financiadas com fundos públicos na cidade. A tradução literal do nome holandês Vrije Universiteit é “Universidade Livre”. “Livre” refere-se à separação da igreja e do estado.

Eu venho de uma tradição em que a Antropologia está agrupada junto ao que no Brasil chamamos de Filosofia e Ciências Humanas. Na UFSC, por exemplo, a pós-graduação em Antropologia fica no prédio do CFH, Centro de Filosofia e Humanidades. É comum encontrar as salas de aulas próximas aos departamentos de Filosofia, Sociologia, História, Ciências Políticas, Ciências Sociais e, mais recentemente, Museologia, Serviço Social e Psicologia, e que muitas vezes dividem o mesmo andar do prédio. Isso nos dá uma formação interdisciplinar completamente diferente, sobretudo porque, no Brasil, fazer Antropologia, hoje, passa necessariamente por uma formação em paralelo às Ciências Políticas. A história, a filosofia e a sociologia fazem parte da nossa formação antropológica no Brasil, isso é indiscutível. Sobretudo porque nos últimos vinte anos têm se fortalecido as ideias que discutem e separam o empirismo, objetivismo, subjetividade e a

²³¹ Abraham Kuyper (Maassluis, 29 de outubro de 1837, Haia, 8 de novembro de 1920) foi um político, jornalista, estadista e teólogo holandês. Ele fundou o Partido Anti-Revolucionário e foi primeiro-ministro dos Países Baixos entre 1901 e 1905. Foi um dos expoentes do Neocalvinismo, em especial o Neocalvinismo holandês. Fonte: Wikipédia. Acesso em: 22 de março de 2022.

identidade do sujeito científico que veste seu jaleco branco e o associam a uma posição política de sujeito pesquisador/pesquisado engajado.

Essas posições fazem toda a diferença quando pensamos na convivência entre colegas nos corredores, nos eventos que compartilhamos e frequentamos, no cotidiano em geral em que circula nosso conhecimento. Faz diferença também quando pensamos em mercado de trabalho fora da universidade. O destino dos alunos formados no curso de Antropologia aqui é muito mais amplo, há uma cultura dentro das instituições de contratar graduados nessa área. Empresas privadas e públicas alocam esses profissionais dentro do mercado de trabalho com mais facilidade. Isso se deve em grande medida à diversidade étnica e cultural que existe na cidade. É claro que o mercado de trabalho e a vida profissional em Amsterdam têm características próprias de uma economia capitalista neoliberal e é muito interessante ver como os antropólogos participam e como se inserem nessa dinâmica profissional fora das instituições de ensino. No Brasil o mercado de trabalho é muito limitado e o corporativismo da vida acadêmica acaba elitizando bastante o acesso às posições de trabalho.

Na VU impera um espírito interdisciplinar dentro do departamento de antropologia quando olhamos para o currículo dos professores e colegas. É comum dividir as *desk* com pessoas da geografia, das artes, da educação, da psicologia, da comunicação. Arrisco-me a dizer que a interdisciplinaridade no departamento onde me formei ainda parece uma tese em construção ou algum projeto político arriscado, que coloca em perigo uma ideia de “pureza do conhecimento antropológico”. Quando olhamos para a formação dos professores que compõem o departamento, são sempre antropólogos na sua enorme maioria. Claro que também existem os departamentos interdisciplinares, como o PPGICH, onde realizei meu primeiro pós-doutorado. Mas há que se levar em conta que a tradição disciplinar no Brasil é herança de um processo político específico, da formação da etnologia como uma subdisciplina e das escolas dos anos oitenta, que foram forjadas na luta política pelo reconhecimento da Antropologia como ciência e como ferramenta para o diálogo na demarcação de terras indígenas.

Uma diferença interessante também é a forma como se divide e se distribui os diferentes tipos de conhecimento ou metodologia. Enquanto no Brasil temos a figura dos “núcleos” de pesquisa, que podem ser grupos por áreas de concentração de estudos, aqui a divisão se faz a partir de rotas migratórias: Ásia, África, Oriente Médio, América do Sul, etc. – e os antropólogos que fizeram pesquisas nesses lugares se aglomeram em redes de intercâmbio, sendo possível trabalhar temáticas diversas dentro dessas rotas.

Por último, parece-me interessante observar a diferença em relação a como se faz o financiamento para pesquisas. As instituições neerlandesas têm outra realidade e há muito dinheiro para pesquisa. Uma coisa que sempre chamou minha atenção desde que cheguei é o nível da internacionalização das instituições. Enquanto no Brasil estamos acostumados a desenvolver pesquisas em lugares próximos, geralmente dentro do país, e como foi no meu caso, na minha própria cidade, aqui as pessoas viajam muito para realizar o trabalho de campo. Nos Países baixos, tenho colegas que pesquisaram contextos no Peru, na Sérvia, em Gana, Suriname, Indonésia, etc. A viagem a algum lugar longe, exótico, em um ambiente completamente diferente, é comum – e ainda muito usual, na velha tradição malinowskiana. Enquanto que pesquisas locais, em contextos urbanos brancos, em cidades próximas a Amsterdam, ou em outros países da Europa, são pouco recorrentes. Eu conheci apenas três nesse período. No Brasil, o fomento para pesquisa vem, na sua enorme maioria, por parte de órgãos federais, como a CAPES e o CNPq, ou agências estaduais, como a FAPESC em Santa Catarina. Aqui as empresas privadas têm uma grande e ativa participação em financiamentos para pesquisas de cunho social.

Poderia passar muito tempo enumerando as diferenças com as quais me encontrei nesse remar das águas de Amsterdam, mas sem dúvida a que me interpela constantemente consiste no tipo de antropologia que fazemos no Brasil e o tipo de Antropologia que é feito pelos Europeus depois da crítica decolonial, precisaria de um capítulo só para isso. Para os leitores lembro apenas de uma situação específica que pode ilustrar um pouco esse debate sobre a crítica decolonial. Um dia, em que estava participando de

um evento com professores do meu departamento, em algum hotel situado em algumas das praias da Holanda, uma professora havia proposto uma atividades em grupo para discutir e pensar a decolonialidade na prática de ensino em sala de aula. A maioria dos professores não se animou com a proposta, colocaram o debate como algo da moda, de pouca relevância para o momento e acabaram escolhendo outros assuntos, e assim continuamos com as atividades sem entrar nesse assunto.

O desafio de dar aula em Florianópolis e em Amsterdam

No segundo semestre de 2022 recebi o convite para ocupar a posição de Lecture dentro do departamento, que acabei aceitando com muito carinho. Sabendo que o desafio para meu nível de inglês seria grande, já que ficaria responsável pela disciplina de *Academic Skills*, para os recém chegados na graduação. O curso consiste basicamente em ensinar a ler artigos acadêmicos, identificar qual a definição do problema feita pelo autor, quais argumentos utilizados para chegar a uma conclusão, identificar a conclusão e a partir daí propor uma pergunta crítica sobre o texto. Também aprendemos a escrever dentro dos moldes científicos acadêmicos, como construir parágrafos, elaborar citações e a redigir pequenos ensaios sobre os textos acadêmicos.

A Vrije Universiteit é uma das universidades que mais conseguiu internacionalizar-se dentro dos Países Baixos. O ambiente acadêmico é feito completamente em inglês e os alunos têm a opção de se matricular no curso em holandês ou no curso internacional, em inglês. A grande maioria opta pelo curso internacional. A diversidade dos alunos é muito grande. Na minha turma havia estudantes de vários países, como Tunísia, Etiópia, Croácia, Sérvia, Estados Unidos, Alemanha, Suriname e poucos neerlandeses. Uma turma muito colorida, de diferentes sotaques e com diferentes *backgrounds history*. A diversidade também se estendia às diferentes identidades de gênero e ao uso dos pronomes. Tive estudantes transexuais, não-binários, intersex, lésbicas e gays, tudo isso numa turma de pouco mais de 20 alunos. Com os mais variados usos dos pronomes, alguns optando pelo uso de pronomes neutros.

Foi muito interessante como no primeiro dia, quando fizemos uma apresentação individual utilizando categorias sociais para introduzirmos entre colegas, e a turma toda se empolgou com a dinâmica. Lembro-me de uma aluna trans que se apresentou usando um nome masculino, e que questionei o porquê. Ela respondeu que o nome social dela não aparecia na lista da chamada da turma, pois na universidade ainda não existe uma instância burocrática na qual ela conseguia introduzir seu nome social. Então ela preferiu se apresentar utilizando o nome masculino, já que assim as pessoas poderiam identificá-la na lista de e-mails e demais atividades para formar os grupos de estudos.

Isso me fez pensar o quanto a experiência das cotas no Brasil transformou profundamente as universidades em um lugar mais inclusivo e acolhedor – e não me refiro só às pessoas pretas, mas as diferenças de maneira mais ampla. Um ou uma estudante trans no Brasil não precisaria ter seu nome trocado no cartão de identidade para ser reconhecido ou reconhecida em sala de aula como o nome que escolher ser chamado. O nome social é um direito conquistado que facilita muito a vida e o reconhecimento das pessoas trans e sua cidadania em sala de aula. Esse direito começou com a luta das populações negras, mas se ampliou a todas as demais minorias.

É curioso como um país como a Holanda ainda não tenha burocratizado esse direito e facilitado o acesso ao nome social. Sua história de luta se confunde com a própria história dos movimentos por direitos LGBTs na Europa. Em abril de 2017, homens heterossexuais holandeses andaram de mãos dadas pelas ruas, em protesto contra uma agressão homofóbica sofrida por um casal gay que estava de mãos dadas no interior. Essa realidade, tão diferente da brasileira, retrata um país que hoje é bastante liberal nos costumes e, não por outra razão, foi o primeiro do mundo a garantir leis a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo, com todos os mesmos direitos de casais heterossexuais. Vale lembrar que embora outros países europeus admitissem uniões civis de casais homoafetivos desde 1989, somente a lei holandesa, no ano de 2000, atribuiu plena equivalência de direitos com casais héteros, incluindo o direito à adoção.

Como explicou a aluna para seus colegas, é possível ser reconhecida em sala de aula com seu nome feminino sim, mas para isso precisaria de muito trâmite e o nome deveria constar na sua identidade nacional. Ela estava na fase inicial da transição e por isso não havia ainda começado a fazer a mudança de nome. Mas foi bonito ver como a turma toda se solidarizou e adotamos o nome social dela como forma de fortalecer uma rede de afeto e uma zona de segurança para ela dentro de sala.

Aqui a graduação em antropologia tem uma duração de três anos. O bacharelado pode ser realizado em universidades de pesquisa ou universidades de ciências aplicadas. O ensino na VU tem embasamento teórico, baseado em artigos científicos e uma extensa leitura da literatura sobre um determinado tema, embora também haja oportunidade de colocar a teoria em prática com pesquisas de campo. A curiosidade é uma das qualidades dos alunos, ávidos por aprender, interessados principalmente na teoria antropológica, na redação e no aprofundamento dos conhecimentos adquiridos. Os alunos gostam de trabalhar de forma independente e estão interessados em pesquisa. O aprendizado é baseado na prática. O principal objetivo é desenvolver um conjunto de habilidades para aplicar no futuro ambiente de trabalho. Aqui, os estudos são mais práticos, e você trabalha em projetos diretamente relacionados à área de estudo. Além disso, é comum trabalhar em grupo de estudos. Em suma, você não está apenas ensinando teoria, mas aplicando-a de maneira relevante para o mercado de trabalho.

O continuum remar e a ambição por uma cidade sustentável

Amsterdã é uma metrópole europeia com características muito peculiares. Há uma certa ambição do município para se desenvolver como uma cidade competitiva e sustentável, e isso inclui os fluxos de águas urbanas como fontes de energia e recursos dentro do ambiente urbano. Através de uma transição de uso linear desse recurso e a retroalimentação dos canais a sustentabilidade da cidade é cada vez mais alta e o município trabalha com

o conceito de colheita urbana que representa o desafio de operacionalizar esse conceito na prática.

Duas empresas municipais têm sido foco na minha atual pesquisa: Waternet e AEB, que assumem iniciativas para criar ciclos fechados dentro de suas áreas de trabalho. Waternet é a companhia de água de Amsterdam e arredores, responsável por todas as atividades de água. AEB é a empresa que opera duas usinas de transformação de resíduos em energia. Meu foco está na água, nos fluxos de energia, resíduos, materiais e a integração desses ciclos. Esses fluxos circulares resultam em benefícios econômicos e benefícios de sustentabilidade expressos como Ecopontos ou emissões de CO₂. Essas empresas são atores importantes para o desenvolvimento, em direção a um ambiente resiliente e sustentável.

O principal documento de política pública da cidade é chamado de “A Visão Estratégica Amsterdam 2040 Economicamente Forte e Sustentável”. Nesse documento, a visão é que Amsterdam irá se desenvolver como uma cidade de economia internacionalmente competitiva e sustentável. A estratégia para concretizar essa visão está resumida em cinco roteiros: (1) ser uma cidade criativa e variada para viver e trabalhar; (2) ter uma rede integrada de transporte público; (3) ter um planejamento urbano de alta qualidade; (4) investir na área verde recreativa e na qualidade da água; (5) investir no uso de energia renovável. No documento se descreve a transição para um sistema de fornecimento de energia sustentável. Esta transição baseia-se em três pilares: economia de energia, uso de energia sustentável e uso eficiente de combustíveis fósseis. As vias de transição são descritas em quatro categorias: (1) edifícios; (2) transporte limpo; (3) porto e indústria; (4) energia sustentável.

A integração entre atores e o fortalecimento de parcerias locais é a grande inspiração do projeto que aproximando pessoas e oferecendo uma plataforma de cooperação local, vem apoiando o desenvolvimento da área metropolitana como uma “cidade inteligente”.

Referências

BAUDELAIRE, Charles. Pequenos Poemas em Prosa. São Paulo: Editora Hedra, 2009.

CAJE RODRIGUEZ, Cristhian F. Os vencedores cheios de glória: articulações entre masculinidades e memória na imagem do remo em Florianópolis. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2020.

CAJE RODRIGUEZ, Cristhian F. “El remo, nuestro deporte, requiere agua limpia”. Experiencias innovadoras de saneamiento del agua urbana entre clubes de remo de Florianópolis y Amsterdam. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 21, n. 55, 2020.

VAN GOGH, Vincent. Cartas a Théo. Porto Alegre: L&PM, 2002.

De Novo Hamburgo a Amsterdã: quando o Sul estuda o Norte

Margarete Fagundes Nunes²³²

Introdução

Fui convidada a escrever este capítulo sobre a experiência de trabalho de campo no exterior em um momento de afastamento dos encontros face a face, das interações sociais, dos bate-papos e passeios livres e descomprometidos pelas ruas das cidades. Quando escrevi as primeiras linhas deste texto, havia exatamente quatorze meses do início da quarentena e do distanciamento controlado impostos pela pandemia da covid-19. Uma pandemia que nos exigiu e tem nos exigido um repensar das antigas formas de relações sociais, desde as relações com os mais próximos, com os familiares e amigos, àquelas fortuitas e formais, estabelecidas com pessoas de fora dos nossos círculos imediatos.²³³

Essa reinvenção cotidiana nos interpelou na área das ciências sociais e humanas. De 2020 a 2021, ministramos nossas aulas de modo remoto,

²³² Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009). Pesquisadora associada do BIEV\UFRGS e NAVI\UFSC.

²³³ Ainda que boa parte da população brasileira tenha resistido ao distanciamento controlado, pelas mais variadas razões: dificuldades impostas pelo trabalho e necessário deslocamento cotidiano aos espaços públicos; questões de ordem cultural, isto é, pela insistência em manter espaços de sociabilidade e contatos de proximidade física; negação da própria doença e das suas consequências; não obstante, a pandemia forçou-nos a adotar mudanças na forma de nos relacionarmos uns com ou outros, em casa e na rua, no espaço da vida privada e no espaço público.

inclusive as de práticas etnográficas, sob os olhares atentos, curiosos e, por vezes, confusos dos acadêmicos. Orientamos nossos alunos e alunas a dar prosseguimento aos diálogos em campo, ainda que cada vez mais afastados da observação participante no sentido malinowskiano do termo: de uma imersão prolongada em campo, de uma experiência direta, pessoal, existencial. Em seu lugar, impuseram-se observação e participação remotas, mediadas pelas tecnologias.

Mas, aqui, não centrarei na pandemia e nos desafios diante dela. Apenas a menciono como ilustração do cenário no qual foram evocadas as lembranças de Amsterdã. Por certo, as lembranças por causa desse cenário me afetaram de modo bastante particular. Então, eu peço desculpas aos leitores se porventura em algumas passagens o texto soar um tom melancólico, nostálgico, por dar vazão à narrativa de um tempo passado que foi atravessada pela experiência da pandemia, quando os desafios em relação ao trabalho de campo passaram a ser outros.

Realizei o estágio pós-doc. em Amsterdã de julho de 2013 a fevereiro de 2014. O estágio vinculou-se ao projeto “Modernidade, o meio ambiente e novas noções sobre lixo e pureza”, coordenado pela professora Dra. Carmen Rial, da Universidade Federal de Santa Catarina, em parceria com o professor Dr. Freek Colombijn, da VU Amsterdam – Vrije Universiteit Amsterdam (Universidade Livre de Amsterdã). O projeto contou com o apoio da CAPES, por meio do programa CAPES\NUFFIC, e abrigou diversos subprojetos.

Por sugestão do meu supervisor de pós-doc. no exterior, o professor Dr. Freek Colombijn, realizei a pesquisa com alguns moradores que vivem em casas-barco sobre as águas dos canais de Amsterdã e do rio Amstel. Meu objetivo, na época, era compreender algumas especificidades desse modo de vida e, ao mesmo tempo, a relação desses moradores com o uso das águas urbanas. Eu pretendia compreender as motivações iniciais desses sujeitos para a adoção desse modo de vida, os sentidos e desafios cotidianos de viver sobre a água, a relação desses moradores com o meio ambiente, especialmente no manejo e contato direto com as águas urbanas. O resultado dessa experiência está publicado em capítulo de livro, organizado pela professora

Carmen Rial, e pode ser acessado online nos sites da Associação Brasileira de Antropologia e do Núcleo de Antropologia Visual da UFSC (Margarete Nunes; Luciano Jahnecka, *in* Carmen Rial, 2016).

Hoje, ao narrar a experiência de campo, recordo de alguns momentos que ganham novos sentidos pela distância espaço-temporal que me separa de Amsterdã e dos oito anos transcorridos.

Para efeito de discussão, dividi o capítulo em alguns eixos: no primeiro, trago a narrativa sobre o deslocamento e o viver em Amsterdã; no segundo, narro a experiência acadêmica no exterior, seguramente o ponto mais forte do capítulo, seguido de breves considerações sobre o campo propriamente dito, isto é, sobre o diálogo estabelecido com os moradores das casas-barco.

A experiência em Amsterdã

Roberto Da Matta (1978), no seu clássico texto *O ofício de etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”*, aborda a dimensão humana da prática antropológica, mais especificamente, do trabalho de campo enquanto experiência subjetiva e intersubjetiva e suas implicações na construção do conhecimento. Desse modo, ele apresenta a experiência do fazer antropológico demarcando pelo menos três fases: a preparação teórico-conceitual, a preparação prática (antevéspera da pesquisa) e a fase da experiência *in locus*, quando da imersão do antropólogo em campo e todas as questões de ordem pessoal e existencial que isso envolve.

Eu quero destacar do texto de Da Matta exatamente essa dimensão humana, subjetiva e existencial para falar da minha experiência de campo no exterior. Da Matta se concentra nessa dimensão ao abordar a terceira fase, que é a experiência de campo propriamente dita. Para o autor, o *Anthropological Blues* liga-se aos aspectos extraordinários da situação de campo, às descobertas provocadas pelo exercício de transformar o exótico em familiar, ou vice-versa, e esse movimento só acontece pela experiência de descentramento do próprio antropólogo, que, ao se afastar das suas

referências culturais, experimenta a solidão e a saudade. Mas, se o *Anthropological Blues* é essa dimensão pessoal e existencial da prática etnográfica, ele se insinua aquém e além dessa terceira fase, isto é, pode despontar na fase do pré-campo, quando estamos ainda nos organizando para uma saída prolongada, como é o caso de uma pesquisa de campo no exterior, mas, sobretudo, pode retornar na situação de pós-campo, por força do exercício da memória, na ocasião da reverberação das lembranças do *estar lá* (Clifford Geertz, 1989). Digo isso porque o descentramento já inicia, ainda que timidamente, na antevéspera da pesquisa, na preparação e expectativa do que está por vir.

A pesquisa em Amsterdã não foi só a minha primeira experiência de campo no exterior, foi a primeira experiência de uma estada prolongada no exterior. Havia saído raras vezes, por passeio ou por participação em congressos e encontros de antropologia, quase todos na América Latina. Havia tentado uma saída para o exterior durante o meu doutorado na UFSC. Cheguei a ser contemplada com uma bolsa sanduíche para uma estada em Cádiz, na Espanha, mas não consegui realizar, na época, porque a bolsa atrasou e o período coincidiu com o meu retorno à atividade docente depois da licença de dois anos concedida pela Universidade Feevale, instituição onde atuei até o ano de 2021. Os empecilhos que eu tive para realizar essa experiência de campo durante o doutoramento são similares aos que eu identifico, hoje, com muitos alunos de pós-graduação: dificuldades de afastamento do trabalho, de acesso à bolsa, domínio de idioma, entre outras.

Lembro-me de que o primeiro semestre de 2013, que antecedeu a minha ida para Amsterdã, foi extremamente tumultuado e de muita apreensão. Além de todas as questões organizativas e burocráticas que envolvem a aquisição do visto, o que me mobilizou por muitos turnos e também provocou vários deslocamentos para Porto Alegre, eu precisava dar conta de deixar o trabalho organizado na Universidade, desde as disciplinas, coordenações de projetos e outras atividades que deveriam ser transferidas para colegas durante o meu afastamento. Eu recém havia me integrado em um

dos programas de pós-graduação, era o meu primeiro semestre no Programa em Diversidade Cultural e Inclusão Social.

Para o visto, eu precisava da tradução juramentada de português\holandês de vários documentos. Essa tradução juramentada para o holandês não era tão comum. A profissional que me indicaram residia em Curitiba, e como ela precisava dos documentos originais, para todo o fluxo de comunicação e tradução, contei com o velho Sedex.

Concomitantemente à preparação dos documentos, eu deveria agilizar a questão da moradia em Amsterdã. Para isso, iniciei um diálogo com a VU Amsterdam, que providenciou toda essa parte. A VU estabelece parcerias com outras instituições para a organização de moradias aos estudantes e pesquisadores de todos os níveis. Fiz o pagamento adiantado de mais de um mês de aluguel, já no final de maio, para que, na minha chegada, tudo estivesse devidamente organizado. Já sabia, de antemão, que eu iria habitar um apartamento em um dos prédios do *campus* universitário *Uinlestedede*, em Amstelveen, município vizinho de Amsterdã. Não tinha a menor ideia do tamanho de Amsterdã, das diferenças de escala entre Amsterdã e uma cidade brasileira como Porto Alegre. Com a ajuda do Google Maps, comecei a passear pelas ruas da cidade antes da viagem, bastante impressionada com os nomes escritos em holandês: das ruas, dos bairros e das localidades, língua com a qual eu não tinha, e continuo não tendo, familiaridade.

Lembro-me de que adquiri alguns livros sobre os Países Baixos antes de viajar e tentei me informar, ainda que não com a profundidade que a empreitada merecia, de algumas questões básicas sobre Amsterdã e os Países Baixos. Outros eu recebi de presente da embaixada holandesa no Brasil.

O meu visto atrasou quase quinze dias, de modo que a viagem marcada para 1° de julho só pôde acontecer em 14 de julho. Havia trocado alguns e-mails com o professor Dr. Freek Colombijn. Ele me informou de que o período da minha chegada coincidiria com o período de férias da VU Amsterdam e que ele me conduziria para algumas questões organizativas nas primeiras semanas e depois se afastaria por ocasião das férias, retornando em final de agosto, o que, de fato, aconteceu.

Como eu viajaria sozinha e não conhecia a cidade, tomei várias precauções, bastante comuns para quem vive no Brasil ou em qualquer país da América Latina: evitei escalas em outras cidades da Europa para chegar ainda de dia em Amsterdã, evitei tomar o trem e preferi o táxi, o qual me conduziu diretamente para o endereço da imobiliária DUWO, onde eu deveria buscar as chaves do apartamento. A imobiliária localizava-se dentro do próprio bairro de Amstelveen, perto do prédio onde eu iria residir. Embora eu tenha vivido lá por quase sete meses, nunca abandonei alguns cuidados excessivos, característicos de quem habita regiões metropolitanas no Brasil: mantinha-me atenta para qualquer tipo de abordagem, evitava situações de confronto, zelava pelos meus pertences, especialmente dinheiro e passaporte. Lembro-me de ouvir os mesmos comentários de uma amiga brasileira, mais de uma vez: “Relaxa, não precisa segurar a bolsa desse modo, ninguém vai te assaltar aqui.”

Ao chegar no apartamento, tomei um susto: achei pequeno, escuro, com pouquíssima mobília: um fogão elétrico de duas bocas, um armário suspenso, uma geladeira, duas pequenas poltronas, uma mesa pequena, uma cama de solteiro e uma tv. Havia muitos anos que eu deixara de viver em apartamento, ainda mais assim, tão minúsculo. Aliás, vivi pouco tempo em apartamentos em toda a minha vida, cerca de três a quatro anos apenas, especialmente quando residi em Porto Alegre, nos anos 1990. Moro em Novo Hamburgo, na região do Vale do Rio dos Sinos, onde ainda há muita oferta de locação e venda de casas de moradia, com espaço amplo, quintal etc., apesar de o município integrar a região metropolitana de Porto Alegre.

Ao chegar, tive algumas dificuldades básicas, tais como: não consegui ligar o computador na tomada por causa da diferença dos pinos do cabo de força; além disso, descobri que a internet era discada, não havia wi-fi em nenhum dos apartamentos, quando, no Brasil, já tínhamos, naquele período, abandonado essa tecnologia via telefone havia anos. Mas esses percalços permitiram-me fazer a primeira amizade no prédio, quando nas idas e vindas tomando o elevador narrei o acontecido a outra moradora que também

acabara de chegar, uma doutoranda que viera do norte da Espanha, e acabamos nos auxiliando nas dificuldades domésticas dos primeiros dias.

Logo descobri como fazer o percurso Uinlenstede/Amstelveen a VU Amsterdam. Não valia a pena tomar o *tram* por causa de duas ou três paradas. Nos primeiros dias, fazia o percurso a pé. Em seguida, para me inserir no modo de vida local, providenciei a compra de uma bicicleta. A bicicleta passou a ser o meu principal meio de transporte para deslocamentos à universidade, ao supermercado e, inclusive, mais tarde, em alguns dos trajetos da pesquisa de campo. Por meio da bicicleta, também percorria rotas às margens do rio Amstel, em direção ao centro de Amstelveen e ao Amsterdam Bos, que é um imenso parque localizado na fronteira entre Amsterdam/Amstelveen.

Eu fazia longos trajetos a pé ou de bicicleta em Amsterdã e Amstelveen. Sinto saudades dos passeios de bicicleta em rotas que pareciam não ter fim. É possível percorrer quase toda a cidade de bicicleta com muita segurança. Nos primeiros dias, quando eu avistava o sinal aberto para atravessar de bicicleta algumas avenidas com maior fluxo de carros, ficava insegura de manter a velocidade. Meu receio era que os carros não parassem, que os motoristas pudessem não obedecer ao sinal. No entanto, isso não acontecia. Assim como nas avenidas principais, também nas ruas, no interior dos bairros, havia demarcação do espaço para o trânsito dos carros, das bicicletas e para o trajeto dos pedestres. Do mesmo modo, nos parques. Eu ficava bastante atenta à sinalização para não cometer infração, pois ouvia relatos de que os holandeses eram muito rígidos na aplicação de multas para quem não cumprisse as leis. Nos primeiros dias, eu me atrapalhava com a sinalização que se deve fazer com a mão\braço por intenção de virar à esquerda ou à direita, porque, como o fluxo de ciclistas é intenso em algumas horas, especialmente nas avenidas mais movimentadas, as sinalizações devem ser feitas com antecedência, para evitar choque de bicicletas. Nos primeiros dias, quando ainda não estava familiarizada com a intensidade desses deslocamentos, lembro-me de ter ouvido alguns xingamentos em holandês, os quais, para a minha sorte, não consegui traduzir.

Há por quase toda a cidade muitos estacionamentos públicos para bicicletas, não apenas em Amsterdã, também em outros municípios. Esses estacionamentos chamam a atenção pela grande quantidade de bicicletas que comportam, o que se imagina que a tarefa de localizar novamente a bicicleta no meio de tantas outras seja uma missão quase impossível.

Quando retornei a Novo Hamburgo e região, eu comprei uma bicicleta na esperança de adotá-la como meio de transporte diário. Minhas tentativas frustraram por várias razões: quase não existem ciclovias, corre-se o risco de ser atropelada nas vias, pois é preciso dividir o espaço com carros, ônibus, motocicletas; dependendo do horário e das avenidas que se vai percorrer, teme-se ser vítima de assalto e perder os pertences, inclusive a bicicleta; o relevo não ajuda nenhum pouco, pois boa parte da cidade de Novo Hamburgo fica em cima de morros, de modo que alguns itinerários de bicicleta exigem muita preparação física para subir e descer ladeiras. A bicicleta tem sido, desde então, exclusiva para alguns raros passeios.

Há, todavia, em Amsterdã, muitos furtos de bicicletas por causa da demanda em virtude do uso cotidiano, que faz crescer a comercialização tanto legal quanto ilegal. Semanas antes de eu retornar ao Brasil, furtaram a minha bicicleta do estacionamento que se localizava no térreo do prédio onde eu residia.

Quando começou a ficar extremamente frio, especialmente em novembro, eu abandonei um pouco a bicicleta, preferia andar a pé. Mas eu observava que o mesmo não acontecia com os holandeses, pois o fluxo de bicicletas continuava intenso mesmo com as baixas temperaturas, o vento e a garoa prolongados.

O tempo de frio extremo é um “mau tempo” para a maioria dos holandeses. Quando eu cheguei na cidade, era verão, julho. Logo as pessoas já me alertaram sobre a necessidade de providenciar casacos quentes e impermeáveis que suportassem o frio. Mas, além do frio, havia reclamação sobre a escuridão do inverno. Costumavam alertar: “O difícil é suportar a escuridão, especialmente para vocês, brasileiros.” Ainda que eu seja do sul do Brasil, acostumada com tempo frio no inverno, há muita diferença na

estética do frio gaúcho em relação ao norte da Europa. A escuridão prolongada e o céu cinza, com nuvens pesadas e escuras, são os grandes diferenciais do frio do norte europeu. No sul do Brasil, temos períodos de muita chuva no inverno, frio úmido e intensa neblina em algumas regiões, mas eles são intercalados com dias frios de bastante luminosidade. A conjunção de sol e frio, no Rio Grande do Sul, explica algumas expressões linguísticas regionais, como o *lagartear*, que significa ir para o sol para se aquecer do frio, tal qual fazem os lagartos.

Os dias de escuridão em Amsterdã eram os dias de experimentar o *Anthropological Blues*. Sentia muita falta do sol. Quando o sol aparecia, tímido, e já logo se recolhia, eram momentos, para mim, de grande emoção. E eram raros. A impressão que eu tinha, em alguns dias, era a de que não chegava a amanhecer. Com o tempo, eu comecei a observar que os holandeses usavam muitos tons coloridos na indumentária, nos acessórios e adornos, na decoração da casa, na pintura das aberturas das casas e dos prédios. Isso chamava a atenção porque o colorido quebrava aquele tom cinzento, escuro. Passei a fazer o mesmo: toda semana eu comprava flores, especialmente tulipas, e as distribuía pelo pequeno apartamento; comprava velas coloridas e acendia no início da noite; usava roupas e acessórios coloridos. Lembro-me de um domingo gelado, mas em que o sol resolveu aparecer por algumas horas, quando eu me vesti com roupas muito coloridas para sair de casa: uma calça amarelo-ouro, um casaco vermelho. Ao sair do prédio em direção à rua, encontrei uma senhora idosa que, ao me ver, exclamou, sorrindo: “*Oh, you’re very, very beautiful, nice!*”

Os momentos do *Anthropological Blues* contrastavam com aqueles de encantamento com a vida em Amsterdã. As idas ao centro antigo, na Amsterdã Central (Canal District), eram um deles. Recordo-me com saudade das idas à feira de livros novos e usados do Spui Book Market, nas sextas-feiras de manhã. Adquiri muitos livros naquela feira. Havia também artistas que vendiam suas obras de arte e outros objetos. Como eu havia adquirido vários livros, despachei-os para o Brasil com certa antecedência, via correio, para não ter problemas com excesso de bagagem no avião.

A experiência na Vrije Universiteit Amsterdam

Kant de Lima (1985), no livro *A antropologia da academia: quando os índios somos nós*, já se indagava sobre algumas questões que, ainda hoje, continuam a nos mobilizar: as condições da produção intelectual brasileira, a importância do olhar atento sobre as nossas categorias de compreensão e análise, a especificidade da nossa produção científica e, sobretudo, os elementos que emergem de uma suposta “identidade acadêmica brasileira” quando confrontada com a diferença vivenciada e experienciada nos contatos e diálogos interculturais proporcionados por uma “estada no exterior” na condição de estudante e/ou pesquisador (a). Para esta última, destaco os nossos próprios *sinais diacríticos* (Manuela Carneiro da Cunha, 1986) na relação com outros fazeres acadêmicos.

Retomei o texto de Kant de Lima (1985) para me inspirar nessa escrita e, surpreendentemente, enxerguei-me em algumas de suas passagens, ainda que o contexto sociocultural descrito pelo autor seja outro, a sociedade norte-americana. Algumas de suas dificuldades, indagações, aproximam-se das minhas e dizem respeito aos nossos estranhamentos, não apenas em relação ao campo, mas ao próprio fazer acadêmico. Por causa disso, em outros momentos, voltarei a dialogar com esse autor.

Assim que eu cheguei à cidade, alojei-me e resolvi algumas questões operacionais básicas, dirigi-me à VU Amsterdam para conhecer pessoalmente o professor Freek Colombijn e a estrutura da universidade. O professor, muito gentil, apresentou-me as principais dependências da universidade, especialmente os espaços por onde eu circularia com mais frequência, bem como providenciou com alguns setores o meu cadastro na biblioteca, a inscrição do e-mail institucional e conduziu-me para a sala que eu deveria ocupar nos próximos meses. Surpreendi-me com o fato de o meu nome já estar impresso em uma pequena placa afixada na porta da sala. Tudo já estava devidamente organizado.

Com o passar dos dias, o professor supervisor foi me apresentando para algumas pessoas que circulavam por ali: outros professores, alunos,

orientandos etc. Quando passava pelo corredor, ao se dirigir a sua própria sala, que ficava mais à frente da nossa, o professor Freek costumava cumprimentar-nos, às vezes de longe, outras vezes se aproximava. Um dia, ao estender a mão para me cumprimentar ele comentou: “Vocês, brasileiros, gostam de cumprimentos assim.”

Lembro-me de que, em certa ocasião, o professor Freek pediu que eu passasse a ele algum texto meu para leitura, então eu fiz uma tradução para o inglês de alguns escritos. Após ler o meu texto, o professor pediu para conversar comigo e fez sugestões de escrita: “Na língua inglesa, não se costuma redigir parágrafos muito extensos, as frases precisam ser curtas, objetivas.” A objetividade da língua inglesa não se expressa apenas na oralidade, mas também na escrita. Alguns constrangimentos nos tiram do lugar de conforto e nos fazem refletir sobre as distinções do próprio fazer acadêmico, tal qual comenta Kant de Lima (1985). Os nossos textos, recheados de vírgulas, pontos e vírgulas, dois-pontos, reticências, contrastam com outros estilos de escrita.

Como articular circulação de saberes, interlocução e diálogos interculturais com aquilo que Geertz (1989) denomina de “autoria” ou “assinatura” dos textos acadêmicos? Geertz, em *El Antropologo como Autor* (1989), ao discorrer sobre a antropologia que se desenvolve em um cenário pós-colonialista, alerta para a complexidade discursiva que se configura no pensamento antropológico da segunda metade do século XX, pela multiplicidade de autores que se estabelecem no interior da disciplina. Autores que desponham de diversos lugares do planeta, inclusive oriundos de alguns dos cenários descritos nas etnografias clássicas. Geertz (1989) chama a atenção para a pluralidade das experiências do exercício de “estar lá” e para o fato de que o estar lá autoral é tão difícil quanto o estar lá pessoalmente. Aparecer, situar-se, “autorizar-se” no próprio texto é tão difícil quanto a inserção em campo.

O contraste do fazer acadêmico não se revela apenas nas práticas discursivas e no texto escrito, mas também nos ritos acadêmicos. A formalidade do ritual de defesa de tese em Amsterdã contrasta e muito com o que é realizado nas universidades brasileiras. Na VU Amsterdam, os que desejam

assistir à defesa devem chegar com bastante antecedência, pois alguns momentos antes de dar-se início ao ritual fecham-se os acessos para o público em geral. O doutorando, o orientador, o professor convidado — que é uma espécie de paraninfo, padrinho ou madrinha do doutorando — e todos os professores que compõem a banca entram em fila, devidamente concentrados e paramentados. A plateia mantém-se atenta, por vezes tensa, e em silêncio total durante o rito. Ainda que uma defesa de tese cumpra protocolos formais nas universidades brasileiras, há certo relaxamento das etiquetas cerimoniais em vários momentos, seja pela flexibilidade nos tempos de fala de cada membro da banca ou pela introdução de uma arguição mais descontraída, ou pela permissão da entrada e saída, durante todo o tempo de defesa, de pessoas da plateia.

O meu estágio pós-doc. coincidiu com o doutorado sanduíche de dois brasileiros que também estavam na VU, o Luciano Jahnecka, da UFSC, que me auxiliou em algumas saídas de campo, especialmente por ocasião da realização de algumas entrevistas gravadas com a utilização de câmera semiprofissional, o qual, além de me auxiliar nesta parte, sua presença me deixava mais segura nos diálogos prolongados por sua excelente fluência no inglês; a Jessica Greganich, da UFRGS, que também me deu suporte em vários momentos, inclusive participando de algumas saídas de campo em Borneokade, um bairro de Amsterdã, e algumas atividades acadêmicas. Apesar de morarmos em apartamentos separados, costumávamos realizar várias atividades juntos, inclusive o trajeto até a universidade.

Eu costumava tomar emprestado livros da biblioteca da VU Amsterdam e também percorrer muitas livrarias pela cidade de Amsterdã. Com o tempo, eu cheguei à conclusão de que nós não existimos para eles em termos de produção editorial. Se eles leem produções das ciências sociais brasileiras, é provável que seja pelo acesso a artigos publicados em inglês nas revistas científicas. Eu não encontrava obras de autores brasileiros traduzidos para o inglês ou holandês. No entanto, o inverso é muito verdadeiro: a nossa formação, desde a graduação, é construída sobre as bases de teorias e conceitos de autores europeus, pois, ainda que não exista tradução de muitos

livros para a língua portuguesa, nos nossos cursos de pós-graduação somos estimulados a ler os livros em inglês, francês ou espanhol. Em geral, podemos não ter uma excelente fluência de conversação em inglês, mas temos um excelente domínio de leitura em inglês, por força dos próprios cursos de pós-graduação, que, às vezes, em uma mesma semana, chegam a exigir de duzentas a trezentas páginas de leitura de texto em língua inglesa. Essa constatação me leva a concordar com Kant de Lima (1985) quando este chama a atenção para o colonialismo da produção acadêmica.

Outros *sinais diacríticos* da antropologia brasileira que contrastam com a experiência holandesa são a reduzida prática de campo no exterior e a expertise no estudo de temas nacionais (Roberto Cardoso de Oliveira, 2000). Quase todos os alunos e professores holandeses que se apresentavam a mim para falar da sua pesquisa relatavam a sua experiência no exterior, geralmente em algum país do sul do mundo: da América Latina, Oceania, Ásia ou África. Não conheci nenhum(a) pesquisador(a), naquele período, que se ocupasse com o desenvolvimento de uma antropologia urbana da sociedade holandesa, por exemplo.

Se, por um lado, com esse movimento conseguimos excelentes resultados em relação ao desenvolvimento de campos de investigação da etnologia indígena, antropologia urbana e outras subáreas da antropologia brasileira, por outro lado, com as escassas experiências de pesquisa no exterior, perdemos em termos de representatividade e visibilidade de uma produção antropológica que poderia circular mais, deslocar-se mais, mas que se mantém presa a uma espécie de força centrípeta que nos puxa de volta ao centro, ao interior. O contrário do movimento holandês, que parece dar continuidade à tradição de primar por uma alteridade distante do ponto de vista cultural e geográfico — não necessariamente uma *alteridade radical*, tal qual aborda Mariza Peirano (1999) quando analisa as produções da antropologia brasileira ao longo de seu desenvolvimento. Ressalto a complexidade da problematização dos conceitos de proximidade e distância em relação à alteridade porque a alteridade distante do ponto de vista

cultural pode, muitas vezes, estar próxima do ponto de vista geográfico, e vice-versa.

Há condições bem objetivas, de um lado e de outro, Brasil e Países Baixos, que sustentam essas tradições acadêmicas. No caso brasileiro, são gigantes ainda os desafios, tais como: a expansão e internacionalização dos programas de pós-graduação, as desigualdades regionais, a busca por igualdade e equidade de acesso por parte dos alunos que se candidatam, a mobilidade acadêmica desses alunos, entre tantos outros. Há, ainda, muitas dificuldades de deslocamento dos alunos internamente, isto é, entre as diferentes regiões e estados brasileiros.

Em estudo recente sobre a internacionalização dos cursos de pós-graduação, os autores Haeffener, Zanotto e Almeida Guimarães (2021) apontam como um dos desafios das universidades brasileiras a consolidação da cooperação internacional por meio da colaboração efetiva em pesquisa científica, o que vai muito além dos intercâmbios formais firmados entre as instituições. Os autores alertam para o risco de o Brasil construir uma internacionalização subserviente se não souber tirar proveito pleno da cooperação internacional em atividades de ensino e pesquisa.

No que se refere à antropologia brasileira, Carmen Rial (2017) apresenta uma abordagem historicizada ao mostrar os desbravadores desse movimento de internacionalização, ao longo do século XX, e também o panorama atual dos cursos de pós-graduação em antropologia e os desafios para ampliar e qualificar a internacionalização. Ao mencionar o movimento incipiente de alguns antropólogos brasileiros que, nas últimas décadas, passaram a etnografar grupos no contexto das sociedades europeias, Rial (2017) menciona a persistência da postura colonial da antropologia francesa, que, nos anos 1990, ainda dividia a antropologia mundial e seus pesquisadores em três grandes grupos: os Americanistas, os Oceanistas e os Africanistas. A autora narra que, quando indagada sobre em qual das designações ela se incluía, costumava dizer que era Europeísta, porque acreditava e acredita que os habitantes do Norte também podem ser vistos como “nativos”.

Rial (2017) e outras pesquisadoras (es) da antropologia brasileira, que realizaram esse deslocamento nos anos 1990, são também desbravadoras(es), porém, elas/eles inauguraram um deslocamento de outro tipo, pois, diferente das gerações anteriores, que saíam para o exterior mobilizadas para buscar formação\titulação acadêmicas, a sua geração motivou-se, sobretudo, pela possibilidade de realizar a pesquisa de campo no exterior. Desse modo, contribuíram para o desenvolvimento de uma antropologia que confrontou a lógica colonial Norte → Sul, característica que marcou as antropologias centrais (Cardoso de Oliveira, 2000), em prol de um movimento Sul → Norte, colocando o europeu na condição de nativo. A evidência desse caráter desbravador, hoje, está no fluxo de estudantes de doutorado e pós-doutorado que realizam pesquisa nos países do Norte, encaminhados por essas mesmas pesquisadoras(es), que organizam e coordenam este fluxo a partir dos seus programas de pós-graduação no Brasil.

Os diálogos em campo e o Anthropological Blues

Eu consegui realizar a pesquisa de campo com moradores de casas-barco graças à ajuda de uma pesquisadora com a qual eu dividia a sala na VU Amsterdam, a Joan Van Wijk. Ela costumava ser uma das mais assíduas frequentadoras daquele espaço. Joan foi fundamental porque me apresentou à sua comadre, que vivia em casa-barco em uma localidade denominada Borneokade. A partir desse primeiro contato, muitos outros se estabeleceram.

Joan não foi apenas a “madrinha de campo”, aos poucos se transformou em uma amiga, com a qual eu passei a estabelecer trocas afetivas e que se tornou uma referência na cidade. Em janeiro de 2019, eu retornei à Amsterdã, foi uma estada rápida, de dois dias, mas avisei-lhe com antecedência de que eu estaria na cidade, e combinamos de nos encontrar. Eu estava com alguns familiares, e marcamos, então, de jantarmos todos juntos.

Intensifico na narrativa a dimensão da experiência pessoal, existencial, de que nos fala Da Matta (1978). Dimensão esta, diga-se, bastante prejudicada no cenário da pandemia. Para nós, antropólogos(as), a pandemia

limitou as possibilidades das trocas que se estabelecem na relação face a face, nas interações sociais diretas, no *estar lá* corporalmente, não apenas virtualmente. Não quero desmerecer todo um campo de pesquisa importante que vem crescendo na antropologia, do estudo das interações sociais estabelecidas pelas redes sociais, a *netnografia*, a etnografia virtual, a etnografia digital, cujos estudos vêm se mostrando fundamentais durante a pandemia e tendem a ganhar notoriedade e centralidade nas pesquisas acadêmicas do próximo período.

Faço aqui uma espécie de defesa da etnografia face a face não como um contraponto a tantas outras possibilidades do exercício etnográfico (etnografia de arquivos, etnografia virtual, *netnografia*), mas para enfatizar exatamente essa dimensão humana, do aprendizado pela convivência direta, das trocas intersubjetivas, fundamentais para a experiência do *Anthropological Blues*, seja esse experienciado durante a pesquisa de campo, tal qual nos propõe Da Matta (1978), seja experienciado depois, na condição do *estar aqui*.

As recordações de campo, provocadas e revigoradas durante a pandemia, soam como uma melodia triste, como um *blues*. Assim o é porque elas acionam um tempo que se mostra distante, quando não se pensava na hipótese de que a convivência com “o outro” pudesse ser uma ameaça. As trocas, os encontros e a proximidade física entre os sujeitos eram naturalizados. Ao revitalizar essas recordações, pergunto-me sobre como estariam alguns espaços em Amsterdã durante a pandemia: pequenos pubs, cafeterias, restaurantes, pequenos comércios que chamavam a atenção por seus espaços estreitos, escondidos, apertados. Eu ficava impressionada com o tamanho de alguns estabelecimentos, o que era uma contradição imensa em relação ao público que recebia e que me levava a concluir que, no Brasil, em geral, tem-se muito mais espaço.

A primeira casa-barco (ou seria barco-casa?) que eu visitei, denominada *Vleiland*, era um barco navegável, isto é, era uma casa, mas também um barco apto à navegação. Por que as lembranças do(a) *Vleiland* soam como um *blues*? Porque eu costumava ir semanalmente a Borneokade e aos encontros no *Vleiland* que ocorriam todas as quartas-feiras, desde setembro de 2013 a

janeiro de 2014. Os proprietários serviam jantares no *Vleiland* para amigos e conhecidos. Esses jantares eram reservados com antecedência. No início da semana, recebíamos o menu e confirmávamos a ida. O *Vleiland* era um barco razoavelmente pequeno diante de outros que eu visitara, mas, ainda assim, abarcava uma boa quantidade de pessoas. É difícil imaginar, hoje, a imposição do “distanciamento social” no interior do *Vleiland*. O fato de ser pequeno era o que o tornava acolhedor, aconchegante. Ficávamos relativamente perto uns dos outros, de modo que as trocas e os diálogos eram facilitados pela proximidade física. A partir dos proprietários do *Vleiland*, eu conheci outros moradores da região que viviam em casas-barco e que se tornaram também meus interlocutores da pesquisa.

Além de Borneokade, fiz algumas incursões de campo em uma região próxima de onde eu residia e que eu descobri devido aos itinerários que percorria de bicicleta, Amsteldijk. Para efeito de registro visual, também atentei para o Canal District, que se estende desde a Central Station aos bairros que o circundam. Parte das narrativas registradas com os moradores das casas-barco e outros dados da pesquisa podem ser acessados no texto “‘Aqui sempre se precisa lutar para manter os pés secos’ – narrativas etnográficas da vida sobre a água entre moradores de casas-barco de Borneokade e Amsteldijk, Amsterdam/Netherlands” (Nunes; Jahnecka, 2016).

Em Uilenstede/Amstelveen, tínhamos um grupo que costumava se encontrar com frequência, especialmente nos fins de semana. Esse grupo era formado basicamente por alguns brasileiros, vários sul-africanos e outras nacionalidades em menor número. Teve um dia que eu convidei uma amiga sul-africana para ir comigo conhecer o *Vleiland*. Comuniquei aos proprietários e fiz duas reservas para o jantar. Ela amou o lugar, a magia de estar no interior de uma casa-barco e a comida maravilhosa que foi servida. Então, no mês de janeiro, por ocasião da minha despedida de Amsterdã, reunimos um grande grupo de estudantes residentes em Uilenstede\Amstelveen para jantar sobre o *Vleiland*. Lotamos a casa-barco, e esta passou a ser uma referência para outros pesquisadores que iriam permanecer em Amsterdã\Amstelveen por mais tempo.

Hoje, pequenos gestos soam como um *blues*: a recepção calorosa e afetuosa da interlocutora Parel, que me presenteou com uma linda lembrança por ocasião do meu retorno; da confiança da interlocutora Saar, que me emprestou livros sobre Amsterdã no desejo de contribuir com a minha pesquisa; da disponibilidade e paciência do casal Hugo e Victoria, pelos diálogos em campo, com os quais eu muito aprendi sobre os Países Baixos; o carinho e a atenção a mim dedicados pela querida Suzanne, assídua frequentadora do *Vleiland*. E para mencionar, mais uma vez, as presenças constantes de Joan Van Wijk, Jessica Greganich, Luciano Jahnecka e a dedicação e solicitude do professor Freek Colombijn. Então, o *blues* alcança os interlocutores diretos, sujeitos da pesquisa, os moradores das casas-barco, mas também os interlocutores indiretos, aqueles que me auxiliaram de algum modo para que a pesquisa acontecesse. Alguns desses, desde então, passaram a constituir a minha rede de contatos e de referências importantes, seja no campo profissional, no campo dos afetos ou em ambos.

Considerações finais

Nesta escrita, optei por narrar mais a experiência da viagem — desde a sua preparação, deslocamento, estranhamento, diálogo em campo e a dimensão humana e existencial do *anthropological blues* —, e menos a pesquisa propriamente dita. A escolha foi proposital. Os leitores interessados nos dados da pesquisa que foi realizada podem acessar publicação anterior já previamente citada (Nunes; Jahnecka, 2016). Além de narrar a experiência que eu chamei de subjetiva e existencial, a partir do diálogo com Da Matta (1978), eu procurei situar como essa experiência singular liga-se a outras experiências e a movimentos existentes no interior da antropologia e dos cursos de pós-graduação no Brasil. Abre-se, então, possibilidades de reflexão sobre os atuais desafios da internacionalização da pesquisa e dos cursos de pós-graduação brasileiros, levando-se em consideração a geopolítica do conhecimento e as assimetrias e disparidades globais. Apresento alguns elementos provocativos ao debate sobre como romper com a lógica

colonialista quando os encontros interculturais acontecem na academia e *quando os índios somos nós* (Kant de Lima, 1985).

Por causa do cenário da pandemia, o texto ganhou um matiz diferenciado. Talvez em outro momento eu não fizesse a defesa da etnografia nos seus moldes clássicos com tanta ênfase. Como anuncia Mariza Peirano (1995) em *A favor da etnografia*, tudo começou quando Malinowski quis confrontar os “trobriandeses de carne e osso”. E por mais que se ampliem nossas possibilidades de campo e de constituição de objetos/sujeitos de pesquisa, reservamos um lugar bastante especial para a tal descoberta antropológica oriunda do encontro com nativos de carne e osso e da experimentação do *Anthropological Blues*.

Referências

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense/USP, 1986.

DA MATTA, Roberto. “O ofício de etnólogo, ou como ter ‘*anthropological blues*’”. In: E. O. Nunes (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. pp. 23-35.

GEERTZ, Clifford. *El Antropologo como Autor*. Barcelona; Buenos Aires; México: Studio Paidós, 1989.

HAEFFNER, Cristina; ZANOTTO, Sônia Regina; ALMEIDA GUIMARÃES, Jorge. Internacionalização da Universidade Brasileira: desafios e perspectivas na busca pelo padrão de Universidade de classe mundial. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 17, n. 37, p. 1-28, jul. 2021.

KANT de LIMA, Roberto. *A antropologia da academia: quando os índios somos nós*. Petrópolis: Vozes, 1985.

NUNES, Margarete Fagundes; JAHNECKA, Luciano. “Aqui sempre se precisa lutar para manter os pés secos” — Narrativas etnográficas da vida sobre a água entre moradores de casas-barco de *Borneokade* e *Amsteldijk*, *Amsterdam/*

Netherlands”. In: RIAL, Carmen (Org.). *O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos*. Rio de Janeiro: ABA, 2016. Disponível em: [OPoderDoLixoAbordagensAntropologicasDosResiduosSolidos-1.pdf](#) (ufsc.br). Acesso em: 29 de novembro de 2021.

PEIRANO, Mariza. *A favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumaré, 1995.

PEIRANO, Mariza. A Alteridade em Contexto: a antropologia como ciência social no Brasil. *Série Antropologia*. Brasília: UNB, 1999. Disponível em: <http://dan.unb.br/images/doc/Serie255empdf.pdf>.

RIAL, Carmen. Circulação de pessoas e de coisas: a internacionalização da Antropologia brasileira e seus desbravadores. In: RODRIGUES, Lea Carvalho; PEIXOTO, Isabelle Braz (Orgs.). *Saberes locais, experiências transnacionais: interfaces do fazer antropológico*. Fortaleza: ABA Publicações, 2017.

Vinil ou not vinil: garimpando uma pesquisa nas feiras e lojas de discos

Luceni Hellebrandt²³⁴

Lado A – Intro²³⁵

Em um domingo no primeiro mês em que estava em Amsterdã, fui caminhar com uma colega do convênio CAPES–NUFFIC pelas ruas centrais da cidade. Enquanto caminhávamos, conversávamos assuntos diversos, entre eles sobre o que pretendíamos aprofundar com nossas pesquisas, respondendo à proposta do convênio “Modernidade, meio-ambiente e novas noções sobre lixo e pureza”. Seria meu primeiro campo fora do Brasil, tudo novo, principalmente conduzir uma pesquisa em outro idioma. Andrea parou de caminhar e começou a revirar uma pilha de caixas de papelão em uma calçada, dispostas no local destinado ao lixo, explicando-me que, na noite anterior, havia encontrado vários discos de vinil dentro de caixas similares. A calçada em que estávamos fica em frente à Recordfriend Elpee, uma das maiores lojas de música de Amsterdã, citada no livro *The Last Shop Standing* (Graham Jones, 2014), que relata como as lojas independentes de discos passaram pelos movimentos de ascensão, queda e ressurgimento do mercado de vinil nas últimas décadas.

²³⁴ Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. É pesquisadora no Laboratório Interdisciplinar MARéSS – Mapeamento em Ambientes, Resistência, Sociedade e Solidariedade da Universidade Federal do Rio Grande.

²³⁵ The XX – Intro (2009). <https://youtu.be/xMV6l2y67rk>

A caminhada com Andrea e a situação que trouxe a discussão dos discos de vinil como algo a ser descartado me lembrava de algumas notícias que eu acompanhava no Brasil, relatando uma volta dos discos de vinil²³⁶. O *vinyl revival* é uma expressão adotada nos canais de comunicação para descrever um aumento nas vendas de discos de vinil a partir de 2007, mas não se refere somente a discos, englobando todos os aparatos necessários para ouvi-los. Por exemplo, em 2013, encontrei na Santa Ifigênia²³⁷ uma larga oferta de vitrolas novas e portáteis, com valores acessíveis, e pude tirar a poeira dos discos que tinha guardados. Contudo, mesmo com o reaquecimento desse mercado, o cenário do comércio de discos de vinil no Brasil estava concentrado principalmente na Galeria Nova Barão (São Paulo) ou em lojas expoentes do estilo e que continuam na ativa há algumas décadas, como a também paulista Baratos Afins – inaugurada na década de 1970, ou a Toca do Disco, em Porto Alegre, no mercado desde a década de 1980.

Em 2014, quando cheguei em Amsterdã, a Holanda estava ocupando a 5ª posição em um ranking mundial dos países que mais comercializavam discos novos. O dado se confirmava na quantidade de lojas de discos que eu percebia enquanto caminhava pelas ruas centrais da cidade. Além das diversas lojas, com discos novos e usados (ou *tweedehands platen*, expressão holandesa para discos de segunda mão, como logo me acostumaria a reconhecer), percebia anúncios de feiras, nas quais o produto principal anunciado era o vinil. Percebia também que cadeias de lojas multinacionais estavam dedicando um espaço ao disco de vinil, como na rede de eletrônicos MediaMarkt ou na rede de roupas Urban Outfitters, o que me pareciam ser exemplos do tão falado *vinyl revival*.

²³⁶ Exemplos: “O vinil nacional de volta às pick-ups com vários lançamentos” – matéria publicada no jornal Estadão em 27 de fevereiro de 2010. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,o-vinil-nacional-de-volta-as-pick-ups-com-va-rios-lancamentos,516899> ; “A volta do vinil?” – matéria publicada no jornal Folha de S. Paulo em 08 de março de 2013. Disponível em: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/14337-a-volta-do-vinil>.

²³⁷ Bairro na região central de São Paulo que concentra lojas de produtos eletroeletrônicos.

Alguns meses depois, já no desenvolvimento da pesquisa, ouvi em uma feira de discos em Utrecht um *dealer* contestar a expressão que usei, ao me explicar que “esse termo *vinyl revival* é uma mentira inventada pela mídia, pois nunca se deixou de vender vinil”²³⁸. Expressão midiática, mentira inventada ou não, fato é que todo esse movimento em torno dos discos instigou minha curiosidade a ponto de estruturá-la em formato de projeto de pesquisa. Proposta escrita, discutida e aprovada junto ao professor Freek Colombijn, supervisor do estágio sanduíche no Departamento de Antropologia Social e Cultural da Vrije Universiteit Amsterdam, precisava me apropriar da literatura que me permitiria pensar como objetos físicos apresentam-se como expressão cultural (Miller, 1987). Constantes conversas de orientação com Freek, suas indicações de leituras e os próprios relatos de suas lembranças relacionadas aos discos de vinil foram fundamentais para meus apontamentos sobre o que importa nas relações entre discos de vinil e colecionadores holandeses. Contudo, além do background teórico para desenvolver tal pesquisa, outras questões mais práticas se colocavam para desenhar o campo, e neste texto descrevo esse ponto essencialmente necessário para que eu pudesse desenvolver uma pesquisa nova em um país estranho, com idioma diferente — o uso da internet enquanto ferramenta de pesquisa, facilitando minha comunicação, localização e deslocamento durante o estágio sanduíche em Amsterdã.

É interessante pensar nessas interfaces com o digital enquanto eu pesquisava o consumo de um objeto físico de formato analógico para ouvir música, em tempos de variedade e disponibilidade a um clique para

²³⁸ Continuo com o termo utilizado por meus interlocutores para descrever os proprietários de estandes nas feiras. A conversa com este *dealer* aconteceu no único estande claramente identificável como do Brasil, pois ostentava uma enorme bandeira, contudo, os discos vendidos não eram exclusivamente de música brasileira. Quando me aproximei do estande, fui bem recebida pela proprietária, que me falou que já frequentava a feira há muitos anos e sempre levava discos para vender na loja que possui, com o esposo, na Galeria Nova Barão (tradicional local de comércio de discos de vinil em São Paulo). Alguns minutos depois, o esposo se aproximou, indagou sobre minha pesquisa e, de forma ríspida, encerrou a conversa com a frase que mencionei no texto.

streaming no celular. A relação entre digital e analógico se coloca aqui ao pensar o digital (tudo aquilo que cabe no código binário) como ferramenta de pesquisa, para além de seus usos metodológicos na antropologia digital (Daniel Miller; Heather Horst, 2012; Daniel Miller, 2017) ou nas etnografias para internet (Cristine Hine, 2015), conforme Beatriz Accioly Lins, Carolina Parreiras e Eliane Tânia Freitas refletem no texto de apresentação do dossiê “Estratégias para pensar o digital”, organizado por elas, quando relembram que, em Antropologia, a reflexão metodológica está vinculada à condução da pesquisa, pois vamos trabalhando de forma artesanal, adequando e criando ferramentas conforme a investigação avança, em conjunto com interlocutores, e em campo, e, nesse sentido, mesmo quando o digital se apresenta somente como ferramenta, também é necessário compreender seu papel na metodologia da pesquisa (Beatriz Accioly Lins; Carolina Parreiras; Eliane Tânia Freitas, 2020, p. 4-5). Foi assim que o digital se atravessou nesta pesquisa, como ferramenta para que o campo se desenrolasse. Com o auxílio de websites e aplicativos para celular, fui desenhando o campo e entendendo sua espacialidade, permitindo que eu me movimentasse por ele e me comunicasse com meus interlocutores — colecionadores holandeses de discos de vinil.



FIGURA 1: FACHADA DA RECORDFRIEND ELPEES — REGIÃO CENTRAL DE AMSTERDÃ, OUTUBRO DE 2015.

*With a Little Help from My Friends*²³⁹

Ao mesmo tempo em que buscava me apropriar das teorias que me ajudariam a pensar a pesquisa, precisava dar conta de compreender a dimensão do que havia proposto, delimitando um possível campo que respondesse aos meus questionamentos no tempo disponível para o estágio sanduíche. A melhor forma que encontrei foi recorrer à internet, abundante em informação sobre discos de vinil na Holanda. Nessas pesquisas em meio digital, encontrei as principais e mais completas informações no website [lpvinyl.nl](http://www.lpvinyl.nl) — supporting vinyl on the internet since 2000²⁴⁰. Acontece que a frase explicativa que acompanha o título da página é a única informação em inglês, tudo o mais está escrito em holandês, sem opção de alterar o idioma.

²³⁹ Joe Cocker – With a little help from my friends (1969). <https://youtu.be/eXV4WyQMhFM>

²⁴⁰ <http://www.lpvinyl.nl>

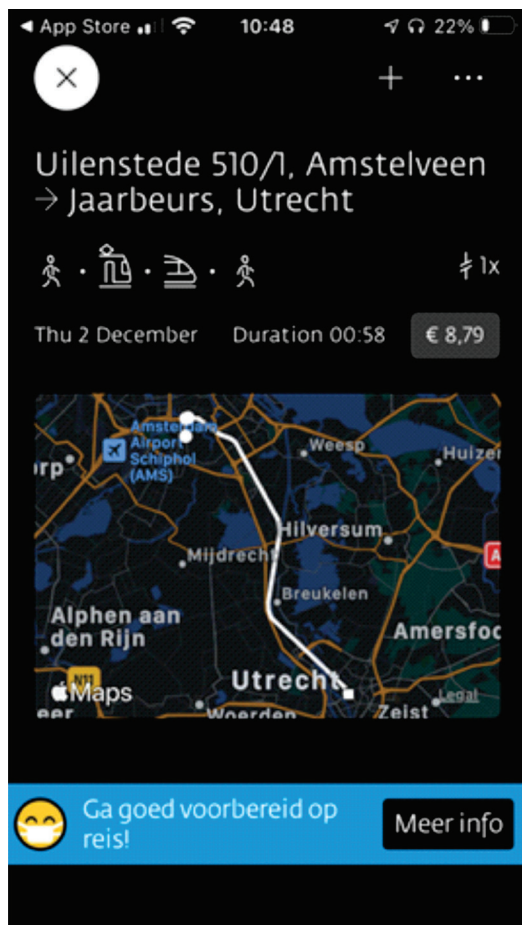
Percebi, então, que algumas aplicações para a internet, ou aplicativos, entrariam em cena como ferramentas essenciais para desenvolver a pesquisa.

O Google Tradutor foi crucial como ferramenta de pesquisa, pois, ainda que existam diversos websites sobre vinil na Holanda, o *lpvinyl.nl* tem uma base consistente de dados, uma vez que o website é atualizado semanalmente, desde que Gerard teve intimidade suficiente com a internet para fazer de sua paixão pelos discos um canal informativo, conforme me explicou quando o visitei em Amersfoort para uma entrevista.²⁴¹ Com as informações encontradas no *lpvinyl.nl*, fiz uma lista das lojas de discos de Amsterdã, as *platenzaken*, e, com uma câmera para registrar as fachadas e seus interiores,²⁴² comecei a conhecer a cidade por meio dos ambientes físicos voltados ao comércio de discos de vinil.

Utilizei os aplicativos Maps e 9292 para auxiliar meus deslocamentos. O 9292 é um aplicativo holandês para planejar rotas e integra as informações sobre o transporte público na Holanda. A rota sugerida pelo aplicativo, que também pode ser traçada pelo website <http://www.9292.nl>, é atualizada em tempo real, de forma que sempre sugere o caminho mais rápido, indicando tanto as informações sobre o transporte a ser utilizado (*tram*, *bus* ou *metro*, localização da parada, tarifa a ser paga, duração da viagem) quanto o tempo de caminhada e a rota a fazer, recalculando-a caso haja interrupções em alguma via.

²⁴¹ Amersfoort, cidade em que Gerard reside, fica na província de Utrecht. A viagem de trem entre as estações centrais de Amsterdã e Amersfoort leva 34 minutos no percurso direto e mais curto.

²⁴² Uma prancha com as fachadas das 30 lojas que visitei pode ser conferida no texto de minha autoria (Hellebrandt, 2016), que compõe o livro “O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos”, organizado por Carmen Rial, como um dos resultados do convenio Capes=Nuffic mencionado nas primeiras linhas deste texto.



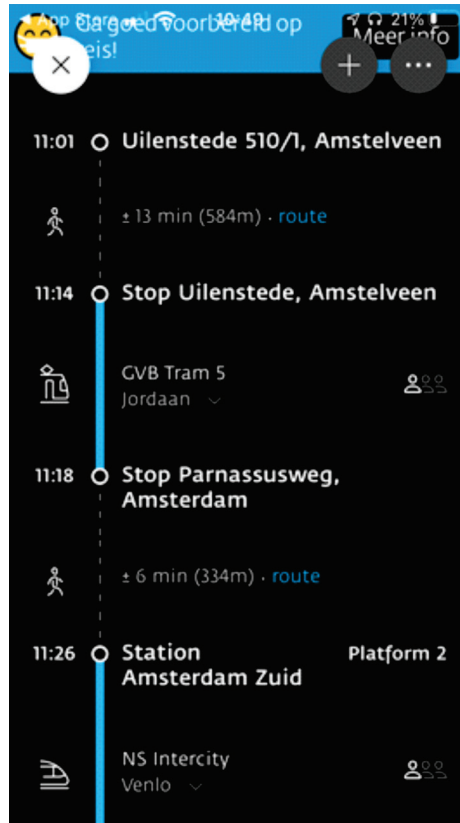


FIGURA 2: SIMULAÇÃO DE ROTA NO APLICATIVO 9292.

Além de planejar as rotas de deslocamento, os aplicativos integrados a mapas serviram também para situar-me geograficamente, já que em diversos momentos deixei o percurso ser atravessado pelo ato prazeroso de caminhar em terreno desconhecido sem uma preocupação constante de chegar a um ponto específico. Quando se está sozinha, cercada de um mundo novo a ser conhecido, vale a pena fazer seus próprios mapas, como descreve Rebecca Solnit em *A field guide to get lost*. Caminhar é um modo de conhecer e organizar, andar e ver, se situar e engajar-se com o ambiente (Roberto Cardoso de Oliveira, 1996; Tim Ingold, 2005; Hélio Silva, 2009) e, conforme mencionado nas primeiras linhas deste texto, caminhar teve

uma importância marcada para o desenvolvimento da pesquisa. Indo de uma loja a outra, tive uma dimensão da cidade e, para contribuir nesta percepção sobre a cidade, utilizei as ferramentas Google Earth e Grab-a-Map²⁴³ para localizar as lojas de discos de Amsterdã. O Grab-a-Map é um website disponibilizado pela Gemeente Amsterdam (Prefeitura de Amsterdã) para a produção de mapas temáticos e interativos, utilizando base de dados geográficos de livre acesso. Com a base aberta, usuários são convidados a produzir e publicar mapas de acordo com seus interesses. Por exemplo, há mapas com a localização de feiras de alimentos, de monumentos, de locais para prática desportiva, de banheiros públicos etc.

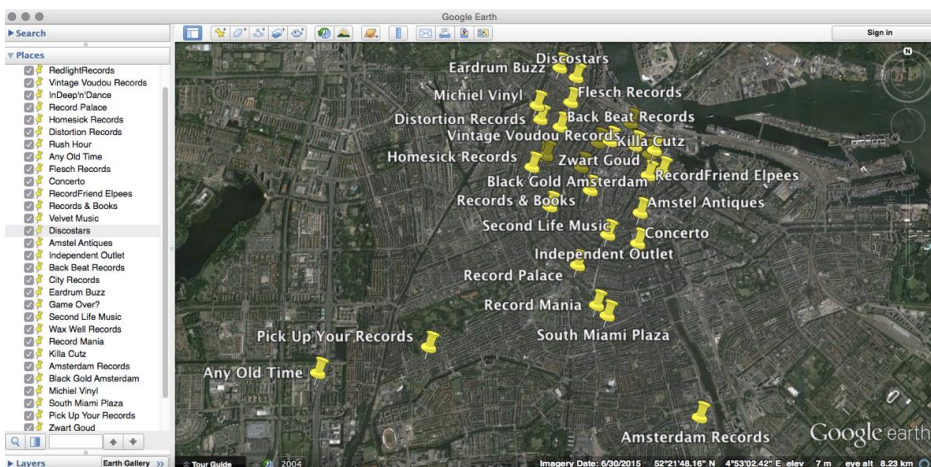


FIGURA 3: GEOLOCALIZAÇÃO DAS LOJAS DE DISCOS EM AMSTERDÃ. AUTORIA MINHA, UTILIZANDO GOOGLE EARTH.

²⁴³ <https://maps.amsterdam.nl>

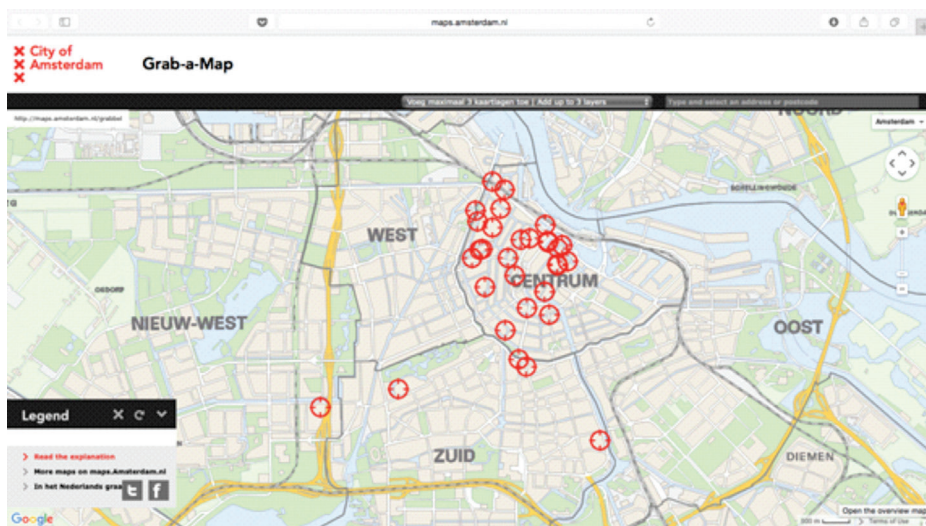


FIGURA 4: LOCALIZAÇÃO DAS LOJAS DE DISCOS EM AMSTERDÃ.
AUTORIA MINHA, UTILIZANDO GRAB-A-MAP.

*Black Gold*²⁴⁴

Nos momentos em que me aproximava ou afastava das lojas, percebia também o entorno delas. Nas mais afastadas da região central, como a Any Old Time (na região Nieuw-West) ou a Amsterdam Records (na região Zuid), os proprietários já estavam engajados em longas conversas, em holandês, com pessoas que pareciam amigos antigos, e pouco dispensavam atenção à minha presença. Nas lojas do Centrum, o movimento de entrada e saída se assemelhava mais ao fluxo constante de turistas das ruas do entorno, e o inglês era mais comum.

Embora eu tivesse algum conhecimento de inglês pelas disciplinas de idiomas na escola e por ouvir músicas de que gostava, acompanhando as letras nos encartes dos discos, o período de estágio sanduíche foi a primeira vez que tive uma necessidade mais extensa de me comunicar em inglês.

²⁴⁴ Esperanza Spalding – Black Gold (2012). <https://youtu.be/TbRUorOX07g>

Essa e outras inseguranças de uma primeira pesquisa em outro país foram semelhantes ao que Margarete Fagundes Nunes relata em seu texto nesse mesmo livro, mas curiosamente a preocupação de falar um inglês impecável gramaticalmente foi diminuindo quando percebi que a comunicação estava fluindo bem com meus interlocutores, pois para eles também o inglês não era a primeira língua. Mesmo que o contato intenso com o idioma fizesse deles falantes quase perfeitos, o ambiente cosmopolita de Amsterdã fazia-os ouvintes melhores. Jasper, proprietário da City Records, comentou em uma de nossas conversas que pelo menos uns 70% das pessoas que frequentam as lojas de discos em Amsterdã são turistas, assim, entender o que lhes é requisitado em um inglês falho ou carregado de sotaques faz parte naturalmente de suas vidas enquanto comerciantes.

A sinalização nas lojas (como os marcadores das seções de discos) nem sempre estava em inglês. Aventurar-me no holandês era algo que me deixava curiosa e, embora não me arriscasse muito na pronúncia, muitas palavras passaram a compor meu universo de pesquisa sem causar estranheza. Assim, consegui entender parte de uma conversa em holandês quando um rapaz pediu informações para comprar uma vitrola, enquanto eu acompanhava Jasper, que fumava um cigarro na porta da City Records. Em outra ocasião, entendi que deveria colocar em pausa o gravador na entrevista com Siebrand quando um rapaz adentrou a porta da Black Gold Amsterdam com um sorriso no rosto e um pacote na mão. Os dois conversaram animados em holandês, e entendi que o disco que o rapaz havia encomendado para presentear Siebrand havia chegado. O pacote logo foi aberto, e a agulha da vitrola tornou “Black gold”, de Esperanza Spalding, a trilha sonora para um sorriso alegre que respondia parte da minha pergunta de pesquisa. Siebrand estava encantado com o disco, presente de seu amigo.



FIGURA 5: NO INTERIOR DA LOJA CONCERTO.

A loja de Siebrand é um caso interessantíssimo para pensar no *vinyl revival* – a materialidade do vinil enquanto objeto de consumo, sendo impulsionado pelas novas tecnologias digitais, refletindo no mercado. A Black Gold Amsterdam iniciou suas atividades no começo de 2015, sendo, portanto, a mais nova das lojas de Amsterdã naquele momento. Parte do investimento para abrir a loja foi arrecadado por meio de um *crowdfunding*. A campanha ocorreu em uma plataforma holandesa de vaquinha virtual²⁴⁵, envolvendo 91 investidores e atingindo a meta de arrecadação a totalizar um pouco mais de €21.000,00 (vinte e um mil euros), nascendo, assim, a loja de discos que também é uma cafeteria – café e vinil, ouro preto, como um projeto de vida para Siebrand.

²⁴⁵ <https://crowdaboutnow.nl>

*Paradise Circus*²⁴⁶

Já a Records & Books está ativa há mais de vinte anos, embora não seja a mais antiga loja de Amsterdã em atividade (esse título é da Concerto, que funciona desde 1955). Quando entrei na loja, Jos entusiasmadamente me convidou a puxar uma cadeira e ouvir um pouco de suas histórias, pois, para ele, ouvir discos é o que o mantém saudável na sua sexta década de vida. Jos me explicou sua relação com os discos descrevendo que “é quando você para e toma um tempo para si. Pessoas hoje em dia não sabem dessas coisas, desse segredo. Eles estão sempre correndo, com um monte de estresse. Eles esquecem de ter um tempo para si mesmos.” (entrevista em setembro de 2015). E isso é fascinante nas lojas de disco. O tempo, nelas, passa diferente.

Elas [as lojas] parecem estar deslocadas no tempo e fora da realidade em que estão inseridas. Esta inferência é baseada no fato de nenhum dos clientes estar com pressa. Alguns dos clientes passam mais de uma hora comprando discos, sendo que um número significativo desses permanece na loja apenas avaliando as mercadorias em exposição, sem realizar nenhuma compra. As pessoas realmente se dedicam ao processo [de garimpar]. (João Pedro Fleck, 2008, p. 43)

No trecho, retirado da pesquisa de João Pedro Fleck com colecionadores de discos de vinil em Porto Alegre, a descrição do autor combina com o que observei nas lojas de Amsterdã e, mais ainda, com o convite de Jos a puxar uma cadeira, sentar e ouvir, no meio de uma tarde de semana. Ao cruzar a porta da Records & Books e adentrar o ambiente pequeno e repleto de livros, discos, rádios e televisores antigos, pôsteres e fotos em preto e branco de jazzistas famosos tapando as paredes, havia uma sensação de distanciamento do que se passava no lado de fora da loja. Na Records & Books,

²⁴⁶ Massive Attack – Paradise Circus (2010). <https://youtu.be/ProwCLCpogo>

ouvindo Jos, eu passava uma temporalidade diferente do fluxo de intensidade quase infernal das pessoas circulando por uma das ruas que desemboca na Amsterdam Centraal,²⁴⁷ a principal estação de Amsterdã, na qual circulam cerca de 250 mil pessoas por dia.



FIGURA 6: JOS, NA RECORDS & BOOKS.

Lado B – *Lost in the Supermarket*²⁴⁸

Nas lojas ou nas feiras de discos, corre um outro tempo, que se distancia do intenso fluxo do “mundo lá fora”, e pode-se observar clientes absortos, olhando caixa a caixa de discos. Esse procedimento tem uma expressão

²⁴⁷ “Já reparou que os canais de Amsterdão fazem lembrar os círculos do inferno?” pergunta o personagem de Albert Camus em “A Queda”. A Record & Books, como grande parte das lojas de discos, se localiza no anel de canais de Amsterdã (*Grachtengordel*), onde o fluxo de pessoas é intenso e contínuo.

²⁴⁸ The Clash – *Lost in the supermarket* (1979). <https://youtu.be/hZw23sWlyG0>

própria, o *crate digging*, do qual uma tradução próxima seria garimpo.²⁴⁹ O tempo dedicado ao garimpo é longo e dedicado, mas percebi que, por vezes, é interrompido para uma consulta ao Discogs.²⁵⁰ No ar desde 2000, o Discogs é um aplicativo alimentado a partir dos dados compartilhados por colecionadores de discos de vinil de todo o mundo e funciona principalmente em duas frentes: como um catálogo para as coleções pessoais e como espaço de *e-commerce*. Entre as informações requisitadas para cadastrar um disco da coleção estão as especificações da edição do disco, o valor pago na compra e o estado de conservação do item, descritos com um código específico referente às condições do disco e da capa.²⁵¹ Com essas informações, o aplicativo tem uma funcionalidade que extrapola a plataforma de comercialização, pois o catálogo passa a ter outros dois usos: pode ser utilizado como comprovante de valor a ser assegurado, em contratos com seguradoras de bens,²⁵² e o uso que percebi na feira de discos, como base confiável para compradores verificarem se o preço pedido pelo comerciante é compatível com itens em condições similares, oferecido por outros vendedores.

²⁴⁹ O termo usual é *crate digging*. Traduzo-o como garimpo/garimpar, pois o objetivo é exatamente o de procurar em uma área e encontrar algum bem precioso. Conforme definido no dicionário Michaelis: "garimpar 2 FIG, POR EXT Procurar e selecionar minuciosamente coisas, objetos, palavras, expressões etc.:"

²⁵⁰ Discogs pode ser acessado pelo *website* <http://www.discogs.com> e, por ser uma base de dados construída a partir da colaboração de usuários é um exemplo da forma como FERREIRA (2016) interpreta e aplica aos meios digitais e plataformas de web 2.0 o conceito de *prosumer* (prosumidor), alcunhado por Alvin Tofler no livro *The Third Wave* (1980). O prosumidor trabalha ativamente para produzir os bens que compra e consome, deixando de ser passivo no processo linear produção → consumo.

²⁵¹ Há um código de letras para identificar o estado de conservação do item: (M) Mint – Perfeito; (NM) Near Mint – Quase perfeito; (EX) Excelent – Apenas com algumas mais marcas de uso; (VG+) Very Good Plus – Nota-se sinais de uso; (VG) Very Good – Percebe-se que o disco foi bem tocado; (G) / (G+) Good / Good Plus – Nota-se que o disco foi utilizado muitas vezes e perdeu quase todo o seu brilho; (P) Poor – O disco está mal estimado, algumas vezes a agulha salta e contém bastantes ruídos de fundo. Informações retiradas de: <http://ocovildovinil.pt/classificacao-do-vinil>

²⁵² Em publicação de 2018, no blog do Discogs, este uso estava sendo apresentado: <https://blog.discogs.com/en/insure-your-vinyl-records-with-discogs-collection/>

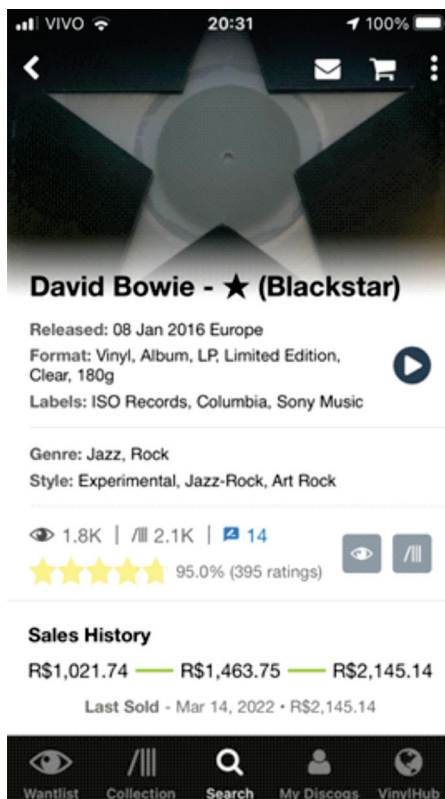
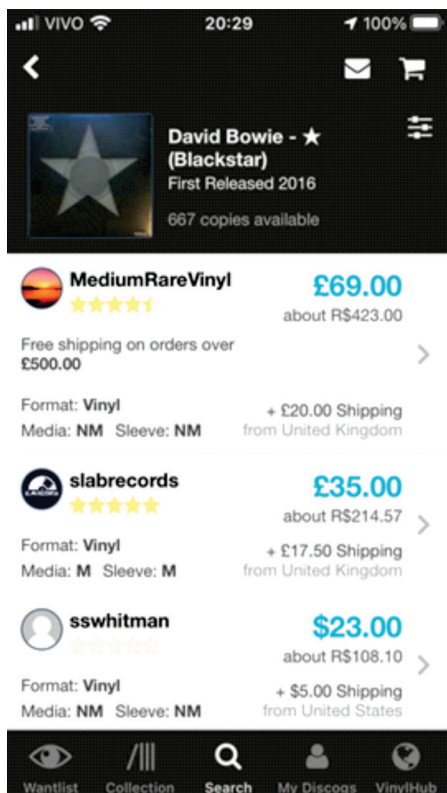


FIGURA 7: PESQUISA DE PREÇOS NO APLICATIVO DISCOGS. À ESQUERDA, PERCEBE-SE A VARIACÃO DE PREÇOS EM FUNÇÃO DA REPUTAÇÃO DO VENDEADOR E DAS CONDIÇÕES DO ITEM. À DIREITA, PERCEBE-SE O HISTÓRICO DE PREÇOS DE COMERCIALIZAÇÃO DO ITEM, NESTE CASO, EXEMPLARES DE EDIÇÃO LIMITADA.

A primeira vez que notei esse uso do Discogs para decidir uma compra foi em abril de 2015, quando visitei a 43ª edição da Mega Record & CD Fair, em Utrecht. Pelo material de divulgação da feira, já era possível perceber a grandiosidade, pois seriam dois dias inteiros (iniciando às 9h da manhã e indo até 5h da tarde), com mais de quatrocentos estandes, e haveria a cobrança de ingresso (€13,00 para os dois dias de feira). Essas informações estavam bem explicadas no website da promotora da Feira, a Recordpla-

net.²⁵³ Eu pensava estar preparada para a grandiosidade, estudei as informações e pensei em uma estratégia metodológica para otimizar o tempo. Estruturei um formulário curto, mas com perguntas de caracterização básica sobre os estandes e uma questão mais ampla, sobre a comercialização de discos de vinil de segunda mão enquanto reaproveitamento, evitando descarte e geração de lixo. Incluí também um campo solicitando o e-mail, de modo que eu pudesse entrar em contato em outro momento. A escolha de um formulário com as perguntas já escritas pretendia driblar também alguma insegurança minha com a comunicação.

Depois de uma viagem de trem planejada no 9292, cheguei no endereço da feira, em Utrecht. Ao observar a grande movimentação para adentrar o Centro de Convenções Jaarbeurs, percebi que eu não tinha a mínima noção da dimensão e que, mesmo com dois dias inteiros, seria impossível falar com todos os proprietários de estandes, explicando a pesquisa, entregando um formulário em papel, e solicitando que respondessem. O fluxo era intenso em todos os momentos, os estandes cheios de compradores com grandes malas de viagem ou caixas de armazenamento com rodinhas, para carregarem suas novas aquisições. Em muitos estandes, era preciso aguardar um bocado para acessar algumas caixas de discos e fazer o garimpo, e o proprietário do estande estava sempre ocupado atendendo os compradores. Nos dois dias de feira, consegui conversar brevemente e receber formulários preenchidos de dezoito comerciantes, o que seria um total fracasso se minha pesquisa estivesse buscando dados quantitativos para uma análise estatística.

Por outro lado, tive acesso a folders e cartões de muitas lojas, e, nesses materiais, além do endereço físico dos estabelecimentos, é comum encontrar o endereço ou perfil nas plataformas digitais. Visitar essa feira permitiu-me entender o que aquele dado que colocava a Holanda no 5º lugar no comércio mundial de discos significava economicamente, tanto pela grandiosidade do evento, pela quantidade de pessoas, como

²⁵³ <https://www.recordplanet.nl/platenbeurs-2015-04.html>

também pelo leilão de um único disco alcançando a marca de €13.000,00 (treze mil euros).



FIGURA 8: MEGA RECORD & CD FAIR, 2015.

As feiras são uma ótima oportunidade para encontrar boas ofertas, mas lojas, feiras e websites ou aplicativos como o Discogs não são os únicos locais de comercialização de vinil para os holandeses.

*Rebel Girl*²⁵⁴

No conjunto de interlocutores, entrevistei Natasja, uma artista visual, produtora musical e DJ. Foi a única interlocutora mulher e a única das entrevistas em que fui convidada à casa da interlocutora. Aponto isso, pois, embora eu não tenha aprofundado reflexões sobre questões de gênero durante a pesquisa, é perceptível que o público que frequenta as lojas de discos é majoritariamente formado por homens, assim como também não encontrei

²⁵⁴ Bikini Kill – Rebel Girl (1993). <https://youtu.be/8yhk7f0ydq4>

referências a mulheres colecionadoras de vinil em praticamente toda a literatura que consultei sobre consumo e coleção de discos de vinil.

Meu contato inicial com Natasja para agendar uma conversa foi pelo chat de Facebook, logo após ela fazer uma publicação a respeito de como ainda as pessoas se surpreendem quando é uma mulher falando sobre música. Na publicação, relatava os comentários que havia recebido após uma discotecagem, de pessoas que diziam que ela desempenhava bem a função de DJ, apesar de ser mulher. Quando a contatei no chat, além de apresentar-me e falar sobre a pesquisa, mencionei que, até o momento, só havia conseguido entrevistar homens, e, sem maiores questionamentos, prontamente se dispôs a ser entrevistada e disse que eu seria bem-vinda em sua casa.

Mais uma vez o aplicativo 9292 foi essencial para que eu conseguisse chegar no apartamento de Natasja, localizado em uma região de Amsterdã que eu não visitava com frequência, próximo à estação Sloterdijk. Enquanto conversávamos, na sala de seu apartamento, Natasja colocava alguns discos de sua coleção para ouvirmos. A coleção ocupava uma parede inteira da sala, e quando perguntei como ela construiu sua coleção, diferentemente das respostas que eu havia obtido até o momento (lojas, feiras e websites especializados), Natasja mencionou que boa parte de sua coleção havia sido adquirida no *Koninginnedag*,²⁵⁵ o feriado holandês que comemora o aniversário da Rainha ou Rei dos Países Baixos. Entre as tradições comemorativas desse dia, se dá o *vrijmarkt* (comércio de rua), no qual o objetivo principal é a prática da atividade comercial, fortemente incentivada também entre as crianças, de forma a relembrar o papel central dos Países Baixos no comércio mundial, e nesse momento, segundo Natasja, é possível encontrar bons discos, pagando pouco.

²⁵⁵ *Koninginnedag* significa Dia da Rainha, mas a partir de 2014, com o início do reinado de Willem-Alexander, feriado passou a ser denominado *Koningsdag* (Dia do Rei).

*People Have the Power*²⁵⁶

Já próximo ao final do período de estágio sanduíche, ainda não havia conversado com meu supervisor sobre alguma forma de restituição da pesquisa aos interlocutores. Pensava que a validação do que eu havia escrito a partir do que eles tinham me contado era algo importante, tanto por uma questão de confiança básica para o bom andamento da pesquisa como para que não restasse qualquer erro de interpretação por conta de algum mal-entendido. Nem todas as conversas com os interlocutores foram gravadas, e algumas informações importantes surgiam logo na primeira conversa, ou em algum outro momento em que eu não podia anotar de imediato, como o diálogo que acompanhei entre Jasper e o rapaz que intencionava comprar uma vitrola, ou quando estava atenta ao que Jos me contava e julguei que quebraria o clima se puxasse o gravador e pedisse para ele repetir a história.

Assim, quando tinha algo próximo de um texto final para apresentar ao meu supervisor na Vrije Universiteit, voltei aos interlocutores com uma cópia do texto e pedi que fizessem uma leitura com total liberdade para discordarem do que eu havia escrito. O retorno foi agradável, gostaram do que leram. Enquanto pesquisadora de primeira viagem na interlocução em outro idioma, em outro país, esse retorno validando meu texto foi o melhor resultado que a pesquisa poderia trazer, e parece que foi visto pelos interlocutores como algo positivo também. Digo isso pois, cinco anos após a pesquisa, contatei-os para saber como estavam lidando com o contexto pandêmico, sem muita expectativa que respondessem, afinal, talvez nem lembrassem mais da brasileira que perguntava meio hesitante sobre o que os discos de vinil significavam em suas vidas. Fiz o contato pelos mesmos meios que utilizava para me comunicar em campo com eles, alguns por e-mail, outros por chat de Facebook, e logo recebi como respostas mensagens daquelas que se envia a alguém que se quer bem e que não vê há algum tempo. Mas faz sentido, afinal, pensando a partir de Mary Douglas e Baron

²⁵⁶ Patti Smith – People have the power (1988). <https://youtu.be/pPR-HyGj2d0>

Isherwood (2004), os discos de vinil (e objetos em geral) podem ser usados como pontes e constituir relações que, no contexto desta pesquisa, foram muitas vezes mediadas por aplicativos.

Referências

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

FERREIRA, D. O prosumo no contexto digital: reflexão teórica. In: VI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA. Coimbra, 2016. *Livro de Resumos*. Universidade de Coimbra. 2016. p. 43.

FLECK, J. P. S. O colecionador de vinil: um estudo vídeo-etnográfico. *Dissertação* (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008.

HELLEBRANDT, Luceni. A cultura dos discos de vinil em Amsterdã: vinyl revival e a convergência entre passado e modernidade. In: RIAL, Carmen (Org.) *O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016, p. 175-200.

JONES, Graham. *Last Shop Standing: Whatever happened to record shops?* London: Proper Music Publish, 2014.

LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane Tânia (Orgs.). Estratégias para pensar o digital. *Cadernos de Campo*, São Paulo, online, v. 29, n. 2., 2020.

HINE, Christine. *Ethnography for the Internet*. Embedded, embodied and everyday. London; New York: Bloomsbury, 2015.

INGOLD, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida: mapas, descobridor-caminho e navegação. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 72-75, jul. 2005.

MILLER, Daniel. *Material Culture and Mass Consumption*. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MILLER, Daniel. *Digital Anthropology*. Serious Science, 24 de agosto de 2017. Disponível em: <http://serious-science.org/digital-anthropology-8688>

MILLER, Daniel; HORST, Heather. (Eds). *Digital Anthropology*. London; New York: Berg, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 39, n. 1, p. 12-37, 1996.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul.-dez. 2009.

“Vaca, frio, Romário, PSV e Ronaldo, só sabia disso”: de quando um pesquisador calçou as chuteiras nos campos holandeses de *voetbal*

Luciano Jahnecka²⁵⁷

Abordagem teórico-metodológica-existencial:
alguns encontros e opções na pesquisa com o corpo

Mi experiencia como jugador de fútbol nunca fue del todo comprendida ni por los espectadores ni por mis compañeros de equipo. A mí siempre me pareció más interesante marcar un autogol que un gol. Un gol salvo si uno se llama Pelé o Didí o Garrincha, es algo eminentemente vulgar y muy descortés con el arquero contrario, a quien no conoces y que no te ha hecho nada, mientras que un autogol es un gesto de independencia. Aclaras ante tus compañeros y ante el público, que tu juego es otro. (Roberto Bolaño; Andrés Braithwaite, 2006, p.125)

O presente capítulo aborda minha inserção etnográfica a partir do futebol realizada durante a pesquisa doutoral com homens praticantes de futebol. Ao longo do texto, são problematizadas algumas reflexões realizadas a partir da interlocução com futebolistas profissionais e amadores, assim como com um conjunto de sujeitos com os quais mantive diálogo para

²⁵⁷ Doutor em Ciências Humanas, professor adjunto do Centro Universitario Regional Noreste, Universidad de la República, Uruguay, investigador da Agencia Nacional de Investigación e Innovación, Uruguay

pensar a inserção de futebolistas brasileiros homens em contextos locais e transnacionais em particular no contexto dos Países Baixos.

A discussão sugerida ao longo do capítulo refere-se à seguinte pergunta: como é possível pesquisar com e a partir do corpo? As reflexões realizadas partem das interlocuções estabelecidas durante a prática do futebol em campos holandeses. Esta prática realizou-se em uma associação esportiva dos Países Baixos durante sete meses, abarcava sessões de treinamento de aproximadamente noventa minutos, entre duas a três vezes por semana, e a realização de jogos em um campeonato “amador” um dia por semana.

Além disso, também me utilizo da interlocução estabelecida com futebolistas no Brasil, em Portugal e nos Países Baixos. Dentre as opções tomadas para a interlocução da pesquisa, considerou-se privilegiar a constituição daqueles futebolistas “infames”, mas que, ainda assim, se encontram em regimes privilegiados de visibilidade, acessados de tempos em tempos por flashes e por relações midiáticas de poder, como são as muitas horas de exposição midiática esportivas, em particular do futebol praticado por homens. Apesar de obedecerem a uma certa hierarquia em consonância com seu tempo pautada em discursos e instituições, a constituição desses futebolistas atua ao praticar esse “outro jogo”, eminentemente vulgar e cotidiano.

Embora meu jogo sempre tenha sido outro e tenha deixado evidente para muitos de meus companheiros durante os jogos dos quais participei, não segui a sugestão de fazer um “autogol” (ou “gol contra”, como é conhecido no Brasil) de Bolaño durante minha trajetória com o futebol. Meu outro-jogo também foi colocado em questão nas minhas participações frequentes nesse clube de futebol “amador” situado nos Países Baixos. Outro-jogo praticado, segundo as palavras de meu treinador, quando voluntariamente desisti do dia para atuar como goleiro. Ou, ainda, em outro momento, após perder um gol sem goleiro, coisa que nenhum brasileiro faria, ou, ainda, segundo meus companheiros, não falaria quando regressasse ao Brasil.

O “outro jogo” desses futebolistas nem por isso merece maior reconhecimento dentro do jogo constituído, organizado e administrado pela

Federação Internacional de Futebol (FIFA) e suas instituições filiadas. É interessado nessa condição de “menor visibilidade” que o capítulo relaciona a interlocução empírica no contexto dos futebóis, amador e profissional, e a pesquisa com o corpo em um contexto migratório nos Países Baixos. Dessa forma, são feitas algumas questões para direcionar as reflexões aqui realizadas: como se dá a constituição de alguns futebolistas em meio a uma carreira profissional? Como são utilizadas as imagens pelos próprios futebolistas, que, apesar de privilegiadas, produzem zonas de in/visibilidade? Qual a relação de alguns futebolistas com a fama?

No que se refere à forma pela qual os futebolistas adquirem, transformam e atualizam suas visibilidades, também estamos colocando sob análise quais são as invisibilidades. Em quais espaços e de que forma as (in)visibilidades são rerepresentadas. Logo, pensamos a partir daí a composição de um *futebol menor*, composto de singularidades por meio das quais poderíamos situar muitos futebolistas.

Construindo corpos entre iguais? Inserção empírica no contexto do futebol praticado por homens

Ao contrário de muitas experiências de exploração e discriminação profissional, os futebolistas, ao menos no Brasil, gozam de certa importância e visibilidade no cotidiano de milhões de pessoas (como discutido nos trabalhos de Carmen Rial, 2006, 2008, 2009 e 2016; Simoni Guedes *et al.*, 2006; Caroline Almeida; Mariane Pisani; Luciano Jahnecka, 2013; Mari Haugaa Engh; Sine Agergaard, 2013). Conhecidos popularmente como “jogadores de futebol”, mas aqui tratados como futebolistas, esses sujeitos tencionam o modo de exercício de uma profissão e a relação contemporânea com o trabalho ao exemplificar por meio de um modo de vida bastante singular o borrimento das fronteiras entre trabalho e lazer, jogo e esporte, profissão e *hobby*, prazer e obrigação.

Certamente as imagens da atuação destes constituíram parte importante de uma certa unidade relativa à identidade nacional e o pertencimento

a um Estado-nação. Principalmente ao fortalecer a construção de uma coe-rência a partir do momento no qual se passou a relacionar as vitórias do time representativo e administrado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (sugestivamente chamado de Seleção Brasileira) com um sentimento de pertencimento nacional e étnico, assim conformado pela moderna forma de controle territorial disposta pelos Estado-nação.

Entre tantas imagens produzidas e reconhecidas relativas aos futebolistas (amplamente mais difundidas, se comparadas às mulheres futebolistas), questionamos quais são as singularidades de algumas trajetórias em meio à condições afetivo-materiais, mais ou menos próximas, dessa prática “profissional”. De que maneira foi se constituindo um modo pelo qual certas trajetórias de vida foram sendo consideradas mais válidas que outras? Quais rupturas e consonâncias demarcam processos de subjetivação tão desiguais, mas ao mesmo tão próximos uns dos outros?

Nesse “jogo” político de análise de algumas constituições em meio a experiências, confrontamos tais questionamentos com um certo corpo teórico e empírico privilegiando:

1. O uso das interlocuções para construção do texto, constituídas por entrevistas semiestruturadas e “resenhas” (conversas informais) com futebolistas em clubes situados no Brasil, particularmente no Rio Grande do Sul, em Portugal e Países Baixos. Essa opção foi composta por mais de oitenta sujeitos ao longo da pesquisa, em sua maior parte futebolistas “profissionais”, além de assessores e assessoras de imprensa, fisiologista e mulheres, esposas de futebolistas, sendo que, deste total, escolhi apenas treze futebolistas para manter relações de interlocução ao longo da pesquisa.

2. Diário de campo com os registros sobre a prática do futebol de quem subscreve em um clube das divisões amadoras situado nos Países Baixos.

No que se refere à constituição de um futebolista, esta é exercida mediante muitas horas de treinamento, como é possível pressupor e como alguns trabalhos demonstraram (Arlei Damo, 2005, 2009; Luiz Carlos Rigo; Daniel da Silva; Carmen Rial, 2018), sendo também feita pela incorporação de um *etos* futebolístico por meio da negociação com empresários, nas

sociabilidades masculinas em concentrações e vestiários, com códigos de masculinidade específica desses espaços, normas de conduta que inculcam maneiras de se relacionar com os outros e consigo mesmo. Foi a partir da interlocução que percebemos como se adentra e modela o corpo e seus gestos, e de que isso não basta para descrever como um sujeito tem ou incorpora elementos para uma determinada “técnica corporal” (Marcel Mauss, 2003) formatada em meio a relações socioculturais.

Quanto às indicações metodológicas, utilizamos uma modificação significativa na maneira com que se conduz uma pesquisa acadêmica. Tomamos como indicativo aquilo que Lóic Wacquant (2002, p.13) sugere como uma relação metodológica “a partir do corpo” (*from the body*). Isso significou assumir condições a partir das quais um corpo (o meu em relação a outros e em relação a ele mesmo) estabeleceu relações e fora percebido durante o trabalho de campo em relação aos outros (interlocutores).

Ademais, a partir de alguns elementos etnográficos, como os citados, realizamos uma etnografia multissituada (George Marcus, 1995), por meio da qual acompanhamos as trajetórias de alguns futebolistas, assalariados ou não, em regime contratual ou não, utilizando algumas redes sociais e de contatos face a face de tempos em tempos.

Também me utilizei da “experiência” que tive por ter participado das atividades de um clube “amador” nos Países Baixos tendo como rotina treinamentos e jogos durante sete meses de um total de doze nos quais residi nos Países Baixos. Foi a partir do corpo que pude tomar contato com diferentes espaços e sujeitos que mantinham alguma relação com o futebol. Dentre estas: futebolistas e suas esposas, treinadores, praticantes (não assalariados) e pastores de uma igreja brasileira neopentecostal nos Países Baixos. Somada a isso, a inserção no contexto futebolístico local tem como antecedente minha trajetória pessoal com relação a prática do futebol imprescindível para uma inserção densa nas sessões de treinamento e na interpretação dos significados atribuídos ao futebol nos contextos estudados.

Procurei ao longo da interlocução assumir algumas condições corporais estabelecidas em meio a *relações* entre sujeitos. Ademais, busquei

evitar os resquícios de uma tradição científica positivista em que uma pretensa neutralidade procura isolar a/o pesquisador/a das suas intervenções nas relações criadas a partir de sua inserção nos contextos empíricos e distinguir por meio da clássica oposição entre sujeito/objeto, e, mais que isso, como se “colocar em campo”, interpretar, analisar, fazer questionamentos, utilizar e transformar conceitos, e construir uma narrativa a partir da qual toma materialidade este texto.

Tomando em conta certos limites na interlocução, problematizo uma dimensão de corporalidade que parte de uma inserção empírica pautada por *relações* corporais. Assim, por vezes fui reconhecido como um jornalista nos primeiros contatos pela maneira através da qual estabeleci relações nos clubes inseridos no futebol “espetacularizado”. Principalmente ao recorrer ao registro das entrevistas com câmera e/ou gravador, em algumas situações por meio do contato institucional dos assessores de imprensa dos clubes e mesmo através da mediação feita por outros futebolistas, o modo como se deu os primeiros contatos com os interlocutores assemelhou-se aos registros midiáticos, como comentaram alguns interlocutores.

Tendo em consideração as muitas críticas feitas ao jornalismo esportivo feito de maneira superficial por parte desses interlocutores, entre elas a sazonalidade oportunista dos interesses, principalmente quando próximos de um acontecimento considerado importante envolvendo jogos com interesse massivo, esta não fora a melhor atribuição de significado para a interlocução. Mesmo porque nos “contatos” dos futebolistas com jornalistas existiam muitas relações de troca das quais não faziam parte nossos acordos. A mais imediata dentre elas, a publicização imagética de discursos, fotografias e/ou vídeos nos meios de comunicação.

Apesar da relativa familiaridade com muitos dispositivos tecnológicos, como câmeras, microfones e gravadores, em alguns casos, mesmo tendo em dúvida a possível utilização da entrevista para a pesquisa, quando a entrevista encerrava-se, iniciavam as “resenhas” (conversas informais), onde se tratava de uma conversa de corpos percebidos como iguais: homens, jovens, identificados pelo gênero e a cisgeneridade e de sexualidades

aparentemente hegemônicas. Isso significou, em certos momentos, a aproximação com temas pouco debatidos, ou omitidos durante uma entrevista, mesmo que esta tivesse um teor mais aberto de diálogo. Entre esses temas, podemos citar as relações extraconjugais, homosociabilidade e os contratos com empresários.

Nas relações mantidas com maior frequência e aproximação, em grande medida principalmente por esses elementos de aparente igualdade de identificação, mas também por escolhas metodológicas, ingressei naquilo que podemos denominar como o “espaço privado”. Nesses casos, fui avaliado como um par em potencial ao receber, por exemplo, um convite para participar de uma espécie de “jogo” com alguns boleiros. Convite este feito por um de meus interlocutores como uma forma de retribuir a importância dada à entrevista e do interesse de um “pesquisador”, ao mesmo tempo em que avaliava e comparava os “capitais corporais” (Wacquant, 2002) e futebolísticos dos demais futebolistas com o meu. Evidentemente, ao longo de um jogo entre boleiros, demonstrava-se o quão significativas são as diferenças entre a prática esporádica do futebol (no meu caso) e os treinamentos diários exercidos ao longo de anos por futebolistas.

A prática dos futebolistas, eminentemente corporal, é exercida quase diariamente em todos os casos com os quais mantive contato por meio de interlocutores em alguns “clubes locais” (Rial, 2008) situados no Rio Grande do Sul, Países Baixos e Portugal. Ao longo de uma semana de treinamento, na maior parte dos casos, apenas um dia é reservado à inatividade. Em parte, para atender às demandas trabalhistas de legislação a partir da Lei Pelé (Brasil, 1998), mas também para cumprir funções eminentemente simbólicas sobre o descanso.

Em muitos outros casos, essa fabricação corporal se dá em dois turnos de trabalho. Nessa comparação, a noção de “capital corporal” elaborada por Wacquant (2002, p.119), e especificamente de “capital futebolístico” (Damo, 2005), demonstram o quão significativo é o processo de transformação e a incorporação de gestos úteis a determinadas práticas. Assim, de modo a passar por uma formatação que se dá também, mas não

só exclusivamente pelo corpo, os futebolistas com quem mantive contato assinalavam as distâncias ante os capitais corporais e futebolísticos daqueles praticantes esporádicos ou sazonais, como era o meu caso.

Essa forma de troca, retribuição e comparação estava confrontada com os capitais corporais (futebolísticos) e sociais exercidos por futebolistas e um “pesquisador”. Ao mesmo tempo em que fora percebido como alguém *com* estudos vinculado a uma instituição tão seletiva e restrita como é vista a universidade, o capital social de um “jornalista” e/ou “pesquisador” poderia fazer funcionar a “circulação” de imagens, e, quem sabe, de pessoas, por meio dos contatos institucionais que estabeleci com clubes situados nos Países Baixos. Com este exemplo, chamo a atenção para as condições distintas que clubes situados em Portugal oferecem profissionalmente, se comparadas ao imaginário de solidez e desenvolvimento econômico com os quais os clubes situados nos Países Baixos são percebidos. Como comentou um dos futebolistas em Portugal após minha solicitação de seu material em vídeo, “Vá que dê alguma coisa”, referindo-se à possibilidade de ser visto por “alguém” nos Países Baixos.

Esse modo de relacionar-se com os “capitais”, sejam eles corporais e/ou sociais, apresenta-se como uma das leituras possíveis para entender a rede de conexões estabelecidas entre os futebolistas com os demais sujeitos que circulam nos espaços diários dos clubes. Os capitais sociais e corporais também são disputados internamente nos clubes. Em minha curta permanência em um dos clubes do Rio Grande do Sul, presenciei as disputas entre um saber empírico, exercido pela incorporação desse *etos* e de um capital corporal por futebolistas aposentados que no momento ocupavam cargos de comissão técnica, e um saber científico e acadêmico daqueles profissionais com formação universitária e “pouca experiência” no futebol “profissional”.

Antigas disputas entre “teoria” e “prática” permeiam as relações de trabalho no futebol. Esta dimensão de distanciamento também foi assimilada pelo que minha presença aparentemente representava naquele espaço, uma vez que, utilizando de meu capital cultural, fui solicitado a utilizá-lo para esboçar um diálogo em forma de “brincadeira” com um dos

integrantes da comissão técnica. Esta consistiu em esboçar um diálogo em inglês, mesmo que meu interlocutor não compreendesse minhas questões. A partir daí, fui visto como alguém com *estudos* e detentor de um capital cultural exercido pela linguagem e pelo conhecimento, assim como reconhecido como um “par” por um fisiologista com formação universitária e com conhecimentos teórico-práticos de um especialista. O que significou também o distanciamento daqueles futebolistas mais intimidados com a educação formal em um contexto em que grande parte não havia concluído o nível secundário na educação formal.

Foi também por meio da percepção de minha corporalidade em uma relação de interlocução (principalmente por alguns elementos de gênero e geracionais) que fui convidado em dois momentos a frequentar os espaços nos quais as práticas e sociabilidades são exercidas “fora do campo” e dos treinamentos. Assim, fiquei hospedado na casa de um dos interlocutores em Portugal. O que diferiu potencialmente da experiência de participar da sociabilidade feita na moradia dos futebolistas no estádio de um clube na qual estava um interlocutor no Rio Grande do Sul, em uma espécie de regime de confinamento. Alguns elementos identificam e demarcam uma corporalidade que tornou possível a inserção nesses espaços fortemente marcados por uma sociabilidade masculina hegemônica assentada em uma norma heterossexual e cisgênero.

Essa espécie de diálogo sem a necessidade de colocar os discursos para o sujeito, ou, ainda, dos muitos discursos que são pré-discursivos ou que antecedem os sujeitos, de certa forma me colocou em posições talvez inacessível a outras corporalidades. Por outro lado, delimitou minhas interlocuções com as mulheres, esposas de alguns futebolistas, pois estas foram todas as vezes intermediadas por estes últimos.

Em Rotterdam, por exemplo, cidade situada nos Países Baixos, apesar de minhas inúmeras insistências, não obtive qualquer consentimento para poder entrevistar ou tomar contato com Sandra — a brasileira responsável por receber e administrar a casa oferecida por um “clube profissional” aos jovens futebolistas contratados conforme a interlocução realizada com outro

de meus interlocutores que tinha conhecimento sobre sua existência. Além da questão de gênero e geracional (pois ela tinha por volta de 50 anos), a identificação de “um pesquisador” também dificultou qualquer tipo de diálogo com Sandra, conforme comentou o interlocutor responsável por colocar-nos em contato. Em um primeiro momento, fui solicitado a contactá-la novamente após uma viagem que faria ao Brasil. Após esse período, não obtive qualquer consentimento para manter uma conversa pessoalmente.

No caso da tentativa dessa interlocução, não identifiquei quais eram os vínculos de Sandra com o clube, mas o que possivelmente fez com que uma brasileira fosse a responsável por administrar a casa mantida pelo clube foi a quantidade de jovens brasileiros contratados pelo clube. Entre 1995 e 2008, foram 12 brasileiros contratados pelo clube. Destes, 10 foram para o primeiro clube europeu de suas carreiras, e no momento de sua contratação tinham entre 18 e 21 anos, com exceção de uma “contratação” feita aos 12 anos de idade.

Além dessa relação de interlocução que se estabelece a partir de elementos discursivos estruturados (gênero, geração, sexualidade, entre outros), aqui também é válido lembrar as condições de muitos “migrantes” constantemente confrontados com políticas migratórias restritivas à sua permanência no “contexto europeu”. Esta última é outra hipótese para estabelecer algum tipo de interlocução com Sandra, pois, em outros contatos que mantive nos Países Baixos com brasileiras, foi possível identificar os tensionamentos quanto às questões de legalidade e ilegalidade, formas de permanência no país e remuneração do trabalho informal.

Já no contexto das interlocuções, de um total de nove futebolistas brasileiros com os quais tomei contato nos Países Baixos, todos afirmaram um trânsito repentino para o país, sendo que da proposta feita pelo clube/empresário até sua contratação e consequente regulação quanto a sua permanência no país eram transcorridos não mais do que vinte dias. Apesar de não poder mencionar os casos em que a transferência não foi concretizada, a decisão sobre a migração dos interlocutores aos clubes situados nos Países Baixos não tomava demasiada atenção sobre as condições legais de ingresso

e permanência como em outros casos sob o rótulo geral de “migrantes”. Portanto, uma condição de ingresso amplamente facilitada e realizada pelos clubes e/ou empresários.

Por outro lado, minha condição étnico-racial em um contexto migratório também tornou próxima a relação com os futebolistas brasileiros nos Países Baixos, onde pude participar de cultos e “estudos bíblicos” de tradição cristã organizados e frequentados por brasileiros. Em dois contextos distintos marcados pelo momento de ingresso no país, um grupo de futebolistas participava dos cultos institucionalizados de uma igreja neopentecostal, enquanto outro intitulava essa forma de reunião de “estudos bíblicos”. Também divergiam os locais de realização dos encontros. Enquanto este último realizava-se apenas na casa dos futebolistas, circunscrito à participação de futebolistas e seus familiares, o primeiro aconteceu também nos espaços mais íntimos, como nas casas de futebolistas, todavia, de maneira institucional, em salas de conferências de hotéis com um público não restrito aos futebolistas, apesar de muitas relações se darem a partir do futebol, assemelhando-se à discussão proposta por Carmen Rial (2012) na qual os futebolistas são os “novos missionários” da diáspora neopentecostal.

Conforme é possível perceber, nossos contatos foram fortemente marcados por questões de representação e identificação através do corpo, corroborando com as questões de pertencimento étnico abordadas em Luiz Carlos Rigo e Conrad Torrano (2013). Além disso, estava em disputa uma concepção pouco acabada de jeito, modo ou de uma ética corporal, como lidamos com o corpo e das relações que este estabelece com aquilo que o cerca. Essa marca de uma corporificação dos sujeitos está cercada de elementos culturais que se leem e que se veem, todavia, permanentemente cheia de fraturas.

Assim, a corporalidade por meio das imagens mediadas e produzidas dentro de um contexto (midiático, portanto social) que privilegia uma narrativa mais ou menos unânime daquilo que seria um “ser jogador de futebol” se encontra demasiadamente pautada pelas continuidades de um sujeito, mais do que por suas rupturas. Pensar e problematizar as narrativas

concernentes aos futebolistas interlocutores significa colocar em questão esses modos de se ver e de se ler.

Digamos então que a antropologia se distinga dos outros discursos sobre a socialidade humana não por dispor de uma doutrina particularmente sólida sobre a natureza das relações sociais, mas, ao contrário, por ter apenas uma vaga ideia inicial do que seja uma relação. Pois seu problema característico consiste menos em determinar quais são as relações sociais que constituem seu objeto, e muito mais em se perguntar o que seu objeto constitui como relação social, o que é uma relação social nos termos de seu objeto, ou melhor, nos termos formuláveis pela relação (social, naturalmente, e constitutiva) entre o “antropólogo” e o “nativo”. (Eduardo Viveiros de Castro, 2002, p. 122).

Diante dessas relações, colocamos sob análise as noções de “circulação” (Rial, 2008), “carreira” e “status” (Everett Hugues, 1993), “projetos de vida” (Gilberto Velho, 1999), e conferindo especial atenção aos processos migratórios de futebolistas e suas famílias. Concomitantemente a processos de individuação dos futebolistas, em que se transformam singularidades por meio de condições existenciais e de constituição em meio à experiências, também ocorrem processos coletivo-individualistas, pois é por meio de um “projeto” a partir e em torno de um núcleo familiar, seja em suas relações de parentesco ou na formação de seus próprios núcleos familiares.

Como exemplo dessa articulação entre projetos e singularidades, cito a recusa de um dos interlocutores cristãos em transferir-se para um território simbolicamente perigoso, pois se tratava de um clube situado em Israel, sob a justificativa da existência de “muita bomba e guerra”. Pouco tempo depois, esse mesmo interlocutor decide “regressar” ao Brasil, tendo como opção oferecer aquilo que considerava “melhores” condições de nascimento ao seu segundo filho. Na primeira gravidez de sua esposa, segundo seu relato, o tratamento pelo sistema de saúde oferecido nos Países Baixos não correspondeu às expectativas familiares, em particular o tratamento oferecido à esposa.

Durante os contatos que fui estabelecendo para a interlocução, privilegiei a heterogeneidade das trajetórias pessoais de cada jogador. Com exceção do futebolista Gafana, oriundo de Guiné (Conacri), todos os demais eram brasileiros. Essa opção levou em consideração seus vínculos com muitos brasileiros, uma espécie de *Doc* em meu trabalho de campo, uma vez que em Portugal são muitos os clubes que mantêm contratos periódicos com estes últimos (William Foote-Whyte, 1980).

Quanto à forma com que se deram as interlocuções, os usos dos capitais sociais, culturais, futebolísticos e corporais me permitiram aceder às moradias de parte dos futebolistas (no Brasil, em Portugal, assim como nos Países Baixos), frequentar esporadicamente suas casas e mesmo poder acessar a residência no estádio de um dos clubes situados no Rio Grande do Sul. Igualmente, fui convidado a participar de cultos cristãos organizados por futebolistas nos Países Baixos, em suas casas e em lugares públicos destinados às cerimônias religiosas. Em todos os casos, os convites para participação nesses espaços foram mediados necessariamente logo após a realização de entrevistas elaboradas para a realização do estudo. Estas últimas aconteceram, de modo geral, em lugares “públicos” frequentados pelos futebolistas (entre esses espaços se encontram bares, restaurantes, lancherias, cafeterias e os estádios dos clubes com que os futebolistas mantinham contrato).

Pés de obra e circulação de futebolistas brasileiros nos Países Baixos

– Você vai para o estádio?

Respondo que sim. Imediatamente ele complementou com um gesto atencioso:

– Sobe no ônibus, pois existe um ponto mais próximo.

Estabelecendo assim uma relação mais próxima do que a prestação de serviço entre motorista e passageiro. E prosseguiu:

– Então você é alemão?

Neste momento esbocei um sorriso ao lembrar que estava carregando uma bolsa do St. Pauli. Respondendo por minha vez:

- Não, eu sou brasileiro.

O condutor continuou com seu interesse amigável:

- Então você é o novo Romário?

Em seguida sorriu e sinalizou o ponto em que devia sair do ônibus. Entrei na sua brincadeira e repliquei:

- Não, infelizmente. (Somado a um sorriso).

E completei:

- Não sou jogador. Vim para encontrar outro brasileiro. Este sim pode ser o novo Romário, basta fazer muitos gols.

Gargalhamos juntos e despedimo-nos. Do parco vocabulário que havia aprendido do “dutch” agradei com uma pronúncia carregada:

- *Dank u wel.*

- *Alstublieft.*

Ao contrário da lógica de minha comparação, Fábio atua na posição de zagueiro. Mesmo somando os gols marcados durante os 8 anos nos 3 clubes pelos quais passou nos Países Baixos seria difícil atingir o número de gols de uma temporada do Romário. Este último, atacante ‘enamorado’ pelo risco da pequena área adversária, foi artilheiro da Eredivisie em 3 temporadas. Como se esta comparação fosse possível mesmo com outros atacantes em determinado momento. (Trecho do diário de campo, outubro de 2013).

Em que pese as questões de gênero e geracionais, o diálogo que tive com um homem condutor de ônibus destaca as referências étnicas que estão associadas a uma essência da brasilidade e do ser brasileiro, ou como conceituou Igor Machado (2009), o núcleo central de uma identidade como sendo a identidade-para-o-mercado. Por volta de seus 60 anos, o breve diálogo colocou em circulação uma identidade étnica fortemente presente no campo esportivo. Essa reativação identitária se deu vinte anos após a “passagem” de Romário pelo PSV (clube situado na cidade de Eindhoven),

em uma direção diametralmente oposta da região do país na qual nos encontrávamos, a cidade de Groningen.

Sob os anseios da busca por uma identidade a partir de práticas mais ou menos comuns (o que podemos chamar a grosso modo de “culturais”), existe uma retomada constante feita a partir de elementos étnicos que atuam para agrupar de forma quase homogênea um grupo de sujeitos em um determinado lugar. Assim, a inclusão de sujeitos em uma categoria, neste ponto étnica, pauta-se a partir de um núcleo comum e central. Nossa rejeição em reificar esse conjunto de práticas “culturais” sob o signo “grupos étnicos”, como poderiam ser colocados “os brasileiros”, se dá pela distintas condições pelas quais os sujeitos lidam com certas práticas, conforme destacou Machado (*Op.cit.*, p. 62).

Em meu caso, durante o período de trabalho de campo nos Países Baixos, observei a presença imagética do referido futebolista em inúmeros programas esportivos transmitidos por diversas mídias televisivas nos Países Baixos. Assim, Romário era tratado como um sinônimo de futebolista brasileiro, e as comparações feitas se davam em torno do seu impactante desempenho esportivo relativo ao número de gols feitos durante sua permanência entre os anos 1988 a 1993, por volta de 160. Para além do campo esportivo, o que o trecho destacado pelo diário de campo evidencia é a ampliação do uso de uma identidade étnica por meio de uma personagem com recorrente visibilidade midiática e de uma corporalidade próxima dessa personagem, nesse caso, a minha como potencialmente próxima de um futebolista.

Romário se estabelece nos Países Baixos como uma personagem paradigmática para a transferência de futebolistas brasileiros, especialmente para o país. Sobre tal identificação étnica, Romário tornou-se o quarto futebolista brasileiro a ser registrado nas competições nacionais dos Países Baixos desde 1954, ano no qual iniciou o regime “profissional” no país.

Além dos cinco anos que Romário esteve no país com amplo reconhecimento midiático e nacional, em última instância como um futebolista brasileiro, alguns outros elementos auxiliam na interpretação do fornecimento

e das escolhas para a “circulação” de alguns “pés de obra”, em detrimento de outros tantos. Como, por exemplo, a vitória na Copa do Mundo pelo time selecionado pela CBF em 1994. Imediatamente após a conclusão desta, Ronaldo, um dos futebolistas do time, é contratado pelo mesmo clube no qual Romário havia atuado nos Países Baixos, o PSV. Em sua passagem, Ronaldo torna-se artilheiro do campeonato da Eredivisie (na tradução literal, “Divisão de Honra”) dos Países Baixos na temporada de 1994/1995, permanecendo até o final da temporada de 1995/1996. Uma associação elaborada entre vitórias do selecionado nacional e etnicidade.

Se por um lado a visibilidade no campo futebolístico favoreceu a “abertura” de um mercado para certos futebolistas, neste caso rotulados a partir de uma certa identidade étnica, por outro, a trajetória de “sucesso” em ambos os casos conferiu também visibilidade para que outros futebolistas conhecessem os clubes situados nos Países Baixos; em última instância, projetaram o mercado “europeu”. A partir de então, existe um aumento exponencial na contratação de futebolistas brasileiros, culminando com a temporada de 2007/2008, período no qual houve o maior registro de brasileiros nas duas divisões “profissionais” dos Países Baixos (*Eredivisie* e *Eerstedivisie*), 24 no total.

Com uma permanência média superior a 2 anos, dos 81 futebolistas, 23 destes ficaram por um período menor ou de até uma temporada (11 meses) nos clubes situados nos Países Baixos. Dentre aqueles 58 registrados em pelos menos 2 temporadas, a permanência média é de 41 meses, com alguns casos de longa duração, como os 168 meses (14 anos) de Brian e os 144 meses (12 anos) de Maurício, sendo que ambos residiam no país no momento de realização da pesquisa. Se as justificativas para a permanência podem ser múltiplas, as escolhas para ingressar no país são comumente referidas pela visibilidade conferida aos futebolistas que já haviam atuado no país. Além dessas referências, Maurício (2013) definiu assim o conhecimento prévio à sua entrada nos Países Baixos: “Vaca, frio, Romário, PSV e Ronaldo. Só sabia disso. [...] Também a impressão que eu tinha é que: ‘Eu vou para um time da Europa’” (Maurício, entrevista, junho 2013).

Sendo assim, ao considerar as distintas condições de acesso ao referido “sonho” de atuar em um clube “europeu”, equiparamos as escolhas metodológicas à maneira dialógica pelas quais “brasileiros” disputam a construção de identidades na cidade do Porto em Portugal. Machado (*Op.cit.*) contrapõe o discurso unívoco do apelo a uma identidade étnica e recusa-se a evocar o uso de “grupos étnicos”, não somente pelas distinções jurídico-legais que dicotomizam as condições de vida entre “migrantes” legais e ilegais, mas também pela multiplicação de significados produzidos a partir dos processos migratórios de brasileiros/as.

No que se refere aos futebolistas, nem mesmo podemos colocar sob as mesmas condições de “circulação”, pois, como se sabe, os jogadores-celebridade têm uma rede extensa que faz com que a possibilidade de migração em muitos casos de “jogar na Europa” (como o *entourage* citado por Damo, *op.cit.*) concretize-se. Esta vai desde a presença de membros da família nuclear até empresários que gerenciam suas transferências. Nessa disputa por um núcleo comum de significados, a qual poderíamos nomear como identidade, os discursos que se propagam a partir de elementos étnicos esforçam-se em produzir algumas similitudes.

Desdobrados diante dessa aparente assimilação, mais do que latino-americanos, os futebolistas “brasileiros” utilizam-se da sua suposta “brasilidade” para destacar-se e/ou inserir-se em diversos mercados de trabalho.

Considerações finais: usos da imagem e o contexto histórico de reconhecimento de futebolistas

Durante o trabalho de campo no contexto estudado, posso considerar que meu jogo foi *outro* quando fui convidado a ingressar na concentração de um clube “profissional” no interior do Rio Grande do Sul e fui constantemente colocado em posições que eram quase minhas: jornalista, doutor, professor, acadêmico. Ainda assumindo jogar um outro jogo, fui convidado por futebolistas a participar de estudos bíblicos e cultos evangélicos durante

minha estadia nos Países Baixos, além de ficar hospedado na casa de um jogador no interior de Portugal depois de tê-lo conhecido em um hostel na cidade do Porto por meio de uma condição eminentemente corporal.

Por outro lado, para o contexto estudado, a exposição midiática articulada com um capitalismo global produz formas de reconhecimento e retribuição daquilo que os futebolistas autoreferem-se como um “dom” adquirido e/ou exercido. Na literatura antropológica podemos encontrar a contrapartida dessa visibilidade sempre exercida localmente, por exemplo, por meio dos conhecidos “projetos sociais” administrados ou que utilizam a visibilidade de futebolistas (Guedes *et al.*, 2006; Damo, 2005; Carlos Henrique Ribeiro, 2008; SOUZA *et al.*, 2008).

Esse exemplo de uma dimensão local articulada ao contexto global midiático a partir da imagem construída de alguns futebolistas redefine algumas relações amplamente individualistas, transformando o que consideram como uma retribuição. Em outros termos, sem qualquer tipo de obrigação moral, mas que recai principalmente sobre aqueles futebolistas mais “consagrados”, portanto, de maior visibilidade, e oriundos de camadas populares, exerce-se aquilo que a partir da antropologia maussiana nomeou-se como um *contradom*. Assim, a fórmula maussiana da dádiva composta pelo dar, receber e retribuir é reatualizada por meio do aproveitamento das imagens dos futebolistas, a compensação econômica e o reconhecimento social, e sua posterior inserção em “projetos sociais”. Estas últimas, em muitos casos, são as mais prováveis formas de reconversão profissional após o término de uma carreira.

Com relação ao anterior, também foi possível evidenciar por meio do trabalho etnográfico a categoria que Rial (2016) utilizou para referir-se à presença e ao reconhecimento étnico brasileiro, a categoria de “Kaká-noir” (tradução literal: “Kaká-negro”). Essa é uma menção de um de seus interlocutores ao futebolista Kaká, uma espécie de aura da brasilidade e presença étnica quanto às possibilidades de reconhecimento e inserção de futuros futebolistas brasileiros em determinados contextos (ou mercados)

nacionais, como pude evidenciar por minha (auto)identificação de “brasileiro” no contexto dos Países Baixos.

Ainda assim, contemporaneamente, a prática profissional do futebol feita por homens ainda pode ser lida como uma forma de “ascensão social” e pela busca daquilo que os futebolistas consideram melhores condições de vida. Sobretudo, realiza o entrelaçamento de fluxos desejan-tes com fluxos monetários. Além dessa referência ao entrelaçamento entre condições materiais dispostas em classes sociais e de como esta está articulada com a composição étnico-racial, os investimentos para tornarem-se futebolistas se dão por uma disputa subjetiva marcada por “sonhos” mediada pelas imagens propagadas globalmente de futebolistas famosos ou célebres, sustentados por “apostas” sumamente familiares na concretização profissional e de “promessas” de um futuro ainda por vir.

Além dessas, outras implicações menos visíveis, embora demasiadamente perceptíveis, dizem respeito à constituição de práticas aceitas nos espaços de performance por meio do futebol, sejam elas exercidas no estádio ou não, como as várias maneiras de discriminação étnico-racial, de gênero, geracional, sexual e relativas à classe social. Tais discursos e práticas performativas foram constituídas ao longo do tempo especialmente por divisões binaristas presentes no contexto futebolístico (eu/outro, nós/eles, homem/mulher, macho/fêmea, velho/jovem, macho/bicha, preto/branco, rico/pobre etc.), sobretudo por meio da percepção dos corpos, e auxiliam a fomentar ordinariamente o reconhecimento social daqueles grupos que mantiveram/mantêm privilégios ao atuar através de processos de subjetivação para fabricar uma certa coerência da organização social por meio do “primado da identidade” (Suely Rolnik, 1997).

Nessa maneira de se relacionar com certas identidades toleradas em um contexto explicitamente discriminatório, as práticas (entre elas as discursivas) dos futebolistas são acompanhadas (ou *seguidas*, na linguagem das mídias contemporâneas) por milhões que compartilham afetos mediados a partir de unidades de filiação sentimental estabelecidas pelo “pertencimento clubístico” (Damo, *op.cit.*). Tal visibilidade encontra-se

potencialmente ampliada pelas mídias, especialmente as televisivas, engendrando modos de ver e de ler ao conferir certos lugares e posições a serem ocupadas por certos sujeitos e muito distante do contexto do futebol praticado por mulheres (Caroline de Almeida 2013; Rial, 2013; Mariane Pisaní, 2013; Sine Agegaard; Nina Tiesler, 2014).

Apesar de tal exposição poder ser lida por meio de uma composição de elementos estruturais e estruturantes, como a hierarquia que qualifica clubes grandes ou pequenos, ou, ainda, famosos e infames futebolistas, estes não determinam *a priori* como se dá a rede de relações entre os futebolistas e outros sujeitos, como empresários, esposas, jornalistas, médicos etc., e sua relação com a exposição midiática. Todavia, os futebolistas e praticantes de futebol lidam permanentemente com as formas de representação dos heróis (muito mais do que heroínas), as quais demarcam quais as visibilidades (e as invisibilidades) são conferidas ao gênero, à sexualidade, à racialização, à geracionalidade e à etnicidade no “sistema futebolístico” (Rial, *op.cit.*) sendo realizadas por meio dos corpos.

Somado à presença corporal, reunimos ao longo da pesquisa uma quantidade significativa de materiais imagéticos, entre estes, vídeos disponíveis em rede, reportagens de jornais locais, notas divulgadas pela imprensa dos clubes através de sítios em rede, pois também faziam parte do capital corporal dos futebolistas em questão. Durante o período nos Países Baixos, foi também a partir de ferramentas metodológicas que concernem ao reconhecimento e autorreconhecimento a partir de um corpo (neste caso, o corpo como ferramenta investigativa) onde fui convidado a ingressar em um regime de práticas corporais marcadas pelo reconhecimento social de um corpo, meu corpo em relação às demais, nossos corpos.

Apesar de minha participação no “futebol amador” constituir-se como uma estratégia para perceber algumas disputas étnico-raciais e a inserção de um “outro” em um contexto migratório, esta não diz respeito ao modo pelo qual futebolistas brasileiros “circulam” nos “clubes de futebol europeu”, afinal, mesmo que a experiência em um clube “amador” tente reproduzir várias práticas dos clubes “profissionais”, incluídas aí as

compensações econômicas, tantas outras divergem, como a atuação de empresários, a publicização midiática e uma mobilização massiva de pessoas para além das relações de parentalidade.

Esta possibilidade “relacional” por meio do corpo com a prática do futebol, mais atenta aos efeitos que ela produz do que os sentidos que lhe são atribuídos, diz respeito a um modo pelo qual os sujeitos significam suas práticas, como as colocam em funcionamento e a partir de quais condições. Nesse sentido, o corpo e as experiências corporais anteriores à realização da pesquisa contribuíram significativamente para a inserção e para a identificação dos limites e das potencialidades no contexto social e esportivo em questão.

Referências

AGEGAARD, Sine; TIESLER, Nina Clara (Orgs.). *Women, Soccer and Transnational Migration*. London: Routledge, 2014.

ALMEIDA, Caroline Soares de. *Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, SC, Brasil, 2013.

ALMEIDA, Caroline Soares de; PISANI, Mariane da Silva; JAHNECKA, Luciano. De apostas, promessas e sonhos: alguns projetos interrompidos e facilitados de futebolistas não-célebres. *Espaço Plural*, n. 29, p. 170-192, 2. Sem., 2013.

ARAÚJO, Sandra Gil. Fútbol y migraciones: La Sentencia Bosman en el proceso de construcción de la Europa comunitaria (crónicas desde España). *Migraciones Internacionales*, v. 1, n. 3, p. 55-78, jul./dez. 2002. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S166589062002000200003. Acesso em: 3 mar. 2022.

BRASIL. *Lei n. 9.615, de 24 março 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, p. 01, 25 de março de 2003.

BOLAÑO, Roberto; BRAITHWAITE, Andrés. *Bolaño por sí mismo (entrevistas escogidas)*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2006.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, RS, Brasil, 2005.

DAMO, Arlei Sander. The training of football players. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2009.

ENGH, Mari Haugaa; AGERGAARD, Sine. Producing Mobility through Locality and Visibility: Developing a Transnational Perspective on Sports Labour Migration. *International Review for the Sociology of Sport*, p. 1-19 Published online, 18 de novembro de 2013. Disponível em: <http://irs.sagepub.com/content/early/2013/11/07/1012690213509994>

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. Trad. Claudia Menezes. In: ZALUAR, Alba. *Desvendando máscaras sociais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980. p. 77-86.

GUEDES, Simoni Lahud; DAVIES, Júlio D'Angelo; RODRIGUES, Michelle Antunes; SANTOS, Rafael Medeiros. Projetos sociais esportivos: notas de pesquisa. In: Encontro Regional de História, XII. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2006, p. 1-10.

HUGHES, Everett. *The Sociological Eye. Selected Papers*. New Brunswick: Transaction Edition, 1993.

JAHNECKA, Luciano. *Regimes de visibilidade: a constituição de futebolistas em um futebol menor*. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil, 2018.

MACHADO, Igor José de Renó. *Cárcere público: processos de exotização entre brasileiros no Porto*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, v. 24, p. 95-117, 1995.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 399-422.

PISANI, Mariane da Silva. *Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil, 2013.

RIAL, Carmen. Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém... *Antropologia em Primeira Mão*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, v. 87, 2006.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

RIAL, Carmen. Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 109, p. 1-24, 2009.

RIAL, Carmen. Banal Religiosity: Brazilian Athletes as New Missionaries of the Neo-Pentecostal Diaspora. *Vibrant*, 2012, v. 9, n. 2. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-43412012000200005>

RIAL, Carmen. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 248, p. 114-126, nov./dez., 2013.

RIAL, Carmen. From Black Kaká to Gentrification: The new mobilities of expatriate brazilian football players. In: GLEDHILL, John (Ed.). *World Anthropologies in Practice: Situated perspectives*, Global Knowledge. London: Bloomsbury, 2016, p. 77-91.

RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos. When success becomes a collective asset: social projects of former Brazilian soccer players. *Soccer & society*, London, v.9, n. 4, p. 491-496, 2008.

RIGO, Luiz Carlos; TORRANO, Conrad Vilanou. Identidades dos clubes de futebol: singularidades do FC Barcelona. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 191-210, jul.-set., 2013.

RIGO, Luiz Carlos; da SILVA, Daniel Vidinha; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 1., p. 263-274, jan.-mar., 2018.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. *O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)*. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil, 2007.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de *et al.* Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 85-111, jul.-dez, 2008.

SOUZA, Priscilla Andreata Rosa de. *A Prata da Casa: a mercadoria força de trabalho jogador de futebol no Brasil pós Lei Pelé*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Salvador, BA, Brasil, 2008.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Maná*, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Trad. Ângela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. Sobre autoras e autores:

Sobre Autoras e Autores

Alex Giuliano Vailati

Antropólogo e documentarista, tem doutorado em Antropologia e Etnologia pela Università degli Studi di Torino (Itália) e pós-doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil). Ele realizou pesquisas de campo na Itália, na África meridional, principalmente na África do Sul (KwaZulu-Natal) e Moçambique (Zambezia). Desde 2012, realiza pesquisa de campo no Brasil. Atualmente é Professor Adjunto no Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da mesma instituição. É coordenador do Laboratório de Antropologia Visual (LAV) da Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: alex.vailati@ufpe.br

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-4851-4815>

Andrea Eichenberger

Artista e antropóloga, natural de Florianópolis, vive em Paris e trabalha entre o Brasil e a França. É graduada em Artes Plásticas pela UDESC, mestre e doutora em Antropologia pela Universidade de Paris 7 - Sorbonne Paris-Cité, em cotutela com a UFSC. É pesquisadora do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC).

E-mail: andreaeich@gmail.com

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-7385-7003>

Carla Pires Vieira da Rocha

Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em

Ciências Humanas. Pesquisadora do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC) e do Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental - (LABIMHA/UFSC).

E-mail: carlapvrocha@gmail.com

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-2457-4634>

Carmen Rial

Jornalista e antropóloga tem doutorado em Antropologie et Sociologie pela Université de Paris V (1992). Professora Titular (2016) do Departamento de Antropologia da UFSC (1982), atua no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Foi professora visitante na UNB, UFRGS, Universidad de La República e Instituto Universitário de Lisboa. Foi visiting scholar na University of California, Berkeley e na Universidad de Cádiz. É editora Associada de Anais da Academia Brasileira de Ciências. Coordena o Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (Navi), o Grupo de Antropologia Urbana e Marítima, e integra o Instituto de Estudos de Gênero (IEG). Foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia (2013-2015). Atualmente, é Presidente do Conselho Mundial de Associações Antropológicas (WCAA) e co-cordenadora da União Mundial de Antropologia (WUA).

E-mail: rial@cfh.ufsc.br

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-7478-0917>

Caroline Soares de Almeida

É pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Doutora e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é sub-coordenadora do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC) e pesquisadora do Laboratório de Antropologia Visual (LAV/UFPE).

E-mail: almeidacarol@yahoo.com

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-1361-6616>

Cornelia Eckert

Doutora em Antropologia Social, Paris V, Sorbonne, França 1992. Professora titular aposentada do Departamento de Antropologia Social da UFRGS. Professora no PPGAS IFCH UFRGS. Coordenadora do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) e do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV).

E-mail: chicaeckert@gmail.com

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-2815-7064?lang=pt>

Cristhian Fernando Cajé Rodríguez

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente ocupa a posição de pesquisador Pós-doc e Lectur dentro do programa de Antropologia Cultural e Sociologia do Desenvolvimento na Vrije Universiteit Amsterdam (VU). Atuando também como pesquisador colaborador do Núcleo de Antropologia Visual (NAVI/UFSC).

E-mail: cristhiancaje@gmail.com

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-8713-7872>

Franco Dani Araújo e Pinto

Jornalista e publicitário. Mestre em Gestão Integrada do Território (Univale) com ênfase em migrações, territórios midiáticos e mídia étnica. Doutor em Ciências Humanas (UFSC) com ênfase em migrações internacionais. Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade (Univale) e do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território (Univale). Desenvolve pesquisas sobre territórios midiáticos; pesquisa científica e práticas de extensão curricular; mídia étnica; migrações e mídia; mídia e direitos humanos. Pesquisador do Laboratório do Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento Regional - LabNEDER (Univale); do Núcleo Interdisciplinar de Educação, Direito e Saúde - NIEDS (Univale); e do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC). Diretor regional Sudeste da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom (triênio 2020-2023).

E-mail: franco.araujo@univale.br

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-6556-9113>

Karolina Bielenin-Lenczowska

Antropóloga social e linguista, professora do Instituto de Etnologia e Antropologia Cultural da Universidade de Varsóvia. Em 2019-2021 foi professora visitante no Departamento de Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina. Os seus interesses de pesquisa incluem métodos de trabalho de campo, aspectos etnográficos e sociolinguísticos da migração e da diáspora.

E-mail: k.bielenin@uw.edu.pl

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-5472-6240>

Luceni Hellebrandt

É pesquisadora no Laboratório Interdisciplinar MARÉSS - Mapeamento em Ambientes, Resistência, Sociedade e Solidariedade da Universidade Federal do Rio Grande. Em 2013 ingressou na Universidade Federal de Santa Catarina, atuando no NAVI e, sob a orientação de Carmen Rial, tornou-se Doutora em Ciências Humanas - área Sociedade e Meio Ambiente no ano de 2017.

E-mail: luceni.hellebrandt@gmail.com

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-7868-9587>

Luciano Jahneka

Professor Adjunto do Centro Universitario Regional Noreste, Universidad de la República, Uruguay. Pesquisador da Agencia Nacional de Investigación e Innovación (ANII), Uruguay. Corresponsável do Polo de Desarrollo Universitario, Educación Física, Calidad de Vida y Salud (PDU EFISAL) e do Laboratorio Interdisciplinario de Estudios sobre Prácticas Lúdicas, Corporales y Deportivas (LINTER). Participa do Grupo de Estudios Sociales y Culturales Deporte e do Espacio de Formación Integral “Prácticas Corporales en Clave de Integralidad” da Universidad de la República. Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: luciano.jahneka@cur.edu.uy

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-4987-4097>

Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

Professora Associada IV do Departamento de Antropologia e Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas. Possui licenciatura em Letras e Estudos Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (1990), licenciatura plena em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997), mestrado e doutorado em Antropologia Social (2001 e 2006) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Realizou estágio de doutorado no Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa - ISCTE (2003-2004), em Lisboa, Portugal. Co-coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades (GESECS-UFAM), membra do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI-UFSC) e do Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas (NUER-UFSC).

E-mail: marciacalderipe@gmail.com

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-8826-8607>

Margarete Fagundes Nunes

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009). Área: Antropologia Urbana. Foi professora e pesquisadora da Universidade Feevale (2000-2021), atuando no Programa em Diversidade Cultural e Inclusão Social e no Mestrado em Indústria Criativa, no período de 2013 a 2021. Atualmente é pesquisadora associada do BIEV\UFRGS - Banco de Imagens e Efeitos Visuais da Universidade Federal do RS e do NAVI\UFSC - Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: nunes.margarete@gmail.com

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-2567-7643>

Matias Godio

Sociólogo e antropólogo argentino (UBA, UFSC). Iniciado em 1994 como docente na Universidad de Buenos Aires (UBA), atualmente (desde 2009) é professor e pesquisador da Universidad Nacional de Tres de Febrero

(UNTREF) e professor convidado do Mestrado em Paisagem Urbano na UBA. Sua trajetória na área está focada nos desdobramentos teórico-metodológicos das práticas da antropologia audiovisual e tem abordado temas como poder, trabalho, esporte e meio ambiente.

E-mail: matiasgodio@gmail.com

Orcid id:

Miriam Pillar Grossi

Professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro da diretoria da SBPC (gestão 2021-2023). Doutora em Anthropologie Sociale et Culturelle - Université de Paris V (1988), com estágios pós-doutorais no Laboratoire d'Anthropologie Sociale do Collège de France (1996/1998), University of California-Berkeley (2009 e 2012) e EHESS (2009/2010). Ocupou a cátedra Ruth Cardoso junto à Columbia University de janeiro a maio de 2017, com apoio da Fulbright/CAPES e professora visitante em cátedra no IHEAL - Institut des Hautes Études en Amérique Latine da Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 de janeiro a março 2022. Atua no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e nos cursos de graduação em Antropologia e Ciências Sociais da UFSC. Foi presidente da ANPOCS - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (gestão 2019/2020), vice-presidente da IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (gestão 2013-2018), presidente da ABA - Associação Brasileira de Antropologia (gestão 2004/2006), representante da Área de Antropologia na CAPES e da Grande área de Humanas no CTC da CAPES (triênio 2001/2004).

E-mail: miriamgrossi@gmail.com

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-4399-6544>

Natalia Pérez Torres

Doutora em Ciências Humanas e Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora do Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem (NAVI) da UFSC.

Pesquisa sobre os processos comunicativos urbanos e sua relação com a política, a imagem, a memória social e a arte. É tradutora e intérprete.

E-mail: nataliaperez.cs@gmail.com

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-2608-6589>

Viviane Kraieski Assunção

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPG-CA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). É Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (2011), e realizou estágio-sanduíche no Institute of Latin American Studies da Columbia University. Possui mestrado em Antropologia Social (2007) e graduação em Jornalismo (2002) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Realizou pós-doutorado em Antropologia Social na Vrije Universiteit Amsterdam (2012-2013). Líder do Grupo de Pesquisa Meio Ambiente, Cultura e Sociedade (GPMACS).

E-mail: vivianekraieski@gmail.com

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-0118-2486>

Wagner Xavier Camargo

Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de Santa Catarina (UFSC, 2012), dedica-se a investigar corpos, gêneros e sexualidades junto à população LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexuais e demais) no contexto de práticas esportivas competitivas. É também membro-fundador da Rede Brasil-Alemanha de Internacionalização do Ensino Superior (REBRALINT), colaborador permanente do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (Deutscher Akademischer Austausch-Dienst - DAAD) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O vínculo institucional atual é junto ao Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte (DELART), da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

E-mail institucional: wagnerx@unicamp.br

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-4110-647X>

